

(Anexos)

Artur Afonso

O Conselho Geral Transitório num Agrupamento de Escolas – uma odisséia sem espaço

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Ciências da Educação

Área de Especialização em Administração Educacional

Trabalho realizado sob a orientação do Doutor Manuel António Ferreira da Silva

Outubro de 2010

Índice

Objectivos das Entrevistas a membros do Conselho Geral Transitório.....	3
Guiões das Entrevistas a Membros do Conselho Geral Transitório.....	3
I – Alunos.....	4
II – Encarregado de Educação	6
III – Funcionário.....	8
IV - Presidente do Conselho Geral Transitório – Professora	11
V - Presidente do Conselho Executivo.....	14
VI - Professora.....	17
VII – Representante da Autarquia	19
VIII - Representante de uma Instituição Local.....	22
Transcrição das Entrevistas aos Membros do Conselho Geral Transitório	25
Aluna do Ensino Secundário - Bárbara	25
Encarregado de Educação - Martinho.....	38
Professora - Madalena	56
Aluno do Ensino Nocturno (EFA) - Francisco	79
Funcionário - João	91
Representante de uma Instituição Local - Fátima	114
Professora - Presidente do CGT - Céu.....	131
Representante da Autarquia - Mário	146
Processo de Redução de Dados – Categorias, Unidades de Registo e Inferências	163
1. Situação da educação no agrupamento de escolas: principais problemas diagnosticados. .	163
2. Os actores	166
3. Perante a intenção do normativo, a acção/posição dos actores.	170
4. O Regulamento Interno.....	181
5. Os cursos profissionais na política educativa do CGT.....	183
6. A relação do CGT com o órgão de gestão.	184
7. A Câmara Municipal: integração ou dominação.....	195
8. O CGT e a autonomia da escola.	200

Objectivos das Entrevistas a membros do Conselho Geral Transitório

1. Avaliar a capacidade dos actores para decidirem e agirem em liberdade, equacionando a força conformadora do normativo, as pressões locais e a consciência individual;
2. Confrontar as convicções declaradas pelos actores, sobre questões educativas, e o sistema de valores defendido, com a participação efectiva e as posições assumidas no processo de decisão e na acção, evidenciando as (in) congruências;
3. Revelar as práticas dos actores, relativamente à participação no conselho geral, confrontando com a teoria defendida, desocultando motivações, interesses e estratégias de acção.

Em relação às entrevistas, a realizar no âmbito do estudo do Conselho Geral Transitório, pretendeu-se incluir um número de intervenientes que fosse significativo e representativo do universo estudado. Daí a selecção dos seguintes membros do CGT: dois alunos (um representante do ensino secundário, diurno, e outro dos cursos de educação e formação de adultos, nocturno), um professor (membro de uma das três listas representantes dos docentes), presidente do CGT (professora, membro de uma segunda lista de docentes), encarregado de educação, representante da autarquia, funcionário da escola, representante de uma instituição (Comissão de Protecção de Crianças e Jovens) e o presidente do conselho executivo.

Guiões das Entrevistas a Membros do Conselho Geral Transitório

Os guiões que a seguir se reproduzem são idênticos na sua estrutura e na maior parte do conteúdo. Distinguem-se em aspectos que foi necessário adaptar às características específicas de cada um dos entrevistados.

Para realizar a entrevista à representante dos alunos do ensino secundário foi solicitada a autorização, por escrito, ao encarregado de educação, uma vez que a jovem tem dezassete anos de idade.

I – Alunos

A investigação que estamos a realizar tem como objectivo analisar a participação no Conselho Geral Transitório, no contexto da organização escolar. Tendo em conta a sua experiência de participação nesse órgão, nesta escola, agradecemos que respondesse às questões que lhe vamos formular, argumentando da forma que considere mais pertinente. Desde já nos comprometemos a não revelar nem a identidade dos entrevistados, nem a escola a que estão ligados.

Obrigado pela colaboração.

1. Opinião geral sobre questões educativas;

- 1.1. Que nível de escolaridade frequenta? Diurno ou nocturno?
- 1.2. O que pensa sobre a situação da educação em Portugal?
- 1.3. Como avalia a situação da educação neste agrupamento de escolas?
- 1.4. Quem deve decidir o que se faz na escola, os pais, os alunos, os professores, o director, a autarquia, o Estado, outros? Porquê?
- 1.5. Acha que faz sentido a existência do CG? Porquê?
- 1.6. Acha que a escola dispõe de autonomia suficiente?
- 1.7. Que vantagens trouxe para a escola a implementação do DL n.º 75/2008? E desvantagens?
- 1.8. Concorda com a criação do cargo de director, da forma como é prevista no DL n.º 75/2008? Porquê? Defende a eleição ou a nomeação? Porquê?
- 1.9. Que qualidades deve ter o director do agrupamento de escolas?
- 1.10. Acha que o agrupamento deve propor um contrato de autonomia?

2. Problemática da participação

- 2.1. Existe associação de estudantes? Se sim, da escola ou do agrupamento? Foi criada por iniciativa de quem?
- 2.2. Existe um conselho de delegados de turma na escola ou no agrupamento?
- 2.3. Considera adequada a composição do CG? Se não, que alterações acha que deviam ser feitas? Acha que os alunos estão bem representados?
- 2.4. Concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento? Porquê?

- 2.5. Parece-lhe adequado que seja o CGT a eleger o director do agrupamento, sabendo que ele vai prestar contas a um CG que poderá ter uma composição diferente?
- 2.6. Qual considera ser o órgão mais importante para que a escola cumpra a sua “missão”: o CE, o CP ou CG? Porquê?
- 2.7. Qual deles considera que é o órgão com menos importância? Porquê?
- 2.8. Acha que o agrupamento deve propor um contrato de autonomia?
- 2.9. Considera que há assuntos que não deveriam ser tratados no CG? Porquê?
- 2.10. Das competências do CG, quais aquelas que considera mais importantes?

3. Práticas, relativamente à participação

- 3.1. Porque se candidatou ao CG?
- 3.2. Existe algum tipo de articulação entre os alunos com assento no CG? E com o corpo eleitoral que os elegeu? Se sim, de que tipo? Quem toma a iniciativa?
- 3.3. Considera-se preparado(a) para desempenhar as funções de representante dos alunos no CG? Se não, em que aspectos? O que poderia ser feito para resolver essas dificuldades?
- 3.4. Como representante dos alunos, acha que nas reuniões do CG tem poder para influenciar as decisões?
- 3.5. Acha que os interesses dos alunos podem ser defendidos pelos seus representantes no CG?
- 3.6. Qual é a origem das maiores influências e pressões sobre a actuação do CGT?
- 3.7. Sentiu-se pressionado(a), em algum momento, no sentido de defender uma certa posição?
- 3.8. Considera que o director tem de se submeter à vontade do CG ou deve procurar impor-lhe a sua vontade?
- 3.9. E à vontade da administração central? A qual dessas duas instâncias deve o director prestar contas? Concorda com o facto de o CG poder exonerar o director? Porquê?
- 3.10. Acha que nas tomadas de decisão, no CGT, prevaleceu a defesa do bem comum, ou os interesses de grupos?
- 3.11. Enquanto membro do CG, considera que este órgão tem o poder necessário para definir adequadamente a política educativa do agrupamento?
- 3.14. Como avalia o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento de escolas?

- 3.15. Como avalia a participação dos pais no CGT? E dos professores? Dos funcionários? Da autarquia? E dos interesses locais? Acha que têm contribuído para melhorar o funcionamento e a eficácia das escolas?
- 3.16. Como avalia a participação dos alunos no CG?
- 3.17. Que outros aspectos considera importantes para acrescentar à entrevista?

Observações: a entrevista é dinâmica, por isso, tendo em conta a forma como decorrer, além das perguntas apresentadas pode ser necessário colocar outras, a fim de esclarecer melhor ou aprofundar algum aspecto. Também pode ser necessário eliminar algumas questões, no caso de se considerar que no decorrer da entrevista já foram esclarecidas.

II – Encarregado de Educação

A investigação que estamos a realizar tem como objectivo analisar a participação no Conselho Geral Transitório, no contexto da organização escolar. Tendo em conta a sua experiência de participação nesse órgão, nesta escola, agradecemos que respondesse às questões que lhe vamos formular, argumentando da forma que considere mais pertinente. Desde já nos comprometemos a não revelar nem a identidade dos entrevistados, nem a escola a que estão ligados.

Obrigado pela colaboração.

1. Opinião geral sobre questões educativas;

- 1.1. Qual é a sua idade?
- 1.2. Qual é a sua profissão?
- 1.3. Que nível de escolaridade concluiu?
- 1.4. O que pensa sobre a situação da educação?
- 1.5. Como avalia a situação da educação neste agrupamento de escolas?
- 1.6. Quem deve decidir o que se faz na escola, os pais, os alunos, os professores, o director, a autarquia, o Estado, outros? Porquê?
- 1.7. Acha que faz sentido a existência do CG? Porquê?
- 1.8. Acha que a escola dispõe de autonomia suficiente?

- 1.9. Concorda com a criação do cargo de director, da forma como é prevista no DL n.º 75/2008? Porquê? Defende a eleição ou a nomeação? Porquê?
- 1.10. Que vantagens trouxe para a escola a implementação do DL n.º 75/2008? E desvantagens?
- 1.11. Que qualidades deve ter o director do agrupamento de escolas?

2. Problemática da participação

- 2.1. Considera adequada a composição do CG? Se não, que alterações acha que deviam ser feitas? Acha que os encarregados de educação estão bem representados?
- 2.2. Concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento? Porquê?
- 2.3. Parece-lhe adequado que seja o CGT a eleger o director do agrupamento, sabendo que ele vai prestar contas a um CG que poderá ter uma composição diferente?
- 2.4. Acha que o agrupamento deve propor um contrato de autonomia?
- 2.5. Qual considera ser o órgão mais importante para que a escola cumpra a sua “missão”: o CE, o CP ou CG? Porquê?
- 2.6. Enquanto elemento do CG, como caracteriza o seu poder nesse órgão?
- 2.7. Considera-se preparado(a) para desempenhar as funções de representante dos pais e encarregados de educação no CG? Se não o que poderia ser feito para melhorar?
- 2.8. Das competências do CG, quais aquelas que considera mais importantes?
- 2.9. Acha que o CG tem as competências adequadas ou, se pudesse, alteraria alguma coisa?

3. Práticas, relativamente à participação

- 3.1. Porque se candidatou ao CG?
- 3.2. Existe algum tipo de articulação entre os representantes dos pais e o corpo eleitoral que os elegeu? Se sim, de que tipo? Com que periodicidade? Quem toma a iniciativa?
- 3.3. Considera que o CG tem de se submeter à vontade do director, ou deve procurar impor-lhe a sua vontade? E à vontade da administração central? A qual dessas duas instâncias deve o director prestar contas?
- 3.4. Acha que nas reuniões tem poder para influenciar as decisões?
- 3.5. Qual é a origem das maiores influências e pressões sobre a actuação do CGT?

- 3.6. Sentiu-se pressionado, em algum momento, no sentido de defender uma certa posição?
- 3.7. Concorda com o facto de o CG poder exonerar o director? Porquê?
- 3.8. Acha que nas tomadas de decisão, no CGT, sempre prevaleceu a defesa do bem comum, ou os interesses de grupos?
- 3.9. Como avalia o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento de escolas?
- 3.10. Considera que as posições que defende no CGT são tomadas em nome individual, ou em representação do corpo eleitoral que o elegeu?
- 3.11. Considera que o CGT tem promovido a integração da escola no meio envolvente? Porquê?
- 3.12. Considera que o CG tem o poder necessário para definir adequadamente a política educativa do agrupamento?
- 3.13. Como avalia a participação dos alunos no CGT? E dos funcionários? Da autarquia? E dos interesses locais? Acha que têm contribuído para melhorar o funcionamento das escolas e a sua eficácia, ou pelo contrário, são um obstáculo? Como avalia a participação dos professores no CGT?
- 3.14. Como avalia a participação dos representantes dos pais e encarregados de educação no CGT?
- 3.15. Que outros aspectos considera importantes para acrescentar à entrevista?

Observações: a entrevista é dinâmica, por isso, tendo em conta a forma como decorrer, além das perguntas apresentadas pode ser necessário colocar outras, a fim de esclarecer melhor ou aprofundar algum aspecto. Também pode ser necessário eliminar algumas questões, no caso de se considerar que no decorrer da entrevista já foram esclarecidas.

III - Funcionário

A investigação que estamos a realizar tem como objectivo analisar a participação no Conselho Geral Transitório, no contexto da organização escolar. Tendo em conta a sua experiência de participação nesse órgão, nesta escola, agradecemos que respondesse às questões que lhe vamos

formular, argumentando da forma que considere mais pertinente. Desde já nos comprometemos a não revelar nem a identidade dos entrevistados, nem a escola a que estão ligados.

Obrigado pela colaboração.

1. Opinião geral sobre questões educativas;

- 1.1. Qual é o seu tempo de serviço?
- 1.2. Qual o seu grau de escolaridade?
- 1.3. O que pensa sobre a situação da educação?
- 1.4. Como avalia a situação da educação neste agrupamento de escolas?
- 1.5. Quem deve decidir o que se faz na escola, os pais, os alunos, os professores, o director, a autarquia, o Estado, outros? Porquê?
- 1.6. Acha que faz sentido a existência do CG? Porquê?
- 1.7. Acha que a escola dispõe de autonomia suficiente?
- 1.8. Que vantagens trouxe para a escola a implementação do DL n.º 75/2008? E desvantagens?
- 1.9. Concorda com a criação do cargo de director, da forma como é prevista no DL n.º 75/2008? Porquê? Defende a eleição ou a nomeação? Porquê?
- 1.10. Que qualidades deve ter o director do agrupamento de escolas?

2. Problemática da participação

- 2.1. Considera adequada a composição do CG? Se não, que alterações acha que deviam ser feitas?
- 2.2. Concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento? Porquê?
- 2.3. Parece-lhe adequado que seja o CGT a eleger o director do agrupamento, sabendo que ele vai prestar contas a um CG que poderá ter uma composição diferente?
- 2.4. Acha que o agrupamento deve propor um contrato de autonomia?
- 2.5. Qual considera ser o órgão mais importante para que a escola cumpra a sua “missão”: o CE, o CP ou CG? Porquê?
- 2.6. Qual deles considera que é o órgão com menos importância? Porquê?
- 2.7. Considera-se preparado para desempenhar as funções de representante dos funcionários no CGT? Se não o que poderia ser feito para melhorar?
- 2.8. Das competências do CG, quais aquelas que considera mais importantes?

2.9. Acha que o CG tem as competências adequadas ou, se pudesse, alteraria alguma coisa?

3. Práticas, relativamente à participação

3.1. Porque se candidatou ao CG?

3.2. Para além das reuniões existe algum tipo de articulação entre os representantes dos funcionários e o corpo eleitoral que o elegeu? Se sim, de que tipo? Com que periodicidade? Quem toma a iniciativa?

3.3. Qual é a origem das maiores influências e pressões sobre a actuação do CGT?

3.4. Sentiu-se pressionado, em algum momento, no sentido de defender uma certa posição?

3.5. Acha que nas tomadas de decisão, no CGT, sempre prevaleceu a defesa do bem comum, ou os interesses de grupos?

3.6. Considera que o CG tem de se submeter à vontade do director, ou deve procurar impor-lhe a sua vontade? E à vontade da administração central? A qual dessas duas instâncias deve o director prestar contas?

3.7. Concorda com o facto de o CG poder exonerar o director? Porquê?

3.8. Como avalia o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento de escolas?

3.9. Acha que nas reuniões tem poder para influenciar as decisões?

3.10. Considera que as posições que defende no CG são tomadas em nome individual, ou em representação do corpo eleitoral que o elegeu?

3.11. Considera que o CG tem o poder necessário para definir adequadamente a política educativa do agrupamento?

3.12. Como avalia a participação dos pais no CGT? E dos alunos? Da autarquia? E dos interesses locais? Acha que têm contribuído para melhorar o funcionamento das escolas e a sua eficácia, ou pelo contrário, são um obstáculo? Como avalia a participação dos professores no CGT?

3.13. Como avalia a participação dos funcionários no CGT?

3.14. Que outros aspectos considera importantes para acrescentar à entrevista?

Observações: a entrevista é dinâmica, por isso, tendo em conta a forma como decorrer, além das perguntas apresentadas pode ser necessário colocar outras, a fim de esclarecer melhor ou

aprofundar algum aspecto. Também pode ser necessário eliminar algumas questões, no caso de se considerar que no decorrer da entrevista já foram esclarecidas.

IV - Presidente do Conselho Geral Transitório – Professora

A investigação que estamos a realizar tem como objectivo analisar a participação no Conselho Geral Transitório, no contexto da organização escolar. Tendo em conta a sua experiência de participação nesse órgão, nesta escola, agradecemos que respondesse às questões que lhe vamos formular, argumentando da forma que considere mais pertinente. Desde já nos comprometemos a não revelar nem a identidade dos entrevistados, nem a escola a que estão ligados.

Obrigado pela colaboração.

1. Opinião geral sobre questões educativas;

- 1.1. Qual é o seu tempo de serviço?
- 1.2. O que pensa sobre a situação da educação?
- 1.3. Como avalia a situação da educação neste agrupamento de escolas?
- 1.4. Quem deve decidir o que se faz na escola, os pais, os alunos, os professores, o director, a autarquia, o Estado, outros? Porquê?
- 1.5. Acha que faz sentido a existência do CG? Porquê?
- 1.6. Acha que a escola dispõe de autonomia suficiente?
- 1.7. Que vantagens trouxe para a escola a implementação do DL n.º 75/2008? E desvantagens?
- 1.8. Concorda com a criação do cargo de director, da forma como é prevista no DL n.º 75/2008? Porquê? Defende a eleição ou a nomeação? Porquê?
- 1.9. Que qualidades deve ter o director do agrupamento de escolas?

2. Problemática da participação

- 2.1. Existe associação de estudantes? Se sim, da escola ou do agrupamento? Foi criada por iniciativa de quem?

- 2.2. Existe associação de pais? Se sim, da escola ou do agrupamento? Foi criada por iniciativa de quem?
- 2.3. Considera adequada a composição do CG? Se não, que alterações acha que deviam ser feitas?
- 2.4. Concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento? Porquê?
- 2.5. Parece-lhe adequado que seja o CGT a eleger o director do agrupamento, sabendo que ele vai prestar contas a um CG que poderá ter uma composição diferente?
- 2.6. Qual considera ser o órgão mais importante para que a escola cumpra a sua “missão”: o CE, o CP ou CG? Porquê?
- 2.7. Qual deles considera que é o órgão com menos importância? Porquê?
- 2.8. Enquanto elemento do CG, como caracteriza o seu poder nesse órgão?
- 2.9. Das competências do CG, quais aquelas que considera mais importantes?
- 2.10. Acha que o CG tem as competências adequadas ou, se pudesse, alteraria alguma coisa?
- 2.11. Considera que há assuntos que não deveriam ser tratados no CG? Porquê?
- 2.12. Considera-se preparada para desempenhar as funções de Presidente do CGT, de acordo com o que é definido pelo DL nº 75/2008? Se não o que poderia ser feito para melhorar?
- 2.13. Acha que o agrupamento deve propor um contrato de autonomia? Porquê?

3. Práticas, relativamente à participação

- 3.1. Porque se candidatou ao CG? E ao cargo de presidente desse órgão?
- 3.2. Como são preparadas as reuniões do CG? Quando reúne? Quem toma a iniciativa para convocar as reuniões? Quem define a ordem de trabalhos?
- 3.3. Como se relaciona o CG com o CP?
- 3.4. Para além das reuniões existe algum tipo de articulação entre o CE e a presidente do CG? Se sim, de que tipo? Com que periodicidade? Quem toma a iniciativa?
- 3.5. Considera que o CG tem de se submeter à vontade do director, ou deve procurar impor-lhe a sua vontade? E à vontade da administração central? A qual dessas duas instâncias deve o director prestar contas?
- 3.5. Sentiu-se pressionada, em algum momento, no sentido de defender uma certa posição?
- 3.6. Sente-se pressionada pelo conselho executivo? Se sim, como?
- 3.7. Qual é a origem das maiores influências e pressões sobre a actuação do CGT?
- 3.8. Concorda com o facto de o CG poder exonerar o director? Porquê?

- 3.9. O orçamento do agrupamento de escolas é elaborado pelo conselho administrativo, seguindo linhas orientadoras do CG. O que pensa desta independência do CA relativamente ao CG?
- 3.10. O RI é elaborado pelo CGT; o PE é elaborado pelo CP, e submetido pelo director à aprovação pelo CG. Concorda com esta distribuição de competências?
- 3.11. Acha que nas tomadas de decisão, no CGT, sempre prevaleceu a defesa do bem comum, ou os interesses de grupos?
- 3.12. Como avalia o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento de escolas?
- 3.13. Como presidente do CGT, acha que nas reuniões tem poder para influenciar as decisões?
- 3.14. Considera que as posições que defende no CG são tomadas em nome individual, ou em representação do corpo eleitoral que a elegeu?
- 3.15. Enquanto presidente do CG, considera que este órgão tem o poder necessário para definir adequadamente a política educativa do agrupamento?
- 3.16. Considera que o CG tem promovido a integração da escola no meio envolvente? Porquê?
- 3.17. Concorda que seja o director a representar a escola, ou considera que deveria ser a presidente do CG? Porquê?
- 3.18. Como avalia a participação dos pais no CGT? E dos alunos? Dos funcionários? Da autarquia? E dos interesses locais? Acha que têm contribuído para melhorar o funcionamento das escolas e a sua eficácia, ou pelo contrário, são um obstáculo? Como avalia a participação dos professores no CGT?
- 3.19. Como avalia a participação da PCGT no CGT?
- 3.20. Que outros aspectos considera importantes para acrescentar à entrevista?

Observações: a entrevista é dinâmica, por isso, tendo em conta a forma como decorrer, além das perguntas apresentadas pode ser necessário colocar outras, a fim de esclarecer melhor ou aprofundar algum aspecto. Também pode ser necessário eliminar algumas questões, no caso de se considerar que no decorrer da entrevista já foram esclarecidas.

V - Presidente do Conselho Executivo

A investigação que estamos a realizar tem como objectivo analisar a participação no Conselho Geral Transitório, no contexto da organização escolar. Tendo em conta a sua experiência de participação nesse órgão, nesta escola, agradecemos que respondesse às questões que lhe vamos formular, argumentando da forma que considere mais pertinente. Desde já nos comprometemos a não revelar nem a identidade dos entrevistados, nem a escola a que estão ligados.

Obrigado pela colaboração.

1. Opinião geral sobre questões educativas;

- 1.1. O que pensa sobre a situação da educação?
- 1.2. Como avalia a situação da educação neste agrupamento de escolas?
- 1.3. Quem deve decidir o que se faz na escola, os pais, os alunos, os professores, o director, a autarquia, o Estado, outros? Porquê?
- 1.4. Acha que faz sentido a existência do CG? Porquê?
- 1.5. Acha que a escola dispõe de autonomia suficiente?
- 1.6. Considera que a implementação do DL n.º 75/2008 contribui para aumentar a autonomia da escola? Porquê?
- 1.6. Que vantagens trouxe para a escola a implementação do DL n.º 75/2008? E desvantagens?
- 1.7. Concorda com a criação do cargo de director, da forma como é prevista no DL n.º 75/2008? Porquê? Defende a eleição ou a nomeação? Porquê?
- 1.8. Porque se candidatou ao cargo de director do agrupamento de escolas?
- 1.9. Que qualidades deve ter o director do agrupamento de escolas?

2. Problemática da participação

- 2.1. Existe associação de estudantes? Se sim, da escola ou do agrupamento? Foi criada por iniciativa de quem?
- 2.2. Existe associação de pais? Se sim, da escola ou do agrupamento? Foi criada por iniciativa de quem?
- 2.3. Existe um conselho de delegados de turma na escola ou no agrupamento?

- 2.4. Considera adequada a composição do CGT? Se não, que alterações acha que deviam ser feitas?
- 2.5. Que assuntos são tratados no CG?
- 2.6. Concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento? Porquê?
- 2.7. Parece-lhe adequado que seja o CGT a eleger o director do agrupamento, sabendo que ele vai prestar contas a um CG que poderá ter uma composição diferente?
- 2.8. Acha que o agrupamento deve propor um contrato de autonomia?
- 2.9. A elaboração da proposta de celebração de um contrato de autonomia é da responsabilidade do director e a sua aprovação compete ao CG. Concorda com esta distribuição de competências?
- 2.10. Qual considera ser o órgão mais importante para que a escola cumpra a sua “missão”: o CE, o CP ou CG? Porquê?
- 2.11. Qual deles considera que é o órgão com menos importância? Porquê?
- 2.12. Considera que há assuntos que não deveriam ser tratados no CG? Porquê?
- 2.13. Das competências do CG, quais aquelas que considera mais importantes?
- 2.14. Considera-se preparado para desempenhar as funções de director, de acordo com o que é definido pelo decreto-lei nº 75/2008?

3. Práticas, relativamente à participação

3. Para além das reuniões existe algum tipo de articulação entre o CE e a presidente do CG? Se sim, de que tipo? Com que periodicidade? Quem toma a iniciativa?
4. Sente-se preparado para desempenhar o seu papel enquanto membro do CG? Se não, em que aspectos? O que poderia ser feito para resolver essas dificuldades?
5. Qual é a origem das maiores influências e pressões sobre a actuação do CE?
6. Sentiu-se pressionado, em algum momento, no sentido de defender uma certa posição?
7. Considera que o director tem de se submeter à vontade do CG ou deve procurar impor-lhe a sua vontade?
8. E à vontade da administração central? A qual dessas duas instâncias deve o director prestar contas?
9. Enquanto director, considera que terá o poder necessário para gerir o agrupamento?
10. Concorda com o facto de o CG poder exonerar o director? Porquê?

11. O RI é elaborado pelo CGT; o PE é elaborado pelo CP, e submetido pelo director à aprovação pelo CG. Concorda com esta distribuição de competências?
12. O orçamento do agrupamento de escolas é elaborado pelo conselho administrativo, seguindo linhas orientadoras do CG. O que pensa desta independência do CA relativamente ao CG?
13. Alguma vez o CGT não aprovou propostas oriundas do CE?
14. Considera que o CGT tem promovido a integração da escola no meio envolvente? Porquê?
15. Acha que nas tomadas de decisão, no CGT, sempre prevaleceu a defesa do bem comum, ou os interesses de grupos?
16. Considera que o CG tem poder para definir adequadamente a política educativa do agrupamento?
17. Concorda que seja o director a representar a escola, ou deveria ser o(a) PCG?
18. Como presidente do conselho executivo, acha que nas reuniões do CG tem poder para influenciar as decisões? Sente-se pressionado pelo CG? Se sim, como?
19. Como avalia o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento de escolas?
20. Considera que as posições que defende no CG são tomadas em nome individual, ou em representação de um colectivo?
21. Como avalia a participação dos pais no CGT? E dos alunos? Dos funcionários? Da autarquia? E dos interesses locais? Acha que têm contribuído para melhorar o funcionamento das escolas e a sua eficácia, ou pelo contrário, são um obstáculo? Como avalia a participação dos professores no CGT?
22. Como avalia a participação do PCE no CGT?
23. Que outros aspectos considera importantes para acrescentar à entrevista?

Observações: a entrevista é dinâmica, por isso, tendo em conta a forma como decorrer, além das perguntas apresentadas pode ser necessário colocar outras, a fim de esclarecer melhor ou aprofundar algum aspecto. Também pode ser necessário eliminar algumas questões, no caso de se considerar que no decorrer da entrevista já foram esclarecidas.

VI - Professora

A investigação que estamos a realizar tem como objectivo analisar a participação no Conselho Geral Transitório, no contexto da organização escolar. Tendo em conta a sua experiência de participação nesse órgão, nesta escola, agradecemos que respondesse às questões que lhe vamos formular, argumentando da forma que considere mais pertinente. Desde já nos comprometemos a não revelar nem a identidade dos entrevistados, nem a escola a que estão ligados.

Obrigado pela colaboração.

1. Opinião geral sobre questões educativas;

- 1.1. Qual é o seu tempo de serviço?
- 1.2. O que pensa sobre a situação da educação?
- 1.3. Como avalia a situação da educação neste agrupamento de escolas?
- 1.4. Quem deve decidir o que se faz na escola, os pais, os alunos, os professores, o director, a autarquia, o Estado, outros? Porquê?
- 1.5. Acha que faz sentido a existência do CG? Porquê?
- 1.6. Acha que a escola dispõe de autonomia suficiente?
- 1.7. Que vantagens trouxe para a escola a implementação do DL n.º 75/2008? E desvantagens?
- 1.8. Concorda com a criação do cargo de director, da forma como é prevista no DL n.º 75/2008? Porquê? Defende a eleição ou a nomeação? Porquê?
- 1.9. Que qualidades deve ter o director do agrupamento de escolas?

2. Problemática da participação

- 2.1. Existe associação de estudantes? Se sim, da escola ou do agrupamento? Foi criada por iniciativa de quem?
- 2.2. Existe associação de pais? Se sim, da escola ou do agrupamento? Foi criada por iniciativa de quem?
- 2.3. Considera adequada a composição do CG? Se não, que alterações acha que deviam ser feitas?
- 2.4. Concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento? Porquê?

- 2.5. Parece-lhe adequado que seja o CGT a eleger o director do agrupamento, sabendo que ele vai prestar contas a um CG que poderá ter uma composição diferente?
- 2.6. Acha que o agrupamento deve propor um contrato de autonomia?
- 2.7. Qual considera ser o órgão mais importante para que a escola cumpra a sua “missão”: o CE, o CP ou CG? Porquê?
- 2.8. Qual deles considera que é o órgão com menos importância? Porquê?
- 2.9. Considera-se preparado(a) para desempenhar as funções de representante dos professores no CG? Se não o que poderia ser feito para melhorar?
- 2.10. Das competências do CG, quais aquelas que considera mais importantes?
- 2.11. Acha que o CG tem as competências adequadas ou, se pudesse, alteraria alguma coisa?
- 2.12. Considera que há assuntos que não deveriam ser tratados no CG? Porquê?

3. Práticas, relativamente à participação

- 3.1. Porque se candidatou ao CG?
- 3.2. Para além das reuniões existe algum tipo de articulação entre os representantes dos professores e a presidente do CG? Se sim, de que tipo? Com que periodicidade? Quem toma a iniciativa?
- 3.3. Considera que o CG tem de se submeter à vontade do director, ou deve procurar impor-lhe a sua vontade? E à vontade da administração central? A qual dessas duas instâncias deve o director prestar contas?
- 3.4. Qual é a origem das maiores influências e pressões sobre a actuação do CGT?
- 3.5. Sentiu-se pressionado, em algum momento, no sentido de defender uma certa posição?
- 3.6. Concorda com o facto de o CG poder exonerar o director? Porquê?
- 3.7. O orçamento do agrupamento de escolas é elaborado pelo conselho administrativo, seguindo linhas orientadoras do CG. O que pensa desta independência do CA relativamente ao CG?
- 3.8. Acha que nas tomadas de decisão, no CGT, sempre prevaleceu a defesa do bem comum, ou os interesses de grupos?
- 3.9. Como avalia o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento de escolas?
- 3.10. Acha que nas reuniões tem poder para influenciar as decisões?

- 3.11. Considera que as posições que defende no CG são tomadas em nome individual, ou em representação do corpo eleitoral que o elegeu?
- 3.12. Considera que o CG tem o poder necessário para definir adequadamente a política educativa do agrupamento?
- 3.13. Considera que o CG tem promovido a integração da escola no meio envolvente? Porquê?
- 3.14. Como avalia a participação dos pais no CGT? E dos alunos? Dos funcionários? Da autarquia? E dos interesses locais? Acha que têm contribuído para melhorar o funcionamento das escolas e a sua eficácia, ou pelo contrário, são um obstáculo? Como avalia a participação dos professores no CGT?
- 3.15. Como avalia a participação dos professores no CGT?
- 3.16. Que outros aspectos considera importantes para acrescentar à entrevista?

Observações: a entrevista é dinâmica, por isso, tendo em conta a forma como decorrer, além das perguntas apresentadas pode ser necessário colocar outras, a fim de esclarecer melhor ou aprofundar algum aspecto. Também pode ser necessário eliminar algumas questões, no caso de se considerar que no decorrer da entrevista já foram esclarecidas.

VII – Representante da Autarquia

A investigação que estamos a realizar tem como objectivo analisar a participação no Conselho Geral Transitório, no contexto da organização escolar. Tendo em conta a sua experiência de participação nesse órgão, nesta escola, agradecemos que respondesse às questões que lhe vamos formular, argumentando da forma que considere mais pertinente. Desde já nos comprometemos a não revelar nem a identidade dos entrevistados, nem a escola a que estão ligados.

Obrigado pela colaboração.

1. Opinião geral sobre questões educativas;

- 1.1. Qual a sua idade?
- 1.2. Qual é o seu grau de escolaridade?
- 1.3. O que pensa sobre a situação da educação?

- 1.4. Como avalia a situação da educação neste agrupamento de escolas?
- 1.5. Quem deve decidir o que se faz na escola, os pais, os alunos, os professores, o director, a autarquia, o Estado, outros? Porquê?
- 1.6. Acha que faz sentido a existência do CG? Porquê?
- 1.7. Acha que a escola dispõe de autonomia suficiente?
- 1.8. Que vantagens trouxe para a escola a implementação do DL n.º 75/2008? E desvantagens?
- 1.9. Concorda com a criação do cargo de director, da forma como é prevista no DL n.º 75/2008? Porquê? Defende a eleição ou a nomeação? Porquê?
- 1.10. Que qualidades deve ter o director do agrupamento de escolas?

2. Problemática da participação

- 2.1. Considera adequada a composição do CG? Se não, que alterações acha que deviam ser feitas?
- 2.2. Ser membro do CGT, foi uma opção ou uma obrigação?
- 2.3. Concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento? Porquê?
- 2.4. Parece-lhe adequado que seja o CGT a eleger o director do agrupamento, sabendo que ele vai prestar contas a um CG que poderá ter uma composição diferente?
- 2.5. Acha que o agrupamento deve propor um contrato de autonomia?
- 2.6. Qual considera ser o órgão mais importante para que a escola cumpra a sua “missão”: o CE, o CP ou CG? Porquê?
- 2.7. Qual deles considera que é o órgão com menos importância? Porquê?
- 2.8. Considera-se preparado para desempenhar as funções de representante da Câmara no CG? Se não o que poderia ser feito para melhorar?
- 2.9. Das competências do CG, quais aquelas que considera mais importantes?
- 2.10. Acha que o CG tem as competências adequadas ou, se pudesse, alteraria alguma coisa?
- 2.11. Considera que há assuntos que não deveriam ser tratados no CG? Porquê?

3. Práticas relativamente à participação

- 3.1. Existe algum tipo de articulação entre os representantes da autarquia e a sua direcção? Se sim, de que tipo? Com que periodicidade? Quem toma a iniciativa?

- 3.2. Considera que o CG tem de se submeter à vontade do director, ou deve procurar impor-lhe a sua vontade? E à vontade da administração central? A qual dessas duas instâncias deve o director prestar contas?
- 3.3. Qual é a origem das maiores influências e pressões sobre a actuação do CGT?
- 3.4. Sentiu-se pressionado, em algum momento, no sentido de defender uma certa posição?
- 3.5. Concorda com o facto de o CG poder exonerar o director? Porquê?
- 3.6. O orçamento do agrupamento de escolas é elaborado pelo conselho administrativo, seguindo linhas orientadoras do CG. O que pensa desta independência do CA relativamente ao CG?
- 3.7. Acha que nas tomadas de decisão, no CGT, sempre prevaleceu a defesa do bem comum, ou os interesses de grupos?
- 3.8. Como avalia o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento de escolas?
- 3.9. Acha que nas reuniões tem poder para influenciar as decisões?
- 3.10. Considera que as posições que defende no CG são tomadas em nome individual, ou em representação da instituição que representa?
- 3.11. Considera que o CG tem o poder necessário para definir adequadamente a política educativa do agrupamento?
- 3.12. Considera que o CG tem promovido a ligação à organização que representa? Porquê?
- 3.13. Como avalia a participação dos pais no CGT? E dos alunos? Dos funcionários? Dos professores? E dos interesses locais? Acha que têm contribuído para melhorar o funcionamento das escolas e a sua eficácia, ou pelo contrário, são um obstáculo?
- 3.15. Como avalia a participação dos representantes da autarquia no CGT?
- 3.16. Que outros aspectos considera importantes para acrescentar à entrevista?

Observações: a entrevista é dinâmica, por isso, tendo em conta a forma como decorrer, além das perguntas apresentadas pode ser necessário colocar outras, a fim de esclarecer melhor ou aprofundar algum aspecto. Também pode ser necessário eliminar algumas questões, no caso de se considerar que no decorrer da entrevista já foram esclarecidas.

VIII - Representante de uma Instituição Local

A investigação que estamos a realizar tem como objectivo analisar a participação no Conselho Geral Transitório, no contexto da organização escolar. Tendo em conta a sua experiência de participação nesse órgão, nesta escola, agradecemos que respondesse às questões que lhe vamos formular, argumentando da forma que considere mais pertinente. Desde já nos comprometemos a não revelar nem a identidade dos entrevistados, nem a escola a que estão ligados.

Obrigado pela colaboração.

1. Opinião geral sobre questões educativas;

- 1.1. Qual é a sua idade?
- 1.2. Que grau de escolaridade concluiu?
- 1.3. O que pensa sobre a situação da educação?
- 1.4. Como avalia a situação da educação neste agrupamento de escolas?
- 1.5. Quem deve decidir o que se faz na escola, os pais, os alunos, os professores, o director, a autarquia, o Estado, outros? Porquê?
- 1.6. Acha que faz sentido a existência do CG? Porquê?
- 1.7. Acha que a escola dispõe de autonomia suficiente?
- 1.8. Que vantagens trouxe para a escola a implementação do DL n.º 75/2008? E desvantagens?
- 1.9. Concorda com a criação do cargo de director, da forma como é prevista no DL n.º 75/2008? Porquê? Defende a eleição ou a nomeação? Porquê?
- 1.10. Que qualidades deve ter o director do agrupamento de escolas?

2. Problemática da participação

- 2.1. Considera adequada a composição do CG? Se não, que alterações acha que deviam ser feitas?
- 2.2. Concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento? Porquê?
- 2.3. Parece-lhe adequado que seja o CGT a eleger o director do agrupamento, sabendo que ele vai prestar contas a um CG que poderá ter uma composição diferente?
- 2.4. Acha que o agrupamento deve propor um contrato de autonomia?

- 2.5. A elaboração da proposta de celebração de um contrato de autonomia é da responsabilidade do director e a sua aprovação compete ao CG. Concorda com esta distribuição de competências?
- 2.6. Qual considera ser o órgão mais importante para que a escola cumpra a sua “missão”: o CE, o CP ou CG? Porquê?
- 2.7. Qual deles considera que é o órgão com menos importância? Porquê?
- 2.8. Ser membro do CG, foi opção, ou obrigação? Considera-se preparada para desempenhar as funções de representante de uma instituição no CG? Se não o que poderia ser feito para melhorar?
- 2.9. Das competências do CG, quais aquelas que considera mais importantes?
- 2.10. Acha que o CG tem as competências adequadas ou, se pudesse, alteraria alguma coisa?
- 2.11. Considera que há assuntos que não deveriam ser tratados no CG? Porquê?

3. Práticas relativamente à participação

- 3.1. Porque se tornou membro do CGT?
- 3.2. Para além das reuniões existe algum tipo de articulação entre os representantes das instituições e a presidente do CG? Se sim, de que tipo? Com que periodicidade? Quem toma a iniciativa?
- 3.3. Considera que o CG tem de se submeter à vontade do director, ou deve procurar impor-lhe a sua vontade? E à vontade da administração central? A qual dessas duas instâncias deve o director prestar contas?
- 3.4. Qual é a origem das maiores influências e pressões sobre a actuação do CGT?
- 3.5. Sentiu-se pressionada, em algum momento, no sentido de defender uma certa posição?
- 3.6. Concorda com o facto de o CG poder exonerar o director? Porquê?
- 3.7. O orçamento do agrupamento de escolas é elaborado pelo conselho administrativo, seguindo linhas orientadoras do CG. O que pensa desta independência do CA relativamente ao CG?
- 3.8. O RI é elaborado pelo CGT; o PE é elaborado pelo CP, e submetido pelo director à aprovação pelo CG. Concorda com esta distribuição de competências?
- 3.9. Acha que nas tomadas de decisão, no CGT, sempre prevaleceu a defesa do bem comum, ou os interesses de grupos?

- 3.10. Como avalia o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento de escolas?
- 3.11. Acha que nas reuniões tem poder para influenciar as decisões?
- 3.12. Considera que as posições que defende no CG são tomadas em nome individual, ou em representação da instituição que representa?
- 3.13. Considera que o CG tem o poder necessário para definir adequadamente a política educativa do agrupamento?
- 3.14. Considera que o CG tem promovido a ligação à instituição que representa? Porquê?
- 3.15. Como avalia a participação dos pais no CGT? E dos alunos? Dos funcionários? Da autarquia?
Acha que têm contribuído para melhorar o funcionamento das escolas e a sua eficácia, ou pelo contrário, são um obstáculo? Como avalia a participação dos professores no CGT?
- 3.16. Como avalia a participação dos interesses locais no CGT?
- 3.17. Que outros aspectos considera importantes para acrescentar à entrevista?

Observações: a entrevista é dinâmica, por isso, tendo em conta a forma como decorrer, além das perguntas apresentadas pode ser necessário colocar outras, a fim de esclarecer melhor ou aprofundar algum aspecto. Também pode ser necessário eliminar algumas questões, no caso de se considerar que no decorrer da entrevista já foram esclarecidas.

Transcrição das Entrevistas aos Membros do Conselho Geral Transitório

Na transcrição das entrevistas considerou-se que seria conveniente identificar cada um dos actores intervenientes, a fim de tornar a leitura e interpretação mais imediatamente inteligível, podendo associar mais facilmente o discurso ao actor e compreender melhor as suas relações e interações. A utilização de nomes, em referência aos actores, confere também, à análise, uma tonalidade que a aproxima mais íntima e significativamente da realidade social analisada. Porém, uma vez que assumimos a conveniência e o compromisso de não revelar nem a identidade dos entrevistados, nem a escola a que estão ligados, optámos por atribuir nomes fictícios aos actores. Para esse efeito foi elaborada uma tabela, contendo a correspondência, entre o nome verdadeiro dos indivíduos e o fictício, a qual, obviamente não constará nestes anexos.

Aluna do Ensino Secundário - Bárbara

(17 anos de idade).

Dia 09/06/09.

Entrevistador - Olha, a primeira pergunta que te queria fazer era para saber que nível de escolaridade frequentas.

Entrevistador - Décimo primeiro, diurno, não é?

Entrevistada - Exactamente.

Entrevistador - Pois, isso eu já sabia. E depois tinha uma pergunta já um bocadinho complicada para começar. Não sei se tens pensado sobre isto ... sobre a situação da educação em Portugal?

Entrevistada - Já, já falei nisso, sobre isso no Pedagógico ...

Entrevistador - E, assim ... em termos gerais, o que é que tu pensas sobre o estado da educação? Aspectos positivos, negativos ...?

Entrevistada - Acho que ... normalmente, as pessoas quando ... quando algo está fora do normal, que é a capacidade que a nossa mente tem a captar algo que esteja incorrecto, não, algo que ... normalmente está associado ao que é correcto, que é para o que a mente está programada ...

acho que é sobretudo a falta de disciplina, que se tem, que se tem encontrado nos alunos, a falta de vontade e isso tem, e esse desleixo tem ... um pouco a ver com a permissão, não é ...?

Entrevistador – E ... e mais concretamente aqui na escola ... achas que existem os mesmos problemas que vês a nível geral, ou algo mais específico ...?

Entrevistada – Existem ... existem alguns, e não, isto é ... vejo principalmente a nível negativo que os alunos não ... não participam na vida escolar, não se preocupam, reparam que algo está errado mas também não se esforçam minimamente para procurar resoluções ... ou ... é mesmo falta de vontade ou de força, não sei.

Entrevistador – É em relação a isso, quem é que tu achas que deve gerir a escola, ou decidir o que é que se faz na escola, por exemplo ... os pais, os alunos ... devem ter mais intervenção, os professores?

Entrevistada – Quer dizer, lá está, ... outro reparo que se tem ... detectado é que os pais, também eles não ... se preocupam muito com ... a vida escolar dos alunos, que são filhos, às vezes, outras vezes são apenas encarregados de educação ... acho que, os primeiros passos devem partir de casa, como às vezes costuma-se dizer que na escola nós somos uma família, quer dizer não é bem assim, neste momento não é isso que eu como aluna sinto, já não sinto isso.

Entrevistador – Mas em termos de, por exemplo em relação ... ao que se faz na escola, a maneira como a escola está organizada, quem achas que ... deve alguém decidir isso, por exemplo deve ser o Estado, o Ministério da Educação a dizer como é que a escola deve ser governada ... deve ser por exemplo o Director, a Câmara Municipal ...?

Entrevistada – Deve partir de todos, deve essencialmente partir ... existe um director para manter a escola organizada dentro das normas, depois devia existir ... isto devia funcionar como está pré-programado, o Director para organizar as funções da escola, os pais para darem os primeiros passos na educação dos filhos e para desenvolverem a educação dos filhos, para ajudar a escola e depois os próprios alunos para criarem ambiente de estudo ... para eles, parte-se do princípio que deveria ser assim, mas não acontece e o problema é exactamente esse.

Entrevistador – Pronto, mas a este propósito o Conselho Geral ... neste momento existe o Conselho Geral Transitório não é?!... achas que faz sentido existir, tendo em conta essa ... até a tua opinião, sobre a participação das pessoas na escola?

Entrevistada – Pelo que eu me apercebi no Conselho Geral Transitório há uma junção de vários representantes, não só ao nível de escola, mas também ao nível exterior, eu acho que isso é importante, lá está o exterior também o ambiente em que a escola está inserida é uma grande

influência acho que, por exemplo, apoios do centro de saúde é necessário, ter apoios da câmara ligados directamente também é necessário, acho que neste momento se está exactamente a perder esse conjunto de ligações.

Entrevistador – E achas que já existiu mais do que existe agora?

Entrevistada – Para eu sentir a diferença, ... do que era para o que é, é porque nalgum momento eu não tive essa percepção, porque era mais novinha, mas agora com o prolongar dos anos com a progressão senti isso e agora começo-me a aperceber porque tenho “osmo” tenho capacidades e tenho bases para me aperceber.

Entrevistador – Sobre este problema, sobre esta questão ... da organização da escola, tens uma ideia do que é a autonomia da escola. Portanto, por exemplo em relação ao governo ao ministério da educação achas que a escola tem autonomia suficiente ... achas que deve ter, que não deve ter, que deve simplesmente por exemplo reproduzir a ... deve ser governada de acordo com o que ministério quer, com a legislação que o ministério produz, ou a escola deve ter iniciativa?

Entrevistada – Pois essa pergunta já é um bocadinho! ...

Entrevistador – É complicada!

Entrevistada – É! ... porque ...

Entrevistador – Por exemplo, tu achas que há condições aqui na escola, por exemplo a nível de organização ... o director, o conselho geral, o conselho pedagógico seriam capazes ...

Entrevistada – Lá está ... não é, isto vai um bocado de encontro às ... às competências das infra-estruturas e dos colaboradores. É assim, não se pode ir de encontro a tudo o que o Estado ... a tudo o que o Estado quer, uma vez que ... existe um padrão, existe um padrão em que o Estado ...se baseia, quer dizer cada escola é uma escola, cada momento é um momento e se nós formos a utilizar algo predefinido pelo Estado para gerir, quer dizer é praticamente impossível porque há certas situações que não se aplicam aqui, como outras como aqui não se vão aplicar lá no Algarve, no Alentejo.

Entrevistador – E tu tens ideia que a escola tem liberdade para adaptar, por exemplo, as orientações que recebe do ministério, ou não tem essa liberdade, tem de executar tudo tal e qual?

Entrevistada – Tem momentos, que eu já me apercebi disso, tem momentos em que nós ouvimos ... em que tem de ser assim, porque vem do ministério e tem outras vezes que faz-se e não há qualquer impedimento. Isto faz-me pensar um bocadinho numa certa ... não é desorganização, não talvez esta não seja a melhor palavra ... que se tem sentido.

Entrevistador – Nesta escola?

Entrevistada – Exactamente!

Entrevistador - Por acaso leste o decreto-lei 75/2008, este que alterou o regime de administração e gestão?

Entrevistada – Não, assim por decretos não vou lá, para já não, daqui a uns aninhos.

Entrevistador – Ele tem sido discutido no CG porque é ele que ... criou o cargo de Director, o Conselho Geral Transitório com esta, com estas funções que tem agora, mas, para a questão que te vou fazer a seguir também não era necessário ler o ... enfim, podes responder a ela sem ter lido o Decreto-lei, de acordo com a tua opinião. Concordas com a criação do cargo de Director na escola?

Entrevistada – Concordo e não concordo. Não sei até que ponto é que ... uma única pes ... um único elemento a gerir uma escola, será o mais apropriado, não sei até que ponto é que as funcionalidades serão exageradas ... serão, o elemento será sobrecarregado, quer dizer, é bom porque é só uma pessoa e ponto final, não há o diz que disse, o fez que fez. Outra coisa, completamente diferente, é depois ser uma só pessoa, quer dizer, eu e depois o resto, e depois os outros à volta. É tudo muito relativo, depende, é o primeiro ano que isto acontece não há ... exemplos, não há situações para se comparar, não há nada, depois só nos resta ... quer dizer, percepção que nós temos desta ...

Entrevistador – Mas nesse caso, por exemplo, achas que era preferível que houvesse uma eleição do director, ou ser nomeado? Eleição com ... um corpo eleitoral alargado, como havia até há uns tempos, professores, funcionários, alunos, encarregados de educação a votar, ou ...

Entrevistada – Acho que sim, acho que havia, acho que nesse sentido devia haver um corpo eleitoral extenso e depois a pessoa devia obviamente ser nomeada, porque as pes ... nós, nós seres humanos, seres racionais temos opiniões, formamos ... formamos opiniões, temos percepções e é a partir do trabalho das pessoas que nós dizemos ou afirmamos ou sabemos que x está apto para! E acho que nesse sentido acho que sim que deveria ser uma pessoa nomeada ...

Entrevistador – Nomeada por quem?

Entrevistada – Por ... por, acho que nesse aspecto ... neste momento acho que os professores e os funcionários se calhar teriam uma maior ... maior margem de ... de informação ... para!

Entrevistador – E os alunos, achas que não?

Entrevistada – Não, que os alunos estão maioritariamente perdidos e vivem ... quer dizer vivem num mundo que ultimamente são obrigados a viver, não por ... não por causa de professores, de

funcionários, do ministério ... porque agora algo funciona mal e acontece ... perdeu-se tanta coisa que agora os alunos vivem num mundo em que ... é apagado ... fechado ...

Entrevistador – Achas que não estão interessados nas questões da organização da escola?

Entrevistada – Minimamente, é ... vive-se uma fase em que ... vê-se, sente-se, fala-se e acabou. Não se faz, não se resolve, não se tenta ... nada!

Entrevistador – Há alguma ... achas que há uma certa superficialidade na maneira de estar dos alunos?

Entrevistada – Acho que sim, acho que vem porque tem de estar na escola, porque precisam da escola, acho que já não é por gosto nem por vontade, é porque precisam, porque têm que ir trabalhar, porque tem, alguns querem tirar cursos, porque alguns querem ascender na vida, porque têm ambições, acho que é, acho que chegamos a esse ponto, o que não é saudável.

Entrevistador – Voltando à questão do director, que qualidades é que achas que deve ter um director? ... Um director visto como alguém que vai ter muitos poderes, não é?

Entrevistada – Exactamente ... em antes de mais deve ser a favor da disciplina, deve aplicá-la. Eu falo isto porque eu sou uma ... sou uma pessoa que, falo por mim, se ... sou muito independente, muito extrovertida e ... preciso bastante de disciplina porque eu se não tivesse disciplina não era assim, acho que, eu seria daquelas pessoas que estaria sempre a resmungar com tudo, a embirrar com tudo, que era do contra só para embirrar ... e acho que a disciplina é essencial na educação duma criança, de um jovem e de um adulto, sobretudo também.

Entrevistador – E achas que a função principal do director será a gestão da disciplina?

Entrevistada – Será a disciplina porque é o que eu noto que se tem perdido imenso. Senão não havia a questão do *bullying* nas escolas, ou pelo menos, se dantes nós víamos duas crianças pegadas a puxar cabelos mas prontos intervia um funcionário, depois o funcionário também ele, os alunos tinham respeito, depois também é a implantação de respeito, outra coisa que também se perdeu e ... sobretudo tem que ter um pulso firme, não podemos estar com o coração mole. ... Não é que não seja necessário de vez em quando ver o lado humano das coisas, mas quer dizer, temos que pensar racionalmente não é, porque ...

Entrevistador – Mas tu achas que a disciplina ... para haver disciplina na escola, isso deve ser imposto, ou deve ser aceite. A disciplina deve ser ... as regras devem ser aceites pelos estudantes, devem ser entendidas e aceites, eles podem participar na elaboração das regras ou devem-lhes ser impostas?

Entrevistada –Devem participar obviamente, porque eu acho que é uma forma ... tudo deve ser concebido de uma forma saudável e se todos participarem, é óbvio que não vai haver ... motins ... por assim dizer ... contra ... disciplina, contra indisciplina, contra as regras , contra seja o que for, porque quando tudo é estabelecido de forma saudável as pessoas têm tendência a aceitar as coisas naturalmente, como se fosse ... exactamente, naturais.

Entrevistador – Então, dito de outra maneira, achas que um director deve ser mais autoritário ou democrático, ou achas que não há distinção entre ser autoritário e ser democrático?

Entrevistada – Isso, ... isso é, isso também é relativo, eu ... a questão posta assim ... se for a pensar como estudante de História que sou ... quer dizer, às vezes existe um exagero de autoridade e um exagero do que é ser democrático, às vezes há pessoas que não têm o estofo nem ... nem capacidades, acho que posso dizer, pra separar as duas coisas, quer dizer, uma pessoa tem de ter o meio termo ... é, a autoridade deve ser utilizada num x momento e o que é democrático noutro momento ... e se conjugadas, perfeito.

Entrevistador – Quer dizer, achas que democracia e autoridade são compatíveis, não é? ... não são opostos!

Entrevistada – Se bem coordenadas, não Não há necessidade de separar as coisas, de ver isto assim e aquilo assim, acho que um director deve ser uma pessoa multifuncional.

Entrevistador –Olha, sobre aqui a escola, sabes se existe associação de estudantes?

Entrevistada – Não existe!

Entrevistador – Não existe!

Entrevistada – Estive a lutar por isso, foi quando eu reparei que os alunos não se preocupam minimamente ... não estão a viver ... para a escola, estão pura e simplesmente a viver os momento, estão a viver num ambiente, num conjunto ... marquei reuniões, apareceram os alunos do décimo segundo ano, que é deprimível, quer dizer ... acho que com meios de trabalho como estes, é óbvio que os resultados não aparecem.

Entrevistador – E conselho de delegados de turma?

Entrevistada – Não há nada!

Entrevistador – Não Há! Tu ... tu és delegada de turma?

Entrevistada – Sou!

Entrevistador - Não há um conselho em que se reúnem?...

Entrevistada – Nada, nada que ... o que eu acho que seria plausível.

Entrevistador – Conheces ... tens ideia de como é composto o Conselho Geral Transitório ... os representantes que lá estão?

Entrevistada – Sei que existe um vereador da Câmara, Dr. Mário, existe ... quer dizer eu conheço as pessoas, não sei é algumas funções, existe um representante do centro de saúde ... não sei o nome da senhora ... não me lembro, existe o representante, dois representantes dos pais, se me não engano, que é o Martinho e outro senhor e ... existe o representante dos auxiliares ... e depois existe a presidente e ... depois existe ... os professores de alguns, de alguns departamentos.

Entrevistador – E os alunos!

Entrevistada – E os alunos ... eu!

Entrevistador – E ... quanto à composição do CG, achas que é adequada ... toda a gente que está ... está bem representada?

Entrevistada – Esqueci-me do representante dos pais ... esqueci-me do representante dos pais há bocado!

Entrevistador – Achas, achas que tem uma composição adequada, ou que falta lá alguém ... quanto ao número de pessoas que lá estão ... que representam diversos interessados ... tens alguma ideia sobre isso?

Entrevistada – Amm ...

Entrevistador – Sobre os alunos, achas que estão suficientemente bem representados? Têm dois representantes, do diurno ... um aluno do ensino diurno, secundário ...

Entrevistada – Acho que sim ... quer dizer, acho que sim no aspecto em que existe um aluno do nocturno, acompanha a situação da noite, se tem a noção do que é que é, depois existe um do ... da chamada, do ambiente normal, não é, do prosseguimento normal durante o dia. São duas situações diferentes que estão lá presentes, o que é óptimo. Uma vez que eu sou do secundário, e que já passei pelo básico, não sei até que ponto seria necessário ter um representante, um aluno do básico e até que ponto é que ... quer dizer, esse aluno se empenharia ou procuraria ... há alunos que têm interesse, mas há outros que ... se calhar tem para eles existem outras preocupações.

Entrevistador – Mas, por exemplo, achas que é suficiente um aluno do secundário? ... Há vinte e uma pessoas no CG, não é? ... Achas que um aluno é suficiente para representar ... os alunos da escola?

Entrevistada – Isso é outra questão. Neste momento não sei se seria uma força maior existir, existir por exemplo mais um ... porque também ... eu sozinha não vou ter conhecimento de todas as

situações obviamente, falo com algumas pessoas, mas não falo com a escola inteira. Se calhar se houvesse outro, outro aluno, se calhar era como se eu falasse com uma parte da escola e ele falaria com outra. ... Neste momento com o ponto de interesse ... acho que um aluno é suficiente ... agora se calhar mais um ... traria, aumentaria o interesse dos alunos, quer dizer não sei, isto é tudo muito relativo.

Entrevistador – E ... já falamos sobre a questão do director ... concordas que seja o CG a eleger o director? ... Bom, de certa maneira há bocado já respondeste a isto.

Entrevistada – Exacto.

Entrevistador – Tenho aqui algumas questões, mas não sei se para ti são adequadas, uma vez que não tens ido às reuniões. Por exemplo, sabes que o ... está previsto que o director preste contas ao CG, não é? ...

Entrevistada – Sim!

Entrevistador – O CG vai ser um órgão que vai controlar um pouco a actuação do director ...

Entrevistada – O CG é o órgão máximo da escola ...

Entrevistador – Nós agora temos aqui um problema, que é o seguinte ... não sei se é um problema, é isso que te ia perguntar ... se achas que é um problema. O CGT elegeram o director ...

Entrevistada – Sim.

Entrevistador – Mas agora o CGT vai-se extinguir e depois vai ser eleito outro conselho, que pode ter uma composição diferente ... parece-te que faz sentido que o director eleito pelo CGT depois vá prestar contas a outro conselho geral, com uma composição que pode ser um pouco diferente?

Entrevistada – Acho que sim!

Entrevistador – Achas que isso faz sentido?!

Entrevistada – Acho que sim! ... Uma vez que ... lá está, como eu referi há bocado, a escola é um todo ... e, aí vai de encontro às qualidades e às funcionalidades de um director ... também não podemos viver num ... quer dizer, se o director ... não é bem prestar contas, se não informar ...

Entrevistador – Mas eu não me refiro ao facto de ele prestar contas, mas sim ser eleito por um conjunto de pessoas, que leram o seu projecto, que o avaliaram e depois ele ... vai afinal responder a outras pessoas que não o elegeram, provavelmente, pelo menos uma parte delas ... portanto, a questão era mais nesse sentido.

Entrevistada – Eu acho que sim, eu acho que ... que apesar de ser eleito ... um director não ... as coisas têm de continuar a funcionar como um todo, senão vam... é quase uma ditadura depois, não é, um só elemento e ... só eu e só eu, não ... é um egocentrismo ...

Entrevistador – Olha, e quanto aos órgãos da escola, que ... temos o CE, que agora vai ser substituído pelo director, o CP e o CG, destes, qual é a tua ideia sobre ... qual é que será o mais importante para a escola?

Entrevistada – Ora bem, o CE executava ... as normas, ... o CP aprovava e depois ... ia para o CG ... são todos importantes, acho que sim.

Entrevistador – E achas que algum deles tem menos importância do que os outros?

Entrevistada – Não, acho que cada um desempenha o seu papel ... são fundamentais, não é ... como no Estado, no governo ... existe o Presidente da República, o Primeiro-ministro, depois o Parlamento, quer dizer são todos, são elementos essenciais para a funcionalidade.

Entrevistador – Achas que se completam, então não é?...

Entrevistada – Exactamente!

Entrevistador – Sobre, sobre a tua participação nesta ... nesta ... na organização, porque é que te candidataste ao CGT?

Entrevistada – Primeiro porque eu gosto de desafios, depois porque ... tem a ver com ... não só comigo, mas também com a minha ... com a minha perspectiva de aluna, achei que era, que era uma ótima oportunidade para, para marcar a diferença, para tentar dar voz, se calhar a quem, se calhar não tem a mesma força de vontade e a mesma ... e a mesma coragem, talvez ...

Entrevistador – Portanto aos teus colegas, não é?

Entrevistada – Exactamente!

Entrevistador – Mas, e em relação a isso ... estabeleceu-se alguma relação entre ti e os outros alunos ... portanto ... para tu poderes representá-los ... falavas com eles, ouvias queixas, sugestões, ou ...

Entrevistada – É assim, normalmente nós ... nós ... eu, acontecia que ... em algumas reuniões que marquei, interagi com ... com alguns alunos do décimo segundo ano de forma diferente com outros, os outros também ... às reuniões, alguns criaram-se ligações exteriores e ... depois, também tenho a minha turma, tenho colegas de outras turmas, quer dizer uma pessoa vai ouvindo aqui, vai ouvindo acolá ...

Entrevistador – De maneira mais ou menos informal, mas assim por exemplo ...

Entrevistada – Porque de uma forma formal não ... é ... é quase totalmente impossível ... e quando, quando é que eu reparei nisto? Quando uma das ... a primeira vez que eu quis marcar uma reunião, eu tinha que ter cuidado porque as reuniões não podem interferir durante o tempo de aula, mas se eu marcar para uma tarde livre, se calhar nem todos os alunos podem, ou então se

eu marcar para uma tarde livre ninguém aparece, porque é uma tarde livre. Quer dizer se eu marco para um intervalo, depois o intervalo nunca chega porque a conversa estende-se ... foi isto que me aconteceu.

Entrevistador – Mas, então ... então ... queres com isso dizer que os alunos se interessam pouco por questões ... do ensino, da escola, da reso... ou por outro lado eles acham que não vale a pena expor os seus problemas, fazer propostas ...

Entrevistada – Começa-se a entrar um bocadinho nesse círculo do ... não vale a pena, para que é que vamos estar a dizer, para que é que vamos estar a fazer. Porque a realidade é que ... por mais que uma pessoa fale, por mais que eles, os alunos tentem falar ... ouvem respostas, porque não pode ser ... porque depois é assim, e porque acontece aquilo e porque acontece aqueloutro e depois as pessoas passam sempre a dizer a mesma ... a mesma cantiga como se costuma dizer, quer dizer e perdem força, perdem vontade e depois ... é óbvio que pensam o que é que eu vou fazer para uma reunião, fazer nada, quer dizer, mas ao pensar nisto, se existe alguém que tenta puxar os alunos para cima e dizer não, todos juntos, quer dizer depois também fugir um bocado à ideia de, nós dizemos e tu fazes ... não é? ... nós dizemos-te, a mim como representante e depois tu fazes ... quer dizer também não é ... não é nesse sentido, no sentido em que, dizem-me e depois todos juntos tentamos arranjar uma solução e eu apenas apresento a solução, mas também ... os alunos têm que colaborar, têm que ... que se manifestar activos.

Entrevistador – E, e achas que no CG é possível defender os interesses dos alunos?

Entrevistada – Acho que sim ... acho quer dizer, eu pelas ... pelas convocatórias que vi este ano, tanto a nível do CP como a nível do CGT ... acho que ... que as coisas aconteceram muito a nível da administração da escola, por causa da avaliação dos professores, quer dizer, neste momento por consequência do Estado tem-se centrado muito tudo na base dos professores, e quer dizer, e os alunos vão aparecendo momentaneamente, quer dizer, e depois acho que, não estou a dizer que ... não é um abandono, é uma concentração noutra ponto, noutra vértice e ... mas é que os alunos sentem-se perdidos ... e depois os alunos vão, vai ... isto é uma bola de neve, que se vai formando e ... vai-se perdendo, não é?!

Entrevistador – Mas, por exemplo ... foi feito o regulamento interno no CGT, achas, os alunos não tinham interesse por exemplo em propor determinadas regras que defendessem mais os seus interesses, ou ficaram ...

Entrevistada – Acho que sim!

Entrevistador – Não achas que ficam só à espera que sejam os professores a definir as regras, e depois se calhar queixam-se um bocadinho, às vezes não concordam com certas coisas, mas entretanto não apresentaram propostas

Entrevistada – E lá está, não apresentaram propostas e depois eu, houve um, duas ou três vezes que ... falei que queria, que queria a parte do regulamento interno, andei à procura da parte dos alunos, disseram que havia para fotocopiar na reprografia e não existe, e fiquei ...

Entrevistador – Não te foi enviado por *email*?

Entrevistada – Foi enviada aquilo do preâmbulo relativamente ... aos, aquilo ... acho que foi aos cursos profissionais, ou uma coisa assim. Sei que foi enviado qualquer coisa mas nada que tivesse a ver, quer dizer, e depois lá está agora, por causa das novas políticas existem muito agora a tendência muito dos cursos profissionais e ... os EFAs, os CEFas, ... os técnicos ... é tudo muito nessa base, quer dizer, os outros estão ... são assim, estão deslocados, pelo menos é o que eu vejo e o que eu sinto.

Depois também tem a ver com os momentos que o Estado dá importância ... não é ... quer dizer neste momento está, existe uma ... uma moda, vê-se em ... é evidente a luta entre as escolas profissionais e as escolas de ensino, não é?! E é, as estatísticas, quer dizer e ao estarmos preocupados com, com mostrar, lá está, o facto de às vezes querermos mostrar que somos bons, acaba, acabamos mesmo por perder e por deixarmos de ser bons ... quer dizer, não se sei vamos mesmo, se vamos chegar a esse extremo que era deprimente.

Entrevistador – Desde que entraste neste, no processo ... para participares no CG sentiste-te pressionada por alguém alguma vez? Alguém te pressionou no sentido de assumires determinadas posições ... ou até de te candidatares?

Entrevistada – Não, a nível de me candidatar não me senti pressionada ... agora, eu não gosto que me venham dizer o que é que tens que fazer, ou ... ou precisas disto ... eu não é por ser aluna que vou ser ... que vou ser menos capacitada ou que vou ter uma ... maiores limitações de conhecimentos que um professor ou que um funcionário, antes pelo contrário, se calhar sei eu mais alguma coisa do que um professor, que se vai saber naturalmente mais noutra sentido do que eu. Aconteceu-me ... aconteceu-me uma situação, eu não vou ... não vou entrar em muitos pormenores, mas pra eleição do director me dizerem que eu tinha mesmo que ir à reunião porque o professor Quingosta (candidato) precisava de um voto. Quer dizer, eu se quisesse votar em branco votava, eu se quisesse votar no professor Quingosta votava, se não quisesse não votava ... quer dizer, mas chegarem à minha beira e dizerem assim, tens que ir porque precisamos, eu não,

isso não façam comigo ... porque ... quanto mais me dizem tens que fazer tens que fazer, menos eu faço porque eu não gosto que me pressionem, eu ... eu tomo mais a iniciativa se, eu sou mais livre, sou mais competente ... quando chegam à minha beira e dizem tens que fazer, eu não ... não suporto.

Entrevistador – Mas tu quando ... já te perguntei isso há bocadinho, quando te candidataste ao CG foi por tua iniciativa ou ...

Entrevistada – Foi por minha iniciativa própria!

Entrevistador – Mas alguém te deu conhecimento, alguém te sugeriu?

Entrevistada – Houve as reuniões ... que a professora ... que a professora informou, deu-nos as informações ...

Entrevistador – No fundo, no fundo, uma questão interessante era saber se vocês como estudantes participam ... tu como representante dos estudantes participas, ou tentaste participar porque achavas que tinhas interesses dos estudantes a defender ... pelas razões que disseste há bocadinho, ou ... ou achas que, por outro lado, vocês só são chamados a participar ... não com a ideia de que estão lá para defender o vosso ponto de vista, mas porque faz falta que apareçam lá, que tem lá um lugar para vós que tem que ser ocupado ...

Entrevistada – Para fazer que se está a cumprir normas e ... já pensei nisso algumas vezes já, já me questioneei sobre isso, sobretudo este ano ... lá está, percebe, que é muito relativo e tem que se ver os pontos, tem que se analisar tudo, minuciosamente ... porque houve momentos que ... em que os alunos ... o assunto aluno foi ... foi tão perdido que eu cheguei mesmo a pensar que afinal ... inclusive este ano no primeiro período eu cheguei mesmo a pensar em pedir a demissão do cargo porque ... mas senti que havia um desinteresse tão grande tão grande, tão grande que eu disse chega, eu não estou aqui a fazer nada ... os alunos não ... eu estou aqui para fazer feitiço ... vou-me embora. Mas, depois estive a conversar com ... com algumas pessoas e acabei por ficar, achei que pode ser do momento, pode ser da situação, acalma-te ...

Entrevistador – Pessoas ... colegas teus, ou outras pessoas?

Entrevistada – Falei com a doutora Gracinda (psicóloga), falei com a presidente do CP, falei com várias pessoas nesse nível ... elas disseram-me, respira, tem calma ...

Entrevistador – Mas sentes ... sentes apoio dos teus colegas para continuar a representá-los, ou ... ou não?

Entrevistada – Sente-se um bocadinho de tu... um bocadinho de tudo. Eu já a nível de delegada de turma, como turma sente-se aquele ... aquela contrariedade aquela coisinha ... uma pessoa sabe

que não é bem-vinda de vez ... às vezes, quer dizer, e outras vezes sentimo-nos bem, é por isso, quer dizer ... é assim, eu ... existe um colega, que foi a uma das reuniões, por acaso foi um dos colegas que foi mais activo nas reuniões, sempre, tinha sempre alguma coisa para expor, e acho que foi das pessoas que ... eu mais me senti apoiada, quer dizer, essa pessoa ... era notório com a sua participação, mas também existiam outras que se notava que queriam, que apoiavam e que ... que estavam satisfeitos.

Entrevistador – Estás a pensar candidatar-te outra vez ou não?

Entrevistada – É assim, eu como só ... ao CP tenho mais um ano, fui ... fui eleita por três anos. Ao CG ... quer dizer, depois surgiu uma coisa no início ... na primeira reunião do CG, isto vem de encontro à pergunta que fez anteriormente, foi não me sentir bem-vinda ... que logo na primeira reunião, ao apresentar os elementos, houve alguém que pôs a questão, mas estás no CP, não podes estar aqui ... por isso uma pessoa sente-se logo ali num ninho ... eu não estou bem aqui, não estou bem enquadrada. Mas ... se fosse possível, sim, porque não? Acho que ... acho que era óptimo, porque acho que é óptimo haver um elemento comum, e já o ano passado se tinha comen... houve uma ... profess... um ... elemento do CP que comentou comigo que era óptimo haver um elemento comum aos dois órgãos para existir uma ... uma funcionalidade maior.

Entrevistador – Olha e sobre ... sobre a questão das pressões, por exemplo ... tens alguma ideia sobre ... o funcionamento do CG, achas que ... foi pressionado o CG ... recebeu alguma pressão em especial, de algum grupo de pessoas, de alguma pessoa em particular ... tiveste alguma percepção sobre isso?

Entrevistada – Que eu me tenha apercebido não... acho que não! Acho que em nenhum momento ... acho que ...

Entrevistador – E, para terminar ... tu faltaste muito ao CG, não é!?... e ...

Entrevistada – Faltei, não só ao CG, mas também ao CP ... sobretudo por ... por problemas pessoais, a minha vida foi um turbilhão este ano, as minha notas reflectem claramente isso, não só a nível de saúde como ... em casa, quer dizer, porque acho que isso também ... a vida dos alunos em casa é muito, muito, muito, muito importante a escola porque influencia automaticamente, eu falo por mim, o meu caso, eu sou aluna de ... pais separados, os meus pais estão separados há três anos ... quer dizer mas há uma coisa que acontece, infelizmente, que é estão separados mas nunca estão separados, quer dizer há sempre uma continuidade, uma continuidade, e depois as brigas em casa são constantes, já para não falar dos problemas de saúde, que eu tenho tido imensos ultimamente e uma pessoa depois, quer dizer vai aguentando e

chega um momento que, que esgota e depois não tem a mesma capacidade para gerir toda a situação ...

Entrevistador – No fundo, por motivos pessoais ...

Entrevistada – Exactamente.

Entrevistador – Não é por nada que tenha a ver com o funcionamento dos órgãos ...

Entrevistada – Exactamente, nada.

Entrevistador – Há, assim, algum aspecto que achasses importante acrescentar ao que estivemos aqui a falar, ou ...

Entrevistada – Importante acrescentar ...

Entrevistador – É só uma maneira, isto é uma maneira de acabar a entrevista.

Entrevistada – Eu acho que ... acho que se focou o ... os pontos essenciais, acho que sim e ... qualquer coisa que tivesse a acrescentar, acho que ... que já referi na minha ... em momentos formais e informais, quer dizer, acho que ... vai sempre tudo de encontro à mesma ideia, quer dizer por mais que vamos andar se eu tiver a dizer agora isto daqui a bocado daqui a outra vez lá andava sempre a rodar no mesmo assunto ... portanto acho que tudo o que disse durante a entrevista ... vai ... é ... é o fundamental.

Encarregado de Educação - Martinho

Dia 19/06/09;

Entrevistador – Quería começar por lhe perguntar qual é a sua idade.

Entrevistado – Quarenta e cinco.

Entrevistador – E a profissão?

Entrevistado – Os dois ramos que eu faço principalmente são tradução e filmagens, faço filmes.

Entrevistador – Um aspecto interessante, para mim, da entrevista, é o facto de o Martinho ser de origem inglesa ...

Entrevistado – Britânico!

Entrevistador – Britânico, não é!? Portanto tem, provavelmente uma formação que o distingue um bocadinho, em termos de cultura, dos portugueses...

Entrevistado – Obviamente é diferente, e estou aqui em Portugal há quinze anos.

Entrevistador – O nível de escolaridade, de formação...

Entrevistado – Mestrado!

Entrevistador – Tem mestrado, pode-se saber em que área?

Entrevistado – Os meus estudos, eu fiz, na universidade de Oxford, fiz política, Filosofia e economia, que dá direito a licenciatura e mestrado, sem fazer mais nada ... é um privilégio que tenho, e depois estudei o mestrado nos Estados Unidos, na área de comunicação e de cinema ... depois tenho feito outros cursos ...

Entrevistador – A primeira questão, já entrando então no assunto, propriamente dito, seria sobre ... o que é que o Martinho pensa sobre a situação da educação, em geral, por exemplo aqui em Portugal?

Entrevistado – Quer dizer, eu obviamente vejo isto do ponto de vista de ter as minhas duas filhas ... a andar na escola. Eu próprio tenho dado algumas aulas de escrita criativa para cinema, mas não ... fiz algumas na universidade moderna antes da crise ... do problema lá ... mas, a grande preocupação que eu tenho obviamente é porque tenho as minhas filhas e ... quais são as preocupações? Tenho preocupações a nível imediato aqui nas escolas e a minha experiência, depois também vejo as notícias e vejo o que se diz em, por exemplo ... estava a ver na internet agora a falar da prova do nono ano de língua portuguesa que tem sido muito fácil, tenho preocupações em termos de, será que os níveis de exigência são suficientes? Tenho ... dado que eu não estudei aqui, eu se calhar sempre tenho nervosismo a mais, porque às vezes sinto que há certos ... a maneira, o método de ensino é ... tem coisas diferentes e às vezes posso ter uma preocupação exagerada, que posso pensar que não estão a fazer coisas que na realidade estão a fazer. Sinto que ... eu próprio ... sobretudo a escola secundária, onde eu estudei, era um pouco uma fábrica de salsichas, no sentido que não fiz um grande enfoque sobre o componente de pensar por si próprio, os componentes artísticos ... criativos e, posteriormente, dado que eu quis trabalhar mais nesse sector, isto também é uma área que me interessa, e tenho uma preocupação ... sinto que o ensino em Portugal, e cada vez mais isto é uma tendência um pouco universal, que tendo necessidade de criar patamares de desempenho para os professores, acabem por eliminar qualquer espaço para a criatividade. Então o que eu vejo, sobretudo com a minha filha mais velha, a Elsa, que anda no sétimo ... que acabou agora o sétimo ano, que é muito raro ter textos criativos,

ela própria escrever, contar uma história, e eu com a idade dela já fazia muito mais o componente do ... de pintura, desenho ... enquanto na escola primária era razoável e tivemos sorte em termos de professora, também há muito pouco actividade neste domínio... eu acho que ... tenho preocupação ... às vezes ... com a Antonieta tem sido a mesma professora até agora nos três anos, então há maior continuidade. No caso da Elsa, que tem vários professores, a qualidade ... o que parece ser a qualidade varia muito, ano por ano e entre as várias disciplinas e há certos professores que ela tem dito que não conseguem manter disciplina na aula, então os alunos estão todos a falar ao mesmo tempo e ela nem conseguia ouvir o que é que o professor está a dizer, e outra disciplina, eu não quero dar nomes das disciplinas, mas outra disciplina na qual ela sempre tinha excelente desempenho e ... sente que o professor trata a matéria de uma forma muito rápida e ela não consegue acompanhar, numa disciplina onde ela tem muita capacidade ... O próprio ... eu acho que essas vertentes, do lado disciplina ... parece-me a mim, por o que ela disse, os alunos falam muito na aula, então não conseguem o bom ambiente no estudo e não parece sempre existente e depois o rigor no ensino, e sobretudo este ... parece-me a mim que o próprio ensino enfoca muito em pormenores sem incentivar a pensar por si próprio e ver o raciocínio subjacente, que dá para depois abrir outras matérias.

Entrevistador – Essa questão sobre a situação da educação a nível geral, então também tem esta ideia acerca desta escola onde as suas filhas andam, não é?

Entrevistado – Eu tenho preocupações e veja nas notícias, falam sobre o nível do ensino, então eu acho que há preocupações a nível nacional. Mas também, dado que eu não estudei ... é um pouco difícil para mim eu avaliar, e depois tenho as preocupações mais concretas é daqui.

Entrevistador – Portanto, do que conhece, desta situação concreta não é? Mas quanto a esses problemas, como é que eles se poderiam resolver, por exemplo ... quem é que deve decidir como é que isso deve funcionar na escola, serão os pais, ou os professores, ou será o ministério da educação ...?

Entrevistado – Quer dizer, outra preocupação que eu não falei, que isto tem a ver com o trabalho do conselho, eu acho que o ... papel de direcção, de director da escola é fulcral, e sempre foi fulcral, e também na minha escola secundária também não gostei muito do *head master*, do director da escola, mas eu reconheço que o papel que tem, em termos de criar um espírito de escola, e eu não sinto a escola ... na fase da escola primária ... quem é o coordenador da escola,

acaba por ser outro professor, que tem muito pouco tempo e não cria realmente o âmbito do ... do espírito de escola e ... eu a nível da associação de pais da EB 1, que tenho sido nos dois últimos anos muito menos activo, tentei desmover certas coisas, mas senti que não havia esse espírito de escola, na EB 2,3/secundária ainda menos, tenho a impressão. Não há ... actividades ... no domínio desportivo há certas actividades que, imagino eu, criam a inserção na escola, mas sinto que tenho falado no conselho ideia de ter um dia aberto com os pais, um conjunto de actividades, que faz que a pessoa sente o espírito de escola, e depois, dentro desta óptica, os padrões de qualidade do ensino ... obviamente ... direcção de escola tem um papel fulcral, ao mesmo tempo também tenho a impressão que, um pouco no ... todo no ... esses assuntos são complicados, mas Portugal tem uma grande tradição de liberdade, no pós 25 de Abril, e às vezes esta própria liberdade faz, tenho a impressão, que não se consegue criar hierarquias e estruturas de decisão e de responsabilização das pessoas e, tenho esta impressão ...

Entrevistador – Mas tem a ideia que a escola tem essa autonomia para se ... para planear ... para se organizar de acordo com a sua realidade com os seus interesses, ou isso ... ou isso é determinado pelo ministério? O que é que lhe parece?

Entrevistado – A impressão que eu tenho, da cultura portuguesa, e não é só do ensino, há sempre pretextos para não fazer, então dizer que não fazemos isto por causa da DREN, etc. Eu na realidade tenho a impressão que cá, se existe uma dinâmica, e sobretudo se esta dinâmica é reforçada na comunidade é possível fazer muitas coisas e fazer coisas muito diferentes. Eu, por exemplo, esta semana fui a Paredes de Coura filmar as três escolas, primária, E.B. 2,3/secundária e a escola profissional e, sobretudo na primária, que é uma escola que ganhou prémios em termos de arquitectura, uma pessoa sente uma intervenção muito diferente, um pouco fora do comum, e sem dúvida isto deve ser o resultado de uma dinâmica própria e, eu vi os trabalhos expostos nas paredes, etc. ... agora com a nova infraestrutura aqui, se calhar também vai dar um salto diferente. Mas, dando este exemplo, eu acho que se existe uma dinâmica, ao nível do município, ao nível da direcção da escola, que quer criar padrões de qualidade e de ... diferenciar a escola ... não tenho qualquer dúvida que é possível fazer. Obviamente há padrões do ministério da educação que ... restringe, que limita isto.

Entrevistador – E, em relação ao conselho geral, acha que faz sentido ... da forma como o conhece, o conselho geral, como tem actuado, acha que faz sentido a existência dele na escola?

Por exemplo ... havendo um director, o conselho pedagógico, etc. o conselho geral no meio disso tudo, que sentido lhe parece que faça?

Entrevistado – Quer dizer, eu não faço parte, e não tenho acompanhado as sessões do conselho pedagógico, e tenho a impressão que este tem um papel sobretudo nestas matérias que pode ser muito mais importante do que o conselho geral, apesar de que o conselho geral é o órgão supremo ... nós não entramos muito em pormenores pedagógicos e se calhar algumas dessas preocupações são ... noutra contexto. Eu acho que faz todo o sentido, a sua existência, sim. Parece-me a mim que há defeitos em termos de funcionamento ... coisas que eu fico um pouco surpreendido. Uma tem a ver com o próprio relacionamento entre ... a direcção, o director da escola e o conselho, porque de uma certa forma o conselho, sendo o órgão supremo, deveria ser a entidade que orienta ... e mesmo, apesar que não é conselho pedagógico, essas preocupações gerais do espírito de escola e os objectivos gerais, que de uma certa forma a própria escola e a comunidade têm, devem ser definidos no conselho geral e deve haver um diálogo muito fértil sobre como criar esses objectivos. Por vezes parece mais um diálogo de confronto e de tensão que faz que ... e também tenho tido a impressão que fazemos ... propomos, sugestões e iniciativas, e vejo pouco a ser concretizado ... então, não sinto que ... acho que o conselho faz todo o sentido, como membro não estou muito convencido da sua utilidade na prática.

Entrevistador – Teoricamente faria todo o sentido, a prática não tem demonstrado esse ...

Entrevistado – Tenho grandes frustrações em relação a isto!

Entrevistador – Leu este Decreto que criou agora o novo sistema de administração e gestão, o Decreto-Lei 75/2008? Chegou a ler, ou parte ...?

Entrevistado – Eu acho que eu devo ter lido isto, sim.

Entrevistador – Este que fala da criação do ... que cria o conselho geral.

Entrevistado – Sim, li! Mas não sou perito nisto, mas eu li!

Entrevistador – Foi criado o cargo de director, a figura do director, como órgão de gestão da escola ... que qualidades é que lhe parece que o director deve ter, acima de tudo? Há bocadinho já referiu, em parte ...

Entrevistado – Conforme eu falei, em Portugal existe uma grande tradição de liberdade e ... uma certa desconfiança em relação a hierarquias, depois ... tendência é depois quando existem

hierarquias elas acabam por ser, ou ser espécie de ditaduras, ou ser grande receio que isto vai acontecer, isto por razões óbvias, históricas, então há um certo traumatismo em relação a isto que a meu ver dificulta ... estruturas de gestão. Também o próprio povo tem esta história, se calhar há milénios, os romanos falaram que sendo um povo difícil, não querem governar e não sabem se governar, então, acho que o papel de director é ser o chefe de uma hierarquia que define o que é que a escola vai fazer, então acho, parece-me a mim ... o papel faz todo o sentido. Culturalmente ... há entraves e problemas ... para que isto tenha êxito. Nós temos visto o director, no outro dia, no conselho afirmou uma posição bastante forte, da forma que ele vai agir enquanto director ... também isso provoca anticorpos ... de um lado respeitei parece-me bem que haja um director que defina bem o que vai fazer, ao mesmo tempo reconheço os perigos e os anticorpos. É um pouco como o primeiro-ministro nos últimos anos, que tem assumido uma posição muito forte do controlo, ao mesmo tempo, quando os votos vão contra, logo muda para ser mais simpático. Eu acho que sim, faz todo o sentido. Dentro da cultura tem que ser gerido com habilidade.

Entrevistador – Pois, mas dá a impressão que há aqui um problema, que é confundir um bocadinho a criação do cargo de director com o acabar com o sistema democrático, não é? Parece que são incompatíveis, parece que há um bocado esse entendimento.

Entrevistado – Este é um assunto subjacente, para mim não ... isto pode ser visto ... não me ... parece-me a mim que o facto de existir um director, que não reduz o componente democrático, porque o que tem a ver é ... o que eu acredito muito é a necessidade de criar responsabilização, definir bem quem é responsável pelo quê e depois domínios da responsabilização, isto, a meu ver pode ser compatível com democracia.

Entrevistador – Em relação ao conselho geral transitório, portanto, não sei se tem presente a composição ... acha adequada, a composição, nomeadamente no que diz respeito ao número de encarregados de educação que participam, parece-lhe bem, ou ... sugeriria outra ... alguma alteração, se pudesse?

Entrevistado – Não, eu acho que em termos de equilíbrio está razoável.

Entrevistador – E enquanto membro que foi deste conselho geral transitório, acha que teve ...que poder é que tinha no órgão, sentia que tinha algum poder para influenciar?

Entrevistado – Poder para influenciar acho que sim ... eu acho que a questão ... a minha maior preocupação é a eficácia do órgão em si. Do conselho geral, enquanto membro, senti com igual

poder e direito como qualquer outro membro. Obviamente não ... sendo, de uma certa forma externo ... quem está mais dentro do ... há certos assuntos que é mais dos professores falarem entre eles porque nós, os outros membros que não são os professores ... não estão tão dentro do assunto, então aí a pessoa sente menos eficaz. Por exemplo o próprio regulamento da escola, eu não tinha muitos pontos, grande coisa para dizer, mas acho que senti ... a capacidade de influenciar o que decide, o conselho sim. Qual é a eficácia em si, não sei.

Entrevistador – E ainda acerca disso, evidentemente considera-se preparado para representar os pais no conselho, portanto, sente-se à vontade nesse aspecto?

Entrevistado – Quer dizer, eu próprio, esta questão de poder ... eu acho que o poder no fundo tem a ver precisamente com a ligação que tem com os pais e nós este ano temos criado uma nova associação. Eu tenho feito vários ... aqui tenho-me ... envolvido em termos de associação de pais a nível da EB1, agora a nível geral do agrupamento e ... sinto, como pai e como membro da comunidade, sinto com esta capacidade, e também fizemos uma assembleia geral, com cento e tal pessoas e houve uma eleição nesse sentido, que também reforça esta questão, mas ao mesmo tempo gostaria que houvesse mais comunicação e ... eu próprio tenho tido, sobretudo este ano pouco tempo, então se continuar com tão pouco tempo se calhar não seria a pessoa mais indicada, porque não tinha tempo para ouvir mais os pais. Eu acho que o representante é muito fácil, isto ... ou seja, na política e em tudo, só fica representante e depois perde a ligação com as raízes, então eu acho que é muito importante criar esta dinâmica.

Entrevistador – Ainda sobre as com... agora sobre as competências do conselho geral ... acha que é adequado ser o conselho geral a ... a eleger o director, ou ele deveria ser nomeado, por exemplo, pelo ministério da educação, ou outra instância qualquer?

Entrevistado – Não, eu acho que devia ser o conselho ... eu acho ...

Entrevistador – Que deveria ser o conselho geral. Com isso concorda então, não é?

Entrevistado – Concordo, e acho que isto é um principio democrático!

Entrevistador – Portanto ... e concorda claro que o director preste contas ao conselho geral, como órgão de direcção, não é?

Entrevistado – Sim, mais uma vez em termos de ... entre esses ... a própria escola tem que responder à DREN, ao ministério da educação e à comunidade, então eu acho que esta estrutura bicéfala, eu acho que ... para mim faz todo o sentido.

Entrevistador – Agora, uma questão muito particular. Este conselho geral transitório elegeu um director e a seguir dissolveu-se. Agora vai haver outro conselho geral, acha que isto faz sentido ... porque ... de certa maneira, não havia um compromisso entre este conselho geral, que elegeu o director, não é? Que lhe demonstrou confiança. O director não teria que prestar contas a este conselho geral, e não a outro, que agora pode ter uma composição diferente, não é!? Isto faz sentido em termos de funcionamento do sistema, da representação?

Entrevistado – O próprio nome, transitório, imagino eu que tenha que ver com regras transitórias. Não me parece a solução ideal, mas provavelmente há factores que eu desconheço que foi necessário desta forma ... a mim não me parece o ideal.

Entrevistador – Já estou quase a indicar uma opinião, não é? Até minha. Mas, no fundo, não vejo outra maneira de pôr a questão, porque ... portanto, num sistema político, o eleito deve prestar contas àqueles que o elegeram, não é? Agora pode haver uma mudança grande e, hipoteticamente até, no futuro conselho geral poderia o director não ter apoio, poderia ser um conselho geral maioritariamente contra ... portanto as orientações ... as práticas do director, não é?

Entrevistado – Não, isto eu concordo não é ideal, mas ao mesmo tempo não é igual ao sistema político tipo de eleger um primeiro ministro, porque o ... primeiro é bicéfalo ... tem que responder ao ministério da educação, e depois o ... no caso de ... certas entidades, em política é mais óbvio, quando não há maioria cai, o primeiro ministro, cai o líder. Aqui não se trata de um sistema desta natureza, é um sistema misto, tem outros contornos, então também, parece-me que não é aí, que não é ... concordo que não é o ideal, mas sabemos que ... por exemplo, os representantes do município, em consequência das eleições podem, não acredito, mas poderiam mudar do cariz político e mudar os representantes. Os próprios pais tem de ter a capacidade, porque os alunos vão mudando, os pais vão mudando, ter esta capacidade de renovação. O período de contratação é diferente do período do conselho, e os próprios representantes tem que ter uma certa fluidez. Falamos o outro dia do caso de poder haver suplentes, por exemplo, se é um pai que durante seis meses fica fora do país, por exemplo, ou fora da zona, então neste caso haveria a lógica do

suplente. Isto ... acho que não é tão simples como o sistema político, onde há uma maioria e votam e cai a maioria e mudam.

Entrevistador – Mas, neste caso há um aspecto que é comparável, o CG pode tirar a confiança ao director e demiti-lo. Isso é-lhe possível ... é possível fazer, não é ... portanto podia haver ...

Entrevistado – Sim, mas isto acautela um pouco a sua preocupação. Ele ser eleito por um CG e a seguir a composição muda muito e há uma discordância muito grande, pode exigir ... está acautelado esse ponto.

Entrevistador – Sobre os órgãos da escola, basicamente podemos dizer que há três órgãos de administração e gestão, CE, agora será o director, o CP e o CG ... se lhe pedisse ... destes três qual é aquele que acha que é o mais importante?

Entrevistado – Quer dizer, qual é o mais importante? ... do ponto de vista do poder, digamos, é obviamente o director da escola ... que tem o poder executivo que é fulcral. Então, do ponto de vista de *real politique* quem tem o poder, é claro, quem ... dentro do sistema, a peça mais importante é o director!

Entrevistador – E, já agora, e o que tem menos importância?

Entrevistado – Dentro desses três ... eu acho que figura o facto que o CG é o órgão supremo, apesar que não trata desses ... um conjunto de questões, do âmbito pedagógico, eu acho que ... do ponto de vista teórico obviamente tem mais importância ... eu acho que do ponto de vista prático, provavelmente também tem relativamente mais importância do que o CP

Entrevistador – Neste momento é possível, à escola, ao agrupamento, propor ao ministério da educação um contrato de autonomia ... está mais ou menos a ver do que trata!? Acha que deve fazê-lo, este agrupamento?

Entrevistado – Eu estou em favor da autonomia, mas tem que reunir as condições antes de propor um contrato de autonomia, então eu, quando nós falamos ... eu ... quando as pessoas dão pretextos das regras da DREN, etc. para não fazer coisas, eu nunca concordo, eu acho que sempre é possível fazer bem, fazer melhor e mudar as coisas e estou muito a favor deste espírito de autonomia nesse sentido. Para ... não me parece neste momento, da dinâmica que eu vejo, que exista ... esta cultura de autonomia.

Entrevistador – E capacidade, sente que há?

Entrevistado – Provavelmente ... também tenho a impressão que está ... há uma mudança de sistema da organização e ainda não está bem assente ... ainda não está ... a poeira ainda não está bem assente para criar essas condições. Mas, a prazo ... a autonomia ... tem vantagens e desvantagens, porque se for uma autonomia que cria uma escola excelente, de referência, seria ... a favor. Também a autonomia podia ser uma via para reduzir a qualidade, então também é um perigo!

Entrevistador – E deve-se ou não correr este perigo, tendo em conta o conhecimento que tem desta realidade em que tem participado, acha que é ou não de correr esse risco? Sente que há condições nesta organização para ...

Entrevistado – Quer dizer, eu acho que o desafio para ... a escola tem condicionantes difíceis, tem uma ... é um concelho com uma população rural ... tem ... vemos nas listas publicadas no jornal o Público, a escola fica nos últimos vinte por cento, ficou no ano passado. Um dos factores que explica isto tem a ver com a própria comunidade e as pessoas, então eu também ... nem quero, nem pretendo que esta seja escola tipo nas primeiras vinte escolas do país, mas sinto que existe uma oportunidade para um passo em frente, em termos de outro ambiente da escola e outro rigor e outra qualidade do ensino e se ... se a autonomia era nesse sentido, eu estou muito em favor. Se continua a ser tudo mais ou menos igual, mas simplesmente há mais autónomo, não vejo vantagem.

Entrevistador – Mas, dito de outra maneira ... no caso de a escola conseguir então ... um contrato de autonomia aprovado, acha que haveria ou não o risco de ser uma autonomia dos professores, portanto ... será que a comunidade tem capacidade e vontade para participar também nessa autonomia e, de certa maneira também exigir a prestação de contas da escola, não é!? E participar nas políticas educativas?

Entrevistado – Esta é uma excelente pergunta ... quer dizer eu ... isto tem a ver um pouco com a questão da cultura democrática ... Portugal tem este ... desde o 25 de Abril, um lado muito ... de liberdade, de democracia e independência, mas também tem uma herança de ditadura e joga um pouco entre esses dois pólos ... isto nós sabemos que o nível local ... não é só aqui, em todo o país, às vezes a cultura democrática não é bem estabelecida, então o perigo da maior autonomia seria de ficar uma visão muito provinciana, muito fechada e ... e em termos desta questão que está a perguntar, em termos de envolvimento, eu sei que esta cultura democrática, por exemplo neste

conselho, está frágil, a meu ver, então poderia haver uma tendência que, quem exprime as opiniões acabem por alinhar com linhas políticas, etc. e na realidade ... se calhar seria mais um controlo ... da autarquia ... este é o perigo pelo menos ... de sair mais da esfera da centralização e ir mais para o poder local ... e isto eventualmente podia não ... essas questões são complexas ... por um lado tem a ver com cultura democrática e do outro lado tem a ver com a própria administração pública muito centralizada, muito baseada em Lisboa e de uma certa forma, estando numa zona periférica, criar mais autonomia podia ser uma maneira de criar uma dinâmica que o próprio ministério ignora ... então, é muito complexo.

Entrevistador – Então seria possível, por exemplo ... no CG há vários grupos representados, há os professores, há os pais, há a autarquia, interesses locais, os funcionários e até os alunos, não é? Mas nem todos tem o mesmo poder ... havendo essa autonomia alargada ... será que poderia haver aí um equilíbrio de forças ... a defesa dos interesses, por exemplo dos pais, que podem não ser os mesmos que os dos professores não é?

Entrevistado – Mas quando diz que não têm o mesmo poder, em termos práticos, ou em termos teóricos?

Entrevistador – Eu no fundo pergunto se acha que os pais, por exemplo, têm capacidade e poder para defender aquilo que julguem ser os seus interesses ... ou será que os professores defendem os interesses dos alunos e dos pais?

Entrevistado – Eu, sinceramente, no CG, apesar de ser matéria, o que estamos a falar todos os dias, todas as reuniões é a vida da escola, então a vida dos professores, afecta os professores muito mais do que nós, apesar que tenho as minhas filhas na escola, não é a minha vida profissional, afecta-me de uma forma diferente ... e eu sinto que existe uma certa abertura ... para se pronunciar e para ter decisões votadas. Onde eu tenho grande frustração é que não há, a seguir, acompanhamento, decidimos uma coisa e três meses a seguir ou um ano a seguir, nada mudou. Aí se realmente isto tem a ver com ... se realmente havia um ... dinâmica de diálogo entre o director e o conselho, onde o director tinha que realmente responder, aí ... o poder de qualquer representante, em termos formais é igual. Isto tem a ver com a cultura democrática e também é difícil ... eu por exemplo tenho feito dois anos do conselho e não sei se vou prosseguir para o ano que vem e, mesmo dois anos é pouco tempo para ver essas coisas.

Entrevistador – Mas quando põe a hipótese de, se o director fizesse aquilo que é proposto, mas ... em princípio ele deveria mesmo fazer, não deveria ... não poderia ter a hipótese de não fazer, porque o CG deveria ser o órgão de direcção que estabelecia os princípios segundo os quais deveria ser ...

Entrevistado – Exacto ... de direcção não ... a legislatura, ou ... mas eu pessoalmente acho que ... para mim a forma que devia funcionar é que o conselho deveria definir sobretudo linhas orientadoras para a escola, que apesar de não ser do domínio pedagógico, há uma vertente pedagógica, inclusivamente quando nós falamos do ambiente da escola, das actividades, do envolvimento dos pais e das próprias visitas de estudo, tudo isto, e o plano que o director tem para a escola, que obviamente tem todas as vertentes incluídas, eu, para mim, o conselho deveria se impor e ... fazer o director responder perante o conselho, mas com o novo modelo vamos ver. Eu também acho que essas coisas vão evoluindo, é cedo para dizer, mas para mim deveria ser um órgão com força.

Entrevistador – Uma questão que me parece ... que, para mim, é bastante importante mas, ao fim e ao cabo já foi respondendo, que era saber porque se candidatou ao CGT ... mas, dá-me a impressão que já foi sendo dito, não é?

Entrevistado – Quer dizer, deste ano, do ano passado, houve uma reunião dos pais e eu fui à reunião e ... foi ... pediram para as pessoas se candidatarem e ... eu aceitei e me candidatei, já tinha tido duas ou três pessoas a sugerir que eu o deveria fazer ... e ... achei que ... que eu tinha feito dois ou três anos como presidente da associação de pais da E.B.1, eu ... o ponto de contacto era sempre com a coordenação da escola e ... nem era sempre eficaz. Que eu lembro-me numa reunião da associação, o próprio professor Artur (entrevistador) falou na altura que se calhar faria mais sentido ser uma associação a nível de agrupamento. Eu na altura não queria, porque eu queria focar onde eu ... se eu tinha a minha filha mais velha lá, e queria focar no ambiente da escola, mas senti que realmente, que ela ia passar para o ... ou acho que já tinha passado no primeiro ano, e eu também ... não correu assim lá muito bem no início na E.B. 2,3 ... quis-me envolver e ... tentar ajudar nesse sentido.

Entrevistador – E ... portanto, como representante dos pais, tem havido alguma ligação entre os representantes dos pais e o ... portanto, e o corpo eleitoral?

Entrevistado – Sim, na realidade essa ... é o que eu referi, acho que esse canal de comunicação na realidade é fraco e deveria ser reforçado.

Entrevistador – E desse ponto de vista, as posições que defendeu no CGT, considera que as toma em seu nome, individualmente, ou como representante da ...

Entrevistado – É como representante, tem que ser não é? Senão ... porque eu estou lá enquanto representante, porque eu sinto isto um pouco como qualquer representante, em qualquer entidade ... e eu refiro isto no próprio CG ... eu penso ... tenho que representar o que eu considero ser os interesses dos pais, e não estou a falar dos interesses das minhas filhas ou ... nem nos meus interesses profissionais.

Entrevistador – E desse ponto de vista, acha que o CG tem conseguido promover a integração da escola no meio ... portanto, que é um dos principais objectivos ... a ligação entre a escola e o meio?

Entrevistado – Sim, eu acho que ele ajuda. Eu acho que de uma certa forma o canal de comunicação com os pais está mais ... porque não houve uma associação realmente a funcionar, isto é mais um ponto fraco da própria estrutura dos pais que o conselho ajuda. Mas eu como representante deveria ... eu próprio se calhar deveria ter dinamizado mais esta envolvência com os pais.

Entrevistador – E acha que os pais estão receptivos a isso, assim em geral, ou apenas há um pequeno grupo interessado?

Entrevistado – Na realidade é um pequeno grupo. Mas quando há ... é muito difícil mobilizar as pessoas... é um país com pouco cultura de...associativismo. Então não é fácil reunir as pessoas e a primeira reunião é sempre com mais pessoas e a seguir há cada vez menos ... não é fácil de ... de conseguir. Mas eu acho que, muitas das questões que temos debatido ... há muitas questões que nem é preciso o princípio de ser representante. Por exemplo se temos um representante no parlamento europeu ... o representante obviamente não pode estar sempre a consultar com as pessoas que a lei tem sobre essas questões, muitas das questões são ... técnicos. Mas ele tem que assumir que está que está a representar um conjunto de pessoas. E ... e... o facto de ter no CG pais a pronunciar sob o ponto de vista de pais, acho que isto só por si, ajuda.

Entrevistador – Sobre este período em que ... que funcionou o CGT tem assim uma ideia geral sobre o seguinte: aquilo que se discutiu, os temas, os assuntos e as decisões que se tomaram ...

acha que prevaleceu a defesa do bem comum ou as... estiveram em jogo os interesses de grupos, ou individuais? Portanto, o CG tem como referência tratar de assuntos...

Entrevistado – Acho que tem funcionado relativamente bem em termos do bem comum... Conforme referi, mas o ... os próprios interesses são diferentes, cada representante... mas eu, eu ... senti como membro inteiro do conselho e senti que estávamos a... mas ... eu acho quando a pessoa está muito contra... que eu tenho feito em termos de posição para defender os interesses dos pais prevalece o espírito de consenso... nesse sentido do bem comum.

Entrevistador – E... e senti que havia... alguma espécie de pressões, de pressão... sobre a actuação do CG? Ou portanto alguém em particular, algum grupo, alguma pessoa?

Entrevistado – Não! Na realidade não!

Entrevistador – Em relação à eleição do director, ao projecto que ele apresentou, tem... pode dar-me a ideia sobre ... a opinião com que ficou desse projecto? Não sei se o analisou mais ou menos...?

Entrevistado – Analisei... que eu posso dar a minha opinião... (riso).

Entrevistador – Exacto. Era essa opinião que eu queria.

Entrevistado – Quer dizer, eu ... muito ... eu não fiquei muito bem impressionado no sentido de ... sabemos que foi uma eleição que só tinha um candidato. Também ... uma pessoa não está a ler no pormenor o que ele era se tinha dois ou três candidatos. Pareceu-me que não ... a linguagem, a abordagem era muito técnica, não, não, ... não fiquei com uma ideia de espírito de linhas orientadoras numa escola; do ponto de vista estratégico, não fiquei com uma ideia de estratégia ... para a escola... de uma forma que a mim me satisfaz e, não fiquei com ideia de indicadores de desempenho, como falamos no próprio CG. O que para mim o projecto devia dizer, eu ... a minha filosofia é, entre aspas, o que eu quero conseguir é isto. Depois, a maneira como eu vou conseguir é isto, com estes métodos, e depois a maneira que vou avaliar se estou a conseguir ou não é esta, uma coisa muito ... de um lado teórico e filosófico o que eu quero, de outro lado muito pragmático, como é que eu vou conseguir. Para mim o projecto não era nada disto! Era uma coisa muito ... com uma certa ... com uma falta de clareza nesses pontos, que são os pontos fulcrais, que acho que isto também, em parte, também foi referido no CG. Também de não haver mais candidatos, não incentiva que seja de outra forma... que foi pena nesse sentido...

Entrevistador – E tem alguma ideia sobre por exemplo, porque é que não terão aparecido mais candidatos.

Entrevistado – Não.

Entrevistador – Não, nunca pensou nisso?

Entrevistado – Não ... quer se dizer ... eu ... Mas ... mas se calhar por pensarem que ia ganhar o candidato ... mas ... por dentro não sei.

Entrevistador – Portanto, há bocadinho penso que também já me respondeu a isto, o CG pode exonerar o director, portanto... concorda com isso?

Entrevistado – Sim!

Entrevistador – Portanto... faltou no dia da eleição do director, faltou à reunião? Por motivos pessoais com certeza?

Entrevistado – Sim, sim ... quer dizer, também sinceramente não fazia muito sentido... quer dizer... foi irrelevante de uma certa forma estar lá ou não. Mas acho que houve um.... Eu tenho tido estas últimas seis semanas, seis meses, um compromisso muito grande... eu, um estudo que estou a fazer...

Entrevistador – Dito de maneira mais clara, não faltou nesse dia propositadamente? Para não participar na eleição?

Entrevistado – Não, mas sinceramente também não senti ... nenhuma envolvência emocional... mas... eu não fiz... fui lá outro dia à sessão de posse, não foi da minha parte uma vontade de exprimir... mas de facto não senti que era relevante.

Entrevistador – Também me parece que já respondeu a esta questão... que era saber... se acha que o CG tem o poder para definir adequadamente a política do agrupamento? Mas isto já está respondido.

Entrevistado – Na teoria sim! Mas na prática acaba por não ter.

Entrevistador – Quase para concluir... olhando para trás, gostava que me desse uma opinião sobre a avaliação que faz da participação dos diversos representantes? Se quiser destacar alguém, algum, por exemplo dos alunos, dos funcionários, da autarquia, dos interesses locais... e claro dos

representantes dos pais. Portanto, como é que avalia assim em termos muito sintéticos a participação?

Entrevistado - Quer dizer ... dos alunos em geral não houve ... que foi pena. Há... há representantes muito mais activos do que outros, mas também acho isto normal... eles falam bastante se calhar falam normais, não sei... ou, ou... no fundo são colegas de uma entidade da qual eu faço parte... tou... eu sinto...tenho sentido que tem sido útil, eu próprio tenho faltado mais do que queria por motivos do trabalho que estava a fazer... que dizer... quando diz para destacar...

Entrevistador - Não ... por exemplo... quanto à participação, nas sessões em que estive, acha por exemplo que estes representantes... que fizeram propostas, que procuraram defender os seus pontos de vista... apresentaram ideias... ou tiveram uma participação um pouco mais passiva...?

Entrevistado - Quer dizer... podemos responder de outra forma. Quais são as entidades que sentimos que tem presença por exemplo, a pessoa sente que os professores tem presença, como é obvio, como ... parte interessada directa, exprimem...

Entrevistador - Mas uma maior presença ou uma presença quase hegemónica?

Entrevistado - Hegemónica não, mas é uma presença fulcral...

Entrevistador - Não considera que dominam em grande parte... a agenda, a ordem de trabalhos não é... e a própria...?

Entrevistado - Quem define a ordem de trabalhos no fundo é a presidente que também tem por lei de ser... um professor, professora... é óbvio que estamos numa entidade dentro da escola e eu até que gostaria ter maior envolvência da escola, outro dia quando fomos à sessão de posse e a pessoa sente que tem por trás quarenta e tal professores... eu gostaria de ter mais deste ... como representante eu gostaria de sentir mais qual é a escola e ouvir as opiniões dos professores... Então esta ideia democrática... eu... não me assusta... que seja os professores com uma palavra muito forte, acho que deveria ser e eu até que gostaria de ter mais... de ouvir as opiniões.

Entrevistador - Mas, eu aí regressava a uma questão mais antiga...

Entrevistado - Mas eu gostava de falar das entidades. Sinto que os pais têm conseguido ... uma voz relevante ... não tenho sentido de que realmente ... que as respostas são suficientes para ... os assuntos que estão colocados ... e do ponto de vista prático há uma frustração, sinto uma frustração mas em termos de exprimir voz acho que os pais conseguem ...

Entrevistador – E acha que há receptividade da parte, por exemplo dos professores, quanto à intervenção dos pais, à maior participação, à maior influência dos pais?

Entrevistado – Mais do ponto de vista teórico do que prático, sim. Em termos de sessões, sim. Depois não sinto grande resultado. Depois, do ... da Câmara ... também sentimos, mas ... o poder local tem um... uma presença... falada e uma presença subterrânea digamos, no sentido de que está ... obviamente é uma peça fulcral na própria estrutura do poder local aqui... tenho sentido uma voz mas também não... não dominadora, não numa tentativa de controlar a escola. Fora das outras entidades, acho do parque nacional... não, não tem aparecido, ou a voz é... não tenho sentido, das questões de saúde, quando é pertinente tenho sentido a opinião... mas não... na prática tem sido mais resumido em três, em termos de voz, o que as pessoas sentem... é mais dos professores, um pouco dos pais e um pouco da câmara, é o que eu sinto.

Entrevistador – Portanto, a... a participação dos representantes dos pais no CGT avalia-a como positiva? Assim... em termos globais?

Entrevistado – Sim ... eu acho que sim! No contexto do conselho, sim. É mais os outros para avaliar.

Entrevistador – Está a pensar, para já, disse-me há bocadinho, na hipótese de se recandidatar, não é?

Entrevistado – Sim, eu tenho que ver sobretudo também quem é eleito ... vai ser as pessoas a decidir... e... este ano que tem sido difícil para mim, eu próprio não tenho acompanhando a criação desse novo associação de pais como eu gostaria de ter feito, mas não consegui, era impossível. E então também gostaria de falar com as outras pessoas e ver quem é que acharem que tinha mais interesse. Eu...eu em princípio tenho esta disponibilidade mas, se ... há outras pessoas mais indicadas, não há problema.

Entrevistador – E... para terminar acha que... tendo em conta enfim a entrevista que foi feita ... considera que ficou alguma coisa interessante de fora ... que gostaria de referir, de acrescentar? Que estivesse à espera de que perguntasse mas não foi questionado? Não há assim nada de...

Entrevistado - Quer dizer, eu acho que... a linha subjacente a isto, parece-me a mim é, como é que a comunidade escolar, o que é a comunidade escolar e como é que esta comunidade escolar está a ser criada... e como assegurar a envolvência de todos os elementos da comunidade escolar? E então temos um quadro legal, temos as entidades e será que isto realmente está a conseguir ...

uma criação que eventualmente podia ir para lá da autonomia ou não, mas se, se ... realmente estamos a criar uma comunidade escolar como deve ser. Parece-me a mim que este é o objectivo ... e aí, ... eu acho que é muito, é bastante deficiente a estrutura actual ... como representante dos pais tenho tentado nas próprias reuniões ... frisar ... iniciativas que poderiam ... mudar ... isto. Por exemplo, a comunicação entre a escola e a comunidade ... poderia ser muito diferente, ou seja por via do site na internet, da ... amostra de trabalhos, ou fazer concursos, e os mais premiados ... momentos de convívio, de convidar os pais a virem ... o próprio o ... que constato é que na escola ... pré-primária, se a pessoa tem um ... uma, porque tem os pequeninos uma pessoa consegue ir lá dentro e falar com os professores e tem uma grande sentido do que está a fazer e os professores explicam os objectivos, etc. Na primária já há bastante distância, mas pelo menos uma pessoa tem a capacidade de ir falar com o professor, a partir do momento que entra no ciclo, quase perde o contacto e quando o contacto com o director de turma é feito tudo no mesmo dia e a pessoa fica lá duas horas à espera que ... eu não tenho tempo, é muito difícil, então, estas são as questões que vão muito para além da questão do CG, que tem a ver com qualquer pai, qual é a envolvimento e nisto não estou nada satisfeito.

Entrevistador – Mas por exemplo essa questão, que acabou agora de referir, de ir a uma reunião com o director de turma e ficar duas horas à espera. Não podia ser um assunto para os pais ... proporem que se resolvesse no CG, que saísse de lá uma orientação?

Entrevistado – Sim! Eu acho ... provavelmente quando falou da agenda, na realidade a agenda é muito feito muito mais pela escola, pela presidente do conselho ... e os pais podiam ter um papel mais activo ... eu ... as construções que eu tenho, isto também tem a ver com não ter uma associação de pais em condições e eu... e também há factor de tempo se eu tenho mais tempo podia promover isto ... o ... próprio dinâmica, esta questão de associativismo de que eu falei também é um problema, porque na EB1 eu senti que estava a tentar fazer muitas coisas e depois tinha muita má-língua atrás e desisti um pouco ... Não é de todo fácil, a pessoa às vezes sente-se um pouco desincentivada, então acho que de facto há, para criar uma comunidade escolar como deve ser tem muitas vertentes e não passa, o CG é um instrumento para conseguir isto. Então se calhar o que falta digamos na entrevista é quais são as medidas necessárias para conseguir isto. Um exemplo como que eu falei de ... um dia aberto. Eu sei que este fenómeno de distanciamento entre os pais e a escola é um pouco universal e senti a mesma coisa, na minha infância, nas escolas. Mas o facto de ter um dia onde os pais podem ir ver os trabalhos, ver se calhar um

espectáculo ou um concerto e sobretudo falar com todos os professores ... eu deveria ... eu não sei quais são os professores de Matemática, Inglês, eu não sei quem são? Então, eu acho que deveria haver uma possibilidade de comunicação e ... e outra atitude de envolvimento ... acho que deveria haver medidas estruturais para conseguir outra envolvimento que sem dúvida não vai ser todos que aproveitem, mas que isto tem a ver com a tal cultura democrática. A partir do momento que existem estruturas nesse sentido, com o tempo vai evoluir, que vai ter sempre pessoas, já vi muitos pais que a partir da primária que diz ao professor quando é o meu que se porta mal, bate-lhe e eu dou-lhe a minha licença e depois não querem saber muito mais do que isto. Há muitos pais que não querem este tipo de diálogo, mas acho que se existem ... e que eu também o reconheço a falta de tempo, etc., não vamos ter a possibilidade de todos os dias os pais falarem com o professor. Mas acho que se existem, pode haver outro tipo de canais de comunicação que criem outra envolvimento e que poderia criar uma comunidade escolar bastante diferente do que temos. E acho que isto ... eu tenho visto por exemplo, a associação de pais é uma estrutura que ... isto não tem a ver com o conselho, é uma estrutura que deveria ter outra dinâmica, e quando fiz pesquisa na internet, vi que há exemplos de associações que trabalham muito bem, mas isso tem que ser sempre em sintonia de uma certa forma com a escola. E isto também vai para além da questão do CG. O próprio ... dinâmica, diálogo entre a associação de pais e a escola poderia ser muito diferente ... e tem que haver uma ... disponibilidade do lado de escola para criar isto, mas eu reconheço que também não é fácil. Mas parece-me a mim que o que está subjacente a tudo isto é como criar uma comunidade escolar como deve ser e quais são as medidas.

Entrevistador - Ótimo! Já estou esclarecido quanto à opinião do representante dos pais, agradeço-lhe a entrevista.

Entrevistado - De nada.

Professora - Madalena

Dia 23/06/09;

Entrevistador - Ia começar por te perguntar qual é o teu tempo de serviço.

Entrevistada - Dezoito anos, aproximadamente, sem exactidão.

Entrevistador – Uma questão, assim de âmbito geral, sobre a situação da educação, em Portugal ... qual é a tua opinião? Aspectos positivos, negativos, por exemplo ...? De forma muito sintética.

Entrevistada – É uma questão que é ... que é um bocado vaga. A sensação que eu tenho, e os dezoito anos de serviço ajudam-me a isso é que ... as coisas têm se tornado um bocadinho mais complicadas ... em termos de exercício da profissão. Por um lado é ... não sei, se é o clima que se vive lá fora também ... que evidentemente influencia aqui o que se passa cá dentro mas, eu costumo dizer isto assim de uma forma muito corrente, que eu noto uma diferença enorme em termos ... a todos os níveis nos alunos. Falta de educação, falta de comportamento cívico, eu só tenho secundário, não é!? Eu, a mim choca-me ter que dizer a alunos do 10º ano ... como é que devem comportar-se ... nem é só dentro de sala e em relação a mim, é em relação a eles próprios, entre eles, estás-me a perceber? Por isso, a minha opinião sobre a educação é que as coisas têm vindo a piorar sucessivamente com o passar dos anos. Quais são as causas? Se calhar são imensas ... são inúmeras ... é muito complicado agora ... as coisas não me parecem nada fáceis. E depois, é assim, o caminho que isto leva ... apesar de as pessoas acharem que ... se calhar não é bem, a minha ... posição é esta, mas é assim, há aí modalidades de formação e de ensino com as quais eu não concordo minimamente e acho que se está a brincar!

Entrevistador – Como por exemplo?

Entrevistada – Como por exemplo, é isso de novas oportunidades, EFAs e afins.

Entrevistador – Porquê?

Entrevistada – Porquê? Tu achas que há seriedade no trabalho que é feito? É assim, eu só posso falar, ainda não por experiência própria mas por casos que vou conhecendo, de situações que vou ouvindo, e aqui se calhar na escola ainda funciona com alguma ... qualidade! Porque eu ouço pessoas dizer que fazem lá fora, o 9º ano, por exemplo num mês, é ... a irem lá duas horas por semana ... e coisas assim.

Entrevistador – Já foste falando também sobre a situação da educação aqui neste agrupamento ou nesta escola mais propriamente dito, mas ... haveria mais qualquer coisa a destacar em relação ...

Entrevistada – O próprio ensino profissional e os cursos de educação formação, sabes para que é que existem, não é. Eu concordo perfeitamente que é preferível que os alunos estejam aqui do que

abandonem e sistema escolar. Isso, quando ... se eu tivesse que optar entre, eles vão abandonar a escola antes da escolaridade obrigatória ou vão ficar aqui a fazer alguma coisa, evidentemente que eu diria logo vão ficar aqui a fazer alguma coisa. Mas é, ficar aqui a fazer alguma coisa, não é a passar aqui um ano ou dois anos a fazerem de conta que estão aqui, a aprender alguma coisa. Porque a maior parte dos cursos de educação e formação, os meninos andam a fazer de conta, que aprendem uma profissão, que não aprendem! É pior que não aprenderem uma profissão, não aprendem ... lá está, não têm comportamento cívico, nenhum. Porque nada disso lhes é exigido, coitadinhos, são CEFs. Assim como, coitadinhos são cursos profissionais. É um bocadinho aquele discurso, lá em cima no CG quando se debatiam os critérios (eu vou evitar nomes) da PAP, e não sei que mais, coitadinhos são NEEs. E porque são NEEs vai-se pôr a fasquia debaixo dos sapatos? Isso não é ... inferiorizá-los ainda mais? É dizer-lhes, nós não temos expectativas nenhuma, em relação a vós. Quando acho que não deveria ser assim.

Entrevistador – Quanto a esses problemas que há na nossa escola, como é que eles se poderiam resolver? Por exemplo, quem é que pode intervir ... a esse nível? Ou quem deveria intervir? Mais os professores, os pais, os alunos, o director, a autarquia, o Ministério da Educação?

Entrevistada – Não sei se isto é fácil. Eu acho que o que falha ... eu ... antigamente dizia que o que falhava era ... era a coordenação entre a equipa de professores. Mas por exemplo nos CEFs, posso pegar no exemplo dos CEFs, embora nunca tenha leccionado CEFs mas conheço mais ou menos como é que funciona. Eles têm reuniões semanais. A equipa pedagógica reúne-se semanalmente. Se fizer falta o acompanhamento do psicólogo, neste caso é uma psicóloga, está disponível para ... tanto quanto eu sei, os pais quando são aí chamados, regra geral comparecem. Porque ... o dinheirinho também conta, também interessa, não é! O que é que falha então? Eu acho que falha, que continua a falhar a coordenação, não é por os professores se reunirem que coordenam as coisas. Muitas vezes, nesses miúdos acho que tinha que se começar por lhes dar formação cívica.

Entrevistador – Mas então achas que estes problemas se poderiam resolver ao nível da escola? Que não é preciso a intervenção do Ministério, mais orientações ...?

Entrevistada – Acho que sim ... Eu acho que não ... eu tenho essa ... se calhar é um bocadinho utopia, mas eu acho que não. Eu acho que nós conseguíamos resolver os problemas quando quisermos realmente resolvê-los ... mas agora é preciso que toda a gente os queira resolvê-los. Porque vais encontrar sempre resistências mesmo dentro do Conselho de turma. Há sempre quem

diga, ai comigo eles portam-se bem, ai comigo não tenho esses problemas, não é! Até pode não ter pontualmente ou ainda não ter, mas o facto de ainda não ter, não significa que não possa vir a ter e que não devesse colaborar com o resto da equipa que se queixa de ter. Mas a postura muitas vezes das pessoas é ... ai eu nunca tive esse problema ... ai isso nunca aconteceu comigo. Este ano uma turma do profissional que eu tenho, na primeira reunião que fizemos, que foi no primeiro período e que fui eu que pedi a reunião. Eu tenho noventa minutos por semana com eles ... e eu achava que havia lá alguns com comportamentos que eram desadequados à sala de aula e achei que todo o conselho de turma devia ... devia concertar atitudes e formas de actuar com eles, etc. Pedi essa primeira reunião e pus a situação. A maior parte das pessoas disse: eu nunca reparei nisso, eu não vejo isso, não sei, houve uma pessoa que até me disse assim, não sei como é tu, a teres noventa minutos por semana consegues detectar isso! Houve lá uma pessoa que me disse isto. Na última reunião que tivemos que foi este período, a única pessoa que já não se queixou fui, eu. Porque eu resolvi o meu problema na minha aula. Eles é que não quiseram vê-lo!

Entrevistador – Mas detectaram mais tarde?

Entrevistada – Não sei se detectaram mais tarde, Artur? Porque é que eu detectei naquela altura ... e eles não? Até os que tinham mais ... que até, do conselho de turma, sou eu que os tenho menos vezes por semana, porque é que não detectaram?

Entrevistador – Então, há algum problema em reconhecer ...

Entrevistada – Eu acho que não, as pessoas numa primeira fase não quiseram reconhecer, porque o discurso era: ai estes à beira de outros até são muito bem comportados, ai estes até não sei o quê ... ai eu isso até já não me chateia. Tu achas normal, que um rapaz e uma rapariga estejam em plena aula, um em cima do outro, literalmente assim! Eu não acho isso normal para uma sala de aula, querem fazer isso lá fora que o façam, eu não tenho nada a ver com isso. Na minha aula, não! Não sou moralista ou coisa que o valha ... e houve uma pessoa do conselho de turma que eu fiquei abismada, que eu nunca esperei ouvir uma resposta daquelas, daquela pessoa que me disse: ai é disso que me estás a falar, eu já nem ligo! Portanto, o problema existia, não achavam é que valia a pena resolvê-lo.

Entrevistador – Não valorizam esse

Entrevistada – Só que ... quando as situações, quando a coisa se agravou foi agora no terceiro. E agora no terceiro período vem com a ... como é que se vai fazer ... como é que se vai fazer o quê ... tarde de mais! Devíamos ter resolvido o problema logo!

Entrevistador – Em relação a estes problemas que ...

Entrevistada – Por isso é que eu acho que a maior parte deles tem resolução interna, não estou dizer que sejam todos, mas a maior parte deles. Com um bocadinho de esforço, as pessoas resolveriam se ... fossem solidárias.

Entrevistador – E, achas que o ... CG, por exemplo, pode ter algum papel nisso? Na resolução desses problemas?

Entrevistada – Dificilmente, muito dificilmente.

Entrevistador – O facto de ali se encontrarem representantes dos pais ...

Entrevistada – Das várias ...e achas que há ... ligação directa ... depois? Tu deves ter estado, eu não estive, sabes que eu não estive mas tu deves ter estado na assembleia onde foram escolhidos os pais que lá estão em representação. Dá-me a sensação que basicamente representam-se a si próprios ... foram candidaturas espontâneas ... ou ...

Entrevistador – E os professores que lá estão? Será que também não se representam a si próprios?

Entrevistada – Também ... mas pelo menos foram eleitos, alguém votou neles. Se estás lá, alguém votou em nós ... e os pais também ... mas o que eu quero dizer é que, a ligação se calhar é mais distante ainda. Nós de qualquer das maneiras trabalhamos no meio dos nossos pares, ainda vamos trocando impressões, e vamos auscultando, e ouvindo queixas e etc. Com os pais não há quase comunicação, não há comunicação, basicamente não há. Portanto, eu acho que tem que ser uma ligação mais próxima ... claro que o ideal seria isso. O ideal seria estar lá, o elo de ligação com a associação de pais e a associação de pais ter capacidade de ... mobilizar os pais no sentido de participar, há este problema, vamos ... vamos resolve-lo, não sei se será assim tão fácil.

Entrevistador – E ... a criação do cargo de director ... será que vem ajudar a resolver esses problemas ... com as competências acrescidas que ele vai ter ...?

Entrevistada – Eu respondo-te a essa questão ...

Entrevistador – Eu falo da criação do cargo de director em geral ... de acordo com o decreto 75 de 2008.

Entrevistada – Eu sou ... quero dizer ... cem por cento contra o novo regime de autonomia das escolas. Se eu mandasse era por aí que eu ... que eu deitava o edifício abaixo. Estás a perceber! Há gente que anda a lutar contra a avaliação, eu também luto contra este sistema de avaliação, há gente que anda a lutar contra a divisão da carreira, também luto contra a divisão da carreira, mas luto, primeiro, contra este regime de autonomia. Eu não vivi a escola com um director. Portanto, não vivi a escola antes do 25 de Abril ... é um retrocesso de ... quantos anos? É um retrocesso de ... muitos anos. Voltamos à figura do director com os poderes que tem! Quero, posso e mando! Portanto, eu acho que a figura de director não resolve rigorosamente nada, a não ser que seja por caminhos tortos, enviesados, do género, se há avaliação e se vamos ser avaliados pela nossa relação com os alunos ... os resultados que temos com esses alunos, nós vamos adulterar esses resultados, ou seja, vamos fazer de conta que está tudo bem que é para o director ficar contente connosco, com o nosso trabalho.

Entrevistador – Mas ... tendo em conta que de facto vai haver um director já, neste agrupamento, que qualidades é que achas que o director deveria ter ... o director ideal, digamos assim?

Entrevistada – O principal seria a capacidade de liderança ... Mas... dizem os estudiosos da matéria que quê ... dois por cento das pessoas nascem com capacidades inatas, não é, de liderança, dois ou três por cento, portanto, seria um tiro de sorte muito grande que nós apanhássemos logo aqui com um. Agora a liderança também se aprende ...

Entrevistador – E os poderes que a lei lhe atribui ... não são suficientes? O facto de estar na lei que ele tem determinados poderes para decidir, autoridade ...

Entrevistada – Suficientes são. Se calhar até são mais ... até ultrapassam o suficiente ...

Entrevistador – Mas serão suficientes para criar líderes?

Entrevistada – Não. Porque não é assim que se cria líderes. Lá está, líder é, ou nasces líder, com características de líder, ou aprendes ... há técnicas, métodos de resolução de problemas quando estás em cargos de chefia, etc ... ou és, por natureza, ou aprendes a ser. Não é por teres mais, por a lei te dar mais ou menos poder ... que tu vais ser um bom líder, não é ... um bom líder.

Entrevistador – E achas que a escola tem autonomia suficiente ou ... és a favor de que exista mais ... que a escola tenha autonomia, achas que tem suficiente ...?

Entrevistada – A experiência diz-me que as pessoas não querem a autonomia ... eu estou a falar em geral. As pessoas não querem a autonomia porque ... isto é uma batalha que eu tenho ... velha ... já, já é uma batalha da secundária. Quando se trata de regulamentos internos por exemplo ... eu para mim entendo um regulamento interno como ... algo que vai regulamentar os ... as lacunas da lei, a ... os meandros, não é, aquilo que falta ... que a lei ... é ... é por definição genérica e abstracta ... não é!? E depois é preciso aplicá-la a situações concretas, então, vamos antecipar quais são as situações que vão precisar de ser regulamentadas, vamos fazer isso no regulamento interno. Todos os regulamentos internos que eu tenho visto, são um repositório da legislação, nunca vi um que se atrevesse a ir mais longe que, ou então eventualmente até a ir um bocadinho contra, não é!? Porquê? Porque as pessoas têm medo! Aí ... é que eu acho ... aí é que eu gostava de ver as escolas a exercer ... a usar a autonomia que lhes é dada. Não o fazem ... não o fazem, porquê? Porque têm medo! Têm medo depois da responsabilidade que isso acarreta. Se alguma coisa corre mal, são vocês ... que regulamentaram assim, vocês é que quiseram que assim fosse. E as pessoa têm muito medo. Esta história do estatuto aluno, que tanta polémica tem dado aí, era uma questão ... que, é uma questão que goste-se ou não daquele discurso da ministra naquele famoso domingo, ela não deixou de ter alguma razão! Porque as escolas tinham o poder para regulamentar a aplicação daquilo e não o fizeram! Limitaram-se ... a ir ... apenas ... fazer o que lá estava, que é vago ... não é!? Não se aplica a toda e qualquer situação!? Lá não estão tipificadas as situações todas que podem ocorrer. Quantas vezes, eu no conselho de directores de turma pedi, vamos tentar regulamentar isto, vamos ver. Para mim, não é a mesma coisa, um aluno faltar ... três semanas consecutivas ou ... faltar hoje uma vez, daqui a um mês, falta outra, e não sei quê ... não é!? Faz sentido fazer prova de ... de ... avaliação num ou noutro caso, não faz! Para mim não faz! Ninguém se atravessou, percebes, a regulamentar isto. Por isso ... se a autonomia é boa, eu acho que é boa, é boa se eles, se as pessoas a quiserem aproveitar no seu lado positivo. Alguns casos que eu conheço, que ouço falar, de escolas que já estão com autonomia, por exemplo, Caldas das Taipas, que tem lá ... um irmão do Luís, (não devia dizer nomes, mas não interessa), o irmão do Luís trabalha lá, e vou conhecendo mais ou menos como é que aquilo funciona. Quer dizer, é assim, a autonomia ali, é basicamente uma autonomia, financeira e que lhe permite, ou permitirá a curto prazo, a ele director, contratar as pessoas que ele quiser e mandar embora os

que ele quiser, não é!? Essa autonomia é a tal autonomia que é dada, é o tal poder discricionário que é dado aos directores por esta lei ... mas que não é uma autonomia responsável, ou pelo menos não é responsabilizada.

Entrevistador – Mudando um bocadinho de assunto ... de orientação das questões ... sabes se existe associação de estudantes na escola?

Entrevistada – Neste momento acho que não! Acho que não! Porque eu tinha, por acaso até, as minhas duas turmas que tenho tinham uma lista numa e uma lista na outra!

Entrevistador – Mas não chegou a ...

Entrevistada – Não chegou a desencadear-se o processo eleitoral, nunca percebi porquê!? Alguém ... lhes disse que era melhor esperar e não sei o quê ... nunca percebi muito bem como é que funcionou!

Entrevistador – Sobre a composição do CG? Concordas ... com ... a composição que ele tem?

Entrevistada – Estás a falar da que vai ter, porque este transitório era ... era ... instituído pela legislação, não é!? Estás a falar do próximo ... que foi ... do regulamento interno.

Entrevistador – Portanto, quanto ao número de representantes ... dos professores ...

Entrevistada – Deixa ver se eu me lembro ... aquilo está ... oito professores, dois funcionários, na mesma, dez, e nunca poderia ser mais que dez, o conjunto dos dois, não é ... por causa dos vinte e um ... limite máximo ...

Entrevistador – Depois, três da autarquia ...

Entrevistada – Três da autarquia, dois dos interesses locais, cinco, dois alunos, sete ... e quatro pais?

Entrevistador – E quatro pais!

Entrevistada – Que é o que está actualmente, não é!?

Entrevistador – Sim ... e dois funcionários ... já tinha dito.

Entrevistada – Já tinha dito. Estava a pensar, a pensar nos outros onze. É assim, eu se pudesse ... eu se pudesse limitava o poder da autarquia. É das coisas que a mim mais me choca neste regime de autonomia é ... é o peso excessivo que o poder político tem nas escolas, não é ... que é isso que querem ... mas que ...

Entrevistador – Pois ... e em relação ao ...

Entrevistada – Eu diminuiria aí! Diminuiria, em troca de quê? Como não podia ser nem mais professores nem funcionários ... não me choca a ideia, a hipótese de serem dois alunos do secundário ... e portanto serem três alunos no total. Porque parece-me a mim que um ... aluno a representar cinquenta ou sessenta, e depois um outro a representar quê ... oitocentos!? Quantos alunos é que há no secundário ...? Não faço ideia, mas, do décimo ao décimo segundo há sempre para aí umas seis turmas, três vezes seis dezoito ... menos alunos se calhar ... mas sempre trezentos e tal, quatrocentos, quinhentos alunos, não é!? Um, representa trezentos e tal, ou quatrocentos, ou quinhentos e outro representa para aí cinquenta que são ... que devem ser mais ou menos os alunos ...

Entrevistador – Estás a referir-te ao nocturno?

Entrevistada - ... do nocturno, não é!? Não me chocava que houvesse dois alunos a representar o ensino secundário diurno.

Entrevistador – E em relação ao número dos professores? Achas adequado? Sete, oito, oito no futuro ...

Entrevistada – Oito, se calhar é o máximo que nós poderíamos ... onde poderíamos ir ...

Entrevistador – Mas ... em relação a essa limitação que está na lei?

Entrevistada – Ai não! Porque é assim, a partir do momento, vamos pôr a hipótese ... eu sou defensora dos regimes democráticos, não é, e portanto acho que, que ... o órgão de gestão devia ser, devia ser um ... conselho executivo como era e devia ser eleito pelos professores, pelos alunos, pelos funcionários, pelos pais, tudo bem! Para mim estava bem assim. A partir do momento que deixa de ser assim, eu continuo a achar que quem devia ter maior poder ali deveriam ser os professores e funcionários, poder entre aspas, número de votos. Portanto, nós ...

Entrevistador – No CG?

Entrevistada – No CG! Nós deveríamos ser sempre ... mais de cinquenta por cento e nunca menos de cinquenta por cento e isto ... sempre em detrimento do poder político ... não é!? Não me choca nada a participação da comunidade, não me choca nada que haja um elemento da autarquia como havia na ... nas ... antigas assembleias ... gerais ... assembleias de escola ... choca-me que eles tenham o poder que têm! São muitos!

Entrevistador – Neste ... este CGT elegeu um director, a seguir extinguiu-se e vai haver agora um outro CG!

Entrevistada – Já ... já se extinguiu? Isto agora é uma questão minha!

Entrevistador – Ou está em vias de extinção!

Entrevistada – Está em vias de extinção!

Entrevistador – Mas a questão é esta ... achas que faz sentido que o ... o director vá prestar contas a um CG que não o elegeu? Portanto ... não sei se estás a entender?

Entrevistada – Eu estou a perceber perfeitamente.

Entrevistador – Aliás até podia mudar a ... portanto, ele ... nesta eleição teve doze votos ... para ser eleito ... portanto ... contará com ... o seu projecto contará com o apoio de doze ...

Entrevistada – Doze elementos que podem lá não estar no ... CG que vai ...

Entrevistador – ... que depois disso pode ser alterado ... e pode depois ter lá ... um conselho ... adverso, não é! Portanto ... que até lhe ... que até ... em última análise lhe poderia tirar o apoio ...

Entrevistada – Exacto ...

Entrevistador – Será que faz sentido este ... esta ... este sistema ... para ...

Entrevistada – Por isso é que os professores, se calhar por isso é que os professores e os funcionários estão em número inferior a cinquenta por cento, não é, que serão aqueles que terão uma maior rotatividade em termos de ... aplicação deste modelo. Os outros ... os outros estão em representação de instituições ... e à partida, mesmo que mudem as pessoas, continuam a ser as

mesmas instituições. Portanto os apoios, os apoios ou as ... as políticas, digamos assim, para a escola manter-se-ão independentemente das pessoas que ali estiverem, não é!?

Entrevistador – Achas que o agrupamento devia ... partir ... para a proposta de contrato de autonomia ... que estão previstos, não é ... na lei?

Entrevistada – Pois ... os tais ... não sei! Não sei ... sinceramente não sei.

Entrevistador – Mas ... claro tendo em conta as condições actuais na escola.

Entrevistada – Tendo em conta a situação ... esta situação em que nós estamos, a situação dos directores, acho um perigo! Esses contratos de autonomia ... percebes!? Acho perigosos! Porque ... tudo depende daquilo que se pretenda fazer com esse contrato de autonomia ... não é!? Isso tem muito a ver com aquela opção!

Entrevistador – Achas ... posso concluir que achas que ... não havendo ...

Entrevistada – Se fosse um conselho executivo eleito ... como era até aqui, a partir para um contrato de autonomia ... estou de acordo, subscrevo inteiramente. Corria mal, nas próximas eleições vamos ver, vamos avaliar isso e sentiriam a opinião de ... nesta situação de eu ... de pessoa que eleita, da forma que é eleita, não é, que acaba quase por ser escolhida ... não é ... vamos dizer designada quase, é ... é um perigo! ... Pode-lhes dar ... armas que eles até ainda não têm!

Entrevistador – Em relação ao, ao ... portanto, três órgãos mais importantes na escola, de direcção, gestão, não é ... o conselho executivo, que agora será o director, o pedagógico e o CG, eras ca... qual consideras que é o mais importante e o menos importante? Se ... se fosse possível estabelecer uma hierarquia?

Entrevistada – Se eles funcionassem em pleno...de acordo com todas as suas competências ... continuaria a achar que é realmente do topo, é o CG ... se fosse realmente assumido. E de seguida o Conselho Pedagógico ... Porque é assim ... isto tem depois a ver com perspectivas, se calhar tem a ver com a minha formação. O conselho executivo não passa disso ... Estás a imaginar uma empresa ... não é?! Imagina uma empresa ... podemos comparar ... há uma administração, vamos supor, a administração define ... linhas orientadoras de actuação para médio e longo prazo ... define que objectivos é que se querem atingir e alguém, que está abaixo, os vai executar! O

conselho executivo é isso mesmo. É alguém que está abaixo de quem ... define ... linhas orientadoras ... sejam mais gerais, como é o caso do CG, sejam mais específicas, relacionadas com aspectos pedagógicos como é o conselho pedagógico e o conselho executivo não passa de mero executor ... não é!? Vai de acordo com o lhe foi determinado superiormente fazer, e prestar contas. Esta, este é o meu entendimento de como deveriam funcionar estes órgãos. Se quiseres pôr ... não me choca pôr o CG e o Conselho Pedagógico ao mesmo nível hierárquico, não me choca rigorosamente nada! O conselho executivo sempre abaixo destes dois ... sempre! E portanto um director também!

Entrevistador – Tenho aqui uma pergunta que é um bocadinho ...

Entrevistada – Devia chamar-se director executivo. Este conceito já andava por aí nas pautas e etc, não é ... de director executivo, agora acho que caiu o termo executivo, pelo menos nesta legislação não se fala em director executivo, fala-se apenas em director. Eu continuo ... sou defensora de que a existir a figura de director deve ser um director executivo ... percebes ... por esta perspectiva ... alguém acima ... define o que é que ele vai fazer ... ou quais são os objectivos a atingir ... linhas orientadoras que ele deve seguir.

Entrevistador – Tendo em conta a tua experiência no ... CG ... consideras ... fazendo um balanço, consideras que estás preparada para representar os professores lá?

Entrevistada – Em geral, acho que sim! Quer dizer ... sou uma pessoa que se preocupa minimamente em ... em ... estar por dentro dos assuntos, em ir questionando, o ver o que funciona bem e o que funciona mal e ... tentando contrapor, não é, de alguma forma, agora ... se é que alguém está preparado para, também não sei, não é, ... vamos estando, aos pouquinhos ... e também é por isso é que temos ... diferentes capacidades de intervenção lá, não é!? Não intervimos todos da mesma maneira, ou acerca dos mesmos assuntos ... se calhar até ... é bem-vindo que sejamos de áreas até de áreas disciplinares diferentes, isso cria ali algum ... alguma multidisciplinaridade que é ... enriquecedora ... acho eu, não é!? De haver gente ... eu por exemplo, sinto-me a zero no segundo ciclo, quase a zero no terceiro e se calhar há gente da mesma forma que eu me sinto, em relação ao secundário, não é, que eu vou estando mais por dentro ... acho que acaba por ser ...

Entrevistador – Ótimo ...

Entrevistada - ...produtivo!

Entrevistador - Achas que há algum tipo de assuntos que não se deveriam tratar no CG? Ou ele deve estar aberto a todo o tipo de questões, de problemas, de ... que os seus elementos ... queiram levar? Seja dos interesses dos grupo ...

Entrevistada - A legislação ... implicitamente atribui-lhe as competências todas, não é!? Que até aquilo que o pedagógico antes aprovava ... agora emite pareceres e o CG aprova. Portanto, acaba por quase não ser excluído nada. Eventualmente, até aqui seriam excluídas questões de carácter pedagógico, que aí era ... antes era ... era a assembleia que emitia parecer e o pedagógico é que aprovava, não é, agora é um bocadinho o inverso, não é!? Portanto até nos ... nas, nas ... questões pedagógicas o CG intervém. A mim, lá está, choca-me um bocadinho isto, choca-me, isto é, eu continuo a achar que eles deveriam estar lado a lado, os dois órgãos, topo, serem como que ... tipo ... um funcionava como apoio ao outro ...

Entrevistador - Complementarem-se ...

Entrevistada - Complementavam-se, apoiavam-se e não assim, e não assim como estão.

Entrevistador - Porque é que te candidataste ao CG ... alguma razão em especial?

Entrevistada - (Risos) a minha maneira de ser reivindicativa não me deixa ficar quieta ou dificilmente me deixa ficar quieta, nessas circunstâncias! Mas sabes qual é a razão principal, principal? Eu sempre detestei listas únicas. Eu fico ... eu ficava ... danada, quando por exemplo, aqui na secundária havia eleições, ou para o conselho executivo, ou para a assembleia de escola, e só aparecia uma lista ... estás a perceber!? Acho que mesmo que eu fosse apoiante daquela lista ... eu ficava desmotivada, logo. Acho que tem que haver debate, eu acho sempre que é ... que o debate, a discussão de ideias diferentes é sempre enriquecedora ... sempre. Desde que as pessoas aproveitem alguma coisa daquilo, claro!

Entrevistador - E ... depois de ... das eleições e portanto, a partir do momento em que começou a funcionar o CGT, manteve-se algum tipo de articulação entre os professores eleitos e ... a base eleitoral? Portanto ... aqueles que o elegeram? Há essa ... há essa comunicação ... entre eles?

Entrevistada - É assim! Eu com, com os colegas que tenho aqui, sim. Vou falando, ia falando e não sei quê, de maneira a saber também, quais as opiniões e etc.

Entrevistador – Mas ... informalmente?

Entrevistada – Informalmente! Nunca fiz assim ... gostava muito fazer conselhos de estado, mas nunca fiz! Confesso que com ... com as duas pessoas do primeiro ciclo e do pré-escolar que fizeram parte da minha lista, com a do pré-escolar, ainda ... de vez em quando falamos, até porque nos relacionamos, fomos colegas. Mas ... basicamente ... zero!

Entrevistador – Quanto à relação entre os ... os órgãos, não é, de direcção e gestão da escola, consideras que o CG tem de se submeter à vontade do director? Deve procurar impor a sua vontade ao director? Deve-se submeter à vontade da administração central ou ... guiar-se por uma ideia de autonomia, pela independência? Assumir essa ...

Entrevistada – Estamos a falar do que deve ...

Entrevistador – Sim, da tua opinião ...

Entrevistada - ... que deve ... evidentemente que o, o ... CG não deve nem submeter-se nem impor, mas se tiver que impor tem que fazê-lo, submeter-se nunca, não é!? Então, se é o CG que tem como funções ... não diria inspeccionar, mas verificar, controlar a actuação do director, não vai poder submeter-se a ... nunca, não é!? Teoricamente isso nunca deve ser feito. E a administração central, à administração central vai submeter-se ele, director provavelmente, não é!? Portanto ... é isso, que lhes está destinado, não é! Porque é que é que lhes pagam? Para eles servirem de ...

Entrevistador – Mas ... o CG deve-se preocupar muito com a ... aquilo que quer a administração central?

Entrevistada – Não! Acho que se deve preocupar basicamente com o que é importante para o agrupamento, e para ... o funcionamento do agrupamento, não! A administração central vale ... o quê aqui? Não tem valor, não é!?

Entrevistador – E, e ... ainda nesta sequência de ideias ... de acordo com a tua experiência ... sentiste que houvesse pressões sobre o CGT? Que houvesse alguém ou algum grupo, alguma estância ... que ... tivesse poder para pressionar o CG? Portanto para exercer alguma influência ...

Entrevistada – O nosso? Este? Aqui neste nosso agrupamento? Evidentemente que isso era visível na maior parte das situações que iam a votação. Então, no que diz respeito ao regulamento

interno, não é, houve lá uma situação que, uma pessoa estava com o dedo no ar, não é, tu sabes disso, estava com o dedo no ar e só à terceira vez é que os outros repararam que estava com o dedo no ar e que era preciso votarem igual! Não é!? Isto não é uma pressão é ... quer dizer, é pressão e nem sequer é escondida, nem sequer é disfarçada, é directa, é mostrar ali, não é!

Entrevistador – E quem era a pessoa que estava com o dedo no ar? Era professor ... ou ...?

Entrevistada – (Risos) era o vereador, queres que diga o nome? Eu digo.

Entrevistador – Não!

Entrevistada – E aquela situação que eu ... que eu referi ao Quingosta ... que ele ficou muito ofendido. Quando ele foi para lá emitir opiniões sobre a proposta do subcoordenador ser eleito, para o ...

Entrevistador – Portanto, o director eleito?

Entrevistada – O Quingosta, sim. Ele, ele ... aquilo é pressão! Ele estar lá e emitir uma opinião, quando a função dele lá não é emitir opiniões, é responder a questões que lhe sejam colocadas, isso é uma forma de pressão. As pessoas que eventualmente o apoiaram acharam logo, que tinham que votar de acordo com a vontade dele mesmo que, uma semana antes, quando a proposta foi apresentada, até se tenham mostrado receptivos!

Entrevistador – E ... e pessoalmente sentiste pressionada em algum momento...

Entrevistada – Eu não!

Entrevistador - ... para defenderes uma determinada posição?

Entrevistada – Eu não, mas ... eu não!

Entrevistador - ... não pressionada ou não ... sentiste que tivesses que ceder a pressões?

Entrevistada – Eu não. Eu nunca me senti pressionada nem intimidada, mas isso tem a ver também com a minha ... também, reconheço isso ... tem a ver com a minha maneira de ser, com a minha postura, estás a ver!? Não ... não dou grande confiança para que me venham dizer coisas e portanto, de alguma forma ... eu passo-os ao lado, não é!

Entrevistador – E, e consideras que nas tomadas de decisão no CGT, sempre prevaleceu a defesa do bem comum, ou estiveram em jogo interesses ... individuais, ou de grupos?

Entrevistada – Se sempre, se sempre prevaleceu o bem comum, não ... sempre não.

Entrevistador – A defesa do ... daquilo que se possa entender como bem comum!

Entrevistada – Sempre não. Sempre não, não é!? Há situações em que as pessoas realmente acharam que tinha que ser feito alguma coisa e ... por exemplo, quando tu apresentaste no ano passado aquela proposta da criação dos, dos ... dos individuais nos balneários de Educação Física, a mim deu-me a sensação, posso estar enganada, mas deu-me a sensação, toda a gente lá concordou ... com a tua proposta! Aliás tenho a ideia que foi aprovada por unanimidade! Não é!? Toda a gente achou ... que era para o bem comum ... fazê-lo! Fizeram-no? Foi feito? Até hoje, foi feito alguma coisa ... não é!? Portanto, umas vezes nem sequer as pessoas estão preocupadas com o bem comum. Estão preocupadas em sempre estar de acordo com quem apoiam ou etc ... e outras vezes até estão preocupadas com o bem comum, mas depois não há, uma verificação da ... da ... da execução ... das decisões que ali são tomadas, lá está! Quem é que controla a execução? Devia haver ... esse cuidado!

Entrevistador – O projecto do ... apresentado pelo único candidato, não é, que houve a director, como é que o avalia ... como é que o avalias? Uma opinião sobre ...

Entrevistada – Queres que te diga ... uma escala, uma escala de um a cinco, avaliava com um ... na escala de um a cinco, porque ... porque primeiro, aquilo nem é um projecto, é um plano. Ele chamou-lhe plano, não é!? Eu primeiro pensei que teria sido por mero acaso que lhe chamou plano mas, realmente, aquilo só pode ser chamado plano. Porque um projecto tem que ter, tem que ser muito mais objectivo, tem que ter lá ... estratégias tem que ter objectivos, tem que ter ... programação do tempo das tarefas a executar, não tem, nada disso! Aquilo realmente era um plano, ao contrário do que a legislação pede, que é um projecto de intervenção. Aquilo não é projecto sequer, muito menos de intervenção. São, como alguém lá disse ... é um plano de intenções! Ora, se eu vou avaliar um projecto de intervenção e me entregam um plano de intenções ... eu só posso avaliá-lo com uma nota muito negativa!

Entrevistador – E ... e ... consideras que o CG tem poder para definir a política educativa do agrupamento?

Entrevistada – Poder tem.

Entrevistador – Tem poder e ... e estará em condições de exercer?

Entrevistada – Não. Não significa que o exerça, mas esse poder tem! Aliás coisas tão simples como ... a legislação quer um projecto de intervenção, o projecto de intervenção obriga a isto, isto e isto. Aquilo que nos é apresentado não respeita estes ... estes parâmetros ... pede-se para reformular, não é!? Existe, existe, existia essa possibilidade, não é ... de o mandar para trás e pedir para reformular, ou para ser mais específico, mais objectivo!

Entrevistador – E ainda ... neste ... de certa maneira uma questão no mesmo sentido ... e o CG tem promovido a integração da escola no meio envolvente? Portanto, é uma das ... das missões, das funções, das missões ... das ... que faz parte da competências do CG, não é, um dos objectivos do CG ... promover essa maior integração?

Entrevistada – É a integração da escola no meio envolvente ou é mais o meio envolvente na escola? Aqui esta ... a questão traz-me sempre ... algumas dúvidas ...

Entrevistador – Podemos entender a questão nos dois sentidos ...!

Entrevistada – Só existia, no CGT, só existia uma pessoa que estava nitidamente de ... fora da escola, que era representante do PNPG ... nitidamente fora, não é, que é nitidamente do meio envolvente. A certa altura essa ... inicialmente essa pessoa era muito regular, era muito assídua e deixou de aparecer a partir de certa altura, porquê?

Entrevistador – Não faço ideia!

Entrevistada – Porque isto deixou de lhe dizer o que quer que fosse, ou deixou de ser convocada? É que essa questão também já se me pôs! Porque achei estranho alguém que era tão assíduo ... de repente há um corte radical e nada é dito! Questões disto ou daquilo, pessoais ou profissionais, o que quer que seja está a impedi-la de vir ... não é!? Fez-me ... alguma espécie de ... a partir de certa altura a pessoa quase que foi banida ... não é ... não sei porquê?

Entrevistador – Mas quando dizes que só há uma pessoa que nitidamente é exterior à escola ...

Entrevistada – É... porque depois é assim, porque depois quem é que estava ali ... centro de saúde, de alguma forma ... há, há ... interacção com o agrupamento ... não é ... de alguma forma há ... se

calhar também um bocadinho imposta, pela própria legislação, mas vai havendo alguma colaboração e cooperação com ... A CPCJ, não é, a outra instituição, a mesma coisa! Até porque quem é que está ali? Em representação da CPCJ? Um professor do agrupamento ... não é ... mais um professor!

Entrevistador – Portanto essa relação já existia mesmo sem ... estarem aí representadas no CG?

Entrevistada – Não! Eu ia, eu ia precisamente dizer-te que não há integração ... do meio envolvente!

Entrevistador – Portanto, o CG não acrescentou nada a essa ... nessa área?

Entrevistada – Lá está! A instituição que eu achava que estaria mais de fora já, por todas as razões, da escola, era essa e nunca foi ...

Entrevistador – Através do CG ... não passou a ...

Entrevistada – Exactamente! A sensação que me dá é que ela até foi quase que expulsa ... porque ... as opiniões que ela foi dando, que algumas até eram válidas, nunca foram muito ... bem recebidas, digamos assim, não é!? Era preciso sempre esclarecer com outras pessoas, com outras instituições, isso também de alguma forma se calhar ... incomoda, não é!?

Entrevistador – Consideras que no ... nas reuniões ... tens poder para influenciar as decisões?

Entrevistada – (Risos) nenhum! Antes ... antes pelo contrário! Eu, eu se um dia me decidir ir para lá novamente, vai ser assim, eu defendo azul, então vou dizer que defendo vermelho ... percebes! Se eu, se eu defender a tese contrária ... é ... são capazes de apoiar aquilo que era realmente!

Entrevistador – Mas nem sequer ... mas ... quer dizer, a nível da argumentação, por exemplo?

Entrevistada – Não! A nível de argumentação, acho que ... há pessoas ouvem e que até ... em determinadas situações até ... como é que eu hei-de dizer ... até acham que sim, que faz sentido e que era correcto e não sei o quê. Mas se tiver de ser votado, votam de acordo com o que interessa e não de acordo com a sua opinião, muitas vezes.

Entrevistador – Portanto sentes que há ...

Entrevistada – Também se notou numa das votações do regulamento interno, não é!?

Entrevistador – De acordo com o sentido das tais pressões ...

Entrevistada – Exactamente!

Entrevistador - ... que existem ...

Entrevistada - ... os poderes.

Entrevistador – Enquanto membro do CGT consideras que as posições que lá defendeste eram ... tomadas em nome individual ... ou pensando ... enquanto representante do ... dos docentes ... portanto do corpo eleitoral?

Entrevistada – É assim, eu tenho alguma dificuldade em deixar de manifestar a minha opinião. Aquilo que eu também tenho a preocupação é que regra geral a minha opinião, eu tomo ... ou penso nela em função daquilo que eu acho que é correcto para a escola, não é!? Eu, por exemplo, quando defendo que determinado critério de avaliação que lá está é demasiado facilitista para os alunos ... é minha opinião pessoal, mas eu acho que, de alguma forma, tem que se tentar valorizar ... a escola e ... trazer algum nível de exigência a isto e ... não lhes dizer logo à partida, isto é assim, é tudo dado, não é, sem esforço, porque se eles já fazem pouco, não vão fazer nenhum ... não é!? Portanto acaba sempre por ter ... um fundamento. Agora ... é sempre pessoal.

Entrevistador – Há um bocadinho disseste que não gostas de listas únicas até ... isso ... por vezes é um motivo para concorreres a ...

Entrevistada – Acho anti-democrático.

Entrevistador - ... e então o que é que achas do facto de ter havido uma só candidatura ao cargo de director? Tens alguma explicação para isso?

Entrevistada – Tenho.

Entrevistador – Será por desinteresse ... geral?

Entrevistada – É assim, a ... a candidatura a cargo de director exige determinadas habilitações que não há assim tanta gente quanto isso, a tê-las, não é!? Isso desde logo é ponto de partida para limitar muito o número de candidaturas, já aliás, se fizerem um estudo a nível nacional ... duas, três, no máximo às tantas, na maior parte das escolas que dará em média, uma ou duas. Cá na

escola, se calhar já nem se candidatou ninguém, não é ... portanto isso cria logo ... e depois o facto também de ... as pessoas saberem ... isto é um meio ... relativamente pequeno, as pessoas sabem muito bem que ... quem é que decide, ou quem ... onde estão os apoios e também ... atirares-te a candidatares-te a director só para ... para apresentares até umas ideias, que depois o outro eleito vai aproveitar, não é ... como ... como já me aconteceu a mim aí num determinado cargo, não é, tive ... fiz o meu projectinho de intervenção e depois, o que ganhou ... o eleito, ou escolhido toca a aproveitar algumas ... as minhas boas ideias que eu lá tinha ... algumas, claro, não aproveitou todas, mas aproveitou aquelas que se calhar achou que eram importantes.

Entrevistador – Quer dizer que isso, então, em relação á questão que eu fiz, quanto aos projectos ...

Entrevistada – Repara que eu ... sou por, por eleições democráticas. O director, o director eu continuo a achar que ele não é eleito.

Entrevistador – Há bocadinho quando perguntei ... sobre ... o que pensavas sobre o projecto apresentado pelo candidato ... podemos dizer ... agora, posso então concluir que achas que o candidato não foi eleito pelo projecto ... que apresentou?

Entrevistada – Não. Porque se fosse por aquele projecto, eu não acredito que alguém no seu juízo perfeito elegeisse quem quer que fosse, com base naquele projecto que foi apresentado!

Entrevistador – Então, não achas que se tivesse aparecido ...

Entrevistada – Não diz nada, é vago. Não diz nada, basicamente não diz nada, além das asneiras que lá diz pelo meio, depois basicamente não diz nada.

Entrevistador – Então não te parece que se tem aparecido um bom projecto ... desse ponto de vista ...

Entrevistada – Não.

Entrevistador - ... seria possível ...

Entrevistada – Era a mesma coisa, como tu sabes ... tudo depende ... depende ... podia ser que alguém tivesse ...

Entrevistador – É irrelevante ... achas que é irrelevante aqui a qualidade do projecto?

Entrevistada – Acho que sim! Era irrelevante, embora fosse enriquecedor ...

Entrevistador – O que conta então ...

Entrevistada – Embora fosse enriquecedor. No sentido que eu acho que se houvesse outra candidatura, este candidato ter-se-ia esmerado, talvez ... ou teria tentado fazer algo melhor.

Entrevistador – Mas, tu acabaste de dizer que ... se aparecesse um bom projecto, se calhar ganhava o mesmo candidato com ... um projecto que consideras mau, mas ... que poderia depois ...

Entrevistada – Não ... mas espera aí ... o projecto podia ser melhor e este continuar a ser inferior mas que ele lhe iria tentar melhorá-lo, eu julgo que sim! É a lei da concorrência, estás a perceber!? Tu sabes que tens concorrência ... esmeras-te um bocadinho ... tu podes não conseguir ser tão bom como a concorrência mas, tentas melhorar de alguma forma. Eu acho que aí funcionaria ... também! Devia haver um recurso qualquer.

Entrevistador – Concordas com o facto de o CG poder exonerar o director?

Entrevistada – Faz sentido. Se é o CG que o escolhe, que o nomeia, que o escolhe, que o elege ... que, que ... chamem o quê ... chamem a isso o que quiserem ... tem que poder. Até porque tem o poder de controlar a sua actuação! Se vai controlar a sua actuação em função daquilo que ele apresentou no ... no projecto de intervenção, se não está a executar aquilo ... faz sentido, não é!?

Entrevistador – Claro.

Entrevistada – É como o presidente poder exonerar a assembleia da República ... é um bocadinho ... ou o primeiro-ministro, digo, o presidente da República!

Entrevistador – E consegues imaginar uma situação em que isso seria ... natural acontecer?

Entrevistada – Se consigo imaginar ... natural? Para mim natural, era natural acontecer sempre que ... se verificasse que não estava a ser feito aquilo que tinha sido ... programado ou projectado! A não ser que houvesse uma grande e válida justificação para tal!

Entrevistador – Como avalia a participação dos diferentes intervenientes do CG? Poderias destacar a intervenção de algum representante em particular ou ... de representantes de uma ... de um corpo eleitoral em particular ... achas que toda a gente participou mais ou menos ao mesmo nível, houve grupos que se destacaram ... não tanto em termos individuais, mas em termos de representantes ou de professores, ou dos funcionários, dos pais, etc?

Entrevistada – Basicamente, tu ... ouvia-se ... os representantes dos professores e ouvia-se os representantes dos funcionários, em algumas situações. Não ouvi nunca, ou esporadicamente se calhar aconteceu, mais numa reunião em que ... eu faltei, os representantes dos pais que levaram questões, que digam respeito aos pais ... pouco muito pouco, não é ... muito pouco. E ... os restantes órgãos também acabam por não estar ali para ... para pôr problemas representativos deles, não é!? Estão ali, mais para colaborar ... agora basicamente aquele ... quem é mais interventivo acaba por ser os professores.

Entrevistador – Portanto, a avaliação dos professores ... farias positiva ... na participação?

Entrevistada – De uma maneira geral, sim!

Entrevistador – E ... a da autarquia? Achas que foi relevante?

Entrevistada – Bom, se participou ... se fez alguma proposta, ou subscreveu alguma ... do género de ... por exemplo, concordamos, vamos, é necessário fazer isto, sei lá, estou a pensar por exemplo no amianto, sei lá, uma questão que foi colocada lá pelos funcionários ... nunca ouvi a autarquia dizer assim: sim senhora, nós achamos que é um problema de saúde pública, vamos proteger os miúdos e os funcionários e etc, e vamos nós, assumir a remoção das placas de amianto. Como fizeram por exemplo, acho que (no concelho vizinho), e depois veremos! Se a DREN pagar muito bem, se não pagar ... é uma questão de saúde pública, vamos assumir isso. Nunca vi ... não é!? A questão dos balneários, nunca os ouvi dizer, pronto, nós ... fazemos até porque não é ...

Entrevistador – Posso então concluir que achas que ...

Entrevistada – No entanto, puseram persianas ... novas, não foi ... isso foi muito badalado lá numa sessão. Persianas novas no polivalente que é importante também. Mas é uma questão de saúde

pública? É mais importante do que isto? Quer dizer, também não sei comparar preços ... estás a perceber? Não sei o que é mais caro ... suponho que as persianas sejam mais baratas, não é!?

Entrevistador – Posso então concluir que achas que os ... professores ... dominaram um pouco ... a agenda da ... ordem de trabalhos, as discussões ...?

Entrevistada – Acabam por ser, acabam por estar numa posição privilegiada em termos de opinião de ... de terem conhecimento do que ocorre, do que se passa, quais são as sensibilidades, quais são os melhores planos para resolver! Isso também tem a ver com o facto de nós estarmos aqui dentro. O que é facto é que ... é que a maior parte das propostas e a maior parte das intervenções ... qualitativas são ... são os professores, sem dúvida!

Entrevistador – Para concluir, achas que vale a pena a ... candidatar-se, participar ao ... no ... no CG?

Entrevistada – Penso logo ... na ... na famosa frase ... “tudo vale a pena, quando a alma não é pequena” ... é assim, se tu pensares só no trabalho que aquilo te vai dar, no desgaste que vais ter, no cansaço que te vai trazer, dizes que não! E se pensares que tem que haver alguém que é eleito para determinadas questões, que tem alguma capacidade de intervenção, que tem alguma capacidade crítica de ... crítica construtiva é evidente ... de alerta, etc ... é válido! Porque ... porque, porque tem que existir ... porque ... os problemas que tu vais lá pôr, não são necessariamente os problemas que eu vou lá pôr, ou os problemas que ... a pessoa b, c ou d vão lá pôr, não é!? Apesar de trabalharmos todos no mesmo sítio, lidamos com alunos diferentes, temos sensibilidades diferentes ... tudo é pertinente! Agora ... se for ...se fossemos todos por essa lógica, tínhamos que lá estar todos ... ou ser quase um sistema rotativo, hoje vais tu, amanhã vou eu, não é ... também não me chocava instituir-se, como faz o Bloco de Esquerda, na assembleia da República, aquela rotatividade de ... de deputados, que eles fazem, não é, que faziam, não sei se ainda fazem, continuam a fazer, e que permite de alguma forma, diferentes sensibilidades lá irem, não é!? Porque não ... porque não é, não era um partido, era em movimento! Faz algum sentido! Ou uma maioria! Como temos agora, ia complicar-nos a vida, em termos, em termos de mandato de substituição.

Entrevistador – Eu então ia dar a entrevista por terminada só perguntando se achas que ... há alguma coisa importante a acrescentar ... tendo em conta as questões que foram feitas e a conversa que tivemos, achas que falta alguma coisa que pudesses acrescentar?

Entrevistada – Não, em off posso (risos).

Entrevistador – Então, agradeço muito ... a tua colaboração.

Aluno do Ensino Nocturno (EFA) - Francisco

Dia 24/06/09;

Entrevistador – Podia-me dizer então qual é a sua idade?

Aluno N. – Prontos, tenho sessenta anos, nasci em 1948, a trinta de Setembro.

Entrevistador – Frequenta, neste momento, que nível de escolaridade?

Aluno N. – Frequento nos cursos EFA, frequento pronto, tento obter o décimo segundo ano, o diploma do décimo segundo ano.

Entrevistador – No ensino nocturno?

Aluno N. – No ensino nocturno, exactamente.

Entrevistador – Como trabalhador ...?

Aluno N. – Como trabalhador estudante, é isso mesmo.

Entrevistador – Uma pergunta assim, de carácter geral, sobre a situação da educação em geral, em Portugal, aspectos positivos, aspectos negativos, o que de mais importante lhe ocorre?

Aluno N. – O mais importante, olhe, o sentimento que eu tenho é que as coisas não andaram bem, é um sentimento próprio que tenho, entendo que trinta e cinco anos depois do 25 de Abril, o nosso, a qualidade do ensino devia estar a um nível superior, porque ... num trabalho, vê-se que não há essa qualidade, que é exigida nos tempos actuais. Também me dá a impressão que as pessoas não têm vindo a ser preparadas para os tempos modernos. É um sentimento que eu tenho.

Entrevistador – E aqui neste agrupamento de escolas, nota em especial, do ponto de vista positivo, negativo, algo a salientar?

Aluno N. – Bom, eu conheço muito pouco a escola por dentro, frequentamos o curso à noite, não é!? É tudo gente adulta, comporta-se mais ou menos, digamos assim, parece uma escola que ... bem ... enfim, por aquilo que me apercebo, mas como digo não tenho conhecimento certamente suficiente para me poder pronunciar mais sobre isso.

Entrevistador – Mas sobre o ambiente das aulas à noite?

Aluno N. – Sim, sim, o ambiente é bom, isso é ótimo até direi. Bom, bons professores, atenciosos, amigos de ajudar, isso por aí tudo positivo, por esse lado.

Entrevistador – Bem, do seu ponto de vista quem deve decidir como se organiza a escola, o que se faz na escola. Serão os professores, os alunos, no caso dos alunos mais novos os pais deles, o director, o Estado, a autarquia?

Aluno N. – Pois, eu tenho uma ideia sobre isso também. Penso que a sociedade civil deve estar presente na escola. Contudo, a acção organizativa e isso tudo deve caber aos professores, não é!? Também no Conselho Geral, pronto ... acho que os professores estão pouco representados. Na minha opinião devia haver mais professores. São eles que efectivamente, enfim, conhecem os meandros do ensino, da escola e estão preparados para ... Embora, embora a sociedade civil também, e os pais, também devem ter a sua palavra, não é, no contexto da escola.

Entrevistador – Já que falou no Conselho Geral, do seu ponto de vista e da experiência que teve, acha que faz sentido existir o Conselho Geral, que é um órgão relativamente novo não é!?... na escola?

Aluno N. – Enfim, neste sentido, que a sociedade também deve estar representada na escola, não sei se deve ter o poder, o poder digamos deliberativo mas deve estar representada tal qual como lá a temos, provavelmente mais até como consultivo.

Entrevistador – E concorda com a criação do cargo de director, de que temos estado a falar ultimamente, portanto neste modelo?

Aluno N. – Pois, ora bom, vamos lá ver se lhe consigo dar uma resposta adequada. Sabe que eu tenho algumas referências doutros tempos, não é ... a família, Deus, família, a religião, respeito, acatamento, isso, a gente não altera muito essas coisas. Se o director aparece, a figura do director

aparece no sentido de tentar melhorar a qualidade do ensino e se tiver que passar por aí, aceito, aceito ... porque pelo menos haverá um responsável. Isto, isto podemos comparar, isto, não sei, um grande navio tem que ter um comandante ... que até aqui, que até aqui isto tem, dá-me a impressão que a escola tem funcionado em gestão colectiva, não é!? E, e sinceramente aquilo que eu penso é que os resultados não são os melhores. Então, se for uma tentativa para alterar um pouco isso, não sabemos se vai resultar ou não, não é, mas trinta e cinco anos já deu, já deu para entender que isto não está bem. Na minha opinião não é!?

Entrevistador – E então desse ponto de vista, que qualidades acha que deve ter um director, de um agrupamento, por exemplo, com as dimensões deste?

Aluno N. – Eu diria, por exemplo, eu mesmo se tivesse essa possibilidade se a lei me permitisse, eu não me iria candidatar a director, porque entendo, entendia, ou entenderia que não tinha, não tinha competências. Penso que a pessoa que se candidata a esse cargo, é uma pessoa que estará com vontade e se sente competente e estará com vontade de ... de realizar algo diferente, não é!? Qualidades, bom são aquelas qualidades que são, que são necessárias para um líder, não é. Enfim, como um gerente, tem de ter, tem de ter várias, várias como dizer, várias ... valências, digamos assim, porque isto... abrange, toca em várias áreas, não é, desde, desde o pedagógico, por aí fora, administrativa...

Entrevistador – Acha que a escola poderia ter mais autonomia? Por exemplo com este novo modelo de administração e gestão, poderia ganhar autonomia em relação ao Ministério da Educação, portanto, gerir-se mais a si própria, com mais poderes do director, por exemplo o Conselho Geral? Ou essa autonomia, acha que é desejável ou que não será desejável?

Aluno N. – Acho que é desejável porque pronto, a escola está implantada na localidade e certamente está mais atenta a tudo que a rodeia, enfim na sua região. Muitas vezes sabe que o Ministério é algo burocrático e dentro dos gabinetes, muitas vezes desconhecem as realidades locais, isso também se passa a nível do governo.

Entrevistador – Pois! Tem conhecimento se existe alguma associação de estudantes aqui na escola?

Aluno N. – Não tenho!

Entrevistador – Não tem conhecimento?

Aluno N. – Não tenho conhecimento se existe efectivamente.

Entrevistador – E... delegados de turma? Nos cursos que frequenta existe a figura de delegado de turma?

Aluno N. – A lei prevê, suponho eu, não é. Mas não conheço.

Entrevistador – Não estará a funcionar?

Aluno N. – Não conheço.

Entrevistador – Voltando ao Conselho Geral! Portanto, não sei se tem presente a composição do Conselho Geral, o número de professores, funcionários, os representantes dos pais, etc. Acha que está ... é razoável? Já me disse há bocadinho que está desequilibrado.

Aluno N. – Está desequilibrado. Para mim deveria haver mais professores no Conselho.

Entrevistador – E alunos?

Aluno N. – Alunos! Penso que está suficiente. Estamos dois alunos, dois alunos representantes também. Acho que funcionários também, pronto. E... a autarquia ... também, enfim uma vez que a autarquia, o património agora, escolar, parece que passa ou é para passar para o âmbito da autarquia.

Entrevistador – E quanto aos poderes do Conselho Geral? Acha ... concorda com o facto de ser o Conselho Geral a eleger o director? Ou ele poderia aparecer nomeado ou eleito de outra forma? Parece-lhe bem este modelo?

Aluno N. – Bom ... é ... é difícil de responder! Portanto, isto é de âmbito nacional, não é? Qualquer pessoa pode, pode apresentar candidatura, não é!? Desde que tenha as competências necessárias. Não me parece mal. Agora se, se o Conselho Geral tem, tem digamos assim, conhecimentos suficientes para, para saber fazer uma leitura adequada, não é!? Das bases e dos conhecimentos que tem o director, isso já é outra questão, não é!? Agora, o processo em si não me parece que seja mau, não me parece! Dá a possibilidade a qualquer pessoa de se candidatar ...

Entrevistador – E quanto ao corpo eleitoral? Poderia haver outras hipóteses! Anteriormente eram os professores todos que votavam, os funcionários, um certo número de encarregados de educação, representantes dos alunos, portanto, era um corpo eleitoral muito mais alargado. O que é que

seria, o que é que será mais adequado? Portanto, este modelo em que são vinte e uma pessoas a votar?

Aluno N. – Quer dizer... as pessoas votam também mediante, mediante enfim, uma análise que é feita não é, de um projecto. Agora, pronto! Aí, aí não estou à vontade para poder responder realmente...

Entrevistador – Continuamos então! Eu ia-lhe fazer uma pergunta assim um bocadinho mais específica ainda sobre, sobre isto. Logo verá se, se pode dar uma opinião!

Aluno N. – ... queria dar um parêntesis... há, há uma comissão não é, que... que analisa a candidatura ... e que tem que, e que tem que elaborar um parecer. Depois, digamos que o Conselho em si, vota confiante nesse parecer, não é!? Portanto, talvez, essa comissão que analisa a candidatura talvez, talvez pronto, pudesse ser uma comissão composta por elementos, sei lá, de uma outra craveira digamos assim. Com capacidades suficientes para saber analisar as candidaturas.

Entrevistador – E há uma questão um bocadinho mais específica, ainda sobre isto! É a seguinte. No Conselho Geral Transitório elegeram-se um director! Portanto, nesta nossa realidade, não é!? Mas o Conselho Geral Transitório extinguiu-se. Agora vai haver um outro. Portanto, este director vai estar quatro anos a gerir o agrupamento, a ideia seria ele prestar contas ao Conselho Geral mas, vai prestar ao Conselho Geral que não o elegeu! O que é que lhe parece? Isto parece adequado?

Aluno N. – Pronto. Analisando... mas isso tem a ver portanto, tem a ver pronto com ... com, tem muitas vezes com o calendário, não é!? ... das coisas. Em princípio deveria prestar contas, não é, deveria ser feito por quem o elegeu, quem possa analisar pois, enfim, todo ... todo o processo, mas muitas vezes isso não é possível, não é!? Por vezes acontece noutros actos.

Entrevistador – Portanto, nós na escola temos três órgãos de administração e gestão, não é? O conselho executivo que agora passa a ser o director, o conselho pedagógico e o conselho geral. Era capaz de dar a sua opinião sobre ... qual deles é mais importante para a escola, do seu ponto de vista?

Aluno N. – Entendo que o pedagógico é ... é extremamente importante, não é!? É que é um órgão consultivo, não é!? Funciona como um órgão consultivo...mas como tudo, é preciso uma gestão, é preciso um responsável, é preciso órgãos responsáveis... não sei...quer dizer as coisas estão... não sei, o que é não sei, não estou bem por dentro. Cada um tem a sua área de competências se é

isso que está devidamente definido na lei, não é!? Agora ... agora, a mim parece-me importante que as escolas fossem geridas pelos conceitos pedagógicos e menos jurídicos, não é!?

Entrevistador – Entendo! Neste novo modelo de administração, agora com os poderes reforçados do director, não é!? Acha que a escola deveria propor um contrato de autonomia ao Ministério? Porque está previsto que as escolas possam propor contrato de autonomia, apresentando um projecto, mostram que estão em condições para o desenvolver. Acha que este agrupamento poderia fazer isso, ou deveria fazer isso, agora?

Aluno N. – Pronto! A pessoa, a pessoa que assumiu o cargo, é uma pessoa que conhece muito bem a escola. Já cá está há muitos anos, provavelmente, ele entenderá se deve fazer isso ou não.

Entrevistador – Mas, enquanto membro do Conselho Geral, portanto, que vai fiscalizar a actuação do director, não é!? Acha que nós estaremos em condições de avançar, de dar esse salto? Ou precisamos da tutela do Ministério muito próxima, a verificar, a orientar...?

Aluno N. – Como é que eu vou responder a isso ...?

Entrevistador – Isto, tendo em conta a sua experiência nesta escola, como é evidente!

Aluno N – Pois ... é que realmente ... conheço muito pouco, não é!? ... do funcionamento e da organização ...

Entrevistador – Não tem assim uma opinião formada sobre isso?

Aluno N – Não tenho ... não tenho. Sobre isso não tenho.

Entrevistador – Então, mais concretamente sobre a sua experiência no Conselho Geral. Em primeiro lugar gostava de lhe perguntar, porque se candidatou ao Conselho Geral Transitório?

Aluno N – Enfim, fui proposto e eu aceitei, não é!? Pronto.

Entrevistador – Proposto pelos seus colegas?

Aluno N – Pelos meus colegas, exactamente ... é.

Entrevistador – Mas houve uma consulta?

Aluno N – Houve uma eleição.

Entrevistador – Portanto, anunciou-se que era necessário?

Aluno N – Exactamente era um representante, não é!? ... dos alunos ... dos EFAS e pronto.

Entrevistador – Mas, foi... Portanto, dos alunos do...?

Aluno N – (Concelhos X e Y)¹. Englobou (concelhos X e Y).

Entrevistador – Que estudam à noite! Portanto, a votação foi aberta a todos os alunos que estão a estudar à noite?

Aluno N – Sim, senhor.

Entrevistador – Depois da eleição, manteve algum contacto com as pessoas que o elegeram?

Aluno N – Há. Tem havido porque vamos lá até ... nas, nas visitas de estudo, nós estamos sempre em contacto, mesmo com os (do concelho Y).

Entrevistador – Sim, mas eu referia-me mais ao contacto que tenha a ver com o funcionamento do Conselho Geral. Por exemplo, apresentaram-lhe sugestões, propostas ... para levar ao Conselho Geral?

Aluno N – Bom... alertamos sempre, falamos sobre pronto, houve aqui alguns problemas que pronto, falamos mais concretamente com o professor Marco. Havia aqui um problema de iluminação, havia problemas de funcionamento dos computadores, isso tudo e então, eu transmiti isso ao professor Marco, porque pronto ... os meus colegas diziam, pronto, és o representante, convém, convém alertar para estes problemas.

Entrevistador – E, portanto, resolveram-se. Não foi, portanto, necessário levar as questões ao Conselho Geral?

Aluno N – Não, não!

Entrevistador - Problemas que se resolveram com alguma facilidade?

Aluno N – E pontuais. Pontuais digamos assim.

Entrevistador – Portanto, não houve necessidade de, como representante dos estudantes do nocturno, não é!?... de ... no Conselho Geral procurar resposta para certos problemas?

Aluno N – Não! Não, nunca sentimos essa necessidade.

Entrevistador – Muito bem! Considera que está preparado se for necessário para representar os alunos, para defender os interesses deles no Conselho Geral? Preparado, disponível?

¹ O entrevistado refere-se a dois concelhos vizinhos, os quais optámos por não identificar.

Aluno N – Disponível estarei, preparado, dentro das minhas limitações, pois tentarei, não é!? Como toda a gente.

Entrevistador – Se ... portanto, hipoteticamente, se quiser defender uma proposta dos estudantes no Conselho Geral, da experiência que tem, considera que terá poder para influenciar as decisões? Para apresentar uma proposta, defendê-la e tentar conseguir a aprovação?

Aluno N – Muitas vezes, muitas vezes, pronto ... nessas situações é necessário ter grande capacidade argumentativa, não é!? ... que certamente, não serei muito dotado, mas se, se a razão assistir, não é!? A gente defende, estamos sempre prontos a defender quando a razão ... se impõe.

Entrevistador – Claro! E acha que o Conselho Geral estará receptivo?

Aluno N – Acho que sim. Por aquilo que me foi dado a conhecer e saber, acho que o Conselho é composto, pronto, na sua grande maioria por pessoas ... pessoas de bem, ... pessoas que sabem ouvir, pessoas que estão, pronto, certamente estão disponíveis também para ouvir. É a impressão que eu tenho e, a própria, e a própria ... enfim presidente também, a doutora Céu também!

Entrevistador – E ainda nesta linha, nesta linha, considera que o Conselho Geral, o órgão, da forma como o conhece funciona, presta-se a que nele os alunos possam defender os seus interesses? Portanto, os representantes dos alunos que lá estão, terão que estar ... vamos partir deste princípio, terão que estar em condições de defender os interesses dos alunos se for necessário?

Aluno N – Acho que sim. Sinceramente.

Entrevistador – Acha que naquele órgão que é possível, as competências que o órgão tem, a forma como funciona, que será possível defender lá os interesses dos alunos?

Aluno N – Teria que ser, ser, ser colocada uma questão concreta, mas ... acho que o órgão existe também para isso, não é!? Então o que é que estão lá a fazer os alunos, se é só para encher ...?

Entrevistador – Pois, essa pergunta era para partindo da sua experiência, viu como o órgão funcionava, o que lá se discutia, as decisões que se tomavam se, faz sentido estarem lá os alunos? Se é um órgão onde eles possam expor os seus problemas, as suas proposta e defendê-las?

Aluno N – Acho que sim, pronto. Pessoalmente nunca tivemos assim casos, um caso para expor concretamente. Mas acho que se eu pedisse a palavra para expor qualquer assunto que seria ouvido. Se dependesse, se dependesse do órgão em si, provavelmente, que teria, teria andamento, não é, coisas há que depois já, já ultrapassam as competências.

Entrevistador – Que avaliação faz, sobre o seguinte aspecto do Conselho Geral Transitório? Quem é que lá exerceu maiores influências, não individualmente, mas em termos de grupos, professores, funcionários, autarquia, alunos, etc? Quem é que exerceu mais influência durante este período em que funcionou?

Aluno N – Temos que ser, temos que ser ... sérios nestas coisas e portanto, é claro que foram os senhores professores, é evidente. São aqueles que ... enfim, são mais fluentes até, em termos argumentativos são, são aqueles que conhecem melhor a escola, são aqueles que lidam, que lidam com os alunos...

Entrevistador – E, e sentiu por exemplo que os problemas dos alunos foram lá debatidos, foram mais debatidos os problemas dos alunos ou foram mais debatidos outros problemas?

Aluno N – Nós andamos muito tempo com o regulamento interno, não é! Houve questões, questões por exemplo ... aquela questão que estou-me a lembrar pronto, que tem a ver com o estatuto do aluno, não é as faltas dos estudantes de dia, acho que isso devia ser mais, mais discutido e ... e mais estudado, digamos assim. O que eu noto, é que, isto, pronto não vem a propósito dessa questão, o que eu noto que ... pronto, mas somos todos culpados certamente, uns mais que outros, mas que há ... as pessoas estudam pouco, digamos, os assuntos. Na minha opinião, eu falo por mim, deviam ir mais fundamentados e mais preparados. Até por uma questão de não se perder tanto tempo às vezes, não é!?

Entrevistador – E, e em relação aos assuntos que lá se trataram ... o regulamento interno, também a eleição do director, pessoalmente sentiu alguma pressão para tomar uma posição em favor ou contra qualquer proposta ou ... portanto, não houve nenhum tipo de pressão?

Aluno N – Eu, quero dizer, pronto houve várias, várias, várias opiniões, várias atitudes. Aquilo que eu sempre decidi, em plena consciência. Não, não me senti influenciado digamos assim.

Entrevistador – Como sabe, o conselho geral elegeu o director e ... portanto a lei dá ao director determinados poderes e ao conselho geral também, alguns, não é!? Acha que o director deve submeter-se à vontade do conselho geral ou ele deve procurar dominar, impor a sua vontade? Partindo um bocadinho do que está na legislação, não é!?

Aluno N – Pois ..., eu acho que as regras, as coisas estão definidas ... não é!? Entendo. Eu acho que como qualquer gestão passará ... é pelo diálogo, pela colaboração que as coisas conseguem ter sucesso e não pelas imposições. Isso não funciona em lado nenhum.

Entrevistador – Mas ... mas por vezes, por vezes há essas tendências, não é!? Poderá haver!?

Aluno N – Com carácter ... não é!? É com o carácter de cada um ... mas, o que, aquilo que sabemos em termos organizativos é que é sempre ... tentando puxar as pessoas para colaborar e não pela imposição que ... as equipas têm que sentir que fazem parte, e não ... como fazem, por que têm que fazer, porque são obrigadas a fazer. Na nossa área também é assim. Se a gente não ... dialogar, não fizer sentir as coisas, e porque é que se faz e porque é que temos que fazer e temos que atingir isto, não ... chegamos lá.

Entrevistador – E, portanto ... o director terá que prestar contas em princípio ao Conselho Geral, não é!? Que o elegeu, mas também à administração central, ao Estado central, ao Ministério da Educação. Do seu ponto de vista ... qual será mais importante? Essa prestação de contas deverá ser feita prioritariamente ao Conselho Geral ou ao Ministério da Educação? No fundo, que relevância se dá aqui ao Conselho Geral?

Aluno N – Pronto, o Conselho Geral tem o ... digamos assim, os planos estratégicos da escola, têm que ser submetidos à apreciação do Conselho Geral, é isso?

Entrevistador – Sim! E, portanto, o Conselho Geral elege o director, escolhe a pessoa da sua confiança, de acordo com o projecto que ele apresentou. Mas depois, no fundo, o director deverá preocupar-se mais em convencer o Conselho Geral com o que está ... a exercer devidamente as funções ou deverá preocupar-se mais em ...

Aluno N – Não, neste caso eu entendo que deve prestar contas e deve se preocupar com o Conselho Geral. Portanto, ele impõe certamente, que ele tem que prestar contas também ou dar conhecimento à tutela.

Entrevistador – Na sequência disto tinha uma outra pergunta, mas que ao fim e ao cabo, parece-me que já está respondida. Enquanto membro do Conselho Geral acha que esse órgão tem o poder necessário para definir a política educativa deste agrupamento? Até nesse contexto de uma possível autonomia, o Conselho Geral teria que definir a política educativa do agrupamento. Será que ... considera que o órgão tem o poder e tem as competências para isso?

Aluno N – Eu, eu entendo que ... pronto, isto é como em grandes organizações, existe, existe a assembleia, não é!? ... e eu comparo um bocadinho... o Conselho Geral como uma assembleia ... as coisas quando vêm para cima da mesa já tem recolhido, já tem recolhido ... pareceres e análises de outros órgãos. Depois, é mais ... é mais uma, às vezes é mais uma formalidade que

acontece. E aqui eu penso que essas coisas têm de ser definidas pelo Conselho Pedagógico. Eu penso que um conselho ... mas é sinceramente, penso que o Conselho Pedagógico será um órgão crucial, crucial, crucial em toda ... em toda a evolução escolar.

Entrevistador – Os critérios pedagógicos devem prevalecer ...?

Aluno N – Devem prevalecer, sim, sim.

Entrevistador – Chegou a apreciar o projecto de intervenção apresentado pelo candidato? Portanto, como sabe tivemos um candidato a director, um candidato único, não é, que apresentou um projecto de intervenção, chegou a apreciar?

Aluno N – Não, não apreciei, não apreciei.

Entrevistador – Portanto, se bem me lembro, não ... não esteve presente na votação?

Aluno N – Não estive, não tive conhecimento, foi, houve ali qualquer falha que eu não, não tive conhecimento dessa reunião. Penso que foi a ... uma reunião que falhei por, por desconhecimento.

Entrevistador – Pois, porque já costumava estar presente em todas, penso que foi talvez a única que...?

Aluno N – Foi. Penso que sim! Já faltei, faltei uma outra vez mas, dei conhecimento à doutora Céu (presidente do CGT) de que não podia vir.

Entrevistador – Mas nessa foi mesmo por não ter sabido?

Aluno N – Não tive a notificação.

Entrevistador – Provavelmente até faria questão de ...?

Aluno N – É, não tive qualquer tipo, nem telefónica, nem ... porque às vezes a doutora Céu até costumava telefonar, - não se esqueça! ... Ou até mandava telefonar.

Entrevistador – Eu ia-lhe pedir que fizesse uma avaliação ... sobre a participação dos diferentes elementos no Conselho Geral, se for possível. Por exemplo, dos professores já foi dizendo que eles foram aqueles que mais intervenções fizeram ... dos funcionários da escola, acha que... portanto, estiveram presentes? Que participaram?

Aluno N – Como é que se chama aquele funcionário que trata de...?

Entrevistador – O João?

Aluno N – O João, não é!? Pronto, ele fez lá umas intervenções ... às vezes assim ... mais, mais calorosas, digamos assim. Tem pessoas por exemplo ... o professor, uma pessoa que trabalha bastante ... o professor Luís também, não é, também intervém, não é!? O ... o professor ... como é que se chama? Fábio, exactamente! Sempre pronto, a gente também já o conhece há muito anos, pronto, é sempre, é sempre também muito activo nas intervenções, não é!?

Entrevistador – Mas e, e por exemplo em relação à autarquia, portanto, lembra-se de alguma intervenção importante, dos representantes da autarquia?

Aluno N – Houve uma vez ou outra..., o doutor Mário, não é, o doutor Mário, mais de âmbito cultural.

Entrevistador – Depois, das instituições locais?

Aluno N – Pois, depois aquela senhora que era do parque, depois deixou de vir...

Entrevistador – Não tem a mínima ideia porquê, não é!?

Aluno N – A doutora Luz, a doutora Luz, creio que falou uma vez ou outra.

Entrevistador – E em relação, em relação aos representantes dos estudantes ...?

Aluno N – A aluna e eu. Pronto, são muito pouco interventivos. Até a aluna ... que veio, depois deixou de vir também.

Entrevistador – Também não se terá justificado não é!? Fazer outro tipo de intervenções, como disse há bocadinho não houve problemas a apresentar e tudo isso, não é!? Eu praticamente cheguei ao fim. Estou esclarecido em relação àquilo que queria perguntar-lhe, não sei se quer acrescentar alguma coisa, sobre estes assuntos?

Aluno N – Quero, quero. O que é que eu poderei acrescentar? Pronto para mim foi uma experiência positiva, mas pronto, agora termina a 24, não é?

Entrevistador – Não pensa candidatar-se, ou não é por candidatura? Foram os colegas que ...?

Aluno N – Agora vai haver, vai haver nova eleição, mas pronto, já foi criada a mesa da eleição, foi ontem, e depois penso que haverá o cuidado de escolher elementos que vão, que vão permanecer, que a maior parte, acabam agora em Julho.

Entrevistador - Pois é, exactamente!

Aluno N – Mas até gostei, pronto. Mas faça o favor ...!

Entrevistador – Não! É, é só para esclarecer esse aspecto. Quando foi eleito, não foram apresentadas candidaturas, pelo que eu percebi? Foram os colegas que escolheram?

Aluno N – Não! Houve uma lista só que tinha, ficou com o meu nome. Até tem, tem que ... tem de ser afixadas listas, não é!?

Entrevistador – Então só apareceu a lista ...?

Aluno N – Só, Só apareceu a lista ...

Entrevistador – E dizia então, foi uma boa experiência?

Aluno N – Gostei, pronto! Tenho, tenho pena de não participar mais, mas também não tenho conhecimentos, nem bases para, não é!? ... para ... isto é como tudo, é preciso estar-se por dentro, não é? E não é em meia dúzia meses, digamos assim, que a gente e nas poucas reuniões que se tem ... que se fica por dentro de tudo, de um assunto destes. Agradeço a todos a paciência que me deram.

Entrevistador – Olhe! Eu é que lhe agradeço por ter respondido a estas questões, esclarecido sobre alguns assuntos ...

Aluno N – Tenho pena de não lhe poder ser mais concreto em algumas questões, mas realmente é por falta de conhecimento.

Funcionário - João

Dia 30/06/09;

Entrevistador – Então, ia começar por perguntar qual é ... a sua idade?

Entrevistado – Quarenta anos.

Entrevistador – E o tempo de serviço ... que tem com estas funções?

Entrevistado - Dez anos e meio.

Entrevistador - Em termos de formação ... tem alguma formação ... em geral?

Entrevistado - Geral, décimo segundo ano, específica tenho alguma.

Entrevistador - Acções de formação se calhar?

Entrevistado - Acções de formação, algumas também exteriores à escola, da Prosegur e ... vigilância ...

Entrevistador - Então entrando agora no assunto, mais propriamente dito, sobre as questões da educação ... uma pergunta, assim muito geral, sobre a situação da educação ... em geral no país? Aspectos positivos, negativos? O que é que podia salientar?

Entrevistado - Sei lá! Sobre a educação ... pela experiência que tenho é que ... a educação vem de casa e cada vez mais, cada vez mais há menos educação em casa, e cada vez mais os professores têm menos ... menos autoridade sobre os alunos, não podem agir, não podem fazer processos, dá imenso trabalho, dá ... imenso tempo ... acho que se devia voltar um bocadinho mais ao antigamente. Se era possível, se a sociedade deixasse.

Entrevistador - E, e ... portanto está a falar de uma certa falta de autoridade dos professores na escola?

Entrevistado - Exactamente!

Entrevistador - E ... por parte dos funcionários, também sente essa falta de autoridade?

Entrevistado - Sim ... eu acho que aqui há também falta de autoridade porque ... sei lá acho que neste momento que se está, ou espero eu que se esteja a mudar um bocado os funcionários ... em termos de escolaridade de ... sei lá, porque há mais falta de empregos ... antigamente havia um concurso, concorria muita gente com habilitações ... mais baixas agora já concorre gente formada e com habilitações maiores e provavelmente têm a obrigação de terem outra postura, de entender isto de outra maneira.

Entrevistador – E aqui neste agrupamento de ... de escolas. Como é que avalia a situação do agrupamento nestes aspectos? Portanto, aspectos positivos que salienta ou negativos? Quais são os problemas a destacar?

Entrevistado – Eu acho que agora com, com ... este agrupamento mais ... mais concentrado, acho que há coisas que são positivas! Mas acho que, por exemplo de duas escolas serem vizinhas e se juntarem, acho que isto foi megalómano em tudo ... e isso, e isso acho que não traz proveito para a educação, porque ... é muita gente, são cinquenta funcionários, duzentos e tal professores no mesmo sítio, é muito difícil de controlar tudo. Só com lideranças muito, muito pesadas e muito fortes, que não sei se é possível fazê-las, ou se as leis deixam fazer! Acho que tem que ser, ser ... só com lideranças muito fortes e não sei, e não sei se quem está nos topos se ... está com disposição de fazer essas lideranças, que se calhar existiam ... antes do 25 de Abril. Algumas ... alguns pontos vão ter que ... para isto funcionar, só assim é que ia lá, mas não acho que isso não é possível.

Entrevistador – Portanto, podemos concluir que acha aqui há ... uma série de problemas graves, não é, que afectam a ...

Entrevistado – Não ... não sei se problemas graves devido á ... ao megalómano ... a isto ser megalómano, não é. Acho que é isto é megalómano, que é muito megalómano e envolve muitas idades, muitos cursos, muitos ... é muita gente numa escola só.

Entrevistador – E para resolver esses problemas ... portanto, a quem compete ou quem é que devia intervir mais? Os ... os professores, os pais, a ... autarquia ou a ... o próprio ministério, o director?

Entrevistado – Eu acho que isto agora que ... acho que é ... acho que a intervenção que é de todos! Agora aí é preciso, é difícil, é haver uma coordenação entre todos. Não sei! O director, ainda não se sabe o que é o director ... vai-se ... sabe-se que vai haver um director nas escolas mas não ... ainda não se sabe! Estamos à espera de saber o que é um director. Sabemos que um director que ... isso da palavra director pode implicar uma coisa mais militarista, mais ... fascizante ... se calhar traz, traz benefícios, se calhar traz alguns prejuízos para a educação, não sei, ou para a estabilidade, embora seja a favor de uma certa hierarquia das coisas e assim. Acho que se o director for um, for director, acho que há, que vai haver benefícios.

Entrevistador – Se dá assim tanta importância para ... à função do director, o CG fará sentido? Com ... assento para os representantes dos vários grupos interessados no ... no funcionamento da escola?

Entrevistado – Os Conselhos Gerais são sempre ... uma Assembleia da República ... onde as pessoas não ... olham interesses partidários, partidários neste caso não há partidos mas acho que ... é um pouco a Assembleia da República, as pessoas votam conforme ... o grupo parlamentar vota. Acho que mesmo a Assembleia da República não é uma coisa livre! E acho que há sempre jogos e ... e ... não sei, vamos ver, os Conselhos Transitórios estão já a passar, também pouco demoraram ... acho que isto se ... dá muita autonomia nas escolas e ... pede-se coisas muito iguais, de lá de baixo, acho que quem devia fazer as leis iguais para todas as escolas, fazia as leis ... iguais para todas as escolas e depois deixava alguma ressalva para a autonomia. Porque dizem que há autonomia, as leis vêm todas, vêm todas. Para já foi uma salada, isto! Tem sido sempre uma salada. Os CG ... o tempo que lá estive ... cinco por cento foi para os alunos e acho que os alunos estão em primeiro e em segundo, em terceiro, em quarto e depois é que vem o director, os professores e os funcionários! Acho que se fala pouco nos alunos porque ... é só leis ... vamos ver o que é que isto dá!

Entrevistador – E sobre, sobre essa autonomia de que estava a falar, acha que a escola neste momento, o agrupamento, deveria propor um contrato de autonomia? Porque, portanto, está previsto que os agrupamentos possam fazer um projecto que ... que lhes permite propor um contrato de autonomia ao ministério, que se for aceite, portanto, em princípio terão muito maior autonomia para decidir a nível local como ... como políticas educativas, como, como resolver os problemas, etc. Neste agrupamento de escolas haverá essas condições para propor esse contrato de autonomia?

Entrevistado – Acho que os contratos de autonomia são ... é preciso que muita gente esteja disponível para eles e acho que ... são coisas difíceis ... muito difíceis de impor. Acho que são muito difíceis porque ... as leis é que mandam, as leis de cima e ... eu acho, não percebo muito disso, não sei que possibilidades há ... como a escola da Ponte, ou ... penso que seja uma coisa de autonomia, não é!? Mas há quem a critique, há quem diga que é o melhor ...

Entrevistador – Portanto, com o contrato de autonomia a escola ficaria mais entregue a si própria e às pessoas que nela trabalham e aos pais, à autarquia ...

Entrevistado – Também se calhar ficaria muito mais dividida. Se calhar se fizéssemos uma sondagem de quem é que queria a autonomia, mas ... perguntavam logo, mas que autonomia, o que é que vamos coisar ... acho que é muito complicado ... trabalhar com uma classe que não, não ... gosta muito de ser mandada, é a minha opinião, é a opinião que eu tenho da classe dos professores, não gosta muito de ser mandada e, e ... não é muito fácil mandar nela. Acho que é uma classe que ... foi sempre muito protegida ... nunca se ... acho que publicamente nunca se contrariou ... e acho que é uma classe ... é muito difícil mandar nela, só com ... só com um bocadinho de ... de ... fascizamento ... se conseguiria ...

Entrevistador – De autoridade?

Entrevistado – Dar mais autoridade por parte de quem manda ... e não é fácil ... acho que é muito difícil! Acho que temos que fazer um bocadinho de militarismo nisto, ter um bocadinho de hierarquia de ... o respeito ... para, para se conseguir fazer essa autonomia se é que essa autonomia vinha beneficiar. Acho que deveria haver uma reflexão sobretudo, principalmente com, com os professores. Fazer uma reflexão, se a autonomia de facto era mais importante, se não era mais importante e fazer uma grande reflexão sobre isso ... e depois se quisesse um contrato de autonomia fazê-lo, mas isso implica ... estes agentes todos, as autarquias e mais não sei o quê ... não sei que mais. Mas tinha que ser uma autonomia para benefício da educação, dos alunos, não é ... para benefício de mais ninguém. Sempre os alunos em primeiro, em segundo, em terceiro, sempre.

Entrevistador – Claro! Mas para isso depende da qualidade das pessoas que tenham responsabilidades, não é!? ... na direcção da ... da escola?

Entrevistado – Isso a qualidade, é muito subjectiva.

Entrevistador – Pois, e, e ... vejo que aposta muito na ...

Entrevistado – Uma vez fiz uma acção de formação e ... e sobre ... qualidade no serviço e quem me deu a formação, dei ... dera um exemplo que houve mais um professor que disse, aquele funcionário não tem perfil para aquele sítio e a pessoa ... a doutora ... isso do perfil ... acho que um professor que não pode dizer se um funcionário tem perfil ou não, ele não tem formação. Pode dar é uma opinião pessoal, mas um professor não tem formação para ... para dizer se o funcionário tem ou não perfil e, e ... cada vez mais acho que o presidente de escolas se calhar em

vez da autonomia, precisam cada vez mais de técnicos ... acho que cada vez mais precisam de técnicos ... acho que já chega de professores, cada vez mais é preciso de técnicos de educação ... técnicos de, de ... mais ligados com a sociologia mais ... ligar mais a família à escola ...

Entrevistador – Mas isso nas funções de direcção e gestão?

Entrevistado – Não só nas funções! Como há professores, havia de haver mais técnicos ... psicólogos ... clínicos ou ... como ouvi falar no pedagógico, a parte social, sociólogos, educação ... formados em educação social. Acho que cada vez mais, sei lá, há muitos professores e há poucos técnicos.

Entrevistador – Mas já vi que defende muito a ... a ... criação do cargo de director, que acredita que pode resolver de alguma maneira os problemas, não é!?

Entrevistado – Eu, eu acredito no cargo de director ... no cargo de director ... sendo um director. Mas, mas acho que é difícil ser director quando se ... na sua plenitude da palavra ... quando se ... trabalha há trinta anos ... com, com pessoas, quando ... se também é da mesma classe. Acho que o director ...

Entrevistador – Que qualidades é que devia ter o director? Duas ou três qualidades.

Entrevistado – Acho que o director, primeiro devia ser formado em gestão ... um gestor ... havia de haver um gestor, um gestor de, de ... tipo um gestor de empresa, para gerir tudo o que seja a parte económica ... para gerir os ... os trabalhadores da escola, professores e não professores, para os gerir, para os controlar, acho que deviam ser controlados, os professores deviam ser ... muito controlados, porque ... acho que ... os professores estão na rua da amargura porque cinco professores decidiram que isto ia ser uma festa até ao fim da vida e acho que, quem anda aqui a trabalhar está a ser reconhecido porque os outros não querem ter a ver com isto, sempre foi assim, desde que me conheço e já ando ligado a isto há ... quase há trinta e ... ora há trinta e quatro anos, que ando ligado à educação.

Entrevistador – Mudando ligeiramente o assunto ... sobre o CG ... não sei se tem presente a composição do CG, parece adequada? A representação que há de professores, funcionários, dos alunos, portanto, estará adequada ou haveria mudanças a fazer?

Entrevistado – Eu acho que está adequada. Eu acho que, que os professores não podem ter cinquenta por cento, acho muito ... que não podem ter ... cinquenta por cento ... não sei acho que ... não sei se haveria ... acho que neste momento está adequado, mas isso também é uma questão de tempo agora para ver se ... porque eu penso que, o director não pode ser o presidente do Conselho Executivo e a ... assembleia não pode ser ... o novo, como é que se chama o novo, o novo ... dantes era assembleia agora é o quê?

Entrevistador – O CG!?

Entrevistado – O CG, acho que o CG não pode ser uma assembleia, acho que é um CG, e o director não pode ser o presidente do Conselho Executivo, é ... tem que ser o director. Já por isso mudaram de nomes, senão vamos mudar de nomes e vamos ter as mesmas coisas.

Entrevistador – E quanto à relação entre o CG e o director? Concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento?

Entrevistado – Sim e não. Porque ... como dizia ... como diz ... aquele senhor que ... pelos vistos já foi nomeado muitas vezes ... para exercer cargos do Ministério da Educação ... o Silvío Lima ... talvez ...

Entrevistador – Licínio?

Entrevistado - Licínio Lima, como eu já o ouvi ... dizer ... mais de ... se calhar ... de trezentos professores na cara que ... o sistema era um sistema eleitoralista, toda a gente o cita, mas só o citam para coisas que interessam, não o citam para coisas que não interessam ... e como eu, como eu o ouvi, se calhar era o único funcionário que lá estava no meio de trezentos professores, ele a dizer, a dizer na cara de toda a gente que aquele era um sistema eleitoralista. Acho que é um sistema eleitoralista, acho que não deve existir, agora ... se calhar os CG vão ser um bocadinho perigosos porque metem ... outras instituições ... isto vai haver sempre movimentações são ... sempre que há eleições há movimentações.

Entrevistador – Mas, o que é que quer dizer com isso?

Entrevistado – Só, só se for nas eleições europeias.

Entrevistador – O que quer dizer propriamente com eleitoralista?

Entrevistado – É eleitoralista porque ... porque as pessoas ... quer dizer ... o presidente do conselho directivo é ... é votado por ... pelo ... pelo seu povo, não é!? E tem de ser bom para o seu povo porque senão, depois não ganha eleições. Mas isso é como um presidente da câmara, não é, se for um fascizante, só se tiver tudo dominado ... se for um fascizante ... ou se for um ditador, se calhar, se pensar mesmo por ele, não ganha as próximas eleições ... mas isso já é dito pelo tal senhor ... que pelos vistos é um barra nisso tudo ... é contra isso tudo.

Entrevistador – Uma questão assim muito, muito específica, sobre o que se passou aqui no CGT e ... em relação à eleição do director? Parece-lhe correcto que ... o CGT eleja um director que depois, vai ter que prestar contas a um CG ... que pode ter uma composição diferente?

Entrevistado – Isso acho que não, mas, mas isso, mas isso, são, são coisas que vêm de baixo. Eu acho que não mas isso, mas isso é como em tudo ... como no Benfica, isso tudo não sei, não sei, quem mandou, quem manda de baixo é que deve ter as suas razões para fazer isto. Eu penso que não!

Entrevistador – Porquê?

Entrevistado – Eu penso que não porque ... eleger um ... neste caso se calhar não há muita crise ... mas nos sítios onde há muitos candidatos, se calhar vão pôr um candidato uns, que depois os outros é que não têm nada a ver com isso, que não foram eles que o puseram lá! Mas no entanto, também não deixa de prestar contas. Vai ter de prestar as contas. Mas isso são ... são os *timings* do ministério ... e as coisas foram muito rápidas ... acho que não deviam ser tão rápidas.

Entrevistador – Qual é que lhe parece que é o órgão mais importante para que a escola cumpra a sua missão? O conselho executivo, agora o director, o conselho pedagógico ou o CG?

Entrevistado – Eu acho que ... todos eles são importantes ... o que eu acho é que deve haver uma ... uma, uma interligação entre ambos e não haver um, um ... eu sou o melhor, eu sou o mais importante ... eu acho que todos são importantes se estiverem interligados porque o que interessa é a ... não é, eu sou o melhor e tu és o pior, o que interessa é os alunos primeiro, segundo, terceiro, os alunos. Porque eles têm que estar aqui, para trabalhar, são pagos e, pelos vistos, não são mal pagos, e como dizia antigamente um superior meu, pena tenho eu de um trabalhador que está ... tem mestrado e está formado e anda a chapar massa no quinto andar. Quer dizer, as pessoas estão aqui para trabalhar e para se entender ... e para desentendimentos já chega na

Assembleia da República, mas vê-se que muitas das vezes eles também são contra e às vezes chegam a consensos, têm que chegar a consensos, têm que ser interligados, se calhar um tem mais poder numa coisa, outro tem mais poder noutras e acho que não devem estar uns de costas voltadas para os outros. Pronto, acho que todos, acho que o que interessa aqui é ... todos darmos um bocadinho, sejam auxiliares, sejam professores, sejam directores, todos darmos o nosso melhor para que os alunos tenham uma melhor escola, um melhor ensino, um melhor ... porque isto de estarmos virados para os outros, sei lá nunca se liga muito aos alunos, acho que se devia ligar mais aos alunos.

Entrevistador – Sobre ... sobre ... o funcionamento do CG e portanto, também dos outros órgãos, acha que o CG tem as competências adequadas ou alteraria alguma coisa se pudesse? Tendo em conta a experiência que teve até agora ...

Entrevistado – A experiência é pouca no CG. Não sei ... eu acho que isto, tem que se dar um bocadinho tempo ao tempo para ver como é que isto resulta. O que eu acho é que deve haver mais ... as pessoas têm que ser mais sinceras, haver mais ... pôr muito os alunos em primeiro ... vamos ver, isto do CG, vamos ver o que é que isto dá, não sei, não sei. Acho que nunca, nunca irá existir um ensino perfeito, não é!? Mas pode-se fazer muito melhor ... porque acho que há qualidade para fazer. Então, então num sítio onde há tanta gente formada ... pode sair ... podem sair bons alunos da escola. É preciso é que as pessoas queiram e quem anda a não querer nada com isto ... a porta da rua acho que é a serventia da casa.

Entrevistador – E ... é fácil distinguir ... quem anda a fazer ...

Entrevistado – É super fácil distinguir quem, quem ... pode haver um ou outro que não mas, é super fácil distinguir quem, quem quer alguma coisa e quem não quer, seja em qualquer classe, seja aqui, seja na justiça, seja ... acho que é fácil distinguir. As pessoas têm que trabalhar, porque não estamos em *lay-off*, a gente recebe naquele dia e acho que temos de trabalhar e temos de trabalhar todos, não é uns a trabalhar e os outros a brincar. Acho que, acho que ... quanto por exemplo, quanto aos professores há ... uma ... margem pequena que estragou isto, continua a estragar. Mas são erros do passado e têm de ser corrigidos agora, ou deverão ser corrigidos.

Entrevistador – Em termos pessoais porque é que se candidatou ao CGT?

Entrevistado – Porque ... essencialmente porque ... nesta idade ainda penso que vou mudar o mundo!

Entrevistador – Não percebi!

Entrevistado – Candidatei-me porque acho que ainda é possível, porque sinto que ainda é possível mudar as coisas, ou mudar para melhor as coisa ... embora às vezes não me pareça que seja muito possível ou que ... um funcionário é sempre um funcionário, não sei se ... quem vai dar a entrevista é identificado como funcionário mas, um funcionário nunca teve peso numa escola e cada vez pode tê-lo, é preciso é, é empenhar-se, é preciso arriscar, é preciso dar o corpo, é preciso dar a mente e a alma. Mas, mas acho que ... que, lá está, é uma classe que hoje pode ser melhor, mas ... não tem grande peso numa escola ... e nem lhe dão grande importância. Já lhe deram menos mas não lhe dão, dantes era um criado.

Entrevistador – Candidatou-se por achar que podia fazer essa diferença, defender os interesses dos funcionários, ou foi solicitado pelos colegas, ou por alguém para se candidatar?

Entrevistado – Sim, também fiz solicitado pelos colegas ... porque eles acham que eu tenho mais...mais força, mais coragem, mas ... eles têm um pouco de medo mas ... a maioria deles, mas em todas as escolas que eu conheço ... mas, sinto que ... o que um funcionário diz nunca é muito ... não tem grande, tem menos peso. As coisas vêm de onde vêm, as pessoas também são o que são.

Entrevistador – Isso depende do facto de ser um funcionário, ou dos argumentos que utilizam?

Entrevistado – Eu acho que depende de ser funcionário. Tanto é que nos tiraram o poder no conselho pedagógico, que acho que está mal, não vejo porque é que não tenham ... se os encarregados de educação estão presentes, não vejo porque é que nós não vamos estar no conselho pedagógico. Acho que ... foi, é uma falta de consideração mas, quem sabe é que sabe.

Entrevistador – Mas quando diz que os funcionários têm, têm medo de ... e por isso não se candidatam alguns, não é!? Têm medo propriamente de quê?

Entrevistado – Primeiro existe um ... um acanhamento devido a ... que isto antigamente eram ... os criados, não tinham voto na matéria, e depois ... existem sempre alguns medos de ... é como nas empresas! O funcionário ... vai fazer a entrevista ao patrão ...

Entrevistador – Mas é ... medo ou falta de à-vontade para estar no ...

Entrevistado – É falta de à-vontade, existe uma falta de à-vontade que só depois de estar alguns tempos ... pronto nós não temos muitas reuniões quer dizer e estamos com pessoas hierarquicamente superiores, não é!? Queiramos ou não queiramos estamos com outros graduados e existe um ... medo que ... existe sempre algum medo.

Entrevistador – De alguma retaliação por alguma ideia, por alguma opinião dada?

Entrevistado – Também, mas, mas essencialmente por acanhamento, também.

Entrevistador – Mas o CG ... em princípio, seria um órgão em que as pessoas se poderiam exprimir livremente, participação livre, liberdade de opinião, não é!?

Entrevistado – Sim, mas isso também é na Assembleia da República e, e, e não se faz isso, não há liberdade, tem que se seguir um rumo, uma linha traçada, também das pessoas que se representa, não é!? Às vezes temos que ... se estamos lá a representar funcionários, temos que ... seguir as linhas deles.

Entrevistador – Mas ... o funcionário no CG, naquele momento é um elemento como outro qualquer, não há ali, ali não há uma hierarquia.

Entrevistado – Existe sempre uma hierarquia.

Entrevistador – Haverá o presidente do CG, mas à parte isso ...

Entrevistado – Existe sempre.

Entrevistador – Na ... na reunião, enquanto funciona, não há ali uma hierarquia, os representantes estão em pé de igualdade.

Entrevistado – Mas isso é ... estão em pé de igualdade, mas isso é ... isso é muito aparentemente, pelo menos é o que eu acho.

Entrevistador – Porque pode depois ter consequências fora ... do CG, será isso? Portanto, a intervenção feita lá?

Entrevistado – Pode ter consequências, pode ter consequências até ... com os colegas ... nas ideias. Visto que nós ... fazemos ... nós não fazemos reuniões, quer dizer, eles ... se quiser estar

numa escola megalómana ... foi o que eu disse atrás, eu, se eu ... há funcionários que vejo de quinze em quinze dias e se estivermos a falar muito aí nos sítios também não trabalhamos ... nós reunimos pouco, porque ... enquanto que os professores sabem mais reuniões, do que os outros pensam, porque vão, vão ao intervalo grande ... ou têm uma reunião de departamento, ou uma de grupo ou fala-se às vezes em conversas mais paralelas, que não tem a ver com essas reuniões, sabem outras opiniões e representam também pessoas ... é diferente.

Entrevistador – Então ... posso concluir que ... não houve articulação entre os representantes dos funcionários, que eram dois, não é?!... e os funcionários que os elegeram?

Entrevistado – É um pouco isso também, não há, não há porque ... é difícil, é difícil ... se ...se por exemplo um funcionário que está na assembleia geral e estiver por exemplo numa reprografia, está preso, não tem grandes convívios ... com os outros funcionários porque ... porque a escola é megalómana ... são cinquenta funcionários, são ... uma escola que tem não sei quantos hectares quer dizer, se calhar são dezenas de hectares, não faço ideia, mas isto deve ser enorme ... muitos hectares, uma escola megalómana, não é, e depois outra coisa, representar ... depois é muito difícil fazer-se eleições, porque o agrupamento é muito disperso, quer dizer, nós quase representamos os funcionários do agrupamento sede porque nem sequer contacto temos com outros ... outros funcionários. Se calhar porque pertencemos ao CGT ou ao CG agora devíamos ter, sei lá ... ao fim do dia seguinte, por exemplo, à reunião devíamos ter uma tarde livre para dizer o que é que se passou, o que é que não se passou, o que é que se quer que se diga. Nós por exemplo, não conhecemos grande parte dos funcionários que representamos, porque isto é disperso, não é!? Há escolas a ... trinta quilómetros daqui, não é, é complicado, nem os conhecemos sequer! Há ... há colegas que nem conhecemos!

Entrevistador – Portanto, no fundo, como representante dos funcionários no CG assumiu mais as posições pessoais do que ...

Entrevistado – Sem dúvida! Mais as posições pessoais, embora algumas, penso que eram das pessoas que conheço e ... que já trabalham comigo há dez anos. Trabalhavam na minha escola, agora já somos mais, isto agrupou, também aqueles que representei, a maioria das opiniões das pessoas que são da minha classe.

Entrevistador – Considera-se preparado para exercer essa função de representante do ... do pessoal não docente no CG?

Entrevistado – Eu neste momento considero-me é cansado ... que é diferente. Acho que considero-me preparado. Acho que todos nós temos de estar preparados para tudo mas, mas neste momento sinto-me é cansado porque, acho, acho que ... os dois últimos anos, principalmente o último ano foi de gritos para toda a gente, principalmente para os professores. Muita papelada, muita confusão, muito ... muito desmancha daqui, e faz-se dacolá, está mal, não está bem, não é assim, não se esteve a fazer nada, não sei! Tem sido complicado.

Entrevistador – Durante o período em que funcionou o CGT, acha que, nas tomadas de decisão, sempre prevaleceu a defesa do interesse geral, do bem comum ou prevaleceu ... interesses de grupos ou de pessoas, individualmente?

Entrevistado – Às vezes ... eu penso ... que às vezes há um bocadinho essa imagem que há um interesse de ... grupos ... por vezes até umas quezílias que não ... que não deviam existir ... entre uns e entre outros e tomadas de posição, para mostrar, se calhar, alguma autoridade. Acho que não, que não ... para além deste maquiavelismo de, de ... leis que vieram, umas contrariam outras não contrariam, eu acho que, eu no CG, acho que vi mais juristas e advogados, que professores e ... não sei ... acho que foi um pouco isto. Acho que deste CGT não deu para ver muito, porque isto foi tudo muito de cima, muito ... é tudo muito em cima, tudo muito em cima, tudo a queixar-se, está tudo a afogar.

Entrevistador – E acha que, como representante dos funcionários tem condições, no CG para defender os interesses dos funcionários na escola, no agrupamento?

Entrevistado – Eu acho que há ... há condições para isso é preciso é que as pessoas que, que lá estejam que se ... se defendam ... condições têm.

Entrevistador – O órgão em si, o CG será adequado para que os funcionários apresentem lá os seus problemas e defendam as suas ideias, as suas opiniões? Ou, ou ... não adiantará apresentar lá propostas, opiniões?

Entrevistado – Adiantar, adianta sempre, pelo menos estamos lá e se for preciso nos defendermos, pelo menos, pelo menos para nos defendermos e esclarecer algum equívoco. Agora as propostas

também são mais difíceis de fazer, porque as propostas quando são feitas não podem ser pensadas por uma pessoa só. E se nós não tivermos reuniões, convívios, contactos, formação, acho que é difícil apresentar uma proposta feita por uma pessoa só. Acho que convivemos pouco uns com os outros.

Entrevistador – Nesta sequência de ideias, qual lhe parece que foi a maior influência ou, se houve ... se podemos destacar influências e pressões sobre a actuação do CGT? Qual é a origem das maiores influências, pressões sobre o órgão?

Entrevistado – Acho que as maiores pressões sobre qualquer órgão é, são ... neste momento, falando neste momento, desde que o conselho existe, existe há um ano e tal, não é, acho que as maiores pressões são ... os medos, são, são ... as pressões que a sociedade tem, e que os professores têm, que os funcionários têm e que ninguém sabe muito o amanhã e que existem notas e porque se fala em desemprego e porque ... acho que as maiores pressões que houve é, é mesmo a pressão social, que existe neste momento sobre a sociedade, em que as pessoas não sabem muito bem em que ... o que é que acontece, está tudo com medo de ser atacado ... acho que está tudo com medo de perder o trabalho, acho que ... as pessoas que fazem parte do CG, todas as pessoas, seja professores, seja funcionários, seja outra coisa qualquer que está com ... acho que a sociedade está com ... medo do futuro, com ... pressão. Acho que foram as coisas piores que, para além desta salsada que ninguém se entende, e acho que o CG deveria ter ... se assim continuar a ser ... acho que devia ter alguém que ... algum jurista que, que, que escamote ..., escamote ... as leis, e que diga a lei é assim, que diga e esclareça a lei, porque às vezes um professor interpreta uma lei de uma maneira, o outro diz que não, e perde-se imenso tempo às vezes com coisissas, e quando se vê já não estão a falar nos alunos e nos problemas que os afectam e no que está mal e no que está bem, e porque também se utiliza muito o CG e utiliza-se muito o Conselho Pedagógico, porque está tudo com medo e utiliza-se muito para interpretar bem as leis, porque pode vir alguém, algum inspector e, e ... cai em cima. Está tudo com medo dos processos, está tudo ... os pais agora têm mais informação, fazem mais recursos ... acho que toda a gente anda a fazer coisas, mas é fazer escudos. Em vez de se fazer educação está-se a fazer escudo. Cada vez mais, acho que em todos os órgãos está assim, está tudo com medo.

Entrevistador – E assim uma questão muito mais concreta e pessoal. Sentiu-se pressionado em algum momento no sentido de defender alguma posição no CGT?

Entrevistado – Sim, porque temos de defender posições ... que são controversas, por vezes mesmo, mesmo que não nos digam nada podemos ... de nos sentir ... um pouco pressionados ... mas isso, acho que faz parte da vida.

Entrevistador – Mas quando digo ... identificar a origem da pressão, ela vem, portanto, as pressões ... tem assim uma ideia de que são ... que têm uma origem, assim um bocadinho difusa, mas não se consegue ...

Entrevistado – As pressões, as pressões existem sempre em tudo, as pressões existem sempre em tudo ... se calhar até nos casais existem algumas pressões, não podemos, não podemos é ter medo delas. Pressão, pressão existe em todo o lado. A pressão existe, existe porque ... existe porque ... quer dizer ... as escolas eram pequenas, as escolas eram ... eu costumo de dizer que os professores eram um grupo de amigos, e eram, no fundo eram. Havia dois ou três que não entravam naquele sistema ou que não se enquadravam naquelas, naquela amizade ... eu acho que o ... as escolas eram um clube de amigos, e que agora não existem, porque existem mais pessoas e depois vieram estas fusões, houve ... sempre que há eleições também há mais ... há coisas que se partem, há laços que se quebram e isso não é bom, não é bom numa instituição haver ... quezílias, rancores ... isto veio partir, estas fusões veio partir isto ... coisas que estavam cimentadas, veio como dizem alguns professores ... que dantes demoravam-se anos a mudar uma coisa e agora muda-se num mês. Isso perturba, isso perturba, cria medos, cria ansiedades, cria pressões ... o saber o amanhã ...

Entrevistador – Leu o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento?

Entrevistado – Li, li, li!

Entrevistador – E é capaz de dar assim uma opinião sobre ele, em termos gerais? Como é que, como é que o avalia ... o projecto, não é?!

Entrevistado – Isso quando, quando existe só um, um ... candidato, eu por exemplo não sou uma pessoa que gosto muito de ler nem tem grande interpretação sobre as coisas, não sei a minha opinião pessoal, embora a minha psiquiatra diga que não é bem assim ... acho que ... que é um projecto que ... como ele diz também se ele não tiver dinheiro não consegue fazê-lo e hoje em dia o dinheiro é a mola real das coisas. Se, se ele... como eu acredito que ele ... é incapaz de fazer ...

mal a alguém, logo, acho que ele pode conseguir, conseguir fazer, fazer ... isto mudar para melhor. Embora eu ache que um director, embora mande, eu acho que com esta grandiosidade, por exemplo, da escola sede, dos agrupamentos em si, a mandar nisto tudo, eu acho que se não tiver uma grande equipa, por trás, acho que não é possível. Tem que delegar muito, tem que delegar muito as coisas e ter confiança nas pessoas que estão com ele, delegar muito, não pode estar a resolver tudo, acho que é megalómano para resolver tudo, tem que delegar muito e acho que é possível, ouvir muito e delegar muito. Acho que estamos na ... acho que agora com o director, acho que estamos numa era de ... eu se fosse director neste momento, acho que o mais interessante era unir, unir, unir, ouvir e ... fazer, tendo-se o poder, não se deve ... deve-se usar o poder para o bem, não se deve usar o poder para a arrogância e acho que isso, pronto, eu disse-o pessoalmente que tinha, que tinha medo que ele deixasse de ser presidente do Conselho Executivo e que não fosse director. Foi a minha opinião, porque, porque o conheço ... que antes queria que fosse director ... do que fosse Presidente do Conselho Executivo. Acho que ... gostaria mais que ele fosse director do que fosse Presidente do Conselho Executivo.

Entrevistador – De acordo com o decreto-lei 75 de 2008, portanto, o CG ... pede prestação de contas ao director. Acha que o director tem que se submeter à vontade do CG ou deve procurar impor-lhe a sua vontade?

Entrevistado – Tem que se submeter ao CG. Isso é o que diz ... acho que é o que a lei diz e ... tem que depois prestar contas e o CG tem de avaliar.

Entrevistador – Mas ... o director ...

Entrevistado – O director não tem que impor nada no CG.

Entrevistador – A fazer essas mudanças de que a escola precisará não terá que tentar usar mais autoridade, como dizia há bocadinho, por isso, de certa maneira impor-se ao CG?

Entrevistado – Tem, tem que usar autoridade perante a comunidade escolar, agora sobre o CG não tem que se impor nada. O CG é que tem ... é que é o órgão que o elege, também é o órgão que o destitui, também é o órgão que lhe puxa ... que pede contas.

Entrevistador – E concorda com o facto de o CG poder destituir o director? Acha bem que isso seja possível?

Entrevistado – Eu concordo! Tem que haver alguém que o possa destituir e quanto mais perto estiver, esse poder, estiver do director, é um poder que ... que o observa mais de perto, porque se for a tutela, de baixo, vai destitui-lo porquê? E depois tem de vir para aqui gente fazer inquéritos e isso nunca dá nada. Eu acho que está aqui mais perto pode destitui-lo, acho muito bem. Concordo!

Entrevistador – Conseguir imaginar uma situação em que se justificasse a exoneração do director?

Entrevistado – Consigo. Desde que, desde que o director ande aqui a brincar com isto e que ... não esteja a cumprir minimamente aquilo que prometeu e que o ensino não esteja a cumprir, que a escola, esteja ser uma bandalheira e não haja condições. Sei lá, acho que agora o director tem mais responsabilidades, como também tem mais poderes, não é, não se pode só dar também tem de se receber.

Entrevistador – O director deve prestar contas de preferência ... em primeira instância, a quem, ao Ministério da Educação ou ao CG?

Entrevistado – Eu acho que ao CG. Porque o CG é que está muito mais perto, é que observa muito mais. Eu acho que sim, e ao ministério depois ... depois o ministério, mas o CG, também acho que deve, devia prestar contas ao ministério, se também aprova, ou não aprova tem de prestar contas, é assim.

Entrevistador – E acha que o CG tem o poder necessário para definir a política educativa do agrupamento, e portanto, e depois exigir o trabalho correspondente por parte do director e de toda a gente e essa ...

Entrevistado – Se o CG tem ...

Entrevistador – Se tem poder necessário para definir a política educativa do agrupamento?

Entrevistado – Sei lá! Acho que ... acho que pelo menos deve ter, acho que deve ter. Mas não ...

Entrevistador – Acha que neste momento pelo que tem visto terá esse poder?

Entrevistado – Não sei! Acho que ... também é difícil porque existem muitas leis, que se calhar não ... se calhar existem muitas leis que ... não vão deixar isso ... essa máquina ser assim tão oleada, mas vamos ver ... isto é coisas novas, estamos todos à espera do que isto dá ... que dê é melhor

educação e que tenha mais poder, mais poder sobre os alunos, sobre toda a gente ... que consiga fazer disto melhor. Porque isto ... porque neste momento há aqui uma série de facilidades e de opressões que, se calhar, na minha geração não havia, quer dizer e ... eu reprovei com três negativas e agora não se reprova, acho que ... isto, isto qualquer dia tem que se dar ... tudo aos meninos, e eles também têm que dar.

Entrevistador – No fundo, no fundo esta questão era para saber a opinião, a sua opinião sobre o seguinte: afinal quem é que terá poder para definir a política educativa do agrupamento, será o CG ou será o Ministério da Educação?

Entrevistado – Quem é que deveria ter, era, era o CG. Eu acho que quem deveria ter esse poder era o CG.

Entrevistador – E quem tem de facto, ou pelo menos daquilo que viu durante este período em que esteve?

Entrevistado – Este período é um bocadinho difícil de ver. Porque este período é o que eu digo, andou toda a gente a fazer escudos. Acho que aí é um bocadinho difícil de ver mas, mas, mas acho que, que há muitas, muitas leis que impedem, impedem de o CG ... poder ditar mais as ... as regras. Penso eu!

Entrevistador – Ora bem ...

Entrevistado – Também não estou muito por dentro disso.

Entrevistador – Para terminar! Em relação aos representantes dos vários grupos, dos professores, dos funcionários, dos alunos, etc., que estiveram no CG como é que avalia a participação deles? Destacaria algum grupo em especial que participasse mais, que tivesse dominado a ordem dos trabalhos ... grupos que não terão tido grande intervenção?

Entrevistado – Sei lá! As instituições exteriores nunca têm muito grande intervenção ... penso que também estão aqui um pouco por ... não sei, quase por obrigação, mas ... esperemos que essas coisas mudem ... há sempre ... há sempre grupos que, que ...

Entrevistador – Por exemplo os alunos?

Entrevistado – Os alunos acho que não tiveram grande ... no CG devido às faltas de comparência, poucas vezes lá estiveram. Os alunos ainda não estão muito ... ou não têm maturidade suficiente para estarem no CG ainda, os alunos diurnos, os nocturnos têm.

Entrevistador – E em relação à autarquia?

Entrevistado – As autarquias ... acho que vão fazendo o que podem.

Entrevistador – Mas neste caso, a participação neste CGT em concreto, como é que avalia a participação da autarquia, dos representantes da autarquia?

Entrevistado – Eu acho que é um bocadinho difícil de ... de avaliar a participação da autarquia porque ... senti que muitas pessoas da autarquia vieram aqui às reuniões para ... e chegaram aqui e confrontaram-se com ... com muitas quezílias, muitas ... principalmente professores muito ... muito ... saturados ... se calhar vinham aqui mais para falar de outros assuntos ou à espera de outros ... de outros debates e chegou-se aqui, falou-se só ... em leis, em ... muitas interpretações da lei, muitas ... acho que a autarquia que ... que vem cá é mais para resolver problemas mais concretos com alunos e não com, com leis que afectem ou não afectem professores, com, com leis que estão confusas sobre, sobre exames, sobre, sobre carreiras, sobre ... isto, vejo professores cansadíssimos, com montes de trabalho e acho que a autarquia que veio aqui muitas vezes fica ... fica um bocado perplexa com este, com este ping-pong, de atira não atira e que vem aqui mais para ... para saber necessidades e para estar aqui para fazer coisas de necessidade e não para estar a ... escamotear leis e a ver leis e ... acho que isto foi mesmo um transitório, espero que seja mesmo um transitório, esta confusão.

Entrevistador – E, e quanto à participação dos professores? O que é que lhe pareceu?

Entrevistado – Sei lá! A participação, a participação dos professores, acho que pronto, eles é que participam mais! Acho que, que, que os professore que têm que ser, tem que haver por isso se formam listas, tem que haver opiniões diferentes, pessoas diferentes, para, para o CGT, assim como os pedagógicos e qualquer conselho, não é, tem ... mais ... opiniões, mais ... opiniões diversas, mais ...

Entrevistador – Mas, e em termos de avaliação da ... qualidade ou da quantidade da participação dos professores ...

Entrevistado – Eu penso que houve qualidade ... na participação dos professores, eu acho que sim, eu acho que houve qualidade.

Entrevistador – E, e em relação aos representantes dos funcionários, como é que avalia a participação deles?

Entrevistado – Vou avaliar um pouco a mim, mas ... eu acho que, que, que foi positiva, a, a nossa intervenção. Acho que foi positiva. E se nos derem mais ouvidos, nós até temos ideias para mudar um pouco isto. Embora eu seja, como eu lhe dizia em antes de o gravador estar ligado, lá está as leis, por exemplo a lei do, do coordenador do pessoal não docente seja antiquíssima e ... eu acho, eu acho que o director para, para poder, para poder fazer coisas em condições tem que ter dinheiro, tem que ... mandar no chefe, administrativo, tem que, tem que nomear o administrativo que melhor seja para ele, para o representar, tem que nomear o melhor coordenador, não é ... isso, isso é imposto pela tutela, e a partir do momento que é imposto pela tutela ... quer dizer, ele até pode ... pode ter um funcionário a mandar nos outros ou a coordenar os outros, que até não seja muito bom da cabeça e que não seja um grande coordenador por ter essa oportunidade de subir, e isso, eu acho que isso, por exemplo vai ... vai, não parece importante mas acho que vai molestar, molestar a organização de uma escola porque dantes era muito mais fácil com dezasseis funcionários. Agora com quarenta e tal, e com vinte e tal noutra, e acho que se não houver ... e acho que mais vale um bom mandador do que ... dez, que dez bons trabalhadores. Eu acho que isso por exemplo é uma das coisas, se calhar há outras coisas mais importantes ... que, que estão mal, e pronto!

Entrevistador – Porque é que não levantou esse problema por exemplo, no CG?

Entrevistado – Cheguei a levantar esse problema, não sei se foi no geral ou no, no geral não tenho bem a certeza, mas cheguei a levantá-lo no Conselho Pedagógico e não há nada a fazer! Remete tudo para a lei, tudo remete para a lei e acho que isso é complicado. Eu acho que ... é a mesma coisa que eu se tiver uma empresa ... vier uma ... uma pessoa que não conhece nada daquela empresa, me impor quem vai ser o chefe da secção A ou da secção B. Quer dizer, não sou eu ... que, que mando. Eu acho isso que perturba uma escola em que tem quarenta e cinco funcionários e ... e que tem hectares de terreno e que tem ... vários blocos e que tem ... dantes por exemplo, as escolas fechavam. Eu lembro-me que ... das escolas fecharem ao meio-dia e meio e abrirem às duas e meia. E não ficava lá ninguém, e não havia grades e hoje em dia as escolas têm umas

realidades diferentes, têm que ter porteiros, têm que ter vigilantes, tem que ... os bufetes estão abertos, são mil alunos para dar de comer, são ... isto é megalómano, e acho que, que uma boa organização, não sei, para vir de cima, depois tem que haver quadros, também bons quadros intermédios.

Entrevistador – Está a pensar candidatar-se novamente como representante dos funcionários ao CG?

Entrevistado – Não! Acho que foram oito anos de Pedagógico, Conselho Pedagógico, foram ... dois de Assembleia, talvez um ano e meio de Conselho Transitório ... acho que não podemos ser sempre os mesmos, acho que, que ... existe uma altura em que é preciso ... que outras vezes vão e que ... que não podemos ser sempre os mesmos, se não também caímos um pouco como os sindicatos, quer dizer ... eles têm razão, mas também são sempre os mesmos. Não sei! Acho que não podem ser sempre os mesmos, é como na política, também são sempre os mesmos.

Entrevistador – Eram estas perguntas que eu tinha para fazer, só me restava mais uma questão que é a seguinte: o que é que pensa da entrevista, se acha que há mais alguma coisa a acrescentar, que lhe pareça que faria falta, que ... numa entrevista deste tipo ...?

Entrevistado – Não, acho que se debateu aqui tudo, e acho que o essencial está aí. O que eu acho é que ... eu posso parecer muito militarista mas, mas acho que às vezes é preciso um pouco essa ... quer dizer, as pessoas ... faz-me lembrar um pouco na educação física, tínhamos a ginástica sueca, e era tudo ... as pessoas não eram livres, faziam os movimentos como fazem os militares ... e agora volta-se para a liberdade e depois há muita liberdade, quer dizer acho que tem que haver um intermédio. Não pode, não ... isto, isto ... eu não queria dizer que a escola, que é uma empresa mas ... no fundo isto é um sítio de trabalho em que é preciso entrar a horas, é preciso cumprir e é preciso fiscalizar. Sou contra, contra as inspecções marcadas, sou contra ... acho que era desnecessário isto, mas é necessário porque algumas pessoas não querem, não querem nada. E quando não querem prejudicam todos os outros. Isto é em todas as classes, e eu sou a favor das surpresas, já fui, já fui contra as câmaras na escola, sou a favor, já fui contra as batas na escola, agora sou a favor. Tenho vindo a mudar, se calhar, se calhar tenho vindo a modificar.

Entrevistador – As câmaras de vigilância?

Entrevistado – As câmaras de vigilância, já ... acho que tem que haver hierarquias, acho que, acho que as pessoas têm de poder dizer, por isso eu tenho um pouco de medo quando o director é um colega de trabalho, às vezes de anos e de décadas e acho que ... se fosse uma pessoa ... que aparecesse aqui e que não fosse conhecida, acho que era mais fácil ser director, e é preciso mandar. Aquela situação que eu acho que ... é preciso seja colega ou não, olha pá, chega cá, isto não é assim, tu a partir de agora fazes assado, isto. Há pessoas que não concordam comigo, isto não é um sítio propriamente ... acho que já está muito desgastado no exterior e acho que não é propriamente um sítio de passagem, é um sítio onde se tem de trabalhar.

Entrevistador – Mas, mas agora eu estava a dar a entrevista por concluída mas agora, suscitou-me duas questões.

Entrevistado – Sim.

Entrevistador – Primeiro, primeira, se acha que deve haver renovação, que as pessoas fiquem muitos anos num cargo, que vão-se habituando a certas coisas e depois não, não fazem novo, não, não, não fazem as mudanças necessárias. Nós temos um ... um director que foi ... por volta de vinte anos presidente do executivo. Então não se justificaria também a mudança?

Entrevistado – Mas isso, isso, isso, isso ... se calhar nesse ... há alguns cargos que ... que se calhar a experiência é importante. Se calhar foi uma das vertentes, se calhar ... da classificação, ou da escolha, a experiência e, e ... neste caso concreto eu acho, para outro cargo, espero eu!

Entrevistador – O cargo é diferente, não é!?

Entrevistado – Acho que o cargo aqui é diferente, que é um cargo mais pesado e ... em que é preciso ... ser-se mais forte ... mandar mais ...

Entrevistador – Mas a pessoa é a mesma, a pessoa não é mais forte, ou será que por a lei ser nova, a lei dá mais força à pessoa?

Entrevistado – A lei pode, dá mais força à pessoa, mas também exige mais.

Entrevistador – Depende mais da lei do que da pessoa? Então?

Entrevistado – A pessoa ... não, a pessoa tem é que funcionar conforme a lei. Isto agora é, já não é ... como antigamente. Eu penso que não é, ou se estamos para ser igual, isto é ... foi muito tempo

perdido se calhar, eu falo por mim. É tempo demais perdido e é confusão a mais. Espero que as coisas cheguem aí e acho quando se muda, muda-se para melhor.

Entrevistador – E outra questão ... muda-se para melhor, quer dizer ...

Entrevistado – Tem-se que, forçosamente, é a obrigatoriedade, quando se muda tem que se mudar para melhor. Agora para mudar para pior não, não se deve mudar para pior, quando se fazem as coisas para mudar é para melhor.

Entrevistador – A outra questão que me ocorreu, quando há bocadinho disse defender as câmaras de vigilância na escola, se houver câmaras de vigilância isso não vai dispensar o trabalho de alguns funcionários?

Entrevistado – Não, não vai dispensar, não vai dispensar na medida em que as câmaras tem de ser usadas para comprovação de coisas, quer dizer e para se saber quem fez, porque neste momento os pais não querem saber dos alunos e isso. A maioria dos pais não querem saber dos alunos e ... porque as coisas mudaram, porque dantes a mãe estava em casa e tomava conta das coisas, depois havia o respeito, havia o respeito pelo padre, havia o respeito pelo ... agora não, agora como há pouco tempo veio aí uma mãe e o filho mandou o cozinheiro meter o bife no ... rabo, e a mãe diz que isso não é falta de educação, tem que se ... por vezes, se um funcionário se estica mais, ou um professor, já vem um pai aqui d'el-rei, e se partiu um vidro não há ninguém em casa. Ou se for preciso para levar, para levar um aluno ao hospital, não aparece ninguém, não é! Tem que haver porque ... tem que haver uma comprovação daquilo que foi feito, se aparece uma porta partida, vamos ver quem é que a partiu e temos imagens para ver, temos provas disso. Não sei se isso legalmente é bem assim, mas isso ... eu acho que ... e não é só isso ... numa escola tão megalómana, eu acho que é necessário isso ... porque somos quarenta e sete, penso eu, funcionários, mas se fossemos a ver ... os funcionários necessários para uma escola que abre às oito da manhã e os alunos vão às cinco da tarde embora, a escola fecha, acaba o diurno às seis, uma escola que não fecha, os funcionários têm que ir comer, que só trabalham sete horas por dia, que não podem trabalhar cinco horas seguidas ... embora às vezes se faça isso, e se as pessoas pegarem num papel e se fizerem o esquema disto tudo, se calhar às vezes não é preciso quarenta e sete, mas outras vezes é, e ou mais. Porque há momentos em que a escola, há zonas da escola em que não há funcionários para as vigiar ... é difícil. Quer dizer, nesses sítios podem acontecer ... coisas ... gravíssimas e depois é preciso prová-las e comprová-las e se o aluno souber que pelo

menos tem ... uma vigilância, que está a ser gravado ... porque ... eu sei que existe a privacidade, mas as pessoas vão para os centros comerciais e estão a ser gravadas, vão tirar a gasolina e estão a ser gravadas, quer dizer, ninguém fala em privacidade, eu sei que os alunos precisam de privacidade, mas também essas imagens não precisam de ser vistas, só, só serão vistas quando necessário, não é?! Numa escola destas, sei lá, um aluno pode saltar a grade e ninguém vê e ninguém é obrigado a ver, não podemos ter um polícia em todas as esquinas. Há horas em que não há funcionários em muitos lugares, isto deve ser em todo o lado assim, não sei!

Entrevistador – Pronto, para acabar queria agradecer a disponibilidade e a atenção em colaborar nesta entrevista e pronto, é tudo.

Representante de uma Instituição Local - Fátima

Dia 30/06/09;

Entrevistador – Então, ia começar por lhe perguntar a idade.

Entrevistada – A idade, quarenta e sete.

Entrevistador – E grau de escolaridade que, que, que concluiu?

Entrevistada – Ora bem o que é que eu ia dizer. Tenho licenciatura, depois fiz ... tenho a parte curricular de mestrado mas ...

Entrevistador – Uma pós-graduação, provavelmente?

Entrevistada – Sim, digamos que sim.

Entrevistador – Uma questão assim de âmbito geral sobre a educação. O que é que pensas, o que é que pensa sobre a educação, o estado da educação, neste momento, aspectos positivos, negativos assim mais relevantes? De forma sintética.

Entrevistada – De forma sintética. Bem, isso é uma pergunta muito complicada para ser respondida de forma sintética. O que é que eu penso da educação? Penso que ... não estamos a dar bons passos em termos de educação, não é ... acho que as coisas não estão a seguir um

caminho muito, muito correcto. Aliás, quando, quando se ... quando se trata os professores ... como tem acontecido, não é, ultimamente, quando se tratam os professores de uma maneira, da maneira como nós temos sentido, julgo que isso já é muito significativo em termos de educação, não é!? Porque, a educação faz-se com os professores ... e não contra os professores, não é!? ... que mais, o que é que eu posso dizer ... Eu não queria, não queria deixar aqui uma visão muito, muito pessimista em relação à educação, mas de facto, aquilo que eu sinto e da experiência que já posso considerar longa, não estamos a evoluir, não estamos a evoluir para um caminho ... estamos, estamos a evoluir para um caminho de facilitismo, por exemplo, em que ... em que se exige muito pouco dos alunos, situações tão caricatas como existem actualmente, em que os alunos têm vinte ao fim do período, muitos colecionam vintes! Isto é um bocado estranho porque eu nunca pensei que um vinte pudesse ser dado assim de ânimo leve, não é!? Um aluno de vinte é um aluno excelente, sabe tudo, domina tudo, não é! E acho que estamos a ... estamos a cair num exagero de ... aquele aluno que sabe alguma coisa, já se considerar que é um aluno excelente. Quando aquele aluno, aqui há uns anos atrás poderia ser considerado um aluno médio, um aluno, enfim mais mediano. Mas agora não, agora é super excelente e, claro que os programas cada vez tem-se ... estão sempre a mudar, obviamente estão sempre a mudar e nós apercebemo-nos que de facto se exige muito pouco dos alunos. Onde é que está o conhecimento?

Entrevistador – E, e ao nível deste agrupamento sobre, partindo daquilo que conhece sobre o agrupamento. Também os problemas serão esses? Ou há problemas específicos?

Entrevistada – Eu julgo que, eu julgo que este problema, eu poderei considerá-lo um problema geral, não é, porque é um problema que tem a ver com programas, com currículos, tem a ver com orientações, orientações emanadas superiormente, a que nós somos alheios, não é!? Neste agrupamento, há para além desse problema, que eu julgo que é geral, há outros problemas que nós sentimos que tem a ver com a fusão das escolas, por exemplo, não é!? ... fusão das escolas que trouxe, trouxe ... eu aí vejo algumas vantagens, vejo algumas vantagens. Aliás, a minha experiência diz-me que ... e nós começamos a, começamos a experiência de agrupamento, já em 98. Portanto, eu posso dizer como aquela senhora da publicidade, ainda sou do tempo em que o primeiro agrupa... nós, eu pertenci ao primeiro agrupamento, daqui do distrito (...). Nós fomos pioneiros. Em que na altura havia só pré-escolar e primeiro ciclo. E nessa altura as coisas eram bem, eram bem, bem mais fáceis de resolver. Depois, deu-se a fusão para um agrupamento vertical, não é!? ... em que passou a integrar o 2º ciclo e o 3º, em que os problemas cresceram,

porque claro, é, é uma população muito maior, há especificidades de cada ciclo, que têm que ser ... têm que ser tidas em conta, e agora, ultimamente, com a fusão com, com a escola, com o ensino secundário as coisas ainda se agravaram mais! E depois há aqui, há aqui muitos interesses, muitas lutas de interesses, as pessoas, não, não têm uma visão, não têm uma visão de um todo, de um agrupamento como um todo, é ... ainda há aquelas guerrinhas e aquelas tricas e dicas que eu espero que, que se ... pelo menos se atenuem, não é, atenuem com o tempo. Mas, ainda não temos aquele espírito de ... de pensar como um agrupamento, de pensar num todo.

Entrevistador – E para ... para resolver esses problemas, com quem é que se poderia contar, ou de quem se poderia esperar medidas para resolver os problemas? Do Ministério da Educação ou da autarquia, que agora também tem intervenção na ... no agrupamento, dos pais, dos professores, dos alunos?

Entrevistada – Eu acho que aí, eu acho que aí cada um dos actores teria o seu papel. Acho que sim, acho que temos ... temos todos, todos os intervenientes têm muitas responsabilidades. Agora, julgo que no caso do agrupamento, uma liderança ... uma liderança forte será importante, ou melhor uma boa liderança. Porque uma liderança forte, pode ser, pode ser mal entendido ... não sei, não acredito muito que, que o director, a figura do director venha a trazer mais-valias em relação a este assunto. Mas, basicamente eu acho que, cada um dos actores tem que ter, eu julgo que isto é muito complicado, é muito complicado, é mais fácil dizê-lo, agora operacionalizar estes, estes interesses, porque isto, quer queiramos quer não, cada, cada grupo de actores tem os seus interesses. Os pais têm um interesse, os professores têm outro interesse, o, o director tem outro interesse, a autarquia também, portanto, e esta confluência de interesses que devia ser uma confluência e não uma divergência, não é!? ... eu julgo que isto é difícil de, de operacionalizar, não digo que seja impossível, não é!? E daí a liderança, a liderança do director poderá ser muito importante, na medida em que pode estabelecer este equilíbrios de interesses. Claro que tem, tem outros perigos, não é!? ... e depende muito do estilo de liderança do, do director! Se é um estilo mais autocrático, se é um estilo mais, mais cooperativo, depende, não é, depende, depende da pessoa.

Entrevistador – Que qualidades é que achas que devia ter, deve ter o director?

Entrevistada – O director eu vejo, eu vejo um pouco o director, bem para já eu quero deixar aqui bem claro que eu não concordo nada com essa figura. Acho que, a figura do director vem ... vem

transmitir a ideia de que acabou a democracia nas escolas e isso é muito mau! Isto é muito mau, aliás, este diploma 75 de 2008 vem de certa maneira dizer-nos isto, eu pelo menos interpreto, interpreto assim, posso estar a levar pelo exagero, mas julgo que pode trazer muitos perigos, não é!? E qual era a pergunta, agora já me esqueci?

Entrevistador – É sobre as qualidades do director.

Entrevistada – As qualidades do director, as qualidades do director tem que ser alguém que seja firme, não é!? ... que seja firme nas suas decisões. Bem primeiro, eu julgo que o director deve ter um conceito de educação, que seja um conceito alargado e que seja sustentado, bem sustentado e ... e que não seja alguém que, que vá um pouco na onda, que vai na onda. Ali faz-se assim, correu bem, então eu vou ser igual, vou fazer igual, vamos fazer todos, igual, não! Há que, eu acho que há que saber reflectir, não é!? ... há que saber pensar nas coisas e portanto, deverá ser alguém firme, firme nas suas decisões, flexível nas suas decisões, quando for o caso disso, acho que deve ter alguma humildade, alguma humildade que é fundamental e não usar dos seus plenos poderes, porque agora os tem, não é!? Agora tem, isto ... estamos a voltar, faz-me lembrar o tempo do reitor, eu ainda sou do tempo do reitor, e também sou do tempo em que, o reitor foi corrido ao pontapé, na altura do 25 de Abril. Não sei se, se voltaremos a repetir essa, esse cenário, mas o que o director poderá ser, deverá ser uma pessoa humilde, deverá ouvir, deverá ser um bom ouvinte, não é!?... e ter algum, algum espírito crítico. Agora, tem que ter, tem que ter é muita firmeza. Porque ... não adianta muito estar a, a ouvir, a ouvir os actores, quando depois, quando depois ... se deixa influenciar, ou por aquele interesse, ou pelo seu interesse pessoal porque ... é bom que não esqueçamos que o director é uma pessoa e enquanto pessoa, tem o seu interesse pessoal, não é!? ... isso, cada um de nós tem o seu interesse pessoal.

Entrevistador – E, e, e desse ponto de vista, acha que a escola tem autonomia suficiente para ... ser gerida por um director com essas características?

Entrevistada – Não, não tem! Não tem mas, andamos aqui a treinar, a treinar a autonomia, não sei se, se este treino, se este treino chegou a ser algum treino, não é!? ... porque temos, passamos do 115, que supostamente era um documento de autonomia, aliás, até acabava por se celebrar contratos de autonomia, não é!? ... e nós sabemos no que é que isso deu! Tirando a escola das Aves e pouco mais, poucos mais contratos de autonomia se fizeram. E portanto, eu acho que cada

vez mais a autonomia mascara, mascara um, um, um centralismo da, do Ministério da Educação, do poder central!

Entrevistador – E ainda, ainda em relação a este assunto ... faz sentido a existência do CG? Há bocado falava da ... da colaboração entre os diversos actores, o CG terá algum interesse ... poderá ser o centro dessa, dessa, desse entendimento, dessa colaboração?

Entrevistada – Eu acho que sim. Eu acho que neste momento eu vejo o CG, ao contrário de ... da antiga Assembleia de Escola que supostamente era o órgão, já era, o órgão máximo da escola, mas que na prática, na prática era talvez um ... pelo menos da experiência que eu tenho e de outros estudos que já li, era, era mais um mero, um mero órgão decorativo, chamemos assim. Agora, eu penso que o CG poderá ter um papel muito importante, sobretudo na regulação do, do poder e das decisões do director. Claro que as características que eu falo para o director, não é!? ... o ideal seria cada um de nós as ter, não é!?... porque cada, cada representante que está no CG e falta-me outra característica que, que o director deve ter e que cada um de nós também deve ter, que é o bom senso, que é fundamental para, para tomar qualquer decisão, não é!? Portanto, eu vejo o CG como um órgão ... desta vez, com mais força. Neste, neste ... como um papel regulador, quer dizer pode ter, ou não, pode ter ou não, depende. Depende das pessoas que lá estão, depende dos interesses das pessoas que lá estão, não é!? Agora se, se tivermos todos, que isto é muito difícil na medida em que nem todas as pessoas, e vamos ... vamos pensar no CG. As pessoas que estão no CG, que conceitos de educação é que têm? Certamente tem conceitos de educação diferentes, não é! Os pais, os representantes dos pais preocupam-se com os filhos deles, deles, em primeiro lugar deles, e depois os dos outros, não é!?... os professores preocupam-se com quê, não é!?... os parceiros, que estarão eventualmente de, de fora, qual é o papel deles? Isto, isto, e aqui é que está, a ... para mim o grande problema está aqui ...no conceito de educação. Na base, está o conceito de educação que nós temos, mesmo na classe docente há conceitos divergentes de educação e por isso muitas vezes nós não falamos a mesma linguagem, e depois surgem os conflitos, muitas vezes, não é!?... entretanto já me perdi.

Entrevistador – Não, não, está dentro da questão. E sobre a participação no CG ... a composição que teve o CGT, com vinte e um elementos, com representantes dos interessados. Acha que a composição era adequada ou, ou poderia ser diferente?

Entrevistada –Ora bem ...

Entrevistador – Em termos do número de representantes

Entrevistada – Do número de representantes?

Entrevistador – Ou, ou enfim, do corpo eleitoral ou das instituições que eles representam? Se poderia ser diferente ou se está, está aceitável?

Entrevistada – Eu acho que ... eu não sei que, que critérios é que estiveram subjacentes à escolha dos, dos, dos representantes para o CG, retirando os professores e retirando os pais e retirando o pessoal não docente. Eu não sei qual foi o critério que esteve subjacente, por exemplo ao convite que foi endereçado aos parceiros. Daquilo que eu pude observar, tenho algumas dúvidas se foram, se foram a ... as instituições escolhidas, se eram aquelas que faziam realmente falta ou não ao CG, tenho algumas dúvidas. Agora em relação ao número de elementos, é claro que ... esse número de elementos permite, permite um leque maior de ... de pessoas, não é!?... nomeadamente ... em termos de encarregados de educação, por exemplo, em vez de ter, em vez de ter dois representantes ou três, tem quatro, não é!? Acho que esse número, vinte e um, permite um leque mais abrangente de, de, de ... representantes. Agora se dissermos se é funcional, se, se é um órgão funcional, com aqueles vinte e um elementos ... não sei se é ... não sei se é. É, aqui também reconheço que é difícil, é difícil gerir vinte e uma pessoas ... tão ... de interesses tão divergentes, não é!?

Entrevistador – E concorda com o facto de ser o CG a eleger o director do agrupamento?

Entrevistada – Olha, é óbvio, é óbvio que não concordo (risos)... isso é óbvio que não concordo, não concordo porque eu acho que é aí, aí, as coisas ... porque eu acho que nós, eu acho que os nossos governantes e mesmo nós próprios, cada um de nós, na, na sua vida diária, acho que só devemos mudar, devemos mudar aquilo que está mal, não é!? E, nesse aspecto, eu por acaso sempre concordei com a filosofia subjacente ao 115. Parecia-me bem aquilo, fazia-me sentido, não é!?... claro que na prática teve muitas lacunas, mas eu, não vejo a necessidade, e continuo a não ver a necessidade que houve em mexer, em acabar, em matar o 115 e fazer, e fazer, e fazer parir, digamos assim, este 75, não é! Porque isto vai, claro que quando, quando, quando, quando havia, quando os órgãos eram por eleição, não é, quando havia um órgão, um órgão colegial, que era um conselho executivo, agora passamos para um senhor todo ... todo, poderoso, que concentra todos os poderes, eu não vejo qual é a vantagem nisto, eu não vejo! E daqui a uns anos, espero que

sejam poucos anos, estaremos a avaliar e esperemos que isto seja um fracasso total ... se calhar não vai ser mas, eu não vejo, eu não vejo, sinceramente não vejo qual é a vantagem de termos um, um, um director eleito, e depois claro, para não, para não acabarem, para não matarem de vez, ou para não assassinares de vez a democracia nas escolas, não é, põem o director a ser o único elemento a ser eleito. De resto acabaram-se as eleições, não há mais eleições nenhuma. Então, então para não cortar o cordão umbilical, umbilical, assim, de uma vez só, deixaram-nos estes laivos de democracia que é a eleição do director pelo CG! Que eu não percebo também porquê!

Entrevistador – E sobre isto, uma questão também muito específica, sobre o que se passou no, no CGT, que elegeu um director, e a questão era, se lhe parece adequado que seja o CGT a eleger um director do agrupamento que ... vai prestar contas a um CG que poderá ter uma composição diferente, portanto, com outras pessoas? Isso faz sentido?

Entrevistada – Não, não faz. Não, não faz sentido. Mas, também não faz sentido o director ser eleito pelo CG, começa já por aí, não é ... e depois também não faz sentido naquela altura em que foi. Quer dizer, mas à partida o processo já está errado, não é!?

Entrevistador – E, e quanto aos órgãos da escola, agora vamos ter o director, o conselho pedagógico, o CG. Seria capaz de estabelecer uma ... por ordem de importância qual se ... qual é o mais importante para a escola, tendo em conta as funções que desempenha?

Entrevistada – Bem, supostamente, supostamente o órgão mais importante ... bem para já eu tenho, eu tenho muita dificuldade em assumir, em compreender, melhor dizendo, em compreender que o director seja um órgão, não é, eu não entendo isso. Não entendo como é que uma pessoa é um órgão. Mas é o que lá está. Portanto eu tenho algumas dúvidas. Supostamente o director será ... será a figura mais importante de um agrupamento. Mas ... mas poderá não ser, porque o director ao ser eleito pelo CG, portanto, está dependente, aliás está a sua, a sua recondução, a sua recondução também está dependente daquele, do mesmo CG, que é o mesmo ou não, neste caso poderá não ser as mesmas pessoas exactamente mas, mas fica na dependência directa do CG. Quer se dizer, há aqui, parece-me que há aqui uma promiscuidade, entre aspas muito, muito grande. Quer dizer, o director vai tomar as decisões, o CG ... vai aceitar ou não ... vai ... aprovar ou não mas ... o que é certo é que o director está dependente do CG. E esta promiscuidade leva-me a crer que provavelmente, a figura mais importante, órgão mais importante do agrupamento poderá

ser o CG mascarado na figura do director ... mas não sei. Essa, essa questão ainda é muito, muito complicada para mim.

Entrevistador – Nesta, nestas circunstâncias, portanto, neste, neste enquadramento que foi fazendo, acha que este agrupamento estará em condições de propor um contrato de autonomia, com os órgãos de que dispõe, as pessoas, o modo de funcionamento?

Entrevistada – Acho que não. Acho que não. Acho que ainda temos que dar mais alguns passos. Não, porque primeiro nós temos que nos ... esta ... temos que nos libertar deste fantasma da fusão. Acho que ainda é um fantasma que paira ... que paira por aí. Resolvido o problema da fusão, eu julgo que poderemos começar a pensar nisso.

Entrevistador – Sobre o CG para terminar este, esta série de questões, acha que o CG tem as competências adequadas ou alteraria alguma coisa se pudesse? Ocorre-lhe alguma coisa muito importante que ache que deveria ser alterado?

Entrevistada – Eu acho que, eu não tenho, não tenho agora aqui bem presente todas as competências do CG, mas dá-me a impressão, fiquei com a ideia que são basicamente as mesmas que as da antiga assembleia ... do que me estou agora a recordar. Portanto, o que eu alteraria ... não sei, não sei, porque definir, aprovar são, são as palavras de ordem que fazem parte das competências do CG, que eram também as da assembleia, andar por aí, não é, aprova, define ...

Entrevistador – Sobre, sobre a ... sua experiência ... de participação no CGT, a primeira questão seria a seguinte, porque se tornou membro do CGT?

Entrevistada – Ora bem, eu tornei-me membro porquê? Porque, porque ... o CG, ou melhor a presidente do CG endereçou um convite à Comissão de protecção de crianças e jovens de ... (do concelho) e ... da qual eu faço parte, e nós aceitamos o convite. Portanto, é nessa qualidade que eu estou no CG.

Entrevistador – E ... e esta participação desta instituição no CG tem sido útil ... tem ... portanto, tem levado a que a escola se integre mais no meio, que haja colaboração ... entre as duas instituições, não é?

Entrevistada – Relativamente à participação da comissão no CG, eu não ... até ao momento não, não consigo ainda ver, nem perceber qual é o verdadeiro, ou qual foi, qual foi a verdadeira

integração digamos assim, ou mais-valia da comissão para o CG. Porque dá-me a ideia que os assuntos que foram tratados ali na, no CG ... tirando uma situação pontual, não eram assuntos ... relacionados com a comissão. Eram mais assuntos de nível interno, ou do agrupamento, por isso é que eu me questiono se ... a escolha dos parceiros exteriores à escola devem ser, se calhar ponderados e bem pensados. Eu não digo que a Comissão até não possa ser um parceiro importante para o CG mas, da experiência, da pouca experiência, não é, o CG também existe há pouco tempo, eu não senti enquanto membro da comissão, não senti esta verdadeira importância que pode trazer, ou mais-valia, que a comissão pode trazer para o CG e vice-versa. Mas isso, mas isto é uma opinião mais pessoal, não é!?

Entrevistador – Pois, baseada na experiência.

Entrevistada – Baseada nesta experiência, o que não significa que eu não considere que até a comissão de protecção de crianças e jovens, possa continuar a fazer sentido na ... como membro da comissão. Agora desta experiência, não, não, não senti, que ... que trouxesse.

Entrevistador – Então, tendo em conta essa resposta ia fazer uma questão que se calhar já não faz assim muito sentido que ... mas de qualquer maneira vou deixá-la no ar, é a seguinte, quando está no CG está como, está em representação da instituição, a comissão de protecção de crianças e jovens, não é!? ... e não individualmente. Está prevista, assim, uma forma de articulação entre o representante da instituição e a instituição em si, os outros elementos?

Entrevistada – Sim. Isso, isso está previsto. Agora eu tenho, eu tenho ... também convém dizer que eu estive a, a representar a presidente da comissão, não é!?... portanto, ela esteve de licença de maternidade e eu sendo a secretária da comissão, então por inerência sou eu que a represento, e portanto, a partir de Janeiro foi quando comecei a participar nas reuniões do CG. Confesso que tive muita dificuldade em diferenciar as duas coisas, porque eu também pertenço ao agrupamento enquanto docente ... e ... tive muita dificuldade em, em, em no fundo assumir estes dois papéis, não é?! E daí talvez, mas mesmo assim, eu julgo que os temas que foram tratados ali no CG ... pouco se calhar tinham a ver com ... a participação que a comissão poderia dar, não é!?... e, provavelmente, mesmo não sendo eu, ou mesmo a ser a, a presidente, que não é docente, lá está, supostamente, estou aqui a especular, não é!?... se fosse ela com certeza, ela até teria outra opinião, mas provavelmente seria diferente, talvez.

Entrevistador – Do ... da experiência que teve acha que nas reuniões tem poder para influenciar as decisões, se for necessário, fazer alguma proposta, defender alguma ideia?

Entrevistada – Se tenho poder? Eu acho que o poder, o poder enquanto membro, acho que qualquer membro que esteja ali no CG tem esse, esse poder de influenciar! Eu acho que sim. Acho.

Entrevistador – E sente que há receptividade por parte dos outros elementos para algumas propostas que surjam vindas de uma instituição?

Entrevistada – Eu acho que poderá, poderá haver alguma receptividade, acho que sim. Aliás muitas vezes ... são mais ... às vezes como diz o ditado, não é!?... os santos da casa não fazem milagres, porque acontece que se as propostas vierem dos pais ou, ou dos outros parceiros, provavelmente são bem acolhidas, não sei!

Entrevistador – Ainda neste, neste, nesta ordem de ideias ... qual lhe parece que é a origem das maiores influências ou pressões que há sobre, que houve sobre a actuação do CGT?

Entrevistada – Maiores influências em termos de ... membros, representantes ...

Entrevistador – Sim, sim, a origem das influências em termos dos elementos ou dos grupos que lá estão representados no conselho, no CG. Mais a nível institucional que a nível individual, não é!?

Entrevistada – Sim. Eu acho que aqui a, a ... então nesta ... no CG penso que é muito mais visível, julgo que o peso da, a influência da autarquia, é uma influência notória e, e, e ... muito ... pesada, muito pesada mesmo. Aliás não é por acaso que, até o número de, até o número de elementos, até o número de elementos também é considerável, não é?! E, e, e esta dependência, e na medida em que, em que as escolas passaram para as autarquias, o pessoal docente, esperemos que o pessoal não docente ... que o pessoal ... eu acho que disse ao contrário. Portanto, na medida em que o pessoal não docente passou para as escolas, como os equipamentos, e provavelmente, e daqui a pouco tempo a secundária também vá passar, eu julgo que aí, então, é que perdemos qualquer tipo de, de autonomias e vamos chamar autonomias, porque ficamos então dependentes, muito dependentes da, da autarquia, não é!? ... isto é um ciclo.

Entrevistador – E ainda uma questão assim mais, mais pessoal. Sentiu-se pressionada em algum momento no sentido de defender uma certa posição, no CGT?

Entrevistada – Não, não, não senti isso.

Entrevistador – Na relação que vai haver entre, entre o CG e o director ... penso que já me disse há bocadinho que ... o director deve submeter-se às orientações do CG, não é!?... e ser fiscalizado, ou pelo contrário deve impor-se, tentar impor-se ao CG?

Entrevistada – Pois ... depende ... depende. O ideal era o director impor-se ao CG se entender que, que aquela, que aquele assunto ou que aquela decisão ou decisões é importante para o agrupamento, aí então, aí o director deverá impor-se. Não sei se o conseguirá fazer! Porque ao impor-se, das duas uma, lá está outra características do director que é ser corajoso, mas, na tomada de decisão, estávamos a falar há pouco das características de um bom líder ou do director. Agora eu duvido que isso aconteça, duvido que isso aconteça porque, há aqui muitas, muitas dependências e eu gosto muito desta palavra porque, gosto muito da palavra promiscuidade que é assim uma coisa muito escura ... e muito complicada, mas de facto há aqui muitas promiscuidades, o director depende do CG, as decisões, eu não sei se ele vai ter coragem para, para enfrentar o CG.

Entrevistador – Podemos concluir, se calhar, que ... isto é uma pergunta, a forma como o director é eleito fá-lo ficar um pouco refém?

Entrevistada – Faz, faz ...

Entrevistador – ... de ... do Conselho?

Entrevistada – Faz, fica, não tenho dúvidas. Fica refém do CG não tenho dúvidas disso.

Entrevistador – E em relação à administração central? A qual destes dois, das duas estâncias o director deve prioritariamente prestar contas, ao CG ou à administração central?

Entrevistada – Mas isso é óbvio que, é óbvio que vai ter que prestar contas à, à, à administração central, é óbvio que sim, até porque é o seu superior, superior hierárquico, não é!? Agora, claro que se quiser agradar a gregos e a troianos, óptimo, não é, então, agrada ao CG e agrada à administração central, até porque o director é o representante da administração central. É bom que a gente não esqueça isso, não é!?

Entrevistador – E, e concorda com o facto de o CG poder exonerar o director? Está previsto, não é?!

Entrevistada – Está previsto. Pois, aí também é dar um ar da sua graça de que, de facto, lá está, o director também está refém do CG, até porque se não te portas bem, puxamos-te as orelhas e vais embora! Mas também pode ser uma maneira, também pode ser uma maneira de ele tentar o tal equilíbrio nas suas decisões, não é!? Porque isto é muito ... eu julgo que isto vai ser difícil, vai ser difícil de gerir. O director não vai estar em bons lençóis porque vai sentir aqui muitas forças, das duas uma, ou ele ... aceita impávido e sereno todas ... todas as decisões do CG, então aí está tudo bem e agrada ao CG, e agradando ao CG também agrada à administração central, não é!?... ou então, se ele for uma pessoa mais corajosa e, e, e discordante, provavelmente poderá ter problemas.

Entrevistador – Mas ... do teu ponto de vista, numa opinião pessoal, se tiveres tu que decidir isso, achas que o director nesta situação, deve em primeiro lugar preocupar-se com a prestação de contas ao CG ou deve preocupar-se mais com a administração central?

Entrevistada – Pois ... essa pergunta também é muito difícil de responder mas, se calhar, se calhar, pela lógica hierárquica, se calhar deverá prestar contas ao, à administração central, não é, mas na prática não sei ... tenho algumas dúvidas.

Entrevistador – Ainda sobre a questão do director e da eleição, não sei se leu o projecto apresentado pelo candidato?

Entrevistada – Sim, sim. Li, li.

Entrevistador – Uma impressão sobre esse projecto, com é que se poderia avaliar?

Entrevistada – Ora bem, eu sou, eu sou, estou aqui numa situação um bocado, um pouco suspeita porque ... como docente deste agrupamento, já conhecia o, já conhecia o projecto educativo, o plano de actividades ... e no fundo, o plano de intervenção do, do director, vem, é, é um compilar dessas ... enfim do que já ficou no projecto educativo e no plano de actividades, portanto, não trouxe nada de novo. Eu acho que o projecto de intervenção do director, neste caso, não trouxe nada de novo. Claro que ... se me perguntarem se fosse outro director, outro candidato externo à escola, digamos assim, que não conhecesse a realidade, com certeza até viria com outras ideias, provavelmente ideias mais irrealistas. Agora este plano de intervenção é um plano que me parece exequível, passível de se implementar e que, enfim, resultou do trabalho de, de todos, na elaboração do projecto educativo, por exemplo!

Entrevistador – Mas, mas tendo em conta uma das primeiras respostas que me deste há bocadinho, sobre os problemas actuais da educação, este projecto de alguma forma virá ... portanto, dá indícios de que poderá contribuir para resolver aqueles problemas que se sentem na educação, nesta altura?

Entrevistada – Não, acho que não. Este, este projecto vem contribuir para o estado actual da educação, que é muito facilitismo. E pensar, e pensar nos alunos como alguém que, enfim, até não interessa muito os conhecimentos que até possam ter, o saber, não interessa tanto o saber, mas interessa é que não haja, não haja, não haja ... os resultados sejam bons, até porque se os professores vão ser avaliados em função dos resultados escolares dos alunos e, por isso, interessa é que passem e que avancem e que progridam, portanto não há ...

Entrevistador – Então desse ponto de vista, achas que nas tomadas de decisão, por exemplo, no CGT sempre prevaleceu a defesa do, do ... interesse geral ou antes interesses particulares ou de grupos?

Entrevistada – Não sei, não sei responder a isso.

Entrevistador – Uma impressão ...

Entrevistada – Interesse geral, quando dizes interesse geral ...

Entrevistador – O bem comum, portanto se o CG se focou no bem comum, se houve essa convergência ou se houve ... tentativa...

Entrevistada – Não porque isto ... eu acho que nós estamos todos um bocadinho obcecados com, com, com esta história da avaliação do desempenho e isto quer queiramos quer não afecta, afecta as nossas actuações e as nossas práticas e claro que isto se reflecte num projecto educativo, que é, que é o rosto da escola, não é!?... o órgão, o documento ... enfim as linhas mestras e o que queiramos chamar, que já lhe chamaram muita coisa. Portanto, este projecto educativo está condicionado, está muito condicionado pela avaliação dos professores, pela avaliação do desempenho docente e portanto, quando nós queremos combater o insucesso a Matemática, na Língua Portuguesa, por exemplo, não é!?... tem tudo a ver com esse problema. Nós temos que ter, temos que ter forçosamente bons resultados, até não interessa nada como é que o aluno chega lá,

nem até se o aluno sabe aquela matéria, que saberes é que aquilo tem, que saberes é que lhe trazem para a vida, não é!?

Entrevistador – Bons resultados aparentemente?

Entrevistada – Aparentemente, o que interessa, o que interessa é nós chegarmos ao fim e dizermos, e dizerem assim, os nossos governantes pensam assim, as estatísticas, portanto, toda, porque a tendência é, nós vamos ser, isto é uma opinião muito pessoal, nós vamos ser um país, um país de, vamos continuar a ser um país de analfabetos mas certificados ... não é!? ... e nós todos contribuimos para isto porque o sistema, o sistema está feito desta maneira, não é!?... e vejamos o caso das novas oportunidades, não é!? Eu até nem percebo, nem entendo muito bem, isto já no limite, no limite, o que é que os nossos filhos, não é!?... andam a estudar doze anos, para que é que andam a estudar doze anos, quando eles chegam aos dezoito anos e vão ali à loja, à loja que também já tive uma, acho piada a esta expressão, que há, que há um miúdo que eu conheço que até não é bom aluno, os pais pronto são pessoas formadas e tal e o miúdo até não gosta de estudar e o miúdo faz essa questão assim: “ó mãe, e então porque é que eu não vou ali em baixo àquela loja e vou lá e dão-me o curso!” O miúdo está a falar das novas oportunidades que é, que é, à beira da loja onde o pai faz as compras. Eu acho este exemplo, eu acho este exemplo fantástico, que dá para ilustrar o estado actual do nosso ensino!

Entrevistador – Ora bem eu tinha mais duas outras questões para terminar mas já estão respondidas, então, passava mesmo para as últimas, que era pedir uma avaliação sobre a participação dos diferentes representantes no CG. Quem se terá destacado mais, em termos de grupo ... contributo, que se destacou mais deste ou daquele grupo de representantes? Dos alunos, dos funcionários, da autarquia, dos professores?

Entrevistada – Bom, os alunos não estiveram presentes, ultimamente os alunos abandonaram, abandonaram o barco e portanto, não, não, o tempo todo, as reuniões que eu fui, não vi lá nenhum aluno, representante dos alunos.

Entrevistador – Estava o dos adultos, da noite!

Entrevistada – Ai estava o ... pois! Mas supostamente estaria um aluno de ... da associação de estudantes de ... dos que estudam de dia. Estavam, mas essa aluna nunca foi, pronto! O senhor da noite foi, de facto.

Entrevistador – E em relação aos pais?

Entrevistada – Em relação aos pais, os pais julgo que tiveram, tiveram um papel muito fiscalizador e julgo que, nem sempre foram muito correctos, não é, lembro-me, lembro-me a apreciação que fizeram do ... do plano anual de actividades, por exemplo, acho que não é, não é com essa atitude, nem com a maneira de falar que foi utilizada que vamos conseguir criar um ambiente de trabalho para o tal bem comum. Acho que não, uma vez ou outra acho que não foram muito correctos. Agora, da parte dos professores notou-se ali talvez ... vamos lá ver se ... o grupo que se destacou ... poderei dizer, os professores, talvez ... nuns momentos, talvez mais os professores, noutro momento talvez a autarquia, ou menos mas, mas se calhar numa avaliação mais generalizada, provavelmente os professores destacaram-se mais, na medida em que contrapunham, contrariavam, discutiam opunham-se a determinadas ideias, claro está, que eram apresentadas, e pontualmente os pais, também foram intervindo! Mas se calhar no geral podemos dizer que os professores foram assim o grupo mais interveniente.

Entrevistador – E em relação aos funcionários?

Entrevistada – Os funcionários, os funcionários também pontualmente, porque isto, isto é muito complicado, porque trabalhar em grupo e trabalhar para um bem comum é difícil e nós ainda não sabemos, ainda não chegamos lá. Não sei se chegaremos, mas ainda não chegamos lá. Porque as pessoas reagem, cada grupo, ou cada representante que ali está, reage muito individualmente, não é!?... a assuntos que dizem respeito ao seu grupo, não é!?... por exemplo, o pessoal não docente reage, ou intervém para reagir, quando percebe que há algo que diz respeito a eles, enquanto pessoal não docente, ou que seja entendido como algum ataque, entre aspas, não é, então eu reajo.

Entrevistador – Para se defender?

Entrevistada – Para se defender! Por exemplo, os pais reagem talvez, claro que aí os pais têm que tomar o partido dos alunos, obviamente, só que tem que ser dos alunos num todo, e isso é difícil, é difícil. A associação de pais ter, ter esta ideia de que a associação de pais é dos alunos da escola, e não só dos meus filhos, porque há muito, há muito essa ideia de ir buscar: “ah, mas o professor do meu filho diz isto ...” a associação de pais não é para isso, é para, para os interesses dos alunos todos, da escola, não é dos meus filhos. E eu não vou pertencer a uma associação de pais só

porque eu tenho problemas com os meus filhos ou porque não gosto daquela professora. Por isso nesta base, nós não estamos preparados, nós todos, não é!? Isto assim só para, para, para rematar, nós todos, nós, cada um de nós, não está preparado para trabalhar em grupo ou melhor para trabalhar para um bem comum. Porquê? Porque ainda estamos muito agarrados a interesses pessoais ou interesses corporativos ou chamemos o que quiser.

Entrevistador – Só me falta perguntar sobre um grupo de representantes que é dos, das instituições locais. Como é que avalia a participação?

Entrevistada – Pois, falta-me falar dessa parte. Em relação às instituições locais, eu julgo que posso considerar assim numa escala de avaliação, julgo que estarão mais cá por baixo, na base. Porque, por exemplo, em termos da comissão eu já dei a opinião, o outro parceiro era o PNPG, nunca percebi e continuo a não perceber qual é o interesse que essa instituição tem para o CG, não, não e até porque o representante faltou muitas vezes. Portanto, não percebi. Da parte da ... e julgo que, quem é mais?

Entrevistador – O Centro.

Entrevistada – O Centro de Saúde, o Centro de Saúde julgo que é uma, uma instituição que deve na minha opinião, deve continuar a estar presente, deve! E a representante julgo que teve, teve algumas oportunidades, fez algumas intervenções pertinentes. Se calhar poderia ter, ter feito mais, não é!?... mas também estamos a começar. Mas acho que o Centro de Saúde é uma instituição que deve, deve continuar. Depois da parte da autarquia...

Entrevistador – Já foi dito.

Entrevistada – A autarquia já ...

Entrevistador – A autarquia já está.

Entrevistada – Porque é outra coisa, ok.

Entrevistador – Como é que se explica que tenham, de certa maneira, não sei se podemos dizer assim, que os professores dominaram um bocadinho a ... as discussões, as intervenções como é que se explica essa predominância?

Entrevistada – Eu julgo, eu julgo que isso que tem a ver, com o problema de os professores, os professores são aquele, aquele grupo que sente, que sente na pele os problemas da escola. Não são, não são os ... parceiros, não é o PNP, não é, não é a comissão, não é, quer dizer, não são os parceiros que estão aqui no dia-a-dia na escola a viver as tensões, os conflitos, os problemas que é preciso resolver no imediato. Acho que os professores sentem as coisas, porque estão dentro delas. Os outros não, os outros são parceiros externos, vêm aqui como que apreciar porque também não foram envolvidos nas coisas, de certa maneira não foram, ou melhor, talvez não se sentiram envolvidos nas coisas. O que também é difícil de conseguir, não é, envolver todos os parceiros, ou melhor chegarmos a um nível de envolvimento em que, digamos assim, eu sinto-me dentro, e não eu sinto-me fora e venho aqui apreciar, por exemplo o plano de actividades e dizer, isto não está bem, isto está uma porcaria, isto deve ser de outra maneira. Agora, os professores estão aqui dentro dia a dia e são eles que sentem isto ... e que sentem as angústias e por aí fora.

Entrevistador – Eu cheguei à última questão, só tinha mais uma em aberto que, que era no fundo para te perguntar se achas que faltaria tratar algum assunto que ficou por, por, por falar, por abordar, ou achas que há algum assunto importante para acrescentar à entrevista? Mais ou menos terá sido abordado ...

Entrevistada – Acho que sim!

Entrevistador – ... quase tudo, não é?

Entrevistada – Acho que a pergunta mais complicada foi a primeira, que eu acho que não, não, não, não se pode responder assim ... enfim, numa entrevista, mas, julgo que o essencial estará dito.

Entrevistador – Pronto, resta-me então agradecer, muito pela colaboração, pela atenção ... prestada e ... é tudo.

Entrevistada – Pronto. Estarei sempre às ordens.

Professora - Presidente do CGT - Céu

Dia 08/07/09;

Entrevistador – Dados pessoais, não preciso de nome nem nada disso, há um que eu não sei e preciso de ter uma ideia que é o tempo de serviço?

Entrevistada – Tinta e quatro anos completos.

Entrevistador – Uma questão assim de âmbito geral sobre a situação da educação ... o que é que se poderia salientar de mais importante sobre a educação? Problemas actuais. Se pudéssemos seleccionar um problema mais grave na educação, em Portugal neste momento?

Entrevistada – Não! Problemas ... sinto tantos, sinto tantos problemas.

Entrevistador – De uma forma sintética, um ou dois, assim mais importantes?

Entrevistada – Olha, eu acho que quem determina as políticas não está no terreno e não liga a quem está no terreno e há um desfasamento entre as necessidades e os problemas, que nós sentimos, que temos todos os dias e quem está lá sentadinho, nos gabinetes determina o que nós vamos fazer. Acho que ... que quê ... há uma desmotivação generalizada.

Entrevistador – Dos professores?

Entrevistada - Dos professores e por parte dos alunos. Os alunos vêm-se sem grandes expectativas de ... de futuro. E os professores vêm o trabalho ... não é recompensado, não é através desta avaliação que acho que vão reconhecer mérito, porque nós trabalhávamos ... se havia quem não trabalhasse, é como em todas as profissões, não ... não me assenta carapuça nenhuma, nem na classe, que nós não éramos bons profissionais porque eu acho que era. Com os mais novos, acho que há desalento, por, por falta de expectativas também! Toda a gente quer melhorar, quer progredir e ... pronto, eu acho que a sociedade, pronto. Eu estou-te a dizer isto, se fosse uma coisa mais pensada, tudo o que me vem à cabeça.

Entrevistador – E neste agrupamento de escolas, há algum problema em especial que se possa destacar?

Entrevistada – Eu acho que quem governa os ...

Entrevistador – Dos mesmos?

Entrevistada – Dos mesmos problemas, e como é muito grande eu acho que os canais ... nós não nos conhecemos, nós ... antigamente eu sabia quem tu eras, se tinhas um problema, uma pessoa até podia se chegar. Olha, agora isto é um mundo, depois estão a olhar para as escolas como fábricas de encher chouriços, linhas de montagem, coisas assim. São pessoas, quer, quer os professores, quer os, os agentes operacionais, agora também acho muita piada a esse nome, e o que deve estar por trás do agente operacional, percebes, desconfio, desconfio, e agente operacional dá para tudo. Porque um auxiliar da acção educativa, educativa seria para estar na escola, o agente operacional é para estar onde quiserem ... penso eu de que. E assim aqui, eu acho que, embora um primeiro-ministro se tivesse ido embora, tinha muito diálogo, eu acho que há falta de tempo. Antigamente nós tínhamos uma sala onde trocávamos opiniões e não precisávamos de ir muitas vezes a reuniões, íamos debatendo.

Entrevistador – Informal!

Entrevistada – Informalmente e íamos falando de um problema daqui, doutro dali e não sei que mais. Eu acho que neste momento andamos a correr de um lado para o outro, eu acho que a extensão é grande, o não haver uma sala de professores por exemplo, no caso dos professores, divide-nos. Faz com que nós não ... não nos conheçamos, não podemos interagir da mesma maneira e eu quando venho de um lado em que tenho aulas, portanto ... eu acho a extensão, a extensão quer física ... e depois os problemas, uma escola que começa de pequeninos, até muito grandes. Com problemas específicos para cada idade, em que nós estávamos habituados a trabalhar com uma ... com uma idade, com uma faixa etária, às duas por três a escola junta todos. E até mesmo aquele problema dos balneários, que tu falas, algumas vezes também pode ser fruto da misturada, desta idade, doutra idade, quer dizer ...

Entrevistador – Portanto, problemas relacionados com a fusão das várias escolas num agrupamento, não é?

Entrevistada – Eu acho que originaram uma ... um grande espaço físico, muita gente e eu não sei, enfim estou-te aqui, estou-te a dizer, é o que me vem à cabeça, não me preparei nada nem, nem, se eu fosse para casa estudar podia sair uma coisa mais elaborada.

Entrevistador – Claro. Tendo ... para resolver esse tipo de problemas quem é que deve intervir mais, os professores, os pais, o ministério, a autarquia. Será que com a intervenção de algum desses actores se poderá resolver ... com uma maior intervenção de algum desses actores se podem resolver estes problemas?

Entrevistada – Uma vez que a tutela não nos liga, eu acho que têm de ser os professores e os pais a se entenderem.

Entrevistador – E o CG pode contribuir para isso?

Entrevistada – Eu acho que sim.

Entrevistador – Será um órgão adequado?

Entrevistada – Não achas que é, quando lá estão todos! Eu acho que é, que será um órgão privilegiado para isso. Só que ... toda a gente ... tem pouco tempo, tem pouco não sei o quê. Nós tínhamos que nos debruçar mais para determinar os problemas da escola e não apenas ... eu no ano passado, numa reunião tentei ... nós havemos de fazer mais momentos até de reflexão, que não fosse aprovar o documento tal e dar parecer, agora já não é, é tudo em aberto. Porque se nós tivéssemos momentos para debater, para pensarmos em conjunto, para trazer aqui alguém à escola, também ... não era preciso grandes pensadores, mas às vezes um moderador, que desse os motes e depois nós tentarmos, talvez, talvez conseguíssemos uma coisa melhor, fazer melhor, não sei.

Entrevistador – E, e será que a escola tem, tem autonomia para, por exemplo o CG tomar nas suas mãos essa ... política educativa, modificar ...?

Entrevistada – Eu acho que não tem. Eu, essas ... dessas autonomias não acredito nada, sabes! Devíamos ter ... porque eles falam de autonomia para a escola e nós devíamos ser capazes, porque é que ... o que é que lá estamos? Não é um órgão decorativo, não deverá ser um órgão decorativo. Nós devemos intervir. Se os pais vão para lá ... com gente de boa vontade para resolver os problemas, muitos vão resolver o problema do seu filho, ou de uma coisinha muito restrita, não ... é os problemas da escola. Eu já pertenci à associação de pais e sei perfeitamente do que falo. Eu acho que deveria ser autonomia, mas para algumas coisas devíamos ter, para ultrapassar coisas muito concretas, aqui da escola, eu acho que era possível, se nos empenhássemos, se

fizéssemos propostas válidas e se calhar às vezes não é numa reunião que se lança um assunto que a pessoa é apanhada de surpresa! Se não conhece o assunto fica um bocado ... assim, não é, com o menino nas mãos! Se calhar deveríamos marcar a seguir, para toda a gente reflectir, só que as pessoas não vão para casa reflectir nada, como meia dúzia de, de, de idiotas, meia dúzia de idiotas, gente com ideias. Nada de, de depreciativo! Mas vão meia dúzia que se interessam, que se preocupam e os outros desligam e nem sabem, se perguntares daqui a dois dias, a ...

Entrevistador – Será que com a criação de cargo de director que está prevista, está previsto ...

Entrevistada – Já está!

Entrevistador – ... está em efectividade de funções, de acordo com o decreto-lei 75 de 2008 se poderão resolver alguns destes problemas. Portanto, a questão será neste sentido, concorda com a ...

Entrevistada – Se, eu concordo?

Entrevistador – ...a criação do cargo de director?

Entrevistada – Não, não concordo, eu não concordo. Não concordo, eu sou de outra, sou de outra, de uma geração em que eu disse, eu digo aos meus alunos, eu não ... com a idade deles, dos adultos, eu não votava. Não votava porque não podia! Não era de ... permitido. Lutamos, corremos à frente da polícia ... porque quando entrávamos na faculdade não eram meigos e não era por pertencer a partido nenhum, porque não pertencia ... não tinha ... nem tinha ideologia, nem de esquerda, nem de direita, era ... depois a escola tinha algo de gestão democrática, nós ... era eleitos por toda a gente, agora eu acho que, que ... olha eu nem quero dizer, o que é que eu penso desta eleição através de um conselho. Não, não concordo.

Entrevistador – E, e se fosse nomeado, acha que seria melhor?

Entrevistada – Nomeado? Ainda agora estivemos a falar sobre isso. Olha, essa foi uma conversa que tivemos agora. Nomeado podia ... sendo nomeado podia acabar um bocado com as tricas entre professores e as facções.

Entrevistador – Mas, e nesse caso seria nomeado por quem?

Entrevistada – Seria nomeado por quem ... lá pela tutela, pela Dren, por não sei quem ... em concurso ... em concurso público, não é pelos olhos de cada um. Nesse aspecto, para limar ... eu sei neste momento, nas eleições, que ao estar conotada com o Quingosta (director), não é um factor para mim de arranjar votos, não ... é um factor dos descontentes não votarem, verdade, eu, eu posso parecer que ando aqui a dormir na forma, mas sei perfeitamente. Ó Artur ... é verdade, é verdade! Isto ... mas o facto de eu ... pronto há ligação, eu ... não, ninguém, ninguém desconhece que sou amiga e eu não renego os amigos, mas não sou acrítica. Isso não me faz ... que não tenha posição crítica perante certos actos e digo, e digo-os sempre. Muitas vezes, escuso é de o fazer na praça pública. Agora, o nomeado permite ...eu este modelo francamente desgosta-me desconsola-me e o nomeado não sei se era melhor se era pior, acho que talvez, em termos de relação com os professores ... era ... talvez não houvesse esta ... estas divisões internas. Não, não que eu concorde com a nomeação, achava que devia como era antigamente.

Entrevistador – Sim, sim.

Entrevistada – Mas ... não sei se podíamos ultrapassar isso.

Entrevistador – E, e perante factos consumados que qualidades consideras mais importantes no director?

Entrevistada – Olha eu primeiro que tudo e uma que me fez votar nele é ... humanismo, uma pessoa que seja humana, que tenha em conta que nós também somos humanos, não somos máquinas que aqui estamos, que temos e que continue a tratar as pessoas numa relação de igualdade. Não sei até que ponto os poleiros alteram, alteram um bocado a mentalidade das pessoas, mas primeiro que tudo eu acho que tem que ser uma pessoa com qualidades humanas. Depois tem que ter capacidade de gestão, tem que também muitas vezes saber, e ele não sabe, dizer não a certas coisas que não estão bem e tem que ... tem que ter uma certa capacidade de liderança, também. Mas acho que devia ... o máximo de humanismo com q.b. de liderança, com capacidade de liderança. Porque não pode ser uma pessoa que também aceita tudo, não pode ser ... até porque isto é uma grande responsabilidade e não pode ser, não pode ser um pessoa que ouve daqui e muda e ouve dacolí e muda. Deve ouvir de todos os lados e depois fazer ... fazer, tirar a média ... não é, tem de estar aberto a que lhe cheguem de toda a gente e depois tirar dentro disto ... ele é que decide. Porque eu estou farta de lhe dizer, e toda a gente sabe que as ... o

governar, o lide... pronto, é um acto solitário. A pessoa tem que depois tomar decisões, sozinho, mas deve ouvir, pronto. O Guterres foi-se embora porque queria muito diálogo mas, pronto ...

Entrevistador – Sobre o CG e a sua composição, consideras adequada a composição em termos de representantes de professores, de pais, autarquia, etc. Está mais ou menos equilibrada ou havia alterações importantes a fazer?

Entrevistada – Eu acho que quando havia, quando era, eu acho que nós somos os principais ... a escola anda se os professores se empenharem. Se não, podemos fingir que fazemos ... como tudo, e eu acho que foi um desrespeito para com os professores, esta de não podermos passar dos cinquenta por cento e assim. Eu acho que a outra ... a composição anterior, porque ... quer queiramos quer não ... são os professores ... os pais sim senhora, mas os pais muitas vezes nem sabem muito bem ... tinham que vir muitos mais à escola e quem pode vir mais à escola é quem não trabalha, não tem grande ... porque há uma dificuldade dos pais. Eu acho que o maior trabalho tem sido entre pais e professores e os alunos, também não posso concordar que apenas um representante dos alunos do secundário. Eu acho que pelo menos dois ... até porque se entreadjudam e podemos até talvez o município, reduzir, ou até os cooptados, que eu também te digo que os cooptados neste momento até me interrogo por que é que eles lá andam. Percebes, também me interrogo. Tem sido uma decepção, atrás de decepção, percebes ... os cooptados para mim tem sido, os outros não. Pronto, a lei está lá ... não obriga ... temos de reunir mais, não é que fossem assim reuniões formais, para tentar resolver os problemas, acho eu. Porque na actual orgânica, também não ... e eu ponho muitas dúvidas em muita coisa e acho que os alunos deviam estar mais, deviam, deviam ter pelo menos dois.

Entrevistador – Se pedisse para fazer uma, para estabelecer uma hierarquia acerca da importância dos três órgãos de, agora ... o director, o Conselho Pedagógico, CG. Qual deles é o mais importante, do teu ponto de vista?

Entrevistada – O director ...

Entrevistador – O director, o CG ou o Conselho Pedagógico? Não sei se é possível fazer, distinguir em termos de importância?

Entrevistada – Olha, eu puxo a brasa à minha sardinha. Eu já que estou no CG defendo a importância do CG. O director põe e dispõe mas, nós temos a capacidade no CG de supervisionar

as atitudes dele e, não é ... eu não quero dizer isto, nós somos a tal da espada do senhor que está lá em cima da cabeça, não é isso. Nós temos a obrigação de estar presentes de ver e, e temos a importância que depois nós lhe quisermos atribuir. Agora se nós fizermos uma reunião e dissermos que não senhora, que se gasta muito dinheiro em gasolina, aí não amanhã, que não pode e outro que não sei quê, aí, esvazia-se. Ora se nós nos empenharmos acho que deve ser o lugar onde nos puseram, o 75, já que nos puseram à frente, que é esse o lugar nosso. Embora não se saiba até por, porque deve ser em viagens, os presidentes do conselho, os directores actuais querem esvaziar o conselho, eles é que mandam. Mas não mandam, não mandam por que nós estamos à frente, na hierarquia e eu continuo, quer dizer, no dia-a-dia da escola, na distribuição de serviço, nessas coisas não, mas nos problemas abrangentes de escola, eu acho que o CG tem que ter, tem que ter um papel interventivo e ser o primeiro. Agora, o que eu me ponho sempre reticências é a diversidade de gente que o compõe e a ... e a dificuldade de nos juntarmos para reflectir sobre isso, isso já...

Entrevistador – E então em relação ao funcionamento do CGT, enquanto presidente do órgão, acha que tem ... que teve poder para ... enfim ... levar adiante ideias, propostas, portanto acha que ... qual é o poder que tem o presidente de um órgão como este?

Entrevistada – Se tive, se tive, olha, houve muitos regulamentos, houve muita coisa que as pessoas aprovaram, outros que eu vi o sentir, repara que foram para trás, porque eu não os pus sequer à votação por ser o sentir do conselho, que eu achei que não devia, e tiveram de ser reformulados ou mal ou bem, tiveram de ser reformulados. Portanto, acho que não fui, não fui inócua, que teve peso, que fizemos, que aprovamos documentos que a escola, quer queira quer não, tem que se reger por eles, podíamos ser mais interventivos este ano, se calhar não podíamos, porque estávamos com vários processos que eram novidade e tudo o que é novidade é complicado e produzir muita coisa, no entanto, acho que tivemos, tivemos e produzimos documentos que a escola tem que se reger por eles. Portanto, tivemos que ter importância.

Entrevistador – Claro. Eu tinha outra pergunta mas já está praticamente respondida sobre isto, que era, saber se se considera preparada para desempenhar as funções de presidente desse órgão?

Entrevistada – Olha, eu acho que sim.

Entrevistador – Sentiu alguma dificuldade em especial?

Entrevistada – Ai sinto sempre! Sinto sempre, sinto sempre e até gostava de muito mais colaboração, que me dissessem, olha aqui não ... não andaste bem aqui, olha devia ser assim. Porque eu ... eu quando vou para casa, vou sempre a reflectir, o que é que aconteceu o que não aconteceu. Muitas vezes ultrapassa, e outras vezes é uma coisa, tanto trabalho, que o cansaço, também nos vence, um bocado. Mas, eu acho que, também não vou ter falsas modéstias, sem ser aí o supra-sumo, acho que cada ano me sinto um bocadinho melhor preparada.

Entrevistador – Com a experiência, também.

Entrevistada – A experiência que me faz ... eu este ano por exemplo, fique eu presidente ou não, isso não sei, mas as coisas que, no que diz respeito, a cumprirmos aquelas competências eu ... quem ficar, e se ficar outro tenho que o ajudar, há que calendarizar, porque ... nos entretanto passam-nos as coisas. Não, tem de se fazer um cronogramazinho, isto é, isto é a altura ... porque eu às vezes vou ver de documentos e já foram, já passaram, não sei quê. Também acho que a coisa tem que ser muito ... tudo tem que ser mais oficializado, através de documento escrito, porque não pode ser olha, tens aquele documento pronto? Acho que tem de ser tudo ... um bocadinho mais documentado. E depois pedir a colaboração de toda a gente porque ... porque o órgão não é só o presidente. Acho que nós todos é que o fazemos. Acho que não sou prepotente, embora tu digas que eu te tiro sempre a palavra, às vezes é o agilizar do tempo, não pelo contrário ...

Entrevistador – Sempre, sempre, não!

Entrevistada – Mas pronto, uma vez ou outra, mas é sempre por causa de um problema de tempo. Não porque eu, não tente e muitas vezes ... anule a minha opinião para tentar dar mais tempo a todos. Digo assim, bem nem digo nada que é para dar ... Acho que com muitos defeitos, se fizer um balanço da minha ... da minha, da minha ... actuação, eu não dou excelente, mas dou positivo.

Entrevistador – Quer dizer, a, a...

Entrevistada – Excelência não, porque eu também sou uma pessoa que não tem preparação, mas acho que os anos nos vão ajudando e que tenho algumas características e uma delas é ... acho que não sou má ouvinte das pessoas.

Entrevistador – Mas daquilo que estiveste a dizer sobre a colaboração que é mais necessária, que é necessário haver mais colaboração e daquilo que também nós sabemos, não é, quase se pode concluir que este CGT, em grande medida, funcionou graças ao trabalho da presidente, que, que, que dirigiu praticamente tudo, que organizou quase tudo!

Entrevistada – Não, não quero dizer tanto caramba, também não sou ... não sou ... caramba mas que trabalhei muito, trabalhei.

Entrevistador – Em termos de regulamento interno ...

Entrevistada – Que vai ter disparates com certeza porque ... eu espero é que as pessoas quando os detectarem não sirva de motivo de, de chacota, digam assim: olha, Céu isto está mal, temos que ir ... vai outra vez ao conselho para ser, para ser reformulado. Porque isto, porque é muito complicado, mas ... e que foram vários documentos que se teve, que tivemos de produzir, foram muitas horas, muitos fins-de-semana, muito tudo. Eu, eu, outro dia vi umas fotografias minhas e até me assustei, porque digo assim, caramba como eu estou com um ar cansado. E toda a gente me vinha perguntar: ai estás tão cansada e tão cansada ... verdade, uma pessoa está. Mas é complicado por sobrecarregar os colegas, porque os outros elementos de fora, que não são professores, como é que eu ia distribuir trabalho. Podia distribuir, depois ficar em acta que eu ainda pensei outra coisa, não fez! Não trouxe! Também é outra hipótese, não é, mas ... uma pessoa ... porque quem responde é o presidente. Se vier alguma coisa, quem tem que dar a cara, sou eu. Portanto, não era que às vezes não me apetecesse deixar ... deixa-te ir.

Entrevistador – No fundo o presidente é que tem que prestar contas do trabalho todo?

Entrevistada – Exactamente isso ...

Entrevistador – Tendo em conta a forma como a escola está organizada e como está a funcionar, achas que o agrupamento está em condições de propor um contrato de autonomia?

Entrevistada – Olha, eu se queres que te diga francamente, não pensei nisso. Contratos de autonomia ... não sei. Foi algo que ... que eu não te posso dar uma opinião porque eu não ... pronto.

Entrevistador – A questão é assim um bocadinho mais sobre a experiência pessoal de participação. Porque, porque é que se candidatou ao cargo de presidente do órgão?

Entrevistada – Porque é que eu me candidatei a presidente? Ora isto ... primeiro porque é que me candidatei ao cargo? Porque quando começou, alguém tem que fazer uma lista e eu ... posso não parecer mas sou voluntariosa e vamos, e porque tem que ser e desta, uma vem a outra e de outra vem a outra, outras vezes porque ... e depois comecei, por que é que me candidato? Porque acho que neste momento e francamente se voltar, quer perca ou ganhe as eleições, torno-me a candidatar. Porquê? Porque acho ... que sem ser supra-sumo, acho que tenho características e que tenho experiência para me candidatar. Embora saiba que ... a outra face da moeda, que é trabalho exagerado, mas pronto! E porque eu gosto da escola, e há outra coisa. Eu tenho um prazer imenso em dar aulas, eu tenho um prazer imenso. E depois também tenho outra coisa que eu gosto. Nisto tudo eu não sou nomeada, sou eleita, e sabes que isto me dá um bocadinho de ... até de independência em relação a determinadas ... porque, eu vou para um órgão, eleita e não fico ... percebes, não há jogos nenhuns. Sou eleita.

Entrevistador – Pois.

Entrevistada – E é uma das coisas que me dá prazer, é ser eleita. Embora me dê um bocadinho também de *frisson*, não é, mas dá-me prazer ser eleita e não ser nomeada.

Entrevistador – Há bocadinho de certa maneira já respondeste a esta questão, julgo, na relação entre o CG e o director quem tem que se submeter a quem? É o CG que terá de se submeter ao director ou o director ao CG?

Entrevistada – Para mim, é o director que se submete ao CG. Submete, vamos a ver, desde que haja plataformas de consenso, eu acho que não vamos estar aqui, não penso um CG de confronto, mas de convergência, de tentar caminhos convergentes, não vejo de confronto, mas se tivesse que ser uma posição de ... radical, para mim ... acho que é o director. Porque senão ... somos um mero órgão com ... de ornamento

Entrevistador – Claro.

Entrevistada – Não sei se pensas assim mas acho, mas é ... eu para ornamentar, ocupo muito espaço.

Entrevistador – E, e sobre isto, se posso perguntar, tem sentido pressões por parte do Conselho Executivo sobre ... portanto ... este assunto, no sentido de tentar subordinar um pouco o CG?

Entrevistada – Eu só assisti numa reunião, em que eu pedi para pôr em acta que quem fazia as, se te lembras, quem fazia ... a responsabilidade das convocatórias eram minhas. Foi a única vez, que eu senti que ... quem lá estava me dizia, que quis dizer o que eu tinha que fazer. E eu nesse momento, quem está ... lembrado, rebati ... que não senhor, podem me pedir para eu agendar.

Entrevistador – Portanto as pressões podem existir e se calhar existirão, no entanto ...

Entrevistada – Podem existir, podem existir mas uma pessoa tem que ter uma posição.

Entrevistador – Claro. E, e ainda sobre essa questão das influências e das pressões ...

Entrevistada – Olha uma coisa, se às vezes se conversa e se há algo que se pode fazer, por amor de Deus ... o que eu quero é que a escola não viva em clima de guerra. Acho, acho que ... a escola não deve ser um cenário de guerra.

Entrevistador – E, e sobre essa questão das influências e das pressões, qual será, qual é a origem da ... se é que houve pressões ...

Entrevistada – Não, eu não tenho. Eu estou-te a dizer que, não tive pressões. A única vez que houve algo, que eu posso considerar uma pressão, foi pública, foi numa reunião, não sei se estás lembrado e em que eu disse que não admitia. De resto ... não, nunca senti, tens que fazer isto, podem-me dizer isto, olha há um, olha há esta data e eu vou ter que agendar porque há uma data, porque há uma coisa assim.

Entrevistador – Eu estava a pensar também na situação que é ... em que a câmara está a ganhar um ascendente sobre a escola, não é, que não sei a que é que isto vai levar, se a câmara vai tentar um pouco impor alguma política?

Entrevistada – E quem. E quem não dorme, são os funcionários. Estão com muito medo, da câmara ... disto, desta ... daí é que eu te disse, eu também esta passagem para agentes operacionais, acho ...

Entrevistador – Flexibilidade, mobilidade ...

Entrevistada – Não achas?

Entrevistador – Não sei ...

Entrevistada – Tu, agora é a minha opinião, mas se calhar, se calhar ...

Entrevistador – Concordas com o facto do CG poder exonerar o director?

Entrevistada – Eu concordo, eu concordo, Se o elegemos, acho que sim ... acho que é uma atitude extrema. Tem que ter algo extremamente ... fundamentado. Não é ... não é por ... por dá cá nem, nem estar a dizer, olha ... por dá cá aquela palha, vou fazer uma moção para ... não é isso, num extremo, acho que sim. Não, não ... todas as competências que nos são dadas eu não ponho de parte nenhuma, sei que não as exercemos todas por manifesta falta de tempo.

Entrevistador – Claro. Na ... no CG, nas suas ... na sua participação ... acha que está a agir em seu nome individual ou em representação dos professores? Tem isso em conta?

Entrevistada – Eu estou em representação dos professores os professores confiam em mim, não por mim, não por mim. Acho que quem vota em mim conhece-me e, e ... eu estou manifestamente em representação dos professores.

Entrevistador – E daquilo que se passou no CGT durante este período em que funcionou, qual é a imagem com que ficaste? Procurou-se defender o bem comum, portanto, o interesse geral, ou houve mais disputa de interesses particulares, de grupos?

Entrevistada – Olha se ... se houve alguma disputa de grupos, eu acho que o que prevaleceu foi o bem geral. Para mim é o bem geral, não ... não ... pode às vezes vir ao de cima umas certas divergências ... mas, mas acho que é o bem geral, definitivamente, nós todos tentamos o melhor para os alunos e para quem aqui trabalha que não são só os alunos.

Entrevistador – E achas, que o CG como órgão tem poder necessário para poder definir a política educativa do agrupamento? Portanto é um poder que lhe é atribuído pela lei, mas de facto tem esse poder? O que é que ... qual é ... a sensação que há sobre isso?

Entrevistada – Não, eu não acho que tenhamos tanto poder assim.

Entrevistador – Então, no fundo tens falado do ... da possibilidade de o órgão ser mais decorativo ...

Entrevistada – Não pode ser tão decorativo, quer dizer, mas para ter, quer dizer, nós temos um poder, mas ... por exemplo ... para modificações ... muito grandes, não. Não é um órgão decorativo ...

Entrevistador – Não temos, liberdade, meios para decidir uma política educativa?

Entrevistada – Por isso é que depois também aqui na autonomia eu falei ... não sei, eu não sei se eles às vezes nas autonomias queiram um ou dois para nos servir de exemplo, para ... para escola de bandeira, estás a perceber e depois, quando ... na prática como é que isto se faz, poder ... põe assim ...

Entrevistador – Então a falta de poder do CG, se tem falta de poder, ela, de onde vem essa limitação?

Entrevistada – A limitação vem, vem de cima, vem ... não vem do director, não vem nada, vem de ... ai que se eu falo! Eu acho que as coisas são muito, muito, farsa, muito para inglês ver, está claro que nós intervirmos em situações ... grandes intervenções não acredito, mas ... podemos melhorar tudo, agora ... grandes modificações ... não vejo que o nosso poder seja tanto.

Entrevistador – Está quase, quase a acabar ... tinha que te perguntar uma coisa sobre o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director do agrupamento, não é!? Com que impressão ficaste do projecto, ele vai de encontro aos problemas da escola, as propostas são boas para resolver esses problemas? Será que se tinha ganho em haver mais candidatos, mais projectos?

Entrevistada – Poderia ter. Aliás quando há mais, há escolha, não é! De qualquer das maneiras, houve ... houve pontos que eu gostei ... há partes muito teóricas que eu para mim ... não me ... servem para enquadrar, não me ... não me dizem grande coisa, pronto. Uma das coisas ... que, até quando da entrevista foi, ouvir todos, estar o mais próximo ... de todos, ora se ouvir todos, todos ... vai-se inteirando dos problemas e deveria ser, e depois daí resolver de acordo com o que ele ... enfim ... tendo sempre os alunos primeiro, mas ... esta, esta, esta soma, este ponto que me lembro que ... não ser prepotente, haver uma aproximação com toda, com todos os outros intervenientes, acho muito positivo, se se realizar, pronto, isso agora já não sei, está lá no plano de intenções, ele concretizou ... por acaso até nós percebemos mal uma coisa, que ele disse, de qualquer das maneira iria para a frente. Com certeza que se não fosse com todos ia com os que fossem e nós percebemos que ia com todos, se eles fossem todos. Mas que não era bem o

espírito, mas pronto, nós percebemos de outra maneira. De qualquer das maneiras eu acho que se há uma pessoa que está preocupada com todos e quer ouvir-nos antes, não é, daquilo que eu te disse, não ser prepotente, ser humanista, acho que ...

Entrevistador – E portanto isso está reflectido no, no, no projecto?

Entrevistada – No projecto está, no projecto está.

Entrevistador – Uma questão sobre um aspecto formal, que é, pode ser discutível, depende do ponto de vista. Portanto o CGT elegeu o director, depois extinguiu-se e agora vai haver um novo CG. Isto será ... faz todo o sentido, ou podemos ... haverá aqui alguma falha, nesta ... independentemente das circunstâncias poderem ou não ter obrigado a fazer isso, mas em termos formais seria o mais correcto?

Entrevistada – Eu acho que, que não haveria ... se este, se este elegeu, devia ser este que devia supervisionar, acho. Porque nós estamos a passar uma herança para o que vem que não teve nada a ver com o que ...

Entrevistador – Pode ser diferente, não é?

Entrevistada – Sim. Acho que quem, quem elegeu ... deveria acompanhar.

Entrevistador – Pois!

Entrevistada – Mas se calhar depois daqui a quatro anos, também há mudanças, pronto.

Entrevistador – Não se consegue controlar tudo!

Entrevistada – É tudo muito complicado, também tenho já pensado sobre isso mas realmente depois chega-se a um ponto que não ... é a última?

Entrevistador – Quase. De acordo com o 75 de 2008 cabe ao director representar a escola. Concorda com isto? Ou ... o que é que acha sobre a hipótese de ser a presidente do CG, por exemplo, a representar a escola como ... sendo o órgão de direcção?

Entrevistada – Ó pá, eu cá ... essas partes dispenso-as, essas partes dispenso-as.

Entrevistador – É uma questão simbólica!

Entrevistada - Embora, embora simbolicamente acho que deveria ser o presidente do conselho. Até porque é ... foi eleito, representa toda a gente ... e não o director, mas ... que eu dispenso, percebes. Que eu cá para mim ... essas coisas de ... aparecer dispenso. Mas acho que!... Até porque acho que é quem representa melhor a escola, porque é aquela pessoa que está lá porque ... as pessoas ... mas isto, lá está a minha concepção mais democrática, que agora que está a passar.

Entrevistador - Ora bem ia fazer agora duas perguntas para terminar que era, pedir para avaliar a participação da presidente do CGT, mas mais do que isso parece-me que já está avaliada ...

Entrevistada - Mas isso parece-me mal ... eu acho que foi positiva.

Entrevistador - Pronto, mas ... já foi sendo avaliada ao longo da entrevista.

Entrevistada - Foi positiva.

Entrevistador - Ia pedir uma opinião sobre a avaliação ... uma avaliação dos outros elementos, se há grupos a destacar, se todos participaram de forma mais ou menos igual ou ...

Entrevistada - Isso não queria estar ... sabes perfeitamente que há uns que são mais interventivos que outros. Mas às vezes penso ...

Entrevistador - Em termos de grupos, não é, de representação de professores, de funcionários, de alunos, destaca-se algum?

Entrevistada - É os professores, é os professores e o João (funcionário) ...

Entrevistador - E em relação à câmara, também?

Entrevistada - Sim eu acho que é os professores e o João. Não, mas é os professores e os funcionários ... estava extremamente interventivo, também. Eu acho que são os professores, mesmo os pais, muitas vezes vão por arrasto ou não reparaste, muitas vezes vão, é assim ...

Entrevistador - E os alunos, achas que a intervenção deles foi satisfatória?

Entrevistada - O aluno adulto esteve presente, mas pouco interventivo, só na parte de votação, não é ... toda a gente sabe, a aluna do dia foi lá ... uma vez que teve realmente ... participou

activamente e para mim ela escolheu um dos cooptados, foi ela ... porque com a argumentação dela.

Entrevistador – Qual foi?

Entrevistada – Foi o da CPCJ. Foi, foi. Ela defendeu aquela posição e uma pessoa normalmente se um aluno defende, o órgão dá bastante aceitação ao aluno. Depois com respeito ...

Entrevistador – A autarquia ... da ... do papel que se prevê que ela que a autarquia possa vir a ter, não é, maior importância nos assuntos da escola ...?

Entrevistada – Eu definitivamente acho que são os professores, aqueles que se empenham, são os que conhecem melhor os problemas da escola. São os que conhecem tudo melhor por dentro e que acho que ... é o grupo que participa com mais conhecimento de causa do que está a dizer.

Entrevistador – Achas que há, no final desta entrevista algum aspecto importante a acrescentar sobre este assunto, que falhasse que faltasse aqui?

Entrevistada – Não me estou a lembrar, olha francamente como te disse, não conhecia o teor, como tu sabes, não conhecia, não estou agora, se calhar haveria coisas para falar mais, se uma pessoa também estivesse ... olha mas não agora neste momento, se calhar não.

Entrevistador – Ok. Então agradeço muito, o tempo e a boa vontade para colaborares comigo neste trabalho.

Entrevistada – Pronto se puder trabalhar mais alguma coisa ...

Representante da Autarquia - Mário

Dia 13/07/09

Entrevistador – Ora bem, então ia começar por perguntar qual é a sua idade?

Entrevistado – Quarenta.

Entrevistador – E o grau de escolaridade?

Entrevistado – Sou Mestre.

Entrevistador – Em que área?

Entrevistado – Arqueologia.

Entrevistador – Uma questão assim de âmbito geral, um pouquinho vasta, mas que se pode, pode-se sintetizar as ideias. Sobre a questão da educação em Portugal, que imagem é que tem? Uma imagem otimista, pessimista, problemas, virtualidades?

Entrevistado – Eu diria que é um processo quase a meio, a meio gás, ou seja, há dias em que nos sentimos otimistas e depois há uma notícia que nos faz ficar com menos, com menos, muito menos otimistas, mas normalmente tenho, tenho uma perspectiva nos últimos anos sempre muito desta forma. Talvez pela forma como os políticos têm interagido e realizado as coisas, dá-me a sensação que há momentos em que avançamos muito rápido e depois há outros momentos em que estabilizamos, embora se tenha que reconhecer que se calhar nestes últimos quatro anos foram, foram tomadas algumas posições, que são ... que são complicadas, mas há inequivocamente grandes vantagens, na área tecnológica, a meu ver bem, podemos retirar, parece que o grande problema é o relacionamento humano aqui é que está a grande lacuna, não é!? Mais que um problema estrutural é um problema de, de relacionamento humano, parece-me que é o que vai marcar estes últimos quatro anos.

Entrevistador – Neste agrupamento de escolas, portanto, a cujo CGT pertenceu ... qual é a situação ... portanto, tem a mesma ideia quanto aos problemas e às ... aos aspectos positivos ou há algum específico, algum problema em especial?

Entrevistado – Não, não, eu não faria muita comparação entre esta questão que falou anterior, sobre ... acho que aqui estamos a falar a um, a uma micro dimensão, se calhar replicam-se algumas, alguma da falta de paciência dos professores, alguns professores, há alguns desincentivos que têm muito a ver com isto que falamos, esta relação interpessoal que realmente não é muito, não é muito forte neste último governo, mais aí, porque de resto no que diz respeito ao ... depois vem o reverso da medalha, vem o esforço de cada um e isso foi notório,

independentemente das diferenças que ali surgiram, parece-me que toda a gente esteve a trabalhar num mesmo sentido, altamente contributivo.

Entrevistador – Lacunas graves, não, não detectou nada de especial?

Entrevistado – No que diz respeito ao ...

Entrevistador – Agrupamento?

Entrevistado – Ao agrupamento ...

Entrevistador – Ao agrupamento de escolas. Portanto, à organização toda?

Entrevistado – Quer dizer, uma coisa foi o que aconteceu até um determinado momento, não sei o que vai acontecer daqui para a frente. Até aí, se calhar eu posso ver isto também numa perspectiva de instituição, normalmente eu gostaria que essa articulação ainda fosse um pouco mais longe. Havia algumas lacunas de relacionamento ainda com a informação, havia falta de informação sobre as actividades em desenvolvimento, algumas dificuldades em poder definir alguns contextos. Agora do ponto de vista de gestão da, da estrutura, bem, é muito relativo porque nós não estamos nela diariamente, não é!?

Entrevistador – E quanto à gestão ... portanto ... diversas ... grupos ... de representantes desses grupos estão neste momento a participar nos órgãos de administração, de direcção e gestão, representantes dos pais, alunos, professores, a autarquia ... acha que todos fazem lá falta ou excluiria alguém, falta lá alguém?

Entrevistado – Sim, acho que quem está estará ... há depois uma questão de distribuição de percentagem, de rácio, isso depois é uma questão que é sempre, sempre polémica, não é!? Há sempre quem acha que deve estar mais representado que os outros. Inequivocamente a representação dos professores parece-me fundamental, importante, se tivesse que hierarquizar colocava como, como no ponto, como no ponto, primeiro. A representação da câmara obviamente que é fundamental, fruto, fruto das recentes transições e das recentes movimentações, não é!? ... as câmaras ficaram realmente com um conjunto de responsabilidades que vamos ver como é que as vão conseguir gerir, isso é um segundo momento, mas é verdade que as tem e por isso a câmara tem que lá estar como parceiro. As outras entidades, bem poderíamos porventura se calhar em relação às chamadas outras entidades, a que me estou a lembrar neste caso, o PNPG,

exemplo que todos nós pensávamos que seria uma maior valia acabou por não ser, porque até nem teve depois muita representação, houve um conjunto muito grande de faltas, parece-me no global, não é, quando estou a olhar para todas as representações, era importante que o parque por exemplo tivesse destacado se não fosse sempre a mesma pessoa, destacar pessoas diferentes, para pelo menos estar representado. Agora o representante também dos ... dos encarregados de educação é muito fundamental, óbvio, a representação dos alunos também parece-nos é que terá de ser feita uma boa triagem, uma boa selecção de quem representa os alunos, isso é um outro problema. Agora não vejo porventura que esta nomenclatura com ficou definida poderá como digo ser motivo de alguma discussão ou rácio.

Entrevistador – Mas a minha questão não era tanto sobre o CGT mas também iria fazer essa questão a seguir. Sobre ... a influência que as pessoas têm na, na administração, na direcção da escola, acha que faz sentido toda, toda a gente se envolver e ter capacidade para poder intervir, influenciar ou essa, essa ... o poder de decisão poderia ficar exclusivamente nas mãos dos professores ou ...?

Entrevistado – Não, não me parece que tenha honestamente de ficar nas mãos de ninguém, assim a cem por cento, não é!? ... não só nos professores, não só na autarquia, não só nos alunos, não só nos encarregados de educação, ou seja, isso tem que ser realmente uma decisão repartida e bem repartida.

Entrevistador – E o poder central? O Estado central, o Ministério da Educação também tem aqui lugar, deve ter um lugar predominante ou deve ser apenas um parceiro ... portanto, centralizar ... centralização ou descentralização?

Entrevistado – Ouça, eu sou apologista da descentralização, não é!? ... sou apologista ...

Entrevistador – No fundo o que me interessava saber é se acha que a escola dispõe de autonomia suficiente, portanto, da experiência que teve até agora, do contacto com estes órgãos de direcção?

Entrevistado – Parece-me que não a teria e que passará a ter agora. Agora, estou expectante para perceber o que acontecerá nos próximos quatro anos, não é!? Não, não vou, não estou a personificar isto nas pessoas que estão eleitas, nem vamos assumir aqui um caso do director, não é isso que eu estou a falar, da pessoa em si. Eu vou, estou expectante para ver o que é que este

modelo, claro que também com a pessoa, mas independentemente das pessoas, o que um modelo destes permite mas que me parece...

Entrevistador – Mas parece-lhe na prática?

Entrevistado – ... mas que me parece um modelo, um modelo de autonomização é o ideal, como a autonomização deve acontecer em muitas áreas, acho que na verdade o Estado deve estar nas coisas sabendo até onde deve estar e quando deve intervir. Agora, não sei se essa questão vai estar aí mais adiante mas vamos ver como é que o Estado deve, deve intervir nestas coisas, não é!? Parece-me que este modelo é correcto na sua base, na sua génese é um modelo que poderá funcionar se bem que tem algumas reminiscências no passado que não está muito longínquo, algumas das quais podem remeter para o antes do 25 de Abril, sobre aquela força muito ... agora também me parece que esta representatividade das pessoas que estão no ... que estão de alguma forma a suportar e a consolidar o papel do director, também são importantes, terão é que ter coragem para, para agir, não é!?

Entrevistador – Ótimo. Então podemos, posso concluir que concorda com a criação do cargo de director nos termos em que foi agora ...?

Entrevistado – Concordo, se bem que tenho a ideia plena de que daqui a quatro anos, com certeza durante este processo, o cargo de director terá optimizações, não estará fechado ainda.

Entrevistador – E desse ponto de vista que qualidades é que deveria ter um director digamos, o ideal neste modelo?

Entrevistado – Honestamente, acho que um grande desafio se põe, como se põe a todas as estruturas, eu falo por experiência própria, que é, um dos modelos ... é modelo de gestão, a responsabilidade e a capacidade de gerir economicamente as coisas é importante, sabendo e atendendo àquilo que são os objectivos de cada instituição. Mas parece-me que ter um gestor, alguém que saiba de que forma é que deve olhar para aquilo que lhe é entregue, porque na verdade, hoje em dia estamos a falar já de verbas que são bastante significativas, é saber como isso se distribui, como isso vai ser aplicado na infra-estruturação, como isso é aplicado nas actividades que o agrupamento desenvolve, um conjunto de coisas que é ... às quais o director vai ter que obviamente ser chamado.

Entrevistador – Estaremos quase a apontar para um perfil de um gestor profissional?

Entrevistado – Mas não iria para o perfil do gestor profissional. A mesma coisa se aplicou em relação aos hospitais, não é ... mas, eu não aplicaria estritamente esta questão de gestor. Eu acho que a acontecer um gestor, o gestor teria que ... não poderia haver um director mas teria que haver directores. Porque a haver um director, também não digo, acho que ele deve ter e terá que haver essa preocupação futura de no currículo ... deve ser um professor mas, deve ter uma formação ... eu dou-lhe um caso prático, a minha formação era da História, da Arqueologia, eu sou mestre, tenho o grau de mestre nessa área, no entanto eu fiz uma pós-graduação em Gestão aplicada á área cultural. Porque da área financeira eu sabia muito pouco, o que é normal para quem tira um curso humanístico, ou seja, é disto que estou a falar. É, é, obviamente que agora foi tudo muito rápido mas é importante que estes quatro anos ... perceba, e as pessoas também vão ter algumas aprendizagens, que isto tem que ser aí o Estado a intervir e chegar à beira por exemplo dos actuais directores, dizer: você está sozinho e precisa de apoio, uma coisa deste tipo, não é!? ... e ter nesta versão ... vertente da gestão, um papel importante. Ou então encontrar-se uma forma de isso ser disponibilizado como suporte a um indivíduo que deve realmente, na minha perspectiva ser mais, um colega de trabalho que deve estar atento àquilo que são as necessidades dos, dos alunos e dos professores ... mas não descurar a parte económica.

Entrevistador – Claro. Concorde com este processo que se criou para a eleição do director ou acha que ele deveria ser por exemplo, nomeado ... pelo poder central ou quem sabe pela autarquia, por exemplo?

Entrevistado – Não, acho que ... a nomeação é sempre, é sempre na minha perspectiva mais, mais perversa do que qualquer modelo que nós ... que nós assistimos ... para muita gente também este está a ser perverso. Mas parece-me que há aqui a capacidade de qualquer forma de as pessoas poderem ... poderem intervir e até porque repare, há aqui uma possibilidade democrática que é, neste caso não aconteceu porque só houve um candidato, mas põe-se a possibilidade de haver vários candidatos e há um processo de selecção que tem que ser justificado, não é!? Não digo que não possa ser manipulado mas, mas tem que ser justificado, não é!? E parece-me que é melhor do que ser uma nomeação.

Entrevistador – Uma questão muito concreta sobre o processo que se desenrolou aqui no agrupamento, o director, portanto, havia só um candidato foi eleito como director por um CGT, que

entretanto terminou funções, agora vai surgir um novo, com uma composição talvez um pouco diferente, isto faz muito sentido em termos de funcionamento democrático? Portanto, o director ir agora prestar contas, não é!? ... a outro, a um conselho que não o elegeu?

Entrevistado – É. Eu curiosamente acho que isso aí não devia acontecer. Parece-me que o modelo devia ser um modelo que, se as pessoas foram úteis para um determinado momento, parece-me que poderiam continuar a ser úteis, num segundo momento. Porque as regras não se inverteram, nós conhecemos todos, aquilo que votamos e é o que se mantém, não é!? Por isso eu acho que devia haver na verdade continuidade. Parecia-me normal que isso fosse um processo automático.

Entrevistador – Penso que conhece os órgãos de ... administração e gestão da escola, não é!? ... o Conselho Executivo, agora será o director, o Conselho Pedagógico, o Conselho Geral, seria possível estabelecer uma hierarquia entre eles ou acha que não, em termos de importância para, para o funcionamento do agrupamento?

Entrevistado – Sim, ou seja, hierarquizá-los ou não seria a questão, não é!? ... mais nesse sentido.

Entrevistador – Em termos de importância até do ponto de vista funcional.

Entrevistado – Sim. Eu parece-me que obviamente o cargo de director tem que ter alguma predominância, não é?!... parece-me que terá de ter alguma predominância. É muito difícil ... porque senão temos que desmontar este modelo, porque ele foi pensado para que ele tivesse um papel de intervenção, de predominância. Agora, ele não pode de todo agir sem interagir, não é!? ... e por isso tem de estar inteiramente relacionado com qualquer um dos outros, no âmbito pedagógico, não é!?

Entrevistador – E o CG acha que tem competências adequadas ou alteraria alguma? Por exemplo na questão da relação com o director, com ... o papel que tem na organização?

Entrevistado – Acho que isso vai ter que ser uma, algo que ... eu não tenho muito presente como é que esta metodologia se pode, se vai, se pode desenvolver na prática, mas acho que esta, esta interacção tem que ser regular, ou seja, tem que haver ... não estamos a falar num prestar contas, não é isso, que estamos a falar, mas tem que haver uma inter... há decisões que deverão ser ... bem pensadas e bem definidas no sentido de saber quais, quais dessas ... há coisas em que o corpo não tem que intervir, obviamente, é uma decisão, são modelos de gestão às vezes mais

abrangentes, etc. Agora, há decisões que têm a ver estruturalmente com o funcionamento da escola, que tem muito a ver com as decisões pedagógicas, eu acho por exemplo, que possam envolver a relação dentro, mas que envolvam a comunidade, coisas que saiam muito, uma coisa que a escola tem que fazer cada vez mais é sair do seu próprio espaço, das suas próprias paredes, aí eu acho que os parceiros que aí estão são, são parceiros fundamentais, não é!? Por isso mesmo hierarquizava, nesse sentido, o director com a importância que deve ter, porque este modelo está pensado assim. Que ele tem importância, não é!?

Entrevistador – Neste momento, está previsto que as escolas ou os agrupamentos possam propor ao Ministério da Educação um contrato de autonomia. Daquilo que conhece deste agrupamento acha que ele estará em condições de fazer isso?

Entrevistado – Eu diria que não. Eu diria que não. No imediato, não estará, nem este, nem este, e se calhar uma grande parte dos ... dos agrupamentos do país. Acho que não existe. Se me questionasse se isso é possível fazer em ... no agrupamento ou na escola integrada de (...) (identifica uma escola EB 2,3 do mesmo concelho) eu era capaz de lhe dizer que sim. Se tivesse que hierarquizar ao nível das duas estruturas que temos, eu era capaz de pôr em primeiro lugar, dizer-lhe mais depressa sim lá, do que aqui, por razões que são óbvias. Uma é a dimensão, que obviamente facilita isso, e depois porque há toda uma, uma preparação anterior que é dos anteriores, da anterior presidente do executivo, todo um executivo que esteve sempre intimamente ligado, que tem uma estratégia muito similar, similar de gestão e de funcionamento. Parece-me que ali eles têm criada uma situação, fazendo essa ligação com as características das pessoas e a forma organizativa. Com a dimensão da própria estrutura parece-me que aí estariam criadas mais essas condições.

Entrevistador – Em termos da ... sua participação, da sua experiência de participação no CGT ... tornar-se membro foi uma opção ou uma obrigação?

Entrevistado – Não ... não vou dizer que não foi uma obrigação porque ... quando eu digo é uma opção, não! Chegaram à minha beira e disseram-me, nós temos de ter um representante pá, sou eu, beltrano e fulano. Pronto, foi isto que aconteceu. E nós lá fomos.

Entrevistador – Decorrendo das funções desempenhadas na autarquia ...

Entrevistado – Eu, eu ... podia dizer que não, que fique isso bem ressalvado!

Entrevistador – Claro! Sim, sim ...

Entrevistado – Porque me disseram: ó fulano, se não quiser, esteja à vontade. Não, eu participo e tenho muito gosto, pela relação que já mantenho com a comunidade escolar há muito tempo, assim percebe-se.

Entrevistador – Como representante da autarquia, portanto, os outros elementos têm ... do CGT, talvez não tenham muito conhecimento como é que funciona a ligação entre o CG e a autarquia. Portanto, a ... no fundo, o que eu gostaria de saber é como é feita essa articulação entre o CG via os seus, os representantes da autarquia, não é!? ... no CG e a autarquia em si? Portanto, há reuniões, definem linhas orientadoras para actuação?

Entrevistado – Não. É assim, curiosamente, até mesmo antes de pegar nisso, de pegar no próprio funcionamento daquilo que são, somos três elementos representativos da autarquia e tem havido por exemplo, e houve em relação a isso ... aliás foi público, está em acta em alguns casos, até alguma dissonância em alguns aspectos que surgiram sobre perspectivas que todos nós tínhamos. Mas existe uma independência dentro da própria estrutura. Claro que se definiram estratégias, que sem nenhum esforço se percebeu que eram comuns. Mas dentro, por exemplo, nós próprios acabamos por ter a nossa própria posição que ficou patenteada como, como assistiu, não é. Agora essa relação como é que ela se faz? Eu acho que ela não está devidamente articulada e oleada. Ou seja, aquilo que eu percebi é que ainda, que é uma coisa assim um bocado ...

Entrevistador – ... a desenvolver.

Entrevistado - ... a desenvolver, que as pessoas ... olhe vou mandar um documento agora, se não se importa, veja o que tira dali, quer dizer, é este, é isto que tem muito, estas coisas estão muito na base de quando percebe, perguntou sobre a autonomização e sobre essa autonomia, é um bocadinho isso tudo. Eu acho que é um modelo e que toda a gente vai perceber, os próprios, o próprio modelo de gestão, as pessoas que estão dentro do modelo de gestão, toda a gente vai entender que isto é um modelo futuro. Mas não está ainda afinado, não é!? ... essa relação não está ainda afinada.

Entrevistador – Enquanto, enquanto, portanto, em relação à experiência que tem no CGT sentiu que há alguma pressão ... proveniente de algum ... de grupos dentro do conselho ou do exterior ...

Entrevistado – São óbvias, eu acho.

Entrevistador – ... que se faça notar acima de outras? Uma influência que seja superior a outras, que, que determine um bocadinho o funcionamento do órgão?

Entrevistado – Vamos ver como é que se fala nisto sem falar, como diz o outro. Em termos dessa, dessa ... é assim, eu, eu temia uma coisa que acabou por não acontecer. Se houvesse mais candidaturas, estou convicto que as pressões seriam mais evidentes, assim elas não foram. Se houvesse mais candidaturas inequivocamente que alguém viria pressionar neste sentido, para este ou para aquele *lobby*, que é assim que as coisas funcionam. Por isso, nós não chegamos a sentir isso. Portanto, havia um candidato, esse candidato, para o bem ou para o mal, entre aspas, percebemos que era naquela direcção. Agora que haja forças subterrâneas de pressão ... eu não, inequivocamente como estou fora da escola percebi que há, sempre posso definir assim rapidamente que existem dois ou três grupos, de perspectivas diferentes, ali dentro, não é! Pronto quem está de fora percebe.

Entrevistador – Entre professores ou ...

Entrevistado – Entre professores, sobretudo é o que aqui estamos a falar, porque são os professores que têm aqui, porque é ... será, por muito que se queira que o modelo possa vir com pessoas de fora que se candidatam não sei quantos, serão sempre os modelos internos que vão acabar por ditar e colocar. Isso é uma coisa que é inequívoca. Eu às vezes ouço, ouvi que vai ser publicado algo sobre o que aconteceu na realidade nacional, quantas pessoas de fora da própria estrutura se candidataram e tiveram sucesso. Nós até tivemos um caso, um ex professor desta, deste agrupamento que se candidatou a um ... a um lugar de director numa, numa escola de um concelho vizinho, não é!? Ou seja, são casos raros e eu duvido, e eu acho que isso vai ser traduzido, que sejam eficazes. Porque a própria estrutura, acaba por assegurar continuidades, não é!? ... por isso se me diz que há pressões, é isto.

Entrevistador – Pessoalmente não sentiu nenhuma pressão?

Entrevistado – Não, não. Zero. E que fique bem claro que até dentro da nossa própria estrutura da câmara, isso não aconteceu. O que não quer dizer é como lhe digo, não chegamos a ser testados, na prática.

Entrevistador – E ainda nesta linha de raciocínio ... parece-lhe o CG, naquilo que decidiu, nas ... portanto nas discussões que houve, propostas, decisões, prevaleceu a intenção da defesa do bem comum ou acha que houve ali lutas por interesses de grupos, individuais?

Entrevistado – Posso ser sincero? Eu achei e às vezes até chegava ao desespero, não é, de ... que estavam a falar de coisas que tinham muito pouco a ver com aquilo e com muitas outras coisas que vêm de trás, não é!? ... e que estas coisas de processos democrático, como felizmente as pessoas podem opinar, opinamos desde ... desde 75 ... efectivamente, e como opinamos desde 75, já temos trinta anos de opiniões e isso cria, cria um passado, não é, pronto e é isso que se nota. Agora, sim eu noto que há ali ... essas, essas pressões que funcionam muito de um passado recente.

Entrevistador – Sim, mas essas intervenções, não são gerais ou são? Portanto, acha que foi toda a gente?

Entrevistado – Não, não, não foi não, estou a falar do grupo, do grupo muito ligado aos professores. Todas as outras pessoas ficaram de parte. Mesma a própria Câmara como vimos esteve, esteve fora desse tipo de situação. E os outros grupos também, os encarregados de educação, etc., não fizeram ali ... sim, essa pressão notou-se no grupo dos professores. Demasiado evidente, eu acho! Demasiado evidente, porque eu tive um termo comparativo, que pode não ser exemplar, mas foi o (da outra escola do concelho) em que as coisas decorreram, apesar de haver também esses grupos, decorreram com um grau de, com ... muito mais ... é isto que está decidido, decidimos isto, e ninguém esteve ali a fugir muito para uma coisa, não, eu acho que não sei quê ...

Entrevistador – Mas então nesse caso pode-se dizer que o bem comum não esteve sempre no ...

Entrevistado – Eu acho que não. Acho que se personificou às vezes em algumas situações. Chamou-se, chamou-se a coisa um pouco mais ao umbigo, mais que ao corpo todo, chamou-se mais ao umbigo.

Entrevistador – Do ponto de vista pessoal, acha que nas reuniões tem poder para influenciar as decisões?

Entrevistado – Eu próprio?

Entrevistador – Sim.

Entrevistado – Quer dizer, tenho que influenciar as decisões ao votar, não é!?... tenho, tenho aí uma capacidade de influenciar, portanto, se eu posso influenciar como...

Entrevistador – Sim, com alguma intervenção que faz, com ... se sente que pode influenciar e que há receptividade?

Entrevistado – Acho que poder, pode toda a gente, honestamente, desde que, desde que todos nós saibamos abrir a boca e expressar-nos, estamos a ter capacidade ...

Entrevistador – E do ponto de vista geral, acha que o CG terá o poder necessário para definir a política educativa do agrupamento?

Entrevistado – Eu acho que tem.

Entrevistador – E na relação com o poder central? Será que lhe cabe esse, esse, essa capacidade?

Entrevistado – Honestamente, eu ainda não sei como é que isso se vai materializar, nem sei como essa inter-relação se faz. Penso que uma das lacunas será essa, a apontar em todo este processo. Não sei se eu, não serei eu a fazê-lo, mas será, a própria câmara terá um representante, que porventura será o senhor vereador, presumo eu, na hierarquia camarária, entre aspas, parece-me que será o senhor vereador e se calhar será ele a pessoa que filtrará aquilo que são as opiniões que dizem respeito à câmara municipal e ele levará de uma forma mais directa. Agora, honestamente não sei como esse mecanismo se está a processar, ou se vai processar, embora me pareça importante.

Entrevistador – Pois. Portanto, há algumas opiniões que dizem que o CG não terá algum poder, de facto, para definir a política, que era, seria a competência que a lei lhe atribuiria, não é, mas há também quem, quem ... não sei se diga receia, ou se desconfia que o poder, as competências do poder central de certa maneira, poderão passar para a autarquia.

Entrevistado – Eu acredito mais nesse modelo.

Entrevistador – Pensa que é isso que virá a acontecer?

Entrevistado – Penso que é isso que virá a acontecer, honestamente. Acho em tudo, não é só na educação, em tudo, o Estado está inequivocamente, independente das políticas e pode mudar...

Entrevistador – E qual é a sua opinião sobre isso, é favorável ou ...?

Entrevistado – A minha opinião é favorável. Eu acho que isso pode acontecer, não sei, é se as câmaras estão preparadas, honestamente, para esse processo, porque as próprias câmaras estão em fortes movimentações internas. Convém não esquecer que a questão da classificação dos professores não se aplica estritamente aos professores, a questão do SIADAP é, neste momento, uma machadada enorme na estrutura das organizações, como os municípios, está a criar confusão interna, está a criar um grupo, há muita gente descontente dentro da própria estrutura e as pessoas descontentes produzem menos, incentivam-se menos.

Entrevistador – E ... mas em termos políticos, será que interessa à câmara assumir esse poder sobre a educação?

Entrevistado – Eu não vou falar, porque eu não sou político, graças a Deus.

Entrevistador – Duas questões em concreto ...

Entrevistado – Tenho uma opinião, mas é uma opinião política.

Entrevistador – Enfim, a opinião interessar-me-ia como elemento e penso que vai continuar a ser elemento do CG.

Entrevistado – Não faço ideia, honestamente não sei, não sei como é que vai funcionar.

Entrevistador – Duas questões, se ... posso fazê-las sobre ... uma sobre o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a director. Que avaliação poderia fazer desse projecto?

Entrevistado – Que é que eu posso dizer, eu acho que o projecto foi, até tive oportunidade de dizer ao professor Quingosta de alguma forma, era o projecto que existia, mas era um projecto que se fosse sujeito a ... comparações, na minha perspectiva que estou habituado a fazer dossiês, acho que é um dossiê demasiado ligeiro, para a responsabilidade do cargo. Disse-lhe isso a ele directamente. Pronto, talvez as pessoas tinham a certeza que se calhar não tinham que se preocupar muito, em escrever muito e a consolidar, mas parece ... isso foi um pouco falado, aliás falamos nisso na altura, que o documento seria ligeiro, não é, parecia-nos que era ligeiro, não é

que tivesse de ser pesado, no sentido de nos fazer ter vários dossiês mas ... mas era relativamente ligeiro para a importância do que estamos a falar.

Entrevistador – Ainda relacionado, portanto, uma questão relacionada com essas ... tendo em conta a ... relação que há entre o CG e o director, pode-se, pode-se pensar que o director tentará ... enfim, impor-se um pouco ao CG? Como que acha que se deve agir no CG, deve-se mostrar ao director que é o CG que tem a responsabilidade da direcção, que tem que o fiscalizar, a actuação, que tem ... que, o director tem que prestar contas ao CG, ou o CG deve assumir um papel mais secundário?

Entrevistado – Não ... até porque a lei não é isso que permite, porque até há aqui uma capacidade de ... o conselho tem aqui uma capacidade de intervenção que a lei lhe dá e que tem muito ... tem a ver com a possibilidade inclusive de poder destituir, entre aspas, não é, na falta de melhor adjectivo, o director.

Entrevistador – Mas a questão é, o CG deve assumir esse poder ou ...

Entrevistado – Não, mas deve assumir, deve inequivocamente porque é um factor de equilíbrio, se não estamos a falar de uma coisa que pode rapidamente verter para um totalitarismo ... personificado, quer dizer, depende se a pessoa for, tiver tendências ... num determinado sítio a coisa corre bem, se tiver tendências num outro, pode correr mal. Não, inequivocamente que alguém tem que, de vez em quando, chamar à atenção pôr ... e levantar uma placa de aviso.

Entrevistador – Como acabou de dizer então concorda então com esse poder que o CG tem para, em último recurso, exonerar o director.

Entrevistado – Perfeitamente. Aliás não tem qualquer sentido que assim não seja.

Entrevistador – Para terminar ia pedir-lhe apenas que se pudesse fazer uma avaliação, mas de qualquer maneira já foi sendo feita, sobre a participação dos diferentes elementos. Talvez, chamaria a atenção mais para um ou dois casos, penso que não foram aqui focados. A participação dos alunos, o que é que lhe pareceu?

Entrevistado – Pareceu-me extremamente reduzida, eu diria quase irresponsável.

Entrevistador – E portanto considera ...

Entrevistado – Negativa, porque não foi contributiva, nesse sentido. Portanto, se pudesse assinalar aqui diria este caso e diria o caso da, do PNPG. Esse chateia-me muito, fui eu, fui eu que dei a sugestão para o PN.

Entrevistador – E em relação à participação dos representantes da autarquia? Portanto uma espécie de auto-avaliação.

Entrevistado – Sim. É assim, repare, não posso avaliar muito o senhor, o senhor vereador porque foi de nós o que teve um maior número de faltas (riso) por razões pronto, que são mais ou menos evidentes. Agora parece-me que, que fizemos, fizemos realmente um esforço grande, sem dúvida, até para repartir isto com as nossas, com a nossa vida, porque quer eu, quer a doutora Luísa, temos, em serviços diferentes, uma responsabilidades muito dilatada, de fazer a coordenação disso, porque já foi para todas as pessoas com certeza, um grande esforço. Mas acho que demos, que demos, fizemos um esforço real, acho que sem, sem falsas modéstias, a parte dela também, é uma técnica excelente, acho que a escolha da câmara foi nesse aspecto, acho que sim, duas pessoas, de alguma forma, retiro, esqueço o nome pessoal, não durmo com ele todos os dias, não é!?... e a Luísa conheço há muito tempo, mas parece-me que sim, que foi ... e acho que de alguma forma contribuimos para, para criar uma outra situação até com intervenções que acho que foram mais ou menos públicas se bem que não frequentes, pelo menos nas alturas certas ... parece-me que sim ... que o nosso balanço acho que foi positivo, foi produtivo, não é!? E também foi dos professores.

Entrevistador – Como?

Entrevistado – E também foi dos professores ... e muito.

Entrevistador – Uma pergunta um bocadinho em jeito de provocação, só para terminar que era a seguinte. Há quem considere que a câmara, portanto, deve estar representada no CG mas que não é muito fácil perceber porque é que há-de ter três representantes? Portanto, em termos institucionais será que faz falta?

Entrevistado – Não é provocação nenhuma, eu acho que é demais. Se calhar porventura poderá não ter, é assim, mas também digo honestamente uma coisa, se a câmara tiver aqui um, porque ... isto não podemos, não podemos mexer agora, temos que mexer quando percebermos qual é ... que eu acho que isto é um processo de tentar avançar por segurança, deixar por exemplo no nosso

caso três elementos, mas depois poderá ser ajustado em função daquilo que são esses poderes que há pouco falava, poderes entre aspas, responsabilidades eu diria mais. Que é o que as câmaras na realidade vão ter, porque eu estou convicto que as câmaras vão justificar o facto de terem três representantes. Porventura com aquilo que lhes possa cair em cima, entre aspas.

Entrevistador – Mas em termos de participação ou em termos de peso na votação?

Entrevistado – Não, eu diria mesmo em termos de peso da votação, se isto ... repare, este modelo só tem razão de ter três, ter três pessoas a representar, no rácio global dos outros representantes, se o papel da câmara for crescente. Se ele for estabilizado, a partir de um determinado momento tem de ser reavaliado, se calhar não faz, não faz questão, mas se ele estiver num crescendo, temos que ver o que vai acontecer daqui a um ano, dois anos até.

Entrevistador – Realmente até em termos funcionais fará falta estar lá três pessoas para trabalhar em conjunto?

Entrevistado – Pode, pode ... mas isso é uma coisa que também tem que haver alguma capacidade de auto-gestão e de auto-crítica e de auto-reflexão e de num determinado ponto as pessoas chegarem, saltando daquele politicamente correcto, de ninguém querer mexer na câmara, porque não dá jeito, não é, alguém dizer, ó meus caros amigos, não é por nada, mas eu acho que três pessoas são demais, ou que alguém chegue ao contrário, olhe, nós até precisávamos de ter mais um representante da câmara, que se calhar vamos também ter que aumentar nos professores, quer dizer ...

Entrevistador – Estamos num processo de aprendizagem?

Entrevistado – Eu acho que sim, não dá muito para perceber porque este é um modelo que ... e repare, estamos todos a correr um risco muito grande, corremos o risco de como acontece frequentemente em Portugal, vamos ter eleições, não é!? ... para a autarquia, se isto mudar, se ganhar um outro partido político até pode achar, como muitas vezes é normal, que o projecto não seja correcto, não vou pôr isso em causa, mas só para oxigenar, inverte-se isto tudo e voltamos ao outro modelo. E estamos todos aqui com esforço e vamos para outra rapidamente, não é!?

Entrevistador – Para terminar, portanto, depois dos assuntos que falamos aqui, há algum que lhe parece que ficou de fora que fosse importante a considerar, algum aspecto, alguma questão que acha que devia ter sido feita?

Entrevistado – Não, acho que de uma forma global tocou, e muito bem, parte do que era essencial, sem dúvida. Até porque, porque, e fez uma coisa, não é um questionário politicamente correcto, portanto, é bom isso, é um questionário a sério, daqueles que tem que se falar do que está bem e o que está mal, não é!?

Entrevistador – Muito bem. Obrigado então.

Processo de Redução de Dados – Categorias, Unidades de Registo e Inferências

(Entrevistas transcritas entre as páginas 25 e 162 destes anexos. Os entrevistados são identificados pela designação dos representados – Alunos, Encarregados de Educação, Professores, etc.)

Categoria:	
<i>1. Situação da educação no agrupamento de escolas: principais problemas diagnosticados.</i>	
Unidade de Registo	Inferências
<p>Representante dos Alunos – Ensino Diurno</p> <p>A falta de disciplina, que se tem encontrado nos alunos, a falta de vontade, e esse desleixo tem um pouco a ver com a permissão! Vejo, principalmente a nível negativo, que os alunos não participam na vida escolar, não se preocupam, reparam que algo está errado mas não se esforçam minimamente para procurar soluções. Ou é mesmo falta de vontade ou de força (Al D, 26)!</p>	<p>Indisciplina e desinteresse dos alunos face à escola.</p>
<p>Representante dos Encarregados de Educação</p> <p>Há certos professores que não conseguem manter a disciplina na aula. Os alunos estão todos a falar ao mesmo tempo, então não conseguem o bom ambiente no estudo, e depois o rigor no ensino. Sobretudo, parece-me que o próprio ensino enfoca muito em pormenores, sem incentivar a pensar por si próprio e ver o raciocínio subjacente, que dá para depois abrir outras matérias (EE, 40).</p>	<p>Baixo nível de exigência e fraca qualidade do ensino.</p> <p>A indisciplina dos alunos e a falta de capacidade dos professores para a contrariar.</p>
<p>Representante Professores</p> <p>Falta de educação, falta de comportamento cívico. Choca-me ter que dizer a alunos do 10º ano como é que devem comportar-se. Nem é só dentro de sala e em relação a mim, é em relação a eles próprios, entre eles (Prof, 57).</p>	<p>Falta de civismo dos alunos. Deficiente socialização.</p>

<p>Representante Alunos Nocturno</p> <p>A qualidade do ensino devia estar a um nível superior, porque num trabalho vê-se que não há essa qualidade que é exigida nos tempos actuais. Também me dá a impressão que as pessoas não têm vindo a ser preparadas para os tempos modernos” (Al N, 79).</p> <p>Representante dos Funcionários</p> <p>A educação vem de casa e, cada vez mais, há menos educação em casa, e cada vez mais os professores têm menos autoridade sobre os alunos. Não podem agir, não podem fazer processos, dá imenso trabalho, imenso tempo. Acho que se devia voltar um bocadinho mais ao antigamente (Func, 92).</p> <p>Duas escolas serem vizinhas e se juntarem, acho que isto foi megalómano e isso não traz proveito para a educação, porque é muita gente, são cinquenta funcionários, duzentos e tal professores, no mesmo sítio, é muito difícil de controlar tudo (Func, 93).</p> <p>Representante de Instituição</p> <p>A educação faz-se com os professores, e não contra os professores. Estamos a evoluir para um caminho de facilitismo, nós apercebemo-nos que de facto se exige muito pouco dos alunos. Onde é que está o conhecimento? É um problema que tem a ver com programas, com currículos, tem a ver com orientações emanadas superiormente, a que nós somos alheios! Neste agrupamento há, para além desse problema, outros que têm a ver com a fusão das escolas. Deu-se a fusão para um agrupamento vertical, que passou a integrar o 2º ciclo e o 3º, em que os problemas cresceram, porque é uma população</p>	<p>Fraca qualidade do ensino. Currículos escolares desadequados face à vida pós escolarização.</p> <p>Falta de civismo dos alunos e falta de autoridade dos professores.</p> <p>Agrupamento escolar excessivamente grande.</p> <p>Díficeis condições para o exercício da profissão docente.</p> <p>Degradação da qualidade do ensino.</p> <p>Influências nefastas do exterior sobre o interior da escola.</p> <p>Falta de civismo dos alunos.</p>
---	---

<p>muito maior, há especificidades de cada ciclo, que têm que ser tidas em conta, e agora, com a fusão com o ensino secundário, as coisas ainda se agravaram mais! E depois, há aqui muitos interesses, muitas lutas de interesses, as pessoas não têm uma visão de um todo, de um agrupamento como um todo, ainda há aquelas guerrinhas e aquelas tricas e dicas (Inst, 115 - 116).</p>	<p>Dimensão exagerada do agrupamento escolar.</p> <p>Conflitos de interesses no interior da organização.</p>
<p>Presidente do CGT</p> <p>Há uma desmotivação generalizada. Os alunos vêm-se sem grandes expectativas de futuro. E os professores vêm o trabalho ... não é recompensado. Não é através desta avaliação que vão reconhecer mérito, porque nós trabalhávamos ... se havia quem não trabalhasse, é como em todas as profissões. Acho que há desalento, por falta de expectativas também. Depois estão a olhar para as escolas como fábricas de encher chouriços, linhas de montagem. Antigamente nós tínhamos uma sala onde trocávamos opiniões e não precisávamos de ir muitas vezes a reuniões, íamos debatendo informalmente e íamos falando de um problema daqui, doutro dali. Eu acho que neste momento andamos a correr de um lado para o outro, a extensão é grande, o não haver uma sala de professores por exemplo, divide-nos. Faz com que nós não nos conheçamos, não podemos interagir da mesma maneira. E depois os problemas, uma escola que começa de pequeninos, até muito grandes. Com problemas específicos para cada idade, em que nós estávamos habituados a trabalhar com uma faixa etária, às duas por três a escola junta todos (PCGT, 131 - 132).</p>	<p>Desmotivação dos alunos e dos professores. Falta de expectativas.</p> <p>Descontentamento dos professores em relação ao modelo de avaliação em fase de implementação.</p> <p>Desumanização da escola.</p> <p>Processo de fusão das escolas num agrupamento demasiado grande. Número exagerado de professores e diversidade de alunos (idades e cursos).</p> <p>Agrupamento escolar demasiado grande. Falta de instalações adequadas para os professores. Impessoalidade nas relações.</p>
<p>Representante da Autarquia</p> <p>O grande problema é o relacionamento humano, aqui é que está a grande lacuna! Mais que um problema estrutural é um problema de</p>	<p>Problemas de relacionamento entre o</p>

<p>relacionamento humano, parece-me que é o que vai marcar estes últimos quatro anos. Alguma falta de paciência dos professores, alguns professores, há alguns desincentivos. Algumas lacunas de relacionamento com a informação, falta de informação sobre as actividades em desenvolvimento, algumas dificuldades em poder definir alguns contextos. Agora do ponto de vista de gestão da estrutura, é muito relativo porque nós não estamos nela diariamente (CM, 147 - 148).</p>	<p>Ministério da Educação e os professores, acompanhados por desincentivos promovidos pelo ME. Desmotivação dos professores.</p> <p>Deficiente comunicação entre os diversos intervenientes na organização escolar.</p>
--	---

<p>Categoria:</p> <p><i>2. Os actores</i></p>	
Unidade de registo	Inferências
<p>Representante Alunos Diurno</p> <p>Os alunos estão maioritariamente perdidos e vivem num mundo que ultimamente são obrigados a viver, não por causa de professores, de funcionários, do ministério ... porque agora algo funciona mal e acontece ... perdeu-se tanta coisa que agora os alunos vivem num mundo que é apagado, fechado ... Minimamente, vive-se uma fase em que ... vê-se, sente-se, fala-se e acabou. Não se faz, não se resolve, não se tenta ... nada (AI D, 28 - 29)!</p> <p>Não vale a pena, para que é que vamos estar a dizer, para que é que vamos estar a fazer. Porque a realidade é que ... por mais que uma pessoa fale, por mais que os alunos tentem falar ... ouvem respostas, porque não pode ser ... porque depois é assim, e porque acontece aquilo e porque acontece aqueloutro e depois ... é óbvio que pensam, o que é que eu vou fazer para uma reunião, fazer nada (AI D, 34).</p>	<p>Desmotivação dos alunos; falta de perspectivas de vida e de futuro.</p> <p>Falta de receptividade, dos professores, em relação à participação dos alunos.</p>

<p>Pelas convocatórias que vi este ano, tanto a nível do CP como a nível do CGT, acho que as coisas aconteceram muito a nível da administração da escola, por causa da avaliação dos professores, quer dizer, neste momento por consequência do Estado tem-se centrado muito tudo na base dos professores, e os alunos vão aparecendo momentaneamente, acho que ... não é um abandono, é uma concentração noutra ponta, noutra vértice ... os alunos sentem-se perdidos ... e depois isto é uma bola de neve (Al D, 34).</p> <p>Representante dos Professores</p> <p>Por exemplo, quando tu apresentaste no ano passado aquela proposta da criação dos individuais nos balneários de Educação Física, tenho a ideia que foi aprovada por unanimidade! Toda a gente achou que era para o bem comum. Até hoje, foi feita alguma coisa? Portanto, nem sequer as pessoas estão preocupadas com o bem comum. Estão preocupadas em sempre estar de acordo com quem apoiam, outras vezes até estão preocupadas com o bem comum, mas depois não há uma verificação da execução das decisões que ali são tomadas! Quem é que controla a execução? Devia haver esse cuidado (Prof, 71)!</p> <p>Representante Alunos Nocturno</p> <p>É claro que foram os senhores professores. São aqueles que são mais fluentes, até em termos argumentativos, são aqueles que conhecem melhor a escola, que lidam com os alunos (Al N, 87).</p> <p>Gostei! Tenho pena de não participar mais, mas também não tenho conhecimentos, nem bases para ... isto é como tudo, é preciso estar-se por dentro. E não é em meia dúzia de meses e nas poucas reuniões que se tem ... que se fica por dentro de tudo. Agradeço a</p>	<p>Perda de protagonismo e de centralidade dos alunos na escola. A actividade, na escola, centrada nos interesses e nos problemas específicos dos professores.</p> <p>A preocupação dos actores em defender o bem comum esgota-se na tomada de algumas decisões, não havendo depois o esforço para que se passe para a execução e obtenção dos resultados. Os interesses individuais e de grupo sobrepõe-se à procura do bem comum.</p> <p>Falta de capacidade dos alunos para intervir na organização. O protagonismo é dos professores.</p>
--	---

<p>todos a paciência que me deram (AI N, 91).</p> <p>Representante Funcionários</p> <p>As instituições exteriores nunca têm grande intervenção (Func, 108).</p> <p>Os alunos não têm maturidade para estarem no CG (Func, 109).</p> <p>A participação dos professores, eles é que participam mais (Func, 109).</p>	<p>Alguns actores presentes no CG não se enquadram nesse órgão.</p> <p>Os professores dominam o processo de participação.</p>
<p>Representante Instituição</p> <p>Não vi lá nenhum representante dos alunos (Inst, 127).</p> <p>Os pais tiveram um papel muito fiscalizador e nem sempre foram muito correctos. Os professores destacaram-se mais, na medida em que contrapunham, contrariavam, discutiam, opunham-se a determinadas ideias que eram apresentadas. Os funcionários também, pontualmente (Inst, 128).</p> <p>Em relação às instituições locais, posso considerar, numa escala de avaliação, que estarão na base (Inst, 129).</p>	<p>Ausência dos alunos. Os pais entram em conflito com os professores e não em colaboração. Os professores são protagonistas no processo de participação. Os funcionários dão um contributo no CG.</p> <p>Os representantes das instituições locais são quem menos participa.</p>
<p>PCGT</p> <p>Eu acho que nós somos os principais ... a escola anda se os professores se empenharem. Acho que foi um desrespeito para com os professores não podermos passar dos cinquenta por cento. Os pais sim senhora, mas os pais muitas vezes nem sabem muito bem ... tinham que vir muitos mais à escola e quem pode vir mais à escola é quem não trabalha (PCGT, 136).</p> <p>Eu acho que o maior trabalho tem sido entre pais e professores e os</p>	<p>Os professores são os mais importantes e deveriam dominar o CG, também, em número.</p> <p>Os pais têm cabimento no CG mas não correspondem àquilo que deles se esperaria.</p>

<p>alunos. Também não posso concordar que apenas um representante dos alunos do secundário. Eu acho que pelo menos dois ... até porque se entreajudam e podemos até talvez o município, reduzir, ou até os cooptados (PCGT, 136).</p> <p>Os cooptados, até me interrogo por que é que eles lá andam. Tem sido uma decepção atrás de decepção, e acho que os alunos deviam estar mais, deviam ter pelo menos dois (PCGT, 136).</p> <p>Não, não quero dizer tanto caramba, mas que trabalhei muito, trabalhei (PCGT, 139).</p> <p>Porque é que eu me candidatei a presidente? Porque quando começou, alguém tem que fazer uma lista e eu ... sou voluntariosa e vamos, e porque tem que ser e desta, uma vem a outra e de outra vem a outra, outras vezes porque ... e depois comecei, por que é que me candidato? Porque acho que neste momento, e francamente se voltar, quer perca ou ganhe as eleições, torno-me a candidatar. Porquê? Porque acho ... que sem ser supra-sumo, acho que tenho características e que tenho experiência para me candidatar. Embora saiba que ... a outra face da moeda, é trabalho exagerado! E porque eu gosto da escola, e há outra coisa, eu tenho um prazer imenso em dar aulas, eu tenho um prazer imenso. E depois também tenho outra coisa que eu gosto, nisto tudo eu não sou nomeada, sou eleita, e sabes que isto me dá um bocadinho de ... até de independência em relação a determinadas ... porque, eu vou para um órgão, eleita e não fico ... percebes, não há jogos nenhuns. Sou eleita. E é uma das coisas que me dá prazer, é ser eleita. Embora me dê um bocadinho também de <i>frisson</i>, mas dá-me prazer ser eleita e não ser nomeada (PCGT, 140).</p> <p>Eu estou em representação dos professores, os professores confiam em mim, não por mim, não por mim. Acho que quem vota em mim</p>	<p>Os alunos deveriam ter maior representação no CG.</p> <p>A presença das instituições locais não faz qualquer sentido.</p> <p>A PCGT centralizou o funcionamento do CGT.</p> <p>Motivação da PCGT para exercer funções de direcção assenta na satisfação e na realização pessoais, que o exercício dessas funções proporciona.</p> <p>Não é invocado um projecto ou objectivos para o desenvolvimento da organização.</p> <p>Identificação da PCGT com os interesses dos</p>
---	--

<p>conhece-me e eu estou manifestamente em representação dos professores. Os pais muitas vezes vão por arrasto (PCGT, 142 - 145).</p> <p>O aluno adulto esteve presente, mas pouco interventivo, só na parte de votação, toda a gente sabe, a aluna do dia foi lá uma vez. São os professores, aqueles que se empenham, são os que conhecem melhor os problemas da escola (PCGT, 145 - 146).</p> <p>Representante Autarquia</p> <p>Pareceu-me extremamente reduzida, quase irresponsável (CM, 159).</p> <p>Negativa, porque não foi contributiva. Portanto, aqui diria este caso e diria o caso do PNPG (CM, 160).</p>	<p>professores.</p> <p>Defesa do protagonismo dos professores no GG e desvalorização da participação dos outros actores.</p> <p>Desvalorização da participação dos alunos e de uma das instituições representadas no CG</p>
--	---

<p>Categoria:</p> <p><i>3. Perante a intenção do normativo, a acção/posição dos actores.</i></p>	
<p>Unidade de registo</p>	<p>Inferências</p>
<p>Representante Alunos Diurno</p> <p>Deve partir de todos, isto devia funcionar como está pré-programado, o director para organizar as funções da escola, os pais para darem os primeiros passos na educação dos filhos e para desenvolverem a educação dos filhos, para ajudar a escola e, depois, os próprios alunos para criarem ambiente de estudo (AI D, 26).</p> <p>Para fazer que se está a cumprir normas, sobretudo este ano, os alunos ... o assunto aluno foi tão perdido que eu, no primeiro período, cheguei mesmo a pensar em pedir a demissão do cargo. Senti que</p>	<p>Representação da organização escolar, como concretização de um modelo ideal, assente na convergência de interesses e na colaboração harmónica entre os diferentes actores.</p> <p>Desencanto com a focalização nos aspectos burocráticos e a falta de atenção dada pelo CG</p>

<p>havia um desinteresse tão grande tão grande, que eu disse chega, eu não estou aqui a fazer nada ... os alunos não ... eu estou aqui para fazer feitiço ... vou-me embora. Mas, depois estive a conversar com algumas pessoas e acabei por ficar. Falei com a doutora Gracinda (psicóloga), falei com a presidente do CP, falei com várias pessoas, elas disseram-me, respira, tem calma (AI D, 36).</p> <p>Sente-se um bocadinho de tudo. Aquela contrariedade aquela coisinha ... uma pessoa sabe que não é bem-vinda (AI D, 36 - 37).</p> <p>Surgiu uma coisa no início, na primeira reunião do CG, foi não me sentir bem-vinda, logo na primeira reunião, ao apresentar os elementos, houve alguém que pôs a questão: mas estás no CP, não podes estar aqui ... por isso uma pessoa sente logo, eu não estou bem aqui, não estou bem enquadrada (AI D, 37).</p>	<p>aos alunos e seus problemas.</p> <p>Influência exercida por professores e outros elementos da organização para manter a ilusão de participação dos alunos no CG, materializada na representante dos alunos.</p> <p>Dificuldades de integração da representante dos alunos no CG.</p>
<p>Representante Encarregados de Educação</p> <p>Eu acho que o papel de director da escola é fulcral, em termos de criar um espírito de escola, e eu não sinto a escola, tenho a impressão que não se consegue criar hierarquias e estruturas de decisão e de responsabilização das pessoas. Há sempre pretextos para não fazer, dizer que não fazemos isto por causa da DREN, etc. (EE, 40 - 41).</p> <p>Eu acho que faz todo o sentido, a sua existência. Parece-me que há defeitos em termos de funcionamento ... coisas que, eu fico um pouco surpreendido. Uma tem a ver com o próprio relacionamento entre o director da escola e o conselho, porque o conselho, sendo o órgão supremo, deveria ser a entidade que orienta ... e, apesar de que não é conselho pedagógico, essas preocupações gerais do espírito de escola e os objectivos gerais, que a própria escola e a comunidade têm, devem ser definidos no conselho geral e deve haver</p>	<p>Valorização do papel do director, e da hierarquia, como condição para a tomada de decisão, para a acção e assumpção de responsabilidades.</p> <p>Defesa da existência do CG, como modelo idealizado, mas desilusão quanto às práticas observadas: ao funcionamento e aos resultados.</p>

<p>um diálogo muito fértil sobre como criar esses objectivos. Por vezes parece mais um diálogo de confronto e de tensão. E também tenho tido a impressão que fazemos sugestões e iniciativas, e vejo pouco a ser concretizado. Acho que o conselho faz todo o sentido, como membro não estou muito convencido da sua utilidade na prática. Tenho grandes frustrações em relação a isto (EE, 42).</p> <p>Quando existem hierarquias elas acabam por ser, ou espécie de ditaduras, ou ser grande receio que isto vai acontecer, isto por razões óbvias, históricas, então há um certo traumatismo em relação a isto que, a meu ver, dificulta ... estruturas de gestão. Também o próprio povo tem esta história, se calhar há milénios, os romanos falaram que sendo um povo difícil, não querem governar e não sabem se governar, então, acho que o papel de director é ser o chefe de uma hierarquia que define o que é que a escola vai fazer. O papel faz todo o sentido. Culturalmente ... há entraves e problemas ... para que isto tenha êxito (EE, 42 - 43).</p> <p>Nós temos visto o director, no outro dia, no conselho afirmou uma posição bastante forte, da forma que ele vai agir enquanto director, também isso provoca anticorpos. De um lado respeitei, parece-me bem que haja um director que defina bem o que vai fazer, ao mesmo tempo reconheço os perigos e os anticorpos. É um pouco como o primeiro-ministro nos últimos anos, que tem assumido uma posição muito forte de controlo, ao mesmo tempo, quando os votos vão contra, logo muda para ser mais simpático (EE, 43).</p> <p>Gostaria que houvesse mais comunicação e ... eu próprio tenho tido pouco tempo. Se continuar com tão pouco tempo, se calhar não seria a pessoa mais indicada, porque não tinha tempo para ouvir mais os pais. Eu acho que o representante é muito fácil, na política e em tudo, só fica representante e depois perde a ligação com as raízes, então eu acho que é muito importante criar esta dinâmica. Acho que</p>	<p>Conflito, entre a necessidade de criar hierarquias, para uma melhor governação, e características culturais dos portugueses, que seriam avessos a qualquer forma de governo. Implícita uma forma de preconceito.</p> <p>Defesa do uso da autoridade, pelo director, mas receio de que não seja capaz de a exercer de forma continuada.</p> <p>Reconhecimento da ténue, ou mesmo</p>
--	--

<p>esse canal de comunicação na realidade é fraco e deveria ser reforçado. Tenho que representar o que eu considero ser os interesses dos pais, e não estou a falar dos interesses das minhas filhas, nem nos meus interesses profissionais. Não houve uma associação realmente a funcionar, isto é mais um ponto fraco da própria estrutura dos pais. Mas eu como representante deveria ter dinamizado mais esta envolvimento com os pais.</p> <p>Na realidade é um pequeno grupo. É muito difícil mobilizar as pessoas, é um país com pouco cultura de associativismo. Não é fácil reunir as pessoas, e a primeira reunião é sempre com mais pessoas e a seguir há cada vez menos (EE, 44 - 50).</p> <p>Quer dizer, dos alunos em geral não houve, foi pena. Eu próprio tenho faltado mais do que queria. A pessoa sente que os professores têm presença, como parte interessada directa, hegemónica não, mas é uma presença fulcral. Quem define a ordem de trabalhos no fundo é a presidente, que também tem por lei de ser um professor. Do ponto de vista prático há uma frustração, sinto uma frustração mas em termos de exprimir voz acho que os pais conseguem (EE, 51).</p> <p>Na prática tem sido mais resumido em três, em termos de voz, o que as pessoas sentem... é mais dos professores, um pouco dos pais e um pouco da câmara (EE, 54).</p> <p>Representante Professores</p> <p>Dá-me a sensação que basicamente representam-se a si próprios. Com os pais não há quase comunicação, basicamente não há. Portanto, eu acho que tem que ser uma ligação mais próxima. O ideal seria estar lá o elo de ligação com a associação de pais e a associação de pais ter capacidade de ... mobilizar os pais no sentido de participar. Há este problema, vamos resolvê-lo? Não sei se será</p>	<p>inexistente comunicação entre os encarregados de educação e os seus representantes.</p> <p>Falta de participação dos alunos.</p> <p>Domínio do CG pelos professores, com destaque para a presidente do CG, através da definição da agenda.</p> <p>Alguma participação dos pais e da Câmara.</p> <p>Críticas à participação dos representantes dos encarregados de educação, por não comunicarem com os representados.</p>
---	--

<p>assim tão fácil (Prof, 60).</p> <p>Confesso que com as duas pessoas do primeiro ciclo e do pré-escolar que fizeram parte da minha lista, com a do pré-escolar, ainda ... de vez em quando falamos. Mas, basicamente ... zero (Prof, 69)!</p> <p>Exactamente! A sensação que me dá é que ela até foi quase que expulsa ... porque ... as opiniões que ela foi dando, que algumas até eram válidas, nunca foram muito bem recebidas (Prof, 73)</p> <p>Eu, se um dia me decidir ir para lá novamente, vai ser assim: eu defendo azul, então vou dizer que defendo vermelho ... percebes! Se eu defender a tese contrária ... são capazes de apoiar aquilo que era realmente (Prof, 73)!</p> <p>A nível de argumentação, acho que há pessoas que ouvem e que, em determinadas situações, até acham que sim, que faz sentido e que era correcto e não sei o quê. Mas se tiver de ser votado, votam de acordo com o que interessa e não de acordo com a sua opinião (Prof, 73).</p> <p>Ouvia-se os representantes dos professores e os representantes dos funcionários. Os representantes dos pais que levaram questões, que digam respeito aos pais ... muito pouco. E os restantes órgãos também acabam por não estar ali para pôr problemas representativos deles (Prof, 77).</p> <p>Representante Alunos Nocturno</p> <p>Penso que a sociedade civil deve estar presente na escola. Contudo, a acção organizativa deve caber aos professores! Também no conselho geral, acho que os professores estão pouco representados. Na minha opinião devia haver mais professores. São eles que</p>	<p>Falta de ligação entre os professores e os seus representantes.</p> <p>Acusação de que o grupo dominante rejeita todos os que não têm uma participação convergente, bem como as suas propostas. Ou rejeita as propostas, independentemente do seu valor, apenas devido à sua autoria.</p> <p>Contradição, em elementos do grupo dominante, entre os ditames das consciências e o dever de obedecer aos interesses do grupo, definidos pelos líderes.</p> <p>Domínio dos professores no CG.</p> <p>A comunidade deve estar representada no CG, mas</p>
---	--

<p>efectivamente, conhecem os meandros do ensino, da escola e estão preparados para ... Embora a sociedade civil também, e os pais, também devem ter a sua palavra, no contexto da escola. Não sei se deve ter o poder deliberativo, mas deve estar representada tal qual como lá a temos, provavelmente mais até como consultivo (AI N, 80).</p> <p>Eu tenho algumas referências doutros tempos ... Deus, família, a religião, respeito, acatamento, a gente não altera muito essas coisas. A figura do director aparece no sentido de tentar melhorar a qualidade do ensino e se tiver que passar por aí, aceito, porque pelo menos haverá um responsável. Isto, podemos comparar a um grande navio, tem que ter um comandante. Dá-me a impressão que a escola tem funcionado em gestão colectiva! E, sinceramente, aquilo que eu penso é que os resultados não são os melhores. Penso que a pessoa que se candidata a esse cargo estará com vontade e se sente competente de realizar algo diferente (AI N, 80 - 81).</p> <p>As pessoas votam também mediante uma análise que é feita de um projecto. Aí não estou à vontade para poder responder (AI N, 83).</p> <p>Não, não apreciei, não apreciei (AI N, 89).</p> <p>Representante dos Funcionários</p> <p>Sabemos que isso da palavra director pode implicar uma coisa mais militarista, mais fascizante. Se calhar traz benefícios, se calhar traz alguns prejuízos para a educação, não sei (Func, 93).</p> <p>As pessoas votam conforme ... o grupo parlamentar vota. E acho que há sempre jogos. Os conselhos transitórios estão já a passar, também pouco demoraram. Para já foi uma salsada! O tempo que lá estive ... cinco por cento foi para os alunos e acho que os alunos estão em primeiro e em segundo, em terceiro, em quarto e depois é que vem o director, os professores e os funcionários! Acho que se fala pouco nos</p>	<p>com funções consultivas, cabendo o controlo da organização aos professores.</p> <p>A autoridade do director, como instrumento para melhorar a qualidade do ensino, esta associa-se a valores do Estado Novo.</p> <p>Critica a gestão colectiva da escola.</p> <p>Crença na possibilidade de o candidato (presidente do CE há cerca de vinte anos) ir agora inovar, graças às virtualidades do cargo de director.</p> <p>Desconhecimento do projecto do candidato.</p> <p>Associação do cargo de Director ao “Estado Novo”</p> <p>O interesse pessoal, no contexto do jogo de interesses que domina a organização, determina a actuação de cada actor.</p> <p>Os alunos não foram o</p>
--	---

<p>alunos porque ... é só leis (Func, 94).</p> <p>Se calhar porque pertencemos ao CG agora devíamos ter, ao fim do dia seguinte, por exemplo, à reunião, devíamos ter uma tarde livre para dizer o que é que se passou, o que é que não se passou. Nós por exemplo, não conhecemos grande parte dos funcionários que representamos, porque isto é disperso. Há escolas a trinta quilómetros daqui, é complicado, nem os conhecemos sequer! Há colegas que nem conhecemos (Func, 102).</p> <p>estamos lá pelo menos para nos defendermos e esclarecer algum equívoco. Se nós não tivermos reuniões, convívios, contactos, formação, acho que é difícil apresentar uma proposta feita por uma pessoa só (Func, 103 - 104).</p> <p>Acho que as maiores pressões desde que o conselho existe, são ... os medos, são as pressões que a sociedade tem, e que os professores têm, que os funcionários têm e que ninguém sabe muito o amanhã e que existem notas e porque se fala em desemprego. Está tudo com medo de ser atacado, está tudo com medo de perder o trabalho, as pessoas que fazem parte do CG, todas as pessoas, seja professores, seja funcionários, está com medo do futuro (Func, 104).</p> <p>Para além desta salsada que ninguém se entende, acho que o CG deveria ter algum jurista que diga e esclareça a lei, porque às vezes um professor interpreta uma lei de uma maneira, o outro diz que não, e perde-se imenso tempo às vezes com coisisses, e quando se vê já não estão a falar nos alunos e nos problemas que os afectam e no que está mal e no que está bem. Também se utiliza muito o CG e utiliza-se muito o conselho pedagógico, para interpretar bem as leis, porque pode vir alguém, algum inspector e cai em cima. Está tudo com medo dos processos. Os pais agora têm mais informação, fazem mais recursos ... acho que toda a gente anda a fazer escudos. Em</p>	<p>tema central do CGT.</p> <p>Falta de condições materiais para os representantes dos funcionários comunicarem com os representados</p> <p>Representação no CG como meio de defesa.</p> <p>A instabilidade profissional provoca medo e condiciona a actuação, dos diversos açores na organização, no sentido de fazer o necessário para manter o emprego.</p> <p>O medo dos actores, em relação ao cumprimento da legislação e à possibilidade de ocorrência de sanções, determina a sua acção, e a inacção.</p>
---	---

<p>vez de se fazer educação está-se a fazer escudos. Cada vez mais, acho que em todos os órgãos está assim, está tudo com medo (Func, 104).</p> <p>Representante Instituição</p> <p>Estamos a voltar, faz-me lembrar o tempo do reitor! Eu ainda sou do tempo em que o reitor foi corrido ao pontapé, na altura do 25 de Abril. Não sei se voltaremos a repetir esse cenário (Inst, 117).</p> <p>Os representantes dos pais preocupam-se com os filhos deles, em primeiro lugar, e depois os dos outros! Os professores preocupam-se com quê? Os parceiros, que estarão eventualmente de fora, qual é o papel deles? O grande problema está aqui, no conceito de educação. Mesmo na classe docente há conceitos divergentes de educação e por isso muitas vezes nós não falamos a mesma linguagem, e depois surgem os conflitos (Inst, 118)!</p> <p>Enquanto membro da comissão, não senti esta mais-valia que a comissão pode trazer para o CG e vice-versa (Inst, 122).</p> <p>Presidente do CGT</p> <p>Toda a gente tem pouco tempo. Nós tínhamos que nos debruçar mais para determinar os problemas da escola. Nós havemos de fazer mais momentos de reflexão, que não fosse aprovar o documento tal e dar parecer. Porque se nós tivéssemos momentos para debater, para pensarmos em conjunto, para trazer aqui alguém à escola, também ... não era preciso grandes pensadores, mas às vezes um moderador, que desse os motes e depois nós tentarmos, talvez conseguíssemos fazer melhor (PCGT, 133).</p>	<p>Associação da criação do cargo de director à ideia de falta de democracia e ao período anterior ao 25 de Abril de 74.</p> <p>Conflitos têm origem na diversidade de interesses dos diversos actores e dos grupos, e nas diferentes perspectivas sobre a educação.</p> <p>Não se justifica a participação da instituição representada no CG.</p> <p>Falta de tempo, de ideias e de perspectivas e pressões sobre o CG condicionaram negativamente o seu desempenho.</p>
--	---

<p>Há que calendarizar, porque passam-nos as coisas. Tem de se fazer um cronogramazinho ... porque eu às vezes vou ver de documentos e já passaram. Também acho que tudo tem que ser mais oficializado, através de documento escrito, porque não pode ser olha, tens aquele documento pronto? E depois pedir a colaboração de toda a gente porque ... o órgão não é só o presidente. Acho que não sou prepotente, embora tu digas que eu te tiro sempre a palavra, às vezes é o agilizar do tempo (PCGT, 138)</p> <p>Não, não concordo, eu não concordo! Não concordo, eu sou de uma geração em que ... eu digo aos meus alunos, eu não votava. Não votava porque não podia! Não era permitido. Lutamos, corremos à frente da polícia ... porque quando entrávamos na faculdade não eram meigos e não era por pertencer a partido nenhum, porque não pertencia, nem tinha ideologia, nem de esquerda, nem de direita. Depois a escola tinha algo de gestão democrática ... eleitos por toda a gente, agora ... olha eu nem quero dizer, o que é que penso desta eleição através de um conselho. Não concordo. Sendo nomeado podia acabar um bocado com as tricas entre professores e as facções (PCGT, 134).</p> <p>Eu sei neste momento, nas eleições, que ao estar conotada com o Quingosta, não é um factor para mim de arranjar votos, não ... é um factor dos descontentes não votarem, verdade, eu posso parecer que ando aqui a dormir na forma, mas sei perfeitamente. É verdade, pronto, há ligação. Ninguém desconhece que sou amiga e eu não renego os amigos, mas não sou acrítica. Isso não faz ... que não tenha posição crítica perante certos actos, e digo-os sempre. Muitas vezes, escuso é de o fazer na praça pública (PCGT, 135).</p> <p>Uma pessoa que seja humana, que tenha em conta que nós também somos humanos, não somos máquinas que aqui estamos, e que continue a tratar as pessoas numa relação de igualdade. Depois tem</p>	<p>Reconhecimento de que a agenda do CG, oficializada pela presidente do órgão, foi de génese reactiva, condicionada por entidades exteriores, caracterizada pelo imprevisto e pela informalidade.</p> <p>Contra a existência do cargo de director (que faz lembrar o regime do Estado Novo) e contra a eleição do director pelo CG. Seria preferível a nomeação.</p> <p>Conotação da PCGT ao PCE e candidato a director tem todo o fundamento. Afirma que perde os votos dos descontentes, na eleição para o CG, não assume que recebe os votos dos apoiantes do PCE.</p> <p>A crítica à gestão é feita em privado, esvaziando o CG de uma das suas</p>
--	--

<p>que ter capacidade de gestão, tem que também muitas vezes saber, e ele não sabe, dizer não a certas coisas que não estão bem e tem que ter uma certa capacidade de liderança, também. Porque não pode ser uma pessoa que também aceita tudo, até porque isto é uma grande responsabilidade e não pode ser um pessoa que ouve daqui e muda e ouve dacolí e muda. Deve ouvir de todos os lados e depois tirar a média ... ele é que decide. Eu estou farta de lhe dizer que o governar é um acto solitário. A pessoa tem que depois tomar decisões, sozinho, mas deve ouvir (PCGT, 136).</p> <p>Tivemos e produzimos documentos que a escola tem que se reger por eles. Portanto, tivemos que ter importância (PCGT, 137).</p> <p>Representante Autarquia</p> <p>Em relação às chamadas outras entidades, a que me estou a lembrar neste caso, o PNPG, exemplo que todos nós pensávamos que seria uma maior valia acabou por não ser (CM, 148 - 149).</p> <p>Não só nos professores, não só na autarquia, não só nos alunos, não só nos encarregados de educação, ou seja, tem que ser realmente uma decisão repartida e bem repartida (CM, 149).</p> <p>Eu sou apologista da descentralização (CM, 149).</p> <p>Não poderia haver um director mas teria que haver directores. Porque a haver um director, acho que ele deve ser um professor mas, deve ter uma formação ... tem que ser aí o Estado a intervir e chegar à beira, por exemplo, dos actuais directores, dizer: você está sozinho e precisa de apoio. Deve ser um colega de trabalho, que deve estar atento àquilo que são as necessidades dos alunos e dos professores ... mas não descurar a parte económica (CM, 150).</p>	<p>atribuições.</p> <p>Define as qualidades que deve ter o “seu” director ideal, mas conclui que o candidato, que apoia, não tem algumas das mais importantes.</p> <p>O CG teve importância porque produziu documentos que, pretensamente deverão regular o funcionamento da organização.</p> <p>Desilusão em relação à participação de uma instituição.</p> <p>O poder repartido por todos os representantes dos actores intervenientes na organização.</p> <p>Defesa da descentralização mas, o Estado deve impor certas condições ao Director, nomeadamente no domínio da gestão financeira.</p>
--	---

<p>A nomeação é sempre mais perversa do que qualquer modelo que nós assistimos. Para muita gente também este está a ser perverso. Mas parece-me que há aqui a capacidade, de as pessoas poderem intervir. Há aqui uma possibilidade democrática que é ... neste caso não aconteceu, porque só houve um candidato, mas põe-se a possibilidade de haver vários candidatos e há um processo de selecção que tem que ser justificado. Não digo que não possa ser manipulado, mas tem que ser justificado! E parece-me que é melhor do que ser uma nomeação (CM, 151).</p> <p>Às vezes até chegava ao desespero. Estavam a falar de coisas que tinham muito pouco a ver com aquilo. Como felizmente as pessoas podem opinar, e como opinamos desde 75, já temos trinta anos de opiniões e isso cria passado, e é isso que se nota. Eu noto que há ali essas pressões, do grupo muito ligado aos professores. Todas as outras pessoas ficaram de parte (CM, 156).</p> <p>Mesma a própria Câmara como vimos esteve fora desse tipo de situação. E os outros grupos também, os encarregados de educação, etc. Essa pressão notou-se no grupo dos professores. Demasiado evidente, eu acho (CM, 156).</p> <p>Acho que se personificou às vezes em algumas situações. Chamou-se, chamou-se a coisa um pouco mais ao umbigo, mais que ao corpo todo, chamou-se mais ao umbigo (CM, P.156).</p>	<p>Contra a nomeação do director e a favor da eleição. Reconhecimento de que o processo, neste agrupamento de escolas não teve certas características da democracia, por só haver um candidato.</p> <p>A pressão, exercida pelos professores, levou ao desvio do CGT para assuntos deslocados do seu âmbito. (A PCGT também professora, foi a única responsável pela ordem de trabalhos e pela condução dos mesmos)</p> <p>Os não professores ficaram à parte das discussões sem cabimento, que se desenrolaram entre os professores. (Também não fizeram nada para contrariar esses alegados acontecimentos).</p>
---	--

Categoria:	
4. O Regulamento Interno	
Unidade de registo	Inferências
<p>Representante Alunos Diurno</p> <p>No Conselho Geral Transitório há uma junção de vários representantes, não só ao nível de escola, mas também ao nível exterior, eu acho que isso é importante, lá está, o exterior, também o ambiente em que a escola está inserida é uma grande influência (AI D, 26 - 27).</p> <p>Não apresentaram propostas. Queria a parte do regulamento interno, andei à procura da parte dos alunos, disseram que havia para fotocopiar na reprografia e não existe. Foi enviada (por <i>email</i>) aquilo do preâmbulo relativamente aos cursos profissionais, ou uma coisa assim. Sei que foi enviado qualquer coisa mas nada que tivesse a ver (AI D, 35).</p> <p>Representante Alunos Nocturno</p> <p>Nós andamos muito tempo com o regulamento interno! Aquela questão que tem a ver com o estatuto do aluno, as faltas dos estudantes de dia, acho que isso devia ser mais discutido e mais estudado. O que eu noto é que as pessoas estudam pouco os assuntos. Na minha opinião, eu falo por mim, deviam ir mais fundamentados e mais preparados (AI N, 87).</p> <p>Representante Encarregados de Educação</p> <p>Por exemplo o próprio regulamento da escola, eu não tinha muitos pontos, grande coisa para dizer, mas acho que senti a capacidade de influenciar o que decide, o conselho sim. Qual é a eficácia em si, não</p>	<p>Representação da organização escolar, como concretização de um modelo assente na convergência de interesses e na colaboração entre os diferentes actores.</p> <p>Algumas justificações para a não participação da representante dos estudantes. Falta de propostas dos alunos e falhas no funcionamento do órgão.</p> <p>Crítico quanto à forma como foi elaborado o regulamento interno: dispêndio excessivo de tempo; falta de preparação dos intervenientes; não foram tratados assuntos importantes.</p> <p>Ausência de ideias para o regulamento interno, apesar de reconhecer receptividade do CGT. Dúvidas quanto à</p>

<p>sei (EE, 44).</p> <p>Representante Funcionários</p> <p>Eu acho que a intervenção é de todos! Agora é preciso, é difícil haver uma coordenação entre todos (Func, 93).</p> <p>Representante Professores</p> <p>Eu acho que continua a falhar a coordenação, não é por os professores se reunirem que coordenam as coisas. Nós conseguíamos resolver os problemas quando quisermos realmente resolvê-los ... mas é preciso que toda a gente queira resolvê-los. Porque vais encontrar sempre resistências, mesmo dentro do conselho de turma. Eu acho que a maior parte deles tem resolução interna. Com um bocadinho de esforço, as pessoas resolveriam ... se fossem solidárias (Prof, 58 - 60).</p> <p>PCGT</p> <p>Uma vez que a tutela não nos liga, eu acho que têm de ser os professores e os pais a se entenderem (PCGT, 132).</p> <p>Que vai ter disparates com certeza. Eu espero que as pessoas quando os detectarem não sirva de motivo de chacota, digam assim: olha, Céu isto está mal, temos que ir ... vai outra vez ao conselho para ser reformulado (PCGT, 139).</p>	<p>aplicação do RI.</p> <p>Importância da participação coordenada de todos.</p> <p>Grande parte dos problemas da educação, e a sua não resolução, neste agrupamento de escolas, prendem-se com falhas organizacionais, falta de vontade e de convergência nos interesses e nos esforços.</p> <p>Alheamento do ME superável pela colaboração entre professores e pais.</p> <p>Preocupação em relação à reacção negativa dos actores ao conhecerem o texto do RI. Pouca confiança no resultado final obtido.</p>
--	--

<i>5. Os cursos profissionais na política educativa do CGT.</i>	
Unidade de registo	Inferências
<p>Representante Alunos Diurno</p> <p>Agora, por causa das novas políticas existe muito a tendência dos cursos profissionais e os EFAs, os CEFas, os técnico. Os outros estão deslocados, pelo menos é o que eu vejo e o que eu sinto. Também tem a ver com os momentos que o Estado dá importância. Neste momento existe uma moda, vê-se, é evidente a luta entre as escolas profissionais e as escolas de ensino. E as estatísticas, ao estarmos preocupados com mostrar que somos bons, acabamos mesmo por perder e por deixarmos de ser bons. Não sei se vamos chegar a esse extremo que era deprimente (AL D, 35).</p> <p>Representante Professores</p> <p>A maior parte dos cursos de educação e formação, os meninos andam a fazer de conta, que aprendem uma profissão, que não aprendem! E pior que não aprenderem uma profissão, não aprendem! Não têm comportamento cívico, nenhum. Porque nada disso lhes é exigido. Coitadinhos, são CEFs. Assim como, coitadinhos são cursos profissionais. É um bocadinho aquele discurso, no CG quando se debatiam os critérios da PAP², e não sei que mais, coitadinhos são NEEs. E porque são NEEs vai-se pôr a fasquia debaixo dos sapatos? Isso não é inferiorizá-los ainda mais? É dizer-lhes, nós não temos expectativas nenhuma, em relação a vós (Prof, 58)!</p>	<p>Percepção de que a política educativa valoriza e incentiva os cursos profissionais, em detrimento do prosseguimento de estudos.</p> <p>Receio quanto à degradação da qualidade do ensino, em consequência das políticas educativas actualmente seguidas.</p> <p>Imagem extremamente negativa dos cursos profissionais. Falta de qualidade, que se traduz em baixa exigência, fracas expectativas dos professores e dos alunos.</p> <p>Os alunos vistos como vítimas da política educativa seguida.</p>

² Prova de Aptidão Profissional.

Categoria:	
6. A relação do CGT com o órgão de gestão.	
Unidade de registo	Inferências
<p>Representante dos Alunos Diurno</p> <p>Concordo e não concordo. Não sei até que ponto, um único elemento a gerir uma escola, será o mais apropriado, não sei até que ponto é que as funcionalidades serão exageradas, o elemento será sobrecarregado, quer dizer, é bom porque é só uma pessoa e ponto final, não há o diz que disse, o fez que fez. Outra coisa, completamente diferente, é depois ser uma só pessoa, quer dizer, eu e depois o resto, e depois os outros à volta. É o primeiro ano que isto acontece não há exemplos, não há situações para se comparar (AI D, 28).</p> <p>Será a disciplina porque é o que eu noto que se tem perdido imenso. Senão não havia a questão do <i>bullying</i> nas escolas, ou pelo menos, se dantes nós víamos duas crianças pegadas a puxar cabelos, intervinha um funcionário, depois também é a implantação de respeito, outra coisa que também se perdeu e, sobretudo, tem que ter um pulso firme, não podemos estar com o coração mole. A autoridade deve ser utilizada num x momento e o que é democrático noutra momento e, se conjugadas, perfeito (AI D, 29 - 30).</p> <p>Eu não gosto que me venham dizer o que é que tens que fazer ... ou precisas disto ... não é por ser aluna que vou ser menos capacitada ou que vou ter maiores limitações de conhecimentos que um professor ou que um funcionário, antes pelo contrário, se calhar sei eu mais alguma coisa do que um professor, que vai saber naturalmente mais noutra sentido do que eu. Aconteceu-me uma situação, eu não vou entrar em muitos pormenores, mas pra eleição do director me dizerem que eu tinha mesmo que ir à reunião porque o professor Quingosta (candidato) precisava de um voto. Quer dizer,</p>	<p>Em relação à personificação da gestão, hesitação entre o valor da decisão eficiente e o risco da incapacidade e da arbitrariedade.</p> <p>O director, usando a autoridade, é considerado fundamental para resolver os problemas da escola e para recuperar um contexto histórico anterior, que se considera perdido, mas que é percebido como desejável.</p> <p>Indignação causada pelas</p>

<p>eu se quisesse votar em branco votava, eu se quisesse votar no professor Quingosta, votava se não quisesse não votava ... quer dizer, mas chegarem à minha beira e dizerem assim, tens que ir porque precisamos! Isso não façam comigo, porque quanto mais me dizem tens que fazer, tens que fazer, menos eu faço porque eu não gosto que me pressionem, eu ... tomo mais a iniciativa se ... eu sou mais livre, sou mais competente ... quando chegam à minha beira e dizem tens que fazer, eu não suporto (AI D, 35 - 36).</p> <p>Representante Encarregados Educação</p> <p>Do ponto de vista de <i>real politique</i> quem tem o poder, é a peça mais importante, é o director!</p> <p>O CG é o órgão supremo, apesar que não trata um conjunto de questões do âmbito pedagógico, eu acho que do ponto de vista teórico obviamente tem mais importância (EE, 46).</p> <p>O que estamos a falar todos os dias, todas as reuniões, é a vida da escola, então a vida dos professores, afecta os professores muito mais do que a nós, apesar que tenho as minhas filhas na escola, não é a minha vida profissional, afecta-me de uma forma diferente. Eu sinto que existe uma certa abertura para se pronunciar e para ter decisões votadas. Onde eu tenho grande frustração é que não há, a seguir, acompanhamento, decidimos uma coisa e três meses a seguir ou um ano a seguir, nada mudou. Aí se realmente havia uma dinâmica de diálogo entre o director e o conselho, onde o director tinha que realmente responder, aí ... O poder de qualquer representante, em termos formais é igual. Isto tem a ver com a cultura democrática e também é difícil ... (EE, 48).</p> <p>Para mim, o conselho deveria se impor e fazer o director responder perante o conselho. Eu também acho que essas coisas vão evoluindo,</p>	<p>pressões exercidas no sentido da manipulação do seu voto, as quais são entendidas como menosprezo pela condição de estudante.</p> <p>O director como o órgão detentor do poder para agir.</p> <p>O CG é teoricamente mais importante do que o director.</p> <p>No CG tem liberdade para propor e para discutir mas, das decisões tomadas, não resulta nenhuma acção por parte do PCE/director.</p> <p>O director deveria, de facto, prestar contas ao CG. Só assim estaria obrigado a executar as decisões desse órgão.</p> <p>O CG deveria impor a sua</p>
---	--

<p>é cedo para dizer, mas para mim deveria ser um órgão com força (EE, 49).</p> <p>Eu posso dar a minha opinião ... (riso). Não fiquei muito bem impressionado. Sabemos que foi uma eleição que só tinha um candidato. Não fiquei com uma ideia de espírito de linhas orientadoras numa escola, do ponto de vista estratégico, não fiquei com uma ideia de estratégia para a escola, de uma forma que a mim me satisfaz, e não fiquei com ideia de indicadores de desempenho, como falamos no próprio CG. O que o projecto devia dizer: a minha filosofia é, o que eu quero conseguir é isto. Depois, a maneira como eu vou conseguir é com estes métodos, e depois a maneira que vou avaliar se estou a conseguir ou não é esta. Uma coisa, de um lado teórico e filosófico, o que eu quero, de outro lado muito pragmático, como é que eu vou conseguir. Para mim o projecto não era nada disto! Era uma coisa com uma falta de clareza nesses pontos, que são os pontos fulcrais. Isto também foi referido no CG. Também o não haver mais candidatos, não incentiva que seja de outra forma. Foi pena nesse sentido (EE, 51).</p> <p>Se calhar por pensarem que ia ganhar o candidato ... mas ... por dentro não sei (EE, 60).</p> <p>Representante Professores</p> <p>O principal seria a capacidade de liderança mas, ou és, por natureza, ou aprendes a ser. Não é por a lei te dar mais ou menos poder que tu vais ser um bom líder (Prof, 61).</p> <p>A função dele lá não é emitir opiniões, é responder a questões que lhe sejam colocadas, isso é uma forma de pressão. As pessoas que eventualmente o apoiaram acharam logo que tinham que votar de acordo com a vontade dele, mesmo que, uma semana antes, quando</p>	<p>vontade ao director.</p> <p>Opinião muito negativa sobre o projecto de intervenção apresentado pelo candidato a Director.</p> <p>Nem sequer se pode considerar um projecto, pois não contém elementos fundamentais.</p> <p>A falta de qualidade do projecto é relacionada com a inexistência de mais candidatos.</p> <p>O não aparecimento de outras candidaturas deve-se à convicção de que já havia uma escolha prévia.</p> <p>Qualidade desejável para o director: capacidade de liderança.</p> <p>Conclusão sobre a capacidade do director para comandar os elementos do CG, ainda</p>
--	---

<p>a proposta foi apresentada, até se tenham mostrado receptivos (Prof, 70).</p> <p>Avaliava com um, na escala de um a cinco, porque aquilo nem é um projecto, é um plano. Ele chamou-lhe plano! Eu primeiro pensei que teria sido por mero acaso que lhe chamou plano mas, realmente, aquilo só pode ser chamado plano. Porque um projecto tem que ser muito mais objectivo, tem que ter estratégias, tem que ter objectivos, tem que ter programação do tempo das tarefas a executar. Não tem nada disso! Aquilo realmente era um plano, ao contrário do que a legislação pede, que é um projecto de intervenção. Aquilo não é projecto sequer, muito menos de intervenção. Como alguém lá disse, é um plano de intenções! Ora, se eu vou avaliar um projecto de intervenção e me entregam um plano de intenções, só posso avaliá-lo com uma nota muito negativa (Prof, 71).</p> <p>A candidatura ao cargo de director exige determinadas habilitações que não há assim tanta gente quanto isso a tê-las! Isso, desde logo, é ponto de partida para limitar muito o número de candidaturas. Cá na escola já nem se candidatou ninguém. E depois o facto também de as pessoas saberem, isto é um meio relativamente pequeno, quem é que decide, ou onde estão os apoios. E também candidatares-te a director só para apresentares umas ideias, que depois o outro, eleito, vai aproveitar, como já me aconteceu a mim aí num determinado cargo (Prof, 74 -75).</p> <p>Porque se fosse por aquele projecto, eu não acredito que alguém no seu juízo perfeito elegeisse quem quer que fosse, com base naquele projecto que foi apresentado! Não diz nada, basicamente não diz nada, além das asneiras que lá diz pelo meio (Prof, 75).</p> <p>O projecto podia ser melhor e este continuar a ser inferior mas que ele iria tentar melhorá-lo! É a lei da concorrência! Tu sabes que tens</p>	<p>que contra as convicções deles.</p> <p>Critica fortemente depreciativa, relativa ao projecto apresentado pelo candidato a director.</p> <p>O documento apresentado pelo candidato não pode ser considerado um projecto.</p> <p>A justificação para o facto de não aparecerem mais candidatos ao cargo de director prende-se com a convicção de que já havia uma decisão, prévia às candidaturas possíveis. Apresentar um projecto, nessas circunstâncias, corresponderia a oferecer ideias valiosas ao adversário, num processo duplamente viciado.</p> <p>Reforço da crítica negativa ao projecto apresentado pelo candidato.</p> <p>O aparecimento de outras candidaturas poderia ter como consequência</p>
---	--

<p>concorrência ... esmeras-te um bocadinho ... tu podes não conseguir ser tão bom como a concorrência mas, tentas melhorar de alguma forma (Prof, 76).</p> <p>Representante Alunos Nocturno</p> <p>Há uma comissão que analisa a candidatura, e que tem que elaborar um parecer. Depois, o conselho vota, confiante nesse parecer! Talvez essa comissão que analisa a candidatura pudesse ser composta por elementos de uma outra craveira. Com capacidades suficientes para saber analisar as candidaturas (AI N, 83).</p> <p>Eu acho que as regras estão definidas! Como qualquer gestão, passará pelo diálogo, pela colaboração que as coisas conseguem ter sucesso e não pelas imposições. Isso não funciona em lado nenhum (AI N, 87).</p> <p>É com o carácter de cada um ... mas, em termos organizativos, é sempre ... tentando puxar as pessoas para colaborar e não pela imposição. As equipas têm que sentir que fazem parte, e não porque são obrigadas a fazer (AI N, 88).</p> <p>Houve ali qualquer falha que eu não tive conhecimento dessa reunião. Foi a uma reunião que falhei por desconhecimento. Não tive a notificação, nem telefónica, nem ... porque às vezes a doutora Céu até costumava telefonar -não se esqueça!" Ou até mandava telefonar (AI N, 89).</p>	<p>positiva o desenvolvimento de um maior esforço, por parte do candidato pré-escolhido, para justificar a sua vitória.</p> <p>Posta em causa a capacidade dos elementos do CG para analisar as candidaturas.</p> <p>Defesa do valor da colaboração entre o director e os outros actores, em detrimento da imposição baseada na autoridade. Defesa da organização colectiva do trabalho, o que contradiz a posição anteriormente assumida quanto à "gestão colectiva" das escolas no pós 25 de Abril.</p> <p>A falta dada à sessão do CG em que se votou na eleição do candidato a director, deve-se ao desconhecimento da convocatória (responsabilidade da PCGT).</p>
<p>Representante Funcionários</p> <p>Eu acredito no cargo de director, sendo um director. Mas acho que é difícil ser director, na plenitude da palavra, quando se trabalha há</p>	<p>Defesa da criação do cargo de director, mas desconfiança quanto à capacidade do candidato,</p>

<p>trinta anos com pessoas, quando se é da mesma classe (Func, 96).</p> <p>Acho que o director, primeiro devia ser formado em gestão, tipo um gestor de empresa, para gerir tudo o que seja a parte económica, para gerir os trabalhadores da escola, professores e não professores, para os controlar, os professores deviam ser muito controlados, porque ... os professores estão na rua da amargura porque cinco professores decidiram que isto ia ser uma festa até ao fim da vida (Func, 96).</p> <p>Licínio Lima, como eu já o ouvi dizer que o sistema era eleitoralista. Toda a gente o cita, mas só o citam para coisas que interessam, não o citam para coisas que não interessam. Se calhar era o único funcionário que lá estava, no meio de trezentos professores, ele a dizer na cara de toda a gente que aquele era um sistema eleitoralista. Agora ... se calhar os CG vão ser um bocadinho perigosos porque metem outras instituições. Vai haver sempre movimentações ... sempre que há eleições há movimentações. É eleitoralista porque o presidente do conselho directivo é votado pelo seu povo, e tem de ser bom para o seu povo, porque senão depois não ganha eleições. Mas isso é como um presidente da câmara, só se tiver tudo dominado ... se for um fascizante ... ou se for um ditador, se calhar, se pensar mesmo por ele, não ganha as próximas eleições ... mas isso já é dito pelo tal senhor, que pelos vistos é um barra nisso tudo, é contra isso tudo (Func, 97 - 98).</p> <p>Como eu acredito que ele é incapaz de fazer mal a alguém, logo, acho que ele pode conseguir fazer isto mudar para melhor. Tem que delegar muito as coisas e ter confiança nas pessoas que estão com ele (Func, 105 -106).</p> <p>Tem que se submeter ao CG. Isso acho que é o que a lei diz e ... tem que depois prestar contas e o CG tem de avaliar.</p>	<p>anterior presidente do CE, para dar forma às potencialidades desejadas, associadas ao cargo. Salienta-se a importância do exercício da autoridade pelo director, baseada na hierarquia, para controlar os professores.</p> <p>Crítica ao modelo em que o PCE era eleito por um corpo eleitoral extenso, concluindo que este ficava refém dos eleitores, sendo obrigado a servir interesses particulares, quando no exercício das suas funções.</p> <p>Crença na bondade inata do director eleito. Conclui sobre a necessidade de este delegar funções, o que contraria a defesa, anterior, da função de controlo centralizada no director.</p> <p>O director tem de se submeter ao conselho</p>
---	--

<p>Tem que usar autoridade perante a comunidade escolar, agora sobre o CG não tem que se impor nada. O CG é que é o órgão que o elege, também é o órgão que o destitui, também é o órgão que lhe puxa ... que pede contas. Tem que haver alguém que o possa destituir e quanto mais perto, esse poder, estiver do director, é um poder que ... que o observa mais de perto, porque se for a tutela, de baixo, vai destitui-lo porquê? E depois tem de vir para aqui gente fazer inquéritos e isso nunca dá nada. Eu acho que quem está aqui mais perto pode destitui-lo, acho muito bem. Concordo! Desde que director ande aqui a brincar com isto e que ... não esteja a cumprir minimamente aquilo que prometeu e que o ensino não esteja a cumprir, que a escola esteja a ser uma bandalheira e não haja condições (Func, 106 - 107).</p> <p>Acho que tem que haver hierarquias, eu tenho um pouco de medo quando o director é um colega de trabalho, às vezes de anos e de décadas. Se fosse uma pessoa que aparecesse aqui e que não fosse conhecida, acho que era mais fácil ser director. É preciso mandar (Func, 112)</p> <p>Representante Instituição</p> <p>Uma liderança forte será importante, ou melhor uma boa liderança. Porque uma liderança forte pode ser mal entendido. Não acredito muito que o director, a figura do director venha a trazer mais-valias em relação a este assunto. Quer queiramos quer não, cada grupo de actores tem os seus interesses. Os pais têm um interesse, os professores têm outro interesse, o director tem outro interesse, a autarquia também. Devia ser uma confluência ... e não uma divergência. Eu julgo que isto é difícil de operacionalizar, não digo que seja impossível. A liderança do director poderá ser muito importante, na medida em que pode estabelecer este equilíbrio de interesses.</p>	<p>geral. Congruência com a ideia anteriormente exposta de que quem elege detém poder sobre o eleito.</p> <p>Crença na eficácia do poder para controlar, quando exercido por entidades fisicamente próximas das instâncias a controlar.</p> <p>Valorizando as hierarquias, conclui que o director deveria ser alguém que se apresentasse de novo, sem compromissos e cumplicidades dentro da organização. Esta posição é incongruente com o apoio manifestado ao candidato a director.</p> <p>A relação dos actores com a organização escolar dependente dos interesses individuais e de grupos.</p> <p>Descrença quanto às virtualidades do cargo de director para harmonizar os diferentes interesses relacionados com a organização escolar. A personalidade do director é determinante.</p>
--	---

<p>Claro que tem outros perigos, e depende muito do estilo de liderança, do director! Se é um estilo mais autocrático, se é um estilo mais cooperativo, depende da pessoa (Inst, 116)</p> <p>Quero deixar aqui bem claro que eu não concordo nada com essa figura. Acho que a figura do director vem transmitir a ideia de que acabou a democracia nas escolas e isso é muito mau (Inst, 116).</p> <p>Penso que o CG poderá ter um papel regulador, ou não, depende das pessoas que lá estão, depende dos interesses das pessoas que lá estão. Agora passamos para um senhor todo-poderoso, que concentra todos os poderes, eu não vejo qual é a vantagem nisto! Deixaram-nos estes laivos de democracia que é a eleição do director pelo CG (Inst, 118 - 120).</p> <p>Parece-me que há aqui uma promiscuidade muito grande. O director vai tomar as decisões, o CG vai aceitar ou não, o que é certo é que o director está dependente do CG. E esta promiscuidade leva-me a crer que provavelmente, a figura mais importante, órgão mais importante do agrupamento poderá ser o CG mascarado na figura do director ... mas não sei (Inst, 120).</p> <p>O ideal era o director impor-se ao CG, se entender que aquele assunto ou que aquela decisão é importante para o agrupamento. Agora eu duvido que isso aconteça, porque há aqui muitas dependências, promiscuidade, que é assim uma coisa muito escura ... e muito complicada, há aqui muitas promiscuidades, o director depende do CG, as decisões, eu não sei se ele vai ter coragem para enfrentar o CG (Inst, 124).</p> <p>Fica refém do CG não tenho dúvidas disso. É óbvio que vai ter que prestar contas à administração central, porque é o seu superior hierárquico. Agora, claro que se quiser agradar a gregos e a troianos, agrada ao CG e à administração central, até porque o director é o</p>	<p>Contra a existência do cargo de director.</p> <p>A defesa dos interesses pessoais, na acção, prevalece sobre a fidelidade às intenções, no normativo. O director tem o poder absoluto mas a eleição preserva laivos de democracia.</p> <p>Ambiguidade na distinção entre os poderes e funções do CG e do director, e dificuldade em hierarquizar os órgãos. É um modelo de administração e gestão muito obscuro.</p> <p>A relação entre o director e o CG pode situar-se entre a submissão, a cumplicidade e a conflitualidade. Será sempre ambígua.</p> <p>O director será refém do CG e da administração central</p>
--	---

<p>representante da administração central (Inst, 124).</p> <p>Eu acho que o projecto de intervenção do director não trouxe nada de novo. Vem contribuir para o estado actual da educação, que é muito facilitismo. E pensar nos alunos como alguém que, enfim, até não interessa muito os conhecimentos que possam ter, não interessa tanto o saber, mas interessa é que os resultados sejam bons, até porque os professores vão ser avaliados em função dos resultados escolares dos alunos e, por isso, interessa é que passem e que avancem (Inst, 125 - 126).</p> <p>PCGT</p> <p>Eu puxo a brasa à minha sardinha. Já que estou no CG defendo a importância do CG. O director põe e dispõe mas, nós temos a capacidade, no CG, de supervisionar as atitudes dele e, não é ... nós somos a tal da espada do senhor que está lá em cima da cabeça, não é isso. Nós temos a obrigação de estar presentes, de ver, e temos a importância que depois nós quisermos. Ora se nós nos empenharmos acho que deve ser o lugar onde nos puseram, o 75³, já que nos puseram à frente, que é esse o lugar nosso (PCGT, 136 - 137).</p> <p>Os presidentes do conselho, os directores actuais querem esvaziar o conselho, eles é que mandam. Mas não mandam, porque nós estamos à frente na hierarquia. Quer dizer, no dia-a-dia da escola, na distribuição de serviço, nessas coisas não, mas nos problemas abrangentes de escola, eu acho que o CG tem que ter um papel interventivo e ser o primeiro. Agora, o que eu me ponho sempre reticências é a diversidade de gente que o compõe e a dificuldade de</p>	<p>Critica o projecto do candidato a director, nomeadamente por dar continuidade às práticas anteriores, não havendo nenhuma inovação, a qual se esperaria fosse promovida pelo novo modelo.</p> <p>O director tem o poder para decidir e agir.</p> <p>O poder do CG é, simultaneamente, o que lhe é dado pelo normativo e o que os seus membros quiserem que seja. Posição ambígua que se traduz em: estar presente, ver ou supervisionar as acções do director.</p> <p>O CG, formalmente, situa-se no topo da hierarquia da organização, mas na prática quem decide é o director.</p> <p>A diversidade no CG é vista como obstáculo à sua intervenção na</p>
---	--

³ Decreto-Lei 75/2008

<p>nos juntarmos para reflectir sobre isso (PCGT, 137).</p> <p>Para mim, é o director que se submete ao CG. Submete, vamos a ver, mas se tivesse que ser uma posição radical, acho que é o director. Porque senão somos um mero órgão de ornamento (PCGT, 140).</p> <p>Desde que haja plataformas de consenso, não penso um CG de confronto, mas de convergência, de tentar caminhos convergentes, não vejo de confronto (PCGT, 140).</p> <p>A única vez que houve algo, que eu posso considerar uma pressão, foi pública, foi numa reunião, em que eu disse que não admitia (PCGT, 141).</p> <p>Aliás quando há mais, há escolha (PCGT, 143)!</p> <p>Há partes muito teóricas que não me servem para enquadrar, não me dizem grande coisa, pronto. Uma das coisas que, até quando da entrevista foi, ouvir todos, ora se ouvir todos, vai-se inteirando dos problemas, e depois resolver de acordo com o que ele ... enfim ... tendo sempre os alunos primeiro, não ser prepotente, haver uma aproximação com todos os outros intervenientes, acho muito positivo, se se realizar, pronto, isso agora já não sei, está lá no plano de intenções. De qualquer das maneiras eu acho que se há uma pessoa que está preocupada com todos e quer ouvir-nos antes, não é, daquilo que eu te disse, não ser prepotente, ser humanista (PCGT, 144).</p> <p>Por acaso até nós percebemos mal uma coisa, que ele disse, de qualquer das maneiras iria para a frente. Com certeza que se não fosse com todos ia com os que fossem e nós percebemos que ia com todos, se eles fossem todos. Mas que não era bem o espírito, mas pronto, nós percebemos de outra maneira (PCGT, 143 - 144)</p>	<p>organização.</p> <p>Havendo conflito, o director teria que se submeter ao CG. Mas o consenso é sempre desejável.</p> <p>Ausência de pressões do director sobre o CG.</p> <p>Vantagem da existência de mais candidaturas.</p> <p>Desvalorização da importância atribuída ao projecto de intervenção apresentado pelo candidato e, implicitamente do próprio projecto, no processo de escolha do director.</p> <p>Valorização das qualidades de relacionamento humano atribuídas ao candidato. Situa-o entre a procura da unanimidade e a imposição da sua vontade, ou seja, uma posição impossível.</p> <p>Incongruência em relação à anterior defesa da supremacia do CG.</p>
--	--

<p>Se este elegeu, devia ser este que devia supervisionar. Porque nós estamos a passar uma herança para o que vem que não teve nada a ver com o que ... Acho que quem elegeu deveria acompanhar (PCGT, 144).</p> <p>Representante Autarquia</p> <p>Esta interacção tem que ser regular, ou seja, tem que haver ... não estamos a falar num prestar contas, não é isso, que estamos a falar, mas há decisões que deverão ser bem pensadas e bem definidas. Por isso mesmo hierarquizava, nesse sentido, o director com a importância que deve ter, porque este modelo está pensado assim (CM, 152 - 153).</p> <p>Vamos ver como é que se fala nisto sem falar, como diz o outro. Eu temia uma coisa que acabou por não acontecer. Se houvesse mais candidaturas, estou convicto que as pressões seriam mais evidentes, assim elas não foram. Se houvesse mais candidaturas inequivocamente que alguém viria pressionar neste sentido, para este ou para aquele <i>lobby</i>, que é assim que as coisas funcionam. Por isso, nós não chegamos a sentir isso. Portanto, havia um candidato, esse candidato, para o bem ou para o mal, percebemos que era naquela direcção. Agora que haja forças subterrâneas de pressão, inequivocamente, como estou fora da escola percebi que há. Sempre posso definir assim rapidamente que existem dois ou três grupos, de perspectivas diferentes, ali dentro (CM, 154)!</p> <p>Ouvi que vai ser publicado algo sobre o que aconteceu na realidade nacional, quantas pessoas de fora da própria estrutura se candidataram e tiveram sucesso. Nós até tivemos um caso, um ex professor deste agrupamento que se candidatou a um lugar de director numa escola de um concelho vizinho. Porque a própria</p>	<p>Contra a mudança de composição do CG durante o mandato do director (agiu contra as próprias convicções).</p> <p>Deve haver interacção entre o CG e o director, mas o modelo está pensado para dar protagonismo ao director.</p> <p>No processo de escolha do director não terá havido pressões. Isto explica-se pela existência de apenas uma candidatura. Mas existem forças de pressão.</p> <p>As maiores pressões são exercidas por quem domina os mecanismos do poder, o que assegura a continuidade das estruturas e respectivas lideranças. A ausência de disputa pelo cargo de director deve-se à consciência, que os actores têm, do peso</p>
--	--

<p>estrutura, acaba por assegurar continuidades, por isso, se me diz que há pressões, é isto (CM, 155).</p> <p>Era um projecto que se fosse sujeito a comparações, na minha perspectiva que estou habituado a fazer dossiês, acho que é um dossiê demasiado ligeiro, para a responsabilidade do cargo. Disse-lhe isso a ele directamente (CM, 158).</p> <p>As pessoas tinham a certeza que se calhar não tinham que se preocupar muito, em escrever muito e a consolidar. Aliás falamos nisso na altura, que o documento seria ligeiro, parecia-nos que era ligeiro, para a importância do que estamos a falar (CM, 158 -159).</p> <p>Deve inequivocamente porque é um factor de equilíbrio, se não estamos a falar de uma coisa que pode rapidamente verter para um totalitarismo personificado, quer dizer, depende se a pessoa tiver tendências ... num determinado sítio a coisa corre bem, se tiver tendências num outro, pode correr mal. Não, inequivocamente que alguém tem que, de vez em quando, chamar à atenção e levantar uma placa de aviso (CM, 159).</p>	<p>decisivo dessas pressões.</p> <p>O projecto de intervenção do candidato não era adequado.</p> <p>A inexistência de concorrência permite ao candidato apresentar um projecto inadequado.</p> <p>O CG geral terá a função de fiscalizar a actuação do director, a qual depende da sua personalidade, e alertar caso ele cometa excessos.</p>
--	---

<p>Categoria:</p>	
<p><i>7. A Câmara Municipal: integração ou dominação.</i></p>	
<p>Unidade de registo</p>	<p>Inferências</p>
<p>Representante Encarregados Educação</p> <p>A câmara também sentimos, mas o poder local tem uma presença ... falada e uma presença subterrânea digamos. É uma peça fulcral na própria estrutura do poder local aqui ... tenho sentido uma voz mas</p>	<p>Omnipresença da câmara municipal, visível e invisível, que, no entanto, não pretende controlar a</p>

<p>também não numa tentativa de controlar a escola (EE, 54).</p> <p>Representante Professores</p> <p>Eu se pudesse limitava o poder da autarquia. É das coisas que mais me choca neste regime de autonomia, é o peso excessivo que o poder político tem nas escolas. Diminuiria, em troca de quê? Como não podia ser nem mais professores nem funcionários ... não me choca a ideia de serem dois alunos do secundário e, portanto, serem três alunos no total. Eu continuo a achar que quem devia ter maior poder ali deveriam ser os professores e funcionário, número de votos. Portanto, nós (Prof, 64).</p> <p>No CG! Nós deveríamos ser sempre mais de cinquenta por cento e nunca menos e isto sempre em detrimento do poder político. Não me choca nada a participação da comunidade, não me choca nada que haja um elemento da autarquia como havia nas antigas assembleias de escola. Choca-me que eles tenham o poder que têm! São muitos (Prof, 65)!</p> <p>Do topo, é o CG ... se fosse realmente assumido e o conselho executivo não passa de mero executor. Vai de acordo com o que foi determinado superiormente fazer, e prestar contas. Não me choca pôr o CG e o CP ao mesmo nível hierárquico! O CE sempre abaixo destes dois! E, portanto, um director também (Prof, 66 - 67).</p> <p>Evidentemente que isso era visível na maior parte das situações que iam a votação. Então, no que diz respeito ao regulamento interno, houve lá uma situação que, uma pessoa estava com o dedo no ar, e só à terceira vez é que os outros repararam que estava com o dedo no ar e que era preciso votarem igual! É pressão e nem sequer é escondida, nem sequer é disfarçada, é directa, é mostrar ali! A pessoa que estava com o dedo no ar (risos) era o vereador (Prof, 69 -</p>	<p>escola.</p> <p>A autarquia com demasiado poder na escola.</p> <p>Peso excessivo da autarquia no CG. Deveria diminuir a favor dos alunos.</p> <p>Os professores e funcionários deveriam ter a maioria absoluta no CG.</p> <p>A autarquia (que é associada ao poder político) deveria ter apenas um representante no CG.</p> <p>O CE, ou o director, deveria ser apenas o executor das decisões do CG e do CP.</p> <p>As pressões sobre o CG foram exercidas pela câmara municipal, principalmente pela acção do vereador.</p>
---	---

70).

Representante Funcionários

Senti que muitas pessoas da autarquia vieram aqui às reuniões e confrontaram-se com muitas quezílias. Acho que a autarquia vem cá para resolver problemas mais concretos com alunos e não com leis que afectem ou não afectem professores, com leis que estão confusas sobre exames, sobre carreiras. Acho que a autarquia fica um bocado perplexa com este pingue-pongue, de atira não atira, e que vem aqui mais para fazer coisas de necessidade e não para estar a escamotear leis e a ver leis. Acho que isto foi mesmo um transitório, esta confusão (Func, 109).

Representante Instituição

No CG penso que é muito visível a influência da autarquia, é notória e muito pesada, muito pesada mesmo. Aliás não é por acaso que, até o número de elementos também é considerável! E esta dependência, na medida em que as escolas passaram para as autarquias, na medida em que o pessoal não docente passou, como os equipamentos, e provavelmente, daqui a pouco tempo a secundária também vá passar, eu julgo que aí, então, é que perdemos qualquer tipo de ... autonomias, porque ficamos então muito dependentes da autarquia (Inst, 123).

PCGT

E quem não dorme, são os funcionários. Estão com muito medo, da câmara ... esta passagem para agentes operacionais ... (PCGT, 141)

Os representantes da autarquia depararam com um CG confuso, desorganizado, ocupado com discussões despropositadas, quando o que pretendiam seria agir para resolver problemas concretos.

A autarquia exerce uma influência muito pesada na organização escolar. Essa influência tem ainda tendência a aumentar, o que eliminará qualquer margem de autonomia da escola.

Evita falar da autarquia. Admite que há um número excessivo de representantes da Câmara no CG e que os

<p>Representante Autarquia</p> <p>Daqui a quatro anos, com certeza durante este processo, o cargo de director terá optimizações, não estará fechado ainda. A responsabilidade e a capacidade de gerir economicamente as coisas é importante, sabendo e atendendo àquilo que são os objectivos de cada instituição. Mas parece-me que ter um gestor, alguém que saiba de que forma é que deve olhar para aquilo que lhe é entregue, porque na verdade, hoje em dia estamos a falar já de verbas que são bastante significativas, é saber como isso se distribui, como isso vai ser aplicado na infra-estruturação, como isso é aplicado nas actividades que o agrupamento desenvolve, um conjunto de coisas às quais o director vai ter que obviamente ser chamado (CM, 150).</p> <p>Não vou dizer que não foi uma obrigação. Chegaram à minha beira e disseram-me, nós temos de ter um representante, sou eu, beltrano e fulano. Pronto, foi isto que aconteceu. E nós lá fomos (CM, 153).</p> <p>Porque me disseram: ó fulano, se não quiser, esteja à vontade. Não, eu participo e tenho muito gosto, pela relação que já mantenho com a comunidade escolar há muito tempo (CM, 154).</p> <p>Somos três elementos representativos da autarquia e tem havido até alguma dissonância em alguns aspectos que surgiram sobre perspectivas que todos nós tínhamos. Mas existe uma independência dentro da própria estrutura. Claro que se definiram estratégias comuns. Mas dentro, nós próprios acabamos por ter a nossa própria posição. Agora essa relação como é que ela se faz? Eu acho que ela não está devidamente articulada e oleada. É uma coisa assim um bocado a desenvolver.</p> <p>Eu acho que é um modelo e que toda a gente vai perceber, o próprio</p>	<p>funcionários têm medo da sua passagem para a tutela da autarquia.</p> <p>Valorização da capacidade, que o director deve ter, para gerir os recursos económicos do agrupamento de escolas.</p> <p>Processo de escolha, pela autarquia, dos seus representantes.</p> <p>Não foi uma imposição, pois existiu a possibilidade de recusar.</p> <p>Cada representante da autarquia tem perspectivas próprias, mas todos obedecem à mesma estratégia. A articulação entre todos os representantes da autarquia e entre estes e o restante CG irá sendo desenvolvida com a experiência.</p>
--	--

<p>modelo de gestão, toda a gente vai entender que isto é um modelo futuro. Mas não está ainda afinado, essa relação não está ainda afinada (CM, 154).</p> <p>Eu acho que tem. Ainda não sei como é que isso se vai materializar, nem sei como essa inter-relação se faz. Penso que uma das lacunas será essa, a apontar em todo este processo. Não sei se eu, não serei eu a fazê-lo, mas será, a própria câmara terá um representante, que porventura será o senhor vereador, presumo eu (CM, 157).</p> <p>Eu acredito mais nesse modelo. Penso que é isso que virá a acontecer, honestamente. Acho em tudo, não é só na educação, em tudo. A minha opinião é favorável. Eu acho que isso pode acontecer, não sei é se as câmaras estão preparadas, honestamente, para esse processo, porque as próprias câmaras estão em fortes movimentações internas. Convém não esquecer que a questão da classificação dos professores não se aplica estritamente aos professores, a questão do SIADAP é, neste momento, uma machadada enorme na estrutura das organizações, como os municípios, está a criar confusão interna, está a criar um grupo, há muita gente descontente dentro da própria estrutura e as pessoas descontentes produzem menos, incentivam-se menos (CM, 157 - 158).</p> <p>Não posso avaliar muito o senhor vereador porque foi de nós o que teve um maior número de faltas (riso), por razões ... que são mais ou menos evidentes. Agora parece-me que fizemos realmente um esforço grande (CM, 160).</p> <p>Eu acho que é demais. Não podemos mexer agora, isto é um processo de tentar avançar por segurança, deixar por exemplo, no nosso caso, três elementos, mas depois poderá ser ajustado em função daquilo que são esses poderes que há pouco falava,</p>	<p>O CG terá o poder para definir a política educativa do agrupamento.</p> <p>O papel das autarquias na área da educação vai ganhar importância. Há, no entanto, dúvidas quanto à capacidade da câmara para o assumir eficazmente.</p> <p>Dificuldade em avaliar a participação dos representantes da Câmara, tendo até em conta o elevado número de faltas dadas, principalmente pelo vereador.</p> <p>A responsabilidade que a câmara passará a ter na organização justifica a</p>
---	--

<p>responsabilidades eu diria. Que é o que as câmaras na realidade vão ter, porque eu estou convicto que as câmaras vão justificar o facto de terem três representantes. Porventura com aquilo que lhes possa cair em cima. Eu diria mesmo em termos de peso da votação, este modelo só tem razão de ter três pessoas a representar, no rácio global dos outros representantes, se o papel da câmara for crescente.</p> <p>Tem que haver alguma capacidade de auto-gestão e de auto-crítica e de auto-reflexão e de, num determinado ponto, as pessoas chegarem, saltando daquele politicamente correcto, de ninguém querer mexer na câmara, porque não dá jeito, alguém dizer, ó meus caros amigos, não é por nada, mas eu acho que três pessoas são demais, ou que alguém chegue ao contrário, olhe, nós até precisávamos de ter mais um representante da câmara, que se calhar vamos também ter que aumentar nos professores. Estamos todos a correr um risco muito grande, corremos o risco de como acontece frequentemente em Portugal, vamos ter eleições, para a autarquia, se isto mudar, se ganhar um outro partido político, até pode achar que o projecto não seja correcto, não vou pôr isso em causa, mas só para oxigenar, inverte-se isto tudo e voltamos ao outro modelo. E estamos todos aqui com esforço e vamos para outra rapidamente (CM, 160 - 161).</p>	<p>existência de três representantes do município.</p> <p>O número de representantes da Câmara pode ser alterado, para menos, ou para mais, conforme as necessidades que surgirem.</p> <p>O projecto da Câmara para o agrupamento de escolas pode vir a ser posto em causa por outro partido político que, no futuro, ganhe as eleições.</p>
--	--

<p>Categoria:</p>	
<p><i>8. O CGT e a autonomia da escola.</i></p>	
<p>Unidade de registo</p>	<p>Inferências</p>
<p>Representante Alunos Diurno</p> <p>Existe um padrão em que o Estado se baseia, quer dizer cada escola</p>	<p>Defesa da autonomia, baseada na necessidade</p>

<p>é uma escola, cada momento é um momento e se nós formos a utilizar algo predefinido pelo Estado para gerir, é praticamente impossível porque há certas situações que não se aplicam aqui, como outras não se vão aplicar no Algarve, no Alentejo. Tem momentos, que eu já me apercebi disso, em que tem de ser assim, porque vem do ministério e tem outras vezes que faz-se e não há qualquer impedimento. Isto faz-me pensar um bocadinho numa certa ... não é desorganização, não, talvez esta não seja a melhor palavra ... que se tem sentido (AI D, 27).</p> <p>Representante Encarregados Educação</p> <p>Eu acho que se existe uma dinâmica, ao nível do município, ao nível da direcção da escola, que quer criar padrões de qualidade e diferenciar a escola, não tenho qualquer dúvida que é possível fazer. Obviamente há padrões do ministério da educação que ... restringe, que limita isto (EE, 41).</p> <p>Eu estou em favor da autonomia, mas tem que reunir as condições antes de propor um contrato de autonomia. Quando as pessoas dão pretextos, das regras da DREN, etc. para não fazer coisas, eu nunca concordo, acho que sempre é possível fazer bem, fazer melhor e mudar as coisas e estou muito a favor deste espírito de autonomia. Não me parece, neste momento, da dinâmica que eu vejo, que exista esta cultura de autonomia, a poeira ainda não está bem assente para criar essas condições. Mas, a prazo, a autonomia tem vantagens e desvantagens. Se for uma autonomia que cria uma escola excelente, de referência, seria a favor. Também a autonomia podia ser uma via para reduzir a qualidade, então também é um perigo (EE, 46 - 47)!</p> <p>Nós sabemos que o nível local ... não é só aqui, em todo o país, às vezes a cultura democrática não é bem estabelecida, então o perigo</p>	<p>de atender às diferentes realidades locais.</p> <p>Quando não se quer agir, justifica-se com as imposições do ME; quando se quer fazer, faz-se, mesmo contra as exigências do poder central. A alusão ao poder central serve para manipular as consciências.</p> <p>A autonomia é desejável, mas com a condição de ser aproveitada para melhorar a qualidade da escola, sabendo que acarreta o risco de a diminuir.</p> <p>Os responsáveis pela gestão do agrupamento têm recusado tomar medidas com base nas possibilidades de autonomia já existentes.</p> <p>O agrupamento de escolas não está preparado para assumir a autonomia.</p> <p>A concretização da</p>
--	--

da maior autonomia seria de ficar uma visão muito provinciana, muito fechada e em termos desta questão que está a perguntar, em termos de envolvimento, eu sei que esta cultura democrática, por exemplo neste concelho, está frágil, a meu ver, então poderia haver uma tendência que, quem exprime as opiniões acabem por alinhar com linhas políticas, etc. Na realidade, seria mais um controlo da autarquia ... este é o perigo: sair da esfera da centralização e ir mais para o poder local. Isto, por um lado tem a ver com cultura democrática e, do outro lado, tem a ver com a própria administração pública muito centralizada, muito baseada em Lisboa. Estando numa zona periférica, criar mais autonomia podia ser uma maneira de criar uma dinâmica que o próprio ministério ignora (EE, 47 - 48).

Representante Professores

Eu sou cem por cento contra o novo regime de autonomia das escolas. Se eu mandasse era por aí que deitava o edifício abaixo. Luto contra este regime de autonomia. Eu não vivi a escola com um director. Portanto, não vivi a escola antes do 25 de Abril ... é um retrocesso de ... quantos anos? Voltamos à figura do director com os poderes que tem! Quero, posso e mando! Portanto, eu acho que a figura de director não resolve rigorosamente nada, a não ser que seja por caminhos tortos, enviesados (Prof, 61).

A experiência diz-me que as pessoas não querem a autonomia. Entendo um regulamento interno como ... algo que vai regulamentar as lacunas da lei, os meandros, aquilo que falta. A lei é por definição genérica e abstracta. Todos os regulamentos internos que eu tenho visto são um repositório da legislação, nunca vi um que se atrevesse a ir mais longe, ou então eventualmente até a ir um bocadinho contra. Porquê? Porque as pessoas têm medo! Aí é que eu gostava de ver as escolas a exercer a autonomia que lhes é dada. Não o fazem

autonomia pode ser perigosa, levando a um domínio da escola por clientelas locais.

O maior risco será o de a escola passar a ser dominada pela autarquia, pelo poder político local, ou seja, pelo partido político dominante. Esse perigo é real, por se considerar que há falta de cultura democrática neste concelho.

Contra a autonomia das escolas segundo o novo modelo de administração e gestão, principalmente contra o aparecimento da figura do director. Este é associado ao regime político anterior ao 25 de Abril.

Os actores nas escolas não querem autonomia. A prova disso é que não têm aproveitado sempre que há possibilidade de a exercer, nomeadamente na elaboração do

<p>porque têm medo da responsabilidade que isso acarreta. Se alguma coisa corre mal, são vocês ... que regulamentaram assim, vocês é que quiseram que assim fosse. E as pessoa têm muito medo. A autonomia é boa, se as pessoas a quiserem aproveitar no seu lado positivo. Alguns casos que eu conheço, de escolas que já estão com autonomia, é basicamente uma autonomia financeira que permitirá, a curto prazo, a ele director, contratar as pessoas que ele quiser e mandar embora os que ele quiser. Essa autonomia é a tal autonomia que é dada, é o tal poder discricionário que é dado aos directores por esta lei ... mas que não é uma autonomia responsável, ou pelo menos não é responsabilizada (Prof, 62 - 63).</p> <p>Tendo em conta esta situação em que nós estamos, a situação dos directores, acho um perigo! Esses contratos de autonomia Acho perigosos! Porque ... tudo depende daquilo que se pretenda fazer com esse contrato de autonomia.</p> <p>Se fosse um conselho executivo eleito, como era até aqui, a partir para um contrato de autonomia ... subscrevo inteiramente. Corria mal, nas próximas eleições vamos avaliar isso e sentiriam a opinião de ... Nesta situação, de pessoa que acaba quase por ser escolhida, vamos dizer designada quase, é um perigo! Pode-lhes dar armas que eles até ainda não têm (Prof, 66)!</p> <p>O CG não deve nem submeter-se nem impor, mas se tiver que impor tem que fazê-lo, submeter-se nunca! É o CG que tem como funções verificar, controlar a actuação do director! À administração central vai submeter-se ele, director. É isso, que lhes está destinado (Prof, 69)!</p> <p>Representante Alunos Nocturno</p> <p>Acho que é desejável, porque a escola está implantada na localidade e certamente está mais atenta a tudo que a rodeia, na sua região. O</p>	<p>regulamento interno.</p> <p>O exercício da autonomia acarreta maior responsabilidade. É por isso que não é desejada.</p> <p>A autonomia seria desejável, se não fosse a autonomia do director.</p> <p>Os contratos de autonomia são perigosos, pois podem dar aos directores poderes discricionários que lhes permitam cometer abusos.</p> <p>O CG deve impor-se ao director.</p> <p>O director vai submeter-se à administração central.</p> <p>A autonomia é desejável, pois a proximidade permite ter um maior conhecimento da</p>
--	---

<p>Ministério é algo burocrático e dentro dos gabinetes, muitas vezes, desconhecem as realidades locais (AI N, 81).</p> <p>A pessoa que assumiu o cargo é uma pessoa que conhece muito bem a escola. Já cá está há muitos anos, provavelmente, ele entenderá se deve fazer isso ou não (AI N, 83).</p> <p>Pois ... é que realmente ... conheço muito pouco do funcionamento e da organização (AI N, 83).</p> <p>Representante Funcionários</p> <p>Acho que os contratos de autonomia ... é preciso que muita gente esteja disponível para eles e acho que ... são muito difíceis de impor. Porque as leis é que mandam, as leis de cima e, eu não percebo muito disso, não sei que possibilidades há ... como a escola da Ponte, penso que seja uma coisa de autonomia (Func, 94).</p> <p>Se fizéssemos uma sondagem de quem é que queria a autonomia, perguntavam logo, mas que autonomia, o que é que vamos coisar? É muito complicado trabalhar com uma classe que não gosta muito de ser mandada, é a opinião que eu tenho da classe dos professores, e não é muito fácil mandar nela. É uma classe que foi sempre muito protegida acho que publicamente nunca se contrariou, só com um bocadinho de fascizamento se conseguiria ...</p> <p>Dar mais autoridade, por parte de quem manda, acho que é muito difícil! Acho que temos que fazer um bocadinho de militarismo nisto, ter um bocadinho de hierarquia, o respeito, para se conseguir fazer essa autonomia, se é que essa autonomia vinha beneficiar. Acho que deveria fazer uma reflexão, se a autonomia de facto era mais importante, se não era mais importante ... e depois se quisesse um contrato de autonomia fazê-lo, mas isso implica ... estes agentes todos, as autarquias e mais não sei o quê. Mas tinha que ser uma</p>	<p>realidade local do que o ME.</p> <p>A decisão sobre a proposta de um contrato de autonomia ao ME cabe ao director.</p> <p>Desconhecimento da eventual capacidade de auto-regulação da organização.</p> <p>Não há condições para implementar contrato de autonomia.</p> <p>Os actores, principalmente os professores, não desejam a autonomia.</p> <p>Os professores constituem uma classe indisciplinada; para haver autonomia seria necessário criar hierarquia e autoridade fortes, na escola, que levassem os professores à obediência.</p> <p>A autonomia é desejável se for, inquestionavelmente,</p>
---	---

<p>autonomia para benefício da educação, dos alunos, para benefício de mais ninguém (Func, 95).</p> <p>Acho que os presidentes de escolas se calhar em vez da autonomia, precisam cada vez mais de técnicos. Acho que já chega de professores, cada vez mais é preciso de técnicos de educação, técnicos mais ligados com a sociologia. Ligar mais a família à escola (Func, 95 - 96).</p> <p>Representante Instituição</p> <p>Andamos aqui a treinar a autonomia, se chegou a ser algum treino, porque passamos do 115⁴, que supostamente era um documento de autonomia! Tirando a escola das Aves, poucos mais contratos de autonomia se fizeram. Eu acho que cada vez mais a autonomia mascara um centralismo do Ministério da Educação (Inst, 117)!</p> <p>Acho que não. Acho que ainda temos que dar mais alguns passos. Primeiro nós temos que nos libertar deste fantasma da fusão. Acho que ainda é um fantasma que paira por aí. Resolvido o problema da fusão, eu julgo que poderemos começar a pensar nisso (Inst, 121).</p> <p>PCGT</p> <p>Eu, dessas autonomias não acredito nada! Porque eles falam de autonomia para a escola e nós devíamos ser capazes ... o que é que lá estamos? Não é um órgão decorativo, não deverá ser um órgão decorativo. Nós devemos intervir. Se os pais vão para lá ... com gente de boa vontade para resolver os problemas, muitos vão resolver o problema do seu filho, ou de uma coisinha muito restrita, não é os</p>	<p>para beneficiar os alunos, e nunca outros actores.</p> <p>Os técnicos nas escolas são mais necessários do que a autonomia e devem substituir os professores em certas funções.</p> <p>A autonomia é uma ilusão criada pelo ME para encobrir o centralismo.</p> <p>O agrupamento não está preparado para ter autonomia, nomeadamente devido aos problemas causados pela fusão das escolas.</p> <p>Descrença quanto à possibilidade de ser dada autonomia à escola.</p>
--	--

⁴ Decreto-Lei N° 115-A/98.

<p>problemas da escola. Eu já pertenci à associação de pais e sei perfeitamente do que falo. Eu acho que deveria ser autonomia, mas para algumas coisas devíamos ter, para ultrapassar coisas muito concretas, aqui da escola, eu acho que era possível, se nos empenhássemos, se fizéssemos propostas válidas e se calhar às vezes não é numa reunião que se lança um assunto que a pessoa é apanhada de surpresa! Se não conhece o assunto fica um bocado ... com o menino nas mãos! Se calhar deveríamos marcar a seguir, para toda a gente reflectir, só que as pessoas não vão para casa reflectir nada, como meia dúzia de idiotas, gente com ideias. Nada de depreciativo! Mas vão meia dúzia que se interessam, que se preocupam e os outros desligam e nem sabem, se perguntares daqui a dois dias (PCGT, 133 - 134).</p> <p>Não pensei nisso. Contratos de autonomia ... não sei. Não te posso dar uma opinião (PCGT, 139).</p> <p>A limitação vem de cima, não vem do director, aí se eu falo! Eu acho que as coisas são muito farsa, muito para inglês ver, está claro que nós intervirmos em situações ... grandes intervenções não acredito, mas ... podemos melhorar tudo, agora ... grandes modificações ... não vejo que o nosso poder seja tanto (PCGT, 143)</p> <p>Representante Autarquia</p> <p>A representação da câmara obviamente que é fundamental, fruto das recentes transições e das recentes movimentações, as câmaras ficaram realmente com um conjunto de responsabilidades que vamos ver como é que as vão conseguir gerir, isso é um segundo momento, mas é verdade que as tem e por isso a câmara tem que lá estar como parceiro. (...) na hierarquia camarária, entre aspas, parece-me que será o senhor vereador e se calhar será ele a pessoa que filtrará</p>	<p>Haveria vantagens na autonomia para resolver problemas específicos do agrupamento.</p> <p>A autonomia seria possível se os actores se empenhassem, mas apenas uma minoria o faz. Os outros apenas querem tratar dos seus interesses particulares.</p> <p>O tema “autonomia” não desperta interesse.</p> <p>O ME promete autonomia para criar uma ilusão. Os obstáculos à autonomia encontram-se no ME.</p> <p>A autonomia apenas é viável para tratar de questões de menor importância.</p> <p>A articulação com o poder central está por esclarecer. A Câmara terá um papel importante, protagonizado pelo vereador do pelouro da educação.</p> <p>A câmara tem de assumir maior protagonismo na direcção da escola, pois</p>
---	---

<p>aquilo que são as opiniões que dizem respeito à câmara municipal e ele levará de uma forma mais directa. Agora, honestamente não sei como esse mecanismo se está a processar, ou se vai processar, embora me pareça importante (CM, 184 - 157).</p> <p>Agora, estou expectante para perceber o que acontecerá nos próximos quatro anos independentemente das pessoas, um modelo destes, um modelo de autonomização é o ideal, como a autonomização deve acontecer em muitas áreas, acho que na verdade o Estado deve estar nas coisas sabendo até onde deve estar e quando deve intervir. Parece-me que este modelo é correcto na sua base, na sua génese, é um modelo que poderá funcionar, se bem que tem algumas reminiscências no passado, que não está muito longínquo, algumas das quais podem remeter para o antes do 25 de Abril. Agora também me parece que esta representatividade das pessoas, que estão de alguma forma a suportar e a consolidar o papel do director, também são importantes, terão é que ter coragem para agir (CM, 149 - 150).</p> <p>Eu diria que não. No imediato, não estará, nem este, nem este, e se calhar uma grande parte dos agrupamentos do país. Acho que não existe. Se me questionasse se isso é possível fazer no agrupamento ou na escola integrada de (identifica uma escola EB 2,3 do mesmo concelho) eu era capaz de lhe dizer que sim. Se tivesse que hierarquizar ao nível das duas estruturas que temos, eu era capaz de pôr em primeiro lugar, dizer-lhe mais depressa sim lá, do que aqui, por razões que são óbvias. Uma é a dimensão, que obviamente facilita isso, e depois porque há toda uma preparação anterior, que é dos anteriores, da anterior presidente do executivo, todo um executivo que esteve sempre intimamente ligado, que tem uma estratégia muito similar de gestão e de funcionamento. Parece-me que ali eles têm criada uma situação, fazendo essa ligação com as características das</p>	<p>foram-lhe atribuídas maiores responsabilidades.</p> <p>Defesa da autonomia das escolas e, sobretudo, da que é associada ao Decreto-Lei N° 75/2008.</p> <p>A figura do director é associada ao período anterior ao 25 de Abril de 1974.</p> <p>O CG pode ter um papel importante para conter o poder do director dentro de limites. A acção dos elementos do CG requer coragem.</p> <p>O agrupamento de escolas não está em condições de propor um contrato de autonomia (ao contrário de outra organização escolar do concelho que, essa sim, reúne essas condições, fruto do trabalho anterior, orientado e contínuo.</p>
---	---

peçoas e a forma organizativa. Com a dimensão da própria estrutura parece-me que aí estariam criadas mais essas condições (CM, 153).	
--	--